

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
(DOUTORADO)

KÁTIA ALINE DA COSTA

**CORPO-TERRITÓRIO, MIGRAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO:
MULHERES VENEZUELANAS DE DOURADOS-MS (2015-2019)**

Dourados - 2024

KÁTIA ALINE DA COSTA

**CORPO-TERRITÓRIO, MIGRAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO:
MULHERES VENEZUELANAS DE DOURADOS-MS (2015-2019)**

Exame de Qualificação de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História, na linha de pesquisa em Fronteiras, Identidades e Representações.

Orientador: Prof. **Dr. Losandro Antonio Tedeschi.**

Dourados - 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

| | |
|-------|--|
| C837c | <p>Costa, Kátia Aline da. Corpo-território, migração e relações de gênero: mulheres venezuelanas de Dourados-MS (2015-2019). / Kátia Aline da Costa. – Dourados, MS: UFGD, 2024.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. História oral. 2. Mulheres venezuelanas. 3. Redes migratórias. 4. Gênero. 5. Vulnerabilidades. I. Título.</p> |
|-------|--|

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

KÁTIA ALINE DA COSTA

**CORPO-TERRITÓRIO, MIGRAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO:
MULHERES VENEZUELANAS DE DOURADOS-MS (2015-2019)**

TESE PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/FCH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientador: Dr. Losandro Antonio Tedeschi (PPGH/UFGD)

Examinadora Interna: Dra. Adriana Aparecida Pinto (PPGH/UFGD)

Examinador Interno: Dr. Leandro Baller (PPGH/UFGD)

Examinadora Externa: Dra. Glaucia Assis (PPGH/UDESC)

Examinadora Externa: Dra. Marisa de Fátima Lomba de Farias (PPGS/UFGD)

Suplente Interno: Dr. Fernando Perli (PPGH/UFGD)

Suplente Interna: Dra. Marcia Medeiros (PPGS/UEMS)

Folha de aprovação

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao Professor Drº. Losandro Antonio Tedeschi. Obrigada por me acolher para orientar e permitir a continuidade desta pesquisa a partir do ano de 2022.

A Deus, obrigada por sustentar e manter de pé. Foram os quatro anos mais difíceis da minha vida, mas (sobre)vivi. Por mim mesma e por todas as mulheres eu segui, e hoje posso dizer, nós todas podemos resistir.

A Valentina, eis aqui a filha por quem eu resistirei a vida toda.

RESUMO

Esta tese de doutoramento está inserida na Linha de Pesquisa Fronteiras, Identidades e Representações do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. A pesquisa teve por objetivo registrar as memórias de mulheres venezuelanas que migraram para Dourados - MS, no período de 2015 a 2019. Dentro do escopo, a condição de migrante e de gênero são entendidas como questões norteadoras da pesquisa, numa perspectiva analítica da interseccionalidade envolvendo gênero, raça, religião, nacionalidade, cor da pele, classe social, identidade e condição migratória. Assim, num mosaico de questões que se interconectam às perdas materiais e afetivas, inerentes à condição do refúgio, tais fatores somados à questão de gênero, tornam a mulher que migra uma das sujeitas mais vulneráveis da atualidade. Por considerar toda a trajetória e história de venezuelanas anteriores à migração, a noção corpo-território é utilizada como procedimento de desestabilização e deslocamento da heteronormatividade em sua forma opressora. A partir dessa noção é possível pensar redes sociais e de migração, construção de circuitos de relações, ao desvelar concretudes das posições de mulheres diante da própria migração. Diante disso, procuramos investigar quem são as mulheres que migraram, papéis que desempenharam no processo migratório, dinâmicas da migração, condições de trabalho, redes sociais e migratórias. As fontes e/ou métodos utilizados de pesquisa documental são fontes escritas e orais construídas por análise crítica e sistemática que envolve História Oral, produção de diário de campo, utilização e análise de entrevistas, envolvendo a história do tempo presente e diversos fatores, como: quais sujeitas compuseram os processos migratórios, os motivos que levaram à migração e que tencionaram a migração, experiências históricas anteriores a migração, relações de gênero e poder construídas na vida entre lugares. Com isso, escutar tais mulheres possibilitou analisar especificidades das migrações, rompimentos, interrupções impostas a partir do migrar, conectar a História Oral e a história das mulheres com as experiências historicamente construídas e aos papéis ocupados pelas mulheres dentro dos novos fluxos migratórios contemporâneos. A partir do trabalho de memórias com mulheres que migraram da Venezuela levantamos/diagnosticamos/alcançamos novos argumentos para desconstruir demarcadores sociais pujantes e elitistas e assim, interseccionar olhares sobre como se constroem as relações entre migrantes e não migrantes em Dourados, estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: História Oral. Mulheres Venezuelanas. Redes Migratórias. Gênero. Vulnerabilidades.

ABSTRACT

This doctoral thesis is inserted in the Research Line Borders, Identities, and Representations of the Graduate Program in History at the Federal University of Grande Dourados-UFGD. The research aimed to record the memories of Venezuelan women who migrated to Dourados - MS, from 2015 to 2019. Within the scope, the condition of migrant and gender are understood as guiding questions of the research, from an analytical perspective of intersectionality involving gender, race, religion, nationality, skin color, social class, identity, and migratory condition. Thus, in a mosaic of issues interconnected to material and affective losses inherent to the refuge condition, these factors, combined with the gender issue, make the migrating woman one of the most vulnerable subjects today. By considering the entire trajectory and history of Venezuelans prior to migration, the notion of body-territories is used as a procedure for destabilizing and displacing heteronormativity in its oppressive form. From this notion, it is possible to think about social and migration networks, construction of relationship circuits, by unveiling the concreteness of women's positions in front of their own migration. Therefore, we seek to investigate who are the women who migrated, the roles they played in the migratory process, migration dynamics, work conditions, social and migration networks. The sources and/or methods used in documentary research are written and oral sources constructed through critical and systematic analysis involving Oral History, production of field diary, use and analysis of interviews, encompassing present-time history and various factors, such as: which subjects composed the migratory processes, the reasons that led to migration and that influenced migration, historical experiences prior to migration, gender relations, and power built in life between places. Thus, listening to such women made it possible to analyze specificities of migrations, ruptures, interruptions imposed by migration, connecting Oral History and women's history with historically constructed experiences and roles occupied by women within contemporary migratory flows. From the memory work with women who migrated from Venezuela, we raise/diagnose/achieve new arguments to deconstruct prominent and elitist social markers and thus intersect perspectives on how relationships are built between migrants and non-migrants in Dourados, state of Mato Grosso do Sul.

Keywords: Oral History. Venezuelan women. Migratory Networks. Gender. Vulnerabilities.

RESUMEM

Esta tesis de doctorado está enmarcada en la Línea de Investigación Fronteras, Identidades y Representaciones del Programa de Posgrado en Historia de la Universidad Federal de Grande Dourados-UFGD. La investigación tuvo como objetivo registrar las memorias de mujeres venezolanas que migraron a Dourados - MS, en el período de 2015 a 2019. Dentro del alcance, la condición de migrante y de género se entienden como cuestiones rectoras de la investigación, desde una perspectiva analítica de la interseccionalidad que involucra género, raza, religión, nacionalidad, color de piel, clase social, identidad y condición migratoria. Así, en un mosaico de cuestiones que se interconectan con las pérdidas materiales y afectivas, inherentes a la condición de refugio, estos factores sumados a la cuestión de género, convierten a la mujer que migra en una de las sujetas más vulnerables en la actualidad. Al considerar toda la trayectoria y historia de las venezolanas antes de la migración, el concepto de cuerpos-territorios se utiliza como procedimiento de desestabilización y desplazamiento de la heteronormatividad en su forma opresora. A partir de esta noción, es posible pensar en redes sociales y de migración, construcción de circuitos de relaciones, al desvelar concreciones de las posiciones de las mujeres frente a su propia migración. Por lo tanto, buscamos investigar quiénes son las mujeres que migraron, los roles que llevaran a cabo en el proceso migratorio, dinámicas de la migración, condiciones de trabajo, redes sociales y de migración. Las fuentes y/o métodos utilizados de investigación documental son fuentes escritas y orales construidas mediante análisis crítico y sistemático que involucra Historia Oral, producción de diario de campo, uso y análisis de entrevistas, involucrando la historia del tiempo presente y diversos factores, como: qué sujetas compusieron los procesos migratorios, los motivos que llevaron a la migración y la tensionaron la migración, experiencias históricas anteriores a la migración, relaciones de género y poder construidas en la vida entre lugares. Con esto, escuchar a estas mujeres permitió analizar especificidades de las migraciones, rupturas, interrupciones impuestas a partir de la migración, conectar la Historia Oral y la historia de las mujeres con las experiencias históricamente construidas y los roles ocupados por las mujeres dentro de los nuevos flujos migratorios contemporáneos. A partir del trabajo de memorias con mujeres que migraron de Venezuela, planteamos/diagnosticamos/alcanzamos nuevos argumentos para deconstruir marcadores sociales prominentes y elitistas y así, intersectar miradas sobre cómo se construyen las relaciones entre migrantes y no migrantes en Dourados, estado de Mato Grosso do Sul.

Palabras clave: História Oral. Mujeres Venezolanas. Redes Migratorias. Género. Vulnerabilidades.

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - RECORTE DE NOTÍCIA SOBRE A CRISE NA VENEZUELA..... | 61 |
| Figura 2 - RECORTE DE NOTÍCIA SOBRE A FALTA DE ALIMENTOS NA VENEZUELA | 64 |
| Figura 3 - MUNICÍPIO QUE MAIS RECEBERAM VENEZUELANOS - R4V | 88 |
| Figura 4 - MANCHETE DE NOTÍCIA PUBLICADA NO G1 - JORNAL NACIONAL | 94 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|---|-----------|
| Quadro 1- FASES E CARACTERÍSTICAS DA MIGRAÇÃO VENEZUELANA..... | 47 |
|---|-----------|

INDICE DE MAPAS

| | |
|---|----|
| Mapa 1 - FLUXOS DA MIGRAÇÃO VENEZUELANA NO PERÍODO DE 2015 A 2019 | 79 |
|---|----|

ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR - Organização das Nações Unidas

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

ATM - Alojamento de Trânsito de Manaus

BBC News - British Broadcasting Corporation

CENDES - Centro de Estudos do Desenvolvimento

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados

CLACSO - Conselho Latino-americano de Ciências Sociais

CSVM - Cátedra Sérgio Vieira de Mello

DPU - Defensoria Pública da União

EB- Exército Brasileiro

FAB - Força Aérea Brasileira

FNSP - Força Nacional de Segurança Pública

FUNDAVE - Fundación Venezolana de Donaciones y Transplantes de Órganos, Tejidos y Células

ICMPD - International Centre for Migration Policy Development

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

OBRIMIGRA - Observatório das Migrações Internacionais

OIM - Organização Internacional para Migrações

ONTV - Organização Nacional de Transplantes

PIB - Produto Interno Bruto

PF - Polícia Federal

PRI - Posto de Recepção e Identificação

PTRIG - Posto de Triagem

R4V - Plataforma Regional de Coordinación Interagencial

SISMIGRA - Sistema de Registro Nacional Migratório

UCV - Ciências Sociais pela Universidade Central da Venezuela

UFRR - Universidade Federal de Roraima

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 14 |
| SOBRE AS MOTIVAÇÕES DA PESQUISA..... | 16 |
| DESESTABILIZANDO O TRABALHO TEÓRICO E METODOLÓGICO..... | 23 |
| COMPOSIÇÃO DA TESE..... | 38 |
| CAPÍTULO 1..... | 41 |
| MIGRAR UM ATO DE SOBREVIVÊNCIA. QUEM PARTIA E QUEM FICAVA?..... | 41 |
| 1.1 ABORDAGENS DE CRISES..... | 41 |
| 1.2 “EU COMO MULHER FICAVA TRISTE PELA SITUAÇÃO, PELA FAMÍLIA” ... | 57 |
| 1.3 A OPERAÇÃO ACOLHIDA: POTENCIALIDADES E LIMITES..... | 71 |
| 1.4 POR QUE DOURADOS SE TORNOU PÓLO DE MIGRAÇÃO?..... | 86 |
| CAPÍTULO 2..... | 92 |
| CORPO-TERRITÓRIO DE MULHERES MIGRANTES: LÓCUS DE OPRESSÃO E RESISTÊNCIA..... | 92 |
| 2.1 MULHERES DENTRO DA MIGRAÇÃO..... | 93 |
| 2.2 “ELES ME HUMILHAM!”..... | 96 |
| 2.3 “A GENTE SEMPRE CUIDANDO DE NÃO GASTAR TUDO PELAS CRIANÇAS MESMO”..... | 106 |
| 2.4 “AINDA ONTEM EU ESTAVA CHORANDO PORQUE EU MORRO DE SAUDADE”..... | 118 |
| 2.5 “TUDO IMPORTA PARA MULHERES QUE ESTÃO NA MIGRAÇÃO”..... | 130 |
| CAPÍTULO 3..... | 139 |
| POR QUE CONTAMOS HISTÓRIAS DE MULHERES?..... | 139 |
| 3.1 MULHERES VENEZUELANAS E MUITAS MEMÓRIAS..... | 139 |
| 3.2 “ESSAS MEMÓRIAS QUE EU ACHAVA APAGADA ELAS DE NOVO VOLTEM, MAS DE UM JEITO DIFERENTE”..... | 143 |
| 3.3 “EU VENHO COM ESSA PROFISSÃO LÁ DE MEU PAÍS”..... | 157 |
| CONCLUSÕES..... | 170 |
| REFERÊNCIAS..... | 174 |

INTRODUÇÃO

É preciso haver unidade entre a subjetividade e a objetividade. Sem essa unidade, a subjetividade é desejo que não se concretiza e a objetividade é finalidade sem realização.

(Antônio da Costa Ciampa)

A tessitura da tese versa sobre mulheres venezuelanas em trânsito, com o título: Corpo-território, Migração e Relações de Gênero: Mulheres Venezuelanas de Dourados - MS (2015-2019), a pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e situa-se dentro da linha de pesquisa “Fronteiras, identidades e representações” do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Considero fundamental destacar o diferencial deste trabalho em relação aos demais sobre migrações, seja no campo da Antropologia, Ciências Sociais e/ou da História, devido ao fato de analisar o processo histórico a partir das experiências das próprias mulheres migrantes historicizando o antes e o depois do migrar. Entre tantos questionamentos que eu tenho sobre a experiência venezuelana em trânsito, elenco compreender como se constrói o corpo-território das mulheres venezuelanas em trânsito da República Bolivariana da Venezuela para o Brasil.

Tenho como finalidade escrever com mulheres migrantes, a partir da interconectividade entre corpo-território, enquanto problematizo a ideia de crises e a importância das redes sociais e de migração para essas mulheres. Nesse sentido, a dimensão do corpo é muito importante para alcançar a compreensão histórica a partir do corpo-território e das questões de gênero, entrelaçadas a chave de leitura que farei a partir da utilização do conceito de vulnerabilidade proposto por Judith Butler (2002).

A filósofa norte-americana Butler (2002) teorizou sobre a vulnerabilidade do sujeito como uma categoria linguística e problematizou temas como sexo, gênero e materialidade corpórea dentro do contexto do pensamento feminista. Ela vinculou a vulnerabilidade ao conceito de corpos abjetos, os quais, segundo Butler, incluem “vidas precárias” não-ocidentais, pobres, pacientes psiquiátricos, deficientes físicos, refugiados libaneses e turcos, etc.” (BUTLER, 2002).

Nesta busca, procuro analisar também os múltiplos significados do corpo enquanto construção social e a escrita da história das mulheres que migraram, associada ao lugar que os

corpos femininos ocupam no processo migratório. Assim, a noção de corpo tornou-se um procedimento de desestabilização e deslocamento da heteronormatividade em sua forma opressora. Tudo isso estudado à luz dos marcadores sociais como raça, gênero, classe, cor, idade, nacionalidade, trabalho etc., e como esses marcadores se combinam nos sujeitos ou grupos populacionais definidos como migrantes.

Aqui, a noção de território é tomada de forma plural, com um campo simbólico-cultural, configurado, inscrito e analisado como domínio histórico. Nesta tese de doutorado, a junção corpo-território proporciona uma chave de leitura da interseccionalidade¹ e insígnia algumas questões centrais capazes de fraturar o lócus dos estudos migratórios em suas epistemes: Quem são as mulheres venezuelanas que migraram, de onde migraram e como migraram? Quais foram os impactos que essas mulheres sofreram na sociedade de origem e na sociedade de chegada? Em suas memórias, que registros guardam as venezuelanas que migraram? Elas vivenciaram experiências de violência, discriminação e preconceito? Como se reterritorializaram desde a migração, durante o processo migratório e agora no entre lugar²?

Como veremos, a noção corpo-território nos auxilia a compreender as condições e o processo inerente à migração, assim as manifestações de toda a experiência migratória e como se constroem múltiplas resistências. Tanto essa análise, quanto essa abordagem são empregadas na escrita para desmaterializar armadilhas analíticas:

A abordagem que, principalmente a partir de uma perspectiva de gênero, enfatiza o território relacionado à escala primordial do corpo, o “corpo-território”, proveniente principalmente de proposições de pesquisadoras feministas (ou ecofeministas) e do movimento indígena, que atentaram para o poder da corporeidade ao mesmo tempo como objeto de exercício do poder e como sujeito (corporificado) de resistência (HAESBAERT, 2021, p. 163).

Ao problematizar o conceito corpo-território, que atravessou as fronteiras de ônibus, a pé, por carona, tanto mulheres que migraram sozinhas, quanto mulheres que migraram acompanhadas, podemos compreender melhor quem são essas mulheres e os papéis que desempenharam no processo migratório. A partir dessa noção corpo-território, é possível também pensar nas redes de apoio ou de cooperação, entendidas como conjunto de vínculos

¹ A interseccionalidade é um conceito cunhado pela teoria feminista que denuncia a opressão e a subordinação. A origem em si do conceito datado do ano de 1989, pela professora estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw cientista nas áreas de raça e gênero.

² Utilizo a expressão entre o lugar, que é aqui entendida como entre lugar, indo ao encontro de Homi Bhabha (2013), como as territorialidades transitórias, lugares em construção e espaços em (re) construção, produção de novas culturas, identidades, práticas. O conceito de entre lugar é encontrado na grafia com ou sem hífen. Durante toda a escrita desta tese, optei pela escrita sem hífen.

interpessoais que constroem circuitos de relações conectando migrantes e não migrantes na sociedade de origem e de destino. Esses laços revelam o fenômeno migratório e as concretudes das posições de mulheres.

Conforme demonstrou Rogério Haesbaert (2021), há um elo entre corpo-território que engloba e articula diversas interrelações. O território é algo muito forte, ele demarca a saída do país de origem e expressa as impressões descritivas de quem chega. A noção de território não perde força durante o processo migratório, pelo contrário, ela é importante na construção do entre lugar, permeando o cotidiano, as culturas e as linguagens. Não há unicidade, mas sim uma transculturalidade, na qual as mulheres migrantes habitam um lugar físico elaborado a partir de suas experiências atravessadas em diferentes territórios.

Em outras palavras, o território é elaborado, interpretado, é uma criação inteiramente social de corpos femininos que migraram, que são marcados por articulações, conflitos, cooperações e acolhimentos. Esses territórios que se constroem e se transformam, são plurais e se articulam em redes sociais e de migração.

Para compreender o conceito de corpo-território, central na escrita da tese, é essencial articular a categoria interseccionalidade, “vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e portanto, como um instrumento de luta política” (HIRATA, 2014, p. 69). Assim, a interseccionalidade reconhece as diferenças entre as próprias pessoas, considerando que essas carregam distintas experiências relacionadas à classe, raça, cor, gênero, etnicidade, nacionalidade, território, idade e religião. Essa temática é especialmente relevante diante dos fluxos migratórios.

É importante ressaltar que nenhuma forma de exclusão está acima das outras, todas as formas de exclusões se inter-relacionam e oprimem de diversas maneiras. Nesse sentido, a interseccionalidade buscar romper opressões construídas e descortinar os marcadores dominantes que permeiam as estruturas sociais.

SOBRE AS MOTIVAÇÕES DA PESQUISA

A migração feminina é um fenômeno constituído por uma série de diferenças, ela se distingue da masculina por uma série de características e experiências únicas. Na migração de mulheres revelam-se experiências derivadas de atributos de gênero, classe, raça, cor, sexo, idade e território. Essas experiências são ressignificadas anterior e posterior ao processo migratório, refletindo mudanças na sociedade de chegada, tais como os impactos devido a

contextos impositivos como em relação à língua, ao mercado de trabalho e as percepções sociais diferentes, entre outras questões que pretendo examinar nesta tese.

Especificamente, as mulheres que migraram evidenciaram na trajetória uma compreensão mais longitudinal sobre a vida, sobre as vulnerabilidades, a família, as redes que formam e (de)formam.

A migração de mulheres venezuelanas para o Brasil surgiu como uma possibilidade assertiva para uma nova vida, mesmo que implicasse mudanças e/ou interrupções em suas próprias histórias. As narrativas dessas mulheres são permeadas por relatos que explicitam suas dificuldades financeiras, anormalidade no alto custo de alimentos, e outros aspectos que podem ser compreendidos em um contexto mais amplo de crises econômicas na Venezuela. Como expressou Maria Alexandra Perez em sua narrativa “mesmo se fosse uma pessoa muito trabalhadora era impossível viver na Venezuela com as mudanças, as crises e as dificuldades da economia” (PEREZ, 2021)³. Amalgamando-se a mulher venezuelana Vera Garcez complementa que “você podia ser muito humilde, passar uma vida de muito trabalho, você não ia conseguir alimentar seus filhos” (GARCEZ, 2021).

A pesquisa de doutorado revelou a importância crucial de analisar a migração feminina, especialmente ao abordar o fluxo migratório venezuelano para Dourados-MS. Essa abordagem a uma história situada a partir de corpos femininos e do ponto de vista interseccional, permitiu compreender o papel das mulheres, suas funções, suas condições de trabalho, vida, relações de gênero, família e suas relações com a história do país. Para tanto, foi fundamental para a pesquisa histórica reconhecer a trajetória dessas mulheres no país de origem e suas experiências históricas a partir de elementos díspares que constituíram o mosaico da vida de quem migra.

O “Se fazer presente” revelou-se fundamental para se relacionar e articular oportunidades de trabalho no terceiro espaço, entre lugar da sociedade de destino que é muito tensionado. Portanto, a vida depois de migrar, não representa necessariamente um novo horizonte, nem abandona o passado, mas é o trânsito, a (re) elaboração, a ressignificação, onde se formam e (de)formam corpo-território, redes sociais e de migração (BHABHA, 2013).

No caso das mulheres que deixaram a Venezuela, a própria migração carrega significados distintos e muito complexos, esboçando seu universo social, cultural, modos de vida, valores, relações de trabalho, sociabilidade, casa, família, aquilo da e/na sociedade de origem que é deixada para trás. Essas transformações acarretam mudanças profundas em

³ Para compor o corpo da tese respeitamos o direito de anonimato, o que não desconsidera o acesso ao saber, mas nesta pesquisa em particular as fontes estão indicadas no texto sob pseudônimos.

virtude de configurações caracterizadas por relações coloniais e marcadores impositivos e sexistas, além de estereótipos de ser uma estrangeira e uma mulher imigrante, principalmente se estiver migrando sozinha.

“A imigrante tem as marcas da sua nacionalidade de origem e dos estigmas produzidos pelas hierarquizações da cultura colonial” (VILLAMAR e RIBEIRO, 2020, p. 49), e investigar essas hierarquias é fundamental para compreender como as mulheres venezuelanas vão construindo estratégias de resistências e alianças em Dourados-MS.

Durante os anos de pesquisa, pude ouvir diversas narrativas de mulheres venezuelanas que migraram. Ao adotar um ponto de vista da “outra”, escrevi como aquela mulher que está à margem, buscando esmiuçar os conflitos construídos por relações estruturalmente desiguais dentro da complexa teia que envolve a migração. Minhas motivações para essa pesquisa de doutorado foram centradas em escrever de mãos dadas às mulheres venezuelanas e compreender a partir delas, quem são essas mulheres, o que pensam e como migraram.

Minha trajetória de pesquisa durante o doutorado está ligada às imposições que eu percebia em 2019 ao interagir com mães venezuelanas em escolas públicas nas quais eu exercia a docência em Dourados-MS. Na época eu trabalhava em quatro escolas diferentes, concentrei minha atenção em identificar as dificuldades enfrentadas pelas venezuelanas ao atravessar a fronteira Venezuela-Brasil. Já estava ciente do aumento do fluxo migratório de venezuelana/os para o Brasil e passei a acompanhar os registros sobre o número crescente de pessoas compelidas a deixar a Venezuela, que inicialmente eram cerca de 5,4 milhões e posteriormente atingiram 6 milhões, correspondendo a aproximadamente 20% da população total do país.

Esse interesse surgiu a partir dos próprios marcadores sociais que pesavam sobre a exclusão de pessoas na cidade de Dourados-MS. Foi então que percebi necessário destinar meus esforços para compreender a migração de mulheres venezuelanas e analisar estratégias que as levavam a resistir.

Quando decidi que pesquisaria a migração de mulheres venezuelanas, percebi que em Dourados, estado de Mato Grosso do Sul, teciam-se experiências e redes sociais, e de migração muito distintas, influências por circunstâncias que atravessavam questões como crises e migração, corpo feminino e em contraponto, as configurações dentro do processo migratório, devido ao contexto de inserção de mulheres que migravam, suas percepções e a acolhida no

lugar chegado⁴. Identifiquei que essas migrações tratavam-se de um fenômeno histórico-social de grande amplitude e complexidade para as próprias mulheres.

Essas reflexões iniciais foram fundamentais para estabelecer as questões que embasaram a delimitação e a escrita do anteprojeto de doutorado. Diante da complexidade dos estudos migratórios, recorri às pesquisadoras(es) que fundamentam esses estudos. De forma imprescindível as leituras de Paez e Penalver (2017), me auxiliaram a aprofundar os estudos sobre ondas migratórias. Interessava-me que, a partir do ano de 2015 surgiram novas ondas e com maior intensidade em fluxos de venezuelanos que migravam para outros países. Na cidade de Dourados era expressivo o aumento e a articulação à terceira onda de migração venezuelana.

Com esses estudos surgiram os questionamentos sobre as novas ondas migratórias e o aumento dos pedidos de refúgio⁵ de venezuelanas/os ao país Brasil. A conjuntura levou a pensar a questão principal, como em diferentes contextos históricos a entrada de imigrantes no Brasil foi utilizada favoravelmente como mão de obra e como é a migração para as mulheres venezuelanas, suas escolhas e como se constroem as oportunidades?

Como as sujeitas⁶ migram sobre diferentes contextos históricos ao revisar as análises de Morokvasic (1984) a migração pode envolver fatores muito complexos. Embora conjecturas econômicas e sociais sejam extremamente importantes para o estudo do fluxo migratório da Venezuela para o Brasil temos o entendimento que a migração de mulheres venezuelanas para Dourados-MS foi pressionada por múltiplos condicionantes, e estes interessam para pensar o processo migratório, como resistem às e quais relações, se relacionam com o lugar chegado, se essas carregam marcas e quais os elos que pretendem romper e/ou não com sociedades delas.

Tinha percepção que a pressão migratória, e pós atravessamento da fronteira Venezuela-Brasil, carregava transformações profundas, daí a necessidade de investigar fatores como relações de gênero, hierarquias, condição migrante, papéis desempenhados por mulheres no lugar deixado e no lugar chegado, entrelaçando essas questões para pensar os processos de resistências das mulheres, vida, casa, trabalho.

⁴ Nesta tese aborda-se lugar deixado (o país da Venezuela) e lugar chegado (Brasil). Tomamos por base as definições apresentadas por Jones Dari Goettert (2008) sobre lugar chegado e lugar deixado.

⁵ São utilizadas algumas tipologias para caracterizar as populações que migram. Estas servem para procedimentos burocráticos logo que é concedida entrada os tipos de vistos podem ser: migração voluntária, asilo, refúgio, migração forçada. No caso, a categorização de refúgio está associado segundo dispositivos da Lei Brasileira N. 9474 de 1999 e revogada Declaração de Cartagena de 1984, em que considera-se refúgio quando há violações aos direitos humanos e a pessoa busca proteção internacional (SILVA e ABRAHÃO, 2018).

⁶ A utilização do termo sujeita(s) ao invés de sujeito(s) leva em consideração a terminologia de gênero e/ou linguagem inclusiva na perspectiva de gênero. Tendo a escrita como eixo articulador buscou-se superar e romper com paradigmas de escrita dominante e ideologias dos sistemas de opressão, e propõem portanto, novas possibilidades de escrita com fluidez identitária.

Diante do crescente fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil deparei-me com a necessidade de estudar a Operação Acolhida e foi demonstrado que o acesso às oportunidades não eram semelhantes para venezuelanas e venezuelanos. Busquei analisar o processo de interiorização de Roraima-RR para os estados brasileiros pelo reflexo das etapas da Operação Acolhida, apareceram marcadores segmentados e hierarquias sexistas decorrentes de dicotomias construídas socialmente. Neste ponto, para entender o contexto das mulheres que migraram e o porquê de sua ausência nas primeiras etapas dessa Operação foi preciso retornar aos estudos sobre dominação, patriarcado e gênero.

Pela amplitude que assumiu a pesquisa com mulheres venezuelanas no município de Dourados-MS, quando penso que a migração venezuelana teve como motor a interiorização por meio da Operação Acolhida, não é desmérito a importância desse projeto.

Mediante problemáticas que permeiam o fluxo migratório, temos como intuito a construção do próprio processo migratório ao reconhecer, por meio do trabalho de campo com fontes orais, que existem redes sociais e de migração, e elas energizam formas de resistir das mulheres e contribuem e desenham o contexto de migrantes em Dourados-MS e sobre essas reflexões construímos a análise.

A condição de migrante e de gênero são entendidas como questões norteadoras da pesquisa, numa perspectiva analítica da interseccionalidade envolvendo gênero, raça, religião, nacionalidade, cor da pele, classe social, identidade e condição migratória. E assim, num mosaico de questões que se interconectam às perdas materiais e afetivas, inerentes à condição do refúgio, tais fatores somados à questão de gênero, tornam a mulher que migra uma das sujeitas mais vulneráveis da atualidade.

Como fundamento, as políticas migratórias brasileiras foram estudadas sob o ponto de vista de tensão e conflitos de gênero trazendo novas perspectivas aos estudos migratórios e um olhar sensível às mulheres, a fim de pensar como mulheres enfrentam a condição de vulnerabilidade e buscam construir agências no sentido de processos de resistência.

A realidade investigada demonstrou evidências de dominações patriarcais, sexistas e coloniais no processo de interiorização das mulheres por meio do projeto Operação Acolhida. Este, reproduziu opressões, limitou o potencial de entrada de venezuelanas na própria migração para Dourados, prejudicando sua inserção no mercado de trabalho e as conduzindo a uma desvantagem em relação a migração masculina. Essa relação teve como principal elemento norteador a masculinização, portanto, disso resulta a crítica de gênero.

Pretende-se, nesta tese contemplar as questões apontadas e amparadas em teorias feministas, escutando e dialogando a partir de situações de vida e experiências narradas por

mulheres migrantes, já que se tinha marcante que os temas de suas agendas políticas difeririam essencialmente os de outras mulheres.

O corpus da pesquisa de doutorado voltou-se a olhares sobre a migração venezuelana para Dourados-MS, e à luz de sujeitas venezuelanas que migraram buscou-se investigar como mulheres lembram, falam, representam e reeditam o lugar que lhe foi destinado em sua família e no lugar chegado, a fim de construir um novo lugar subjetivo, político e cultural que permita a mulher que migra situar-se frente ao seu desejo.

Assim, venezuelanas que migraram foram centrais neste trabalho e a partir deste protagonismo construímos a tese com mulheres que são venezuelanas e que migraram para Dourados-MS. São mães, trabalhadoras, estudantes, mulheres que migraram acompanhadas e migrantes desacompanhadas. O que será tematizado na tese é a forma como a migração ocorre, como funciona e/ou não, como articuladora deste deslocamento de posição subjetiva, e também se as estratégias encontradas pelas mulheres migrantes no campo político e humano, em terra estrangeira, tendem a normalizar ou acentuar dicotomias e o lugar da sujeita sua história imigratória.

Foi oportuno estudar o contexto de migração, por que elas migraram, o que provocou a migração, contexto de acolhimento, como ocorreu a interiorização da Operação Acolhida, impactos nas relações familiares e de gênero, e como essa migração afeta suas experiências, bem como, quais redes novas se tecem e/ou são acionadas para sobreviver no lugar chegado.

Dentro do escopo e lugar pesquisa, o território que demarca o fluxo migratório venezuelano é Dourados-MS e a noção de território é abordada a partir das impressões das mulheres, corpo-território, ou seja, segundo concepções, olhares sobre as inter-relações no lugar, no *status* e papéis que ocupam na família, domicílio e relações no mundo do trabalho.

A definição do território que não é essencialmente descritivo, surgiu para provocar fissuras no lugar chegado, as distorções e diferenças as quais as mulheres são impostas reiteram o compromisso com a reflexividade histórica. No reconhecimento de por que Dourados, o aporte à questão deve ser levado em relação a região de frigoríficos com forte peso econômico nesse campo, porque existe uma rota de migração pela Operação Acolhida, por exemplo, Chapecó, região de Curitiba, e também Dourados está nessa rota, e nesse sentido, vai acolher venezuelanos/as.

Dourados é apresentada como uma rota segmentada por gênero, o trabalho nos frigoríficos é remetido aos homens e isso é fundamental porque vai trazer os venezuelanos para Dourados, ou seja, os homens migraram com a promessa de carteira de trabalho assinada, as mulheres venezuelanas migraram sem perspectiva para o mercado de trabalho em situações de

vulnerabilidade e são inseridas de modo desigual. As mulheres chegaram com seus corpos e com seus filhos. Nesse sentido, Dourados é uma cidade elitista, segregadora, racista que insere desigualmente imigrantes no mercado de trabalho.

O recorte temporal da pesquisa (2015-2019), refere-se à realidade venezuelana que impulsionou nestes anos a migração para Dourados-MS, desestabilização do país venezuelano e o forte impacto econômico com a queda do preço do barril de petróleo. Nesse período também, profundas transformações na terceira fase da migração venezuelana, o que revelou fundamental para estudar as dinâmicas das migrações internacionais, segundo Paez y Vivas (2017). E o recorte final em 2019, foi devido ao início de uma nova fase do projeto Operação Acolhida, com foco na interiorização de venezuelanos para outros estados brasileiros e o ponto inicial da pandemia global do COVID-19.

No âmbito das novas dinâmicas das migrações o fluxo venezuelano para o Brasil revelou o fluxo de migração Sul/Sul, em que o fechamento das fronteiras do Norte demonstraram mudanças nos movimentos migratórios em outras direções. Neste processo, o Brasil tornou-se entre lugar de migração Sul/Sul.

O termo “novos fluxos migratórios” é proveniente do sul global onde tanto país receptor como país expulsor percebe ao sul global ou países periféricos do sistema-mundo. Esses fluxos iniciados em 2010 com migrantes haitianos, senegaleses e bengalis, entre outros. (BAENINGER e SILVA, 2018).

Três eixos fundamentais estão incorporados à tese: pensar o período anterior, o trânsito e o período posterior à migração, todos norteados pela construção histórica-social das mulheres migrantes da Venezuela. Um elemento comum que guia essa abordagem é a reflexão sobre a construção histórico-social das mulheres que migraram, corpo-território no local de destino e as múltiplas hierarquias dicotômicas que marcam, de forma sutil a migração de mulheres. O objetivo é pensar alternativas, que partam das próprias mulheres migrantes, que possam romper as desigualdades e violências de gênero, raça, cor, classe, nacionalidade e outros marcadores

A fronteira Venezuela-Brasil é produto de um lugar numa ótica reflexiva em seus aspectos simbólicos carregadas de representação pelo olhar da(o) outra(o) e nos significados atribuídos pelos indivíduos e sujeitas fronteiriças. As relações de fronteiras ultrapassam as relações sociais, ações cotidianas sutis, invisíveis, são construídas e problematizadas ao elaborar sentidos as relações de fronteiras e as mulheres fronteiriças.

Com esta compreensão as fronteiras são representadas e/ou reelaboradas, e se tornam elementares para (re)significar entre lugares e o vivido, demarcam as identidades de indivíduos, apresentam uma definição estendida, articulada a duas abordagens por dentro das fronteiras, e

por fora delas, da margem para o centro, é um modo que se compreende a experiência de pessoas que vivem na(s) fronteira(s), envolve muitos interdependentes, é um espaço político, e é marcada por dinâmicas, sociabilidades, permanências e ausências.

Carregada de poder, é capaz de significar e regular as mobilidades, transpor culturas, renegociar políticas públicas. Com este olhar significa-se a fronteira a ótica reflexiva de Achille Mbembe (2018, p. 03) “a função de uma fronteira, na realidade, é ser cruzada. É para isso que elas servem”. Trata-se do ponto de vista de provocar instabilidade entre conceitos que se interseccionam.

Portanto, entendemos a noção de fronteira(s) a partir de uma perspectiva deslocada, descentrada e diferenciada, como regiões hibridizadas pelas dinâmicas das relações e interações culturais que se constroem no cotidiano. A fronteira é o começo, início de muitas conexões, relações, ressignificações, campo simbólico atravessado para migrar, é histórica, política, cultural, econômica, socialmente construída pode ser modificada em entre lugar que não permite unicidade.

DESESTABILIZANDO O TRABALHO TEÓRICO E METODOLÓGICO

Este é um trabalho historiográfico onde buscamos dissertar sobre quem são as mulheres que migraram da Venezuela e se estabeleceram em Dourados-MS. E analisar as questões que existem antes mesmo de viverem o processo de migração, articuladas ao como construíram suas redes sociais e de migração. Quais funções efetivamente desempenhavam? Quais as condições que organizavam vida e trabalho e as relações dessas mulheres com a história do país? Com essas indagações, focamos no trabalho e na análise de fontes, pesquisa de campo e história oral como essencial para entender as nuances da trajetória de quem migra.

Epistemologicamente, fundamentamos a pesquisa a partir de categorias centrais que regem as Ciências Humanas e elucidamos a posição social das mulheres venezuelanas diante à crise e migração. A tese, escrita com essas mulheres inseriu dez histórias de mulheres para aprofundar o debate sobre migração de mulheres venezuelanas.

No intuito de abranger as problemáticas envolvendo as disputas de narrativa sobre a migração venezuelana, como se manifesta e os contextos mais evidentes para as mulheres, analisamos as dinâmicas e mudanças que refletem as hierarquias das relações, desnudando aspectos de dominação, interrupções em sua própria história e a trajetória como mulheres ao pensar relações entre gênero, corpo-território, trabalho.

Assim, entre o processo de estudo, investigação e escrita da tese de doutoramento a constituição de fontes históricas foi a maior preocupação. Me preocupei em levantar diversas fontes históricas sobre a migração venezuelana em Dourados-MS, foram desdobrados esforços em pesquisas bibliográficas, análise de documentos, relatórios, informes, tabelas, estatísticas e uma gama de fontes possíveis de registros oficiais entre plataformas e bancos de dados, sistemas como Plataforma Regional de Coordinación Interagencial (R4V), Organização Internacional para Migrações (OIM) e Organização das Nações Unidas (ACNUR).

Uma parceria foi articulada em campo junto ao Núcleo de Imigração da Polícia Federal em Dourados (MS) e ao Núcleo de Imigração da Polícia Federal em Roraima, o que permitiu apontamentos teóricos e metodológicos importantes para pensar lacunas e particularidades da migração venezuelana. Estes recursos foram necessários para indagar e construir a perspectiva de análise.

Assim, o trabalho teórico e metodológico foi desenvolvido a partir do trato com fontes escritas e não escritas, entre documentos diversos impressos de instituições governamentais e não governamentais, organizações civis, e claro, publicações acadêmicas, projetos de pesquisa, estudos e grupos sobre novos fluxos migratórios. Estes materiais, em partes, estão escritos em produções científicas de Língua Espanhola. As fontes não escritas somam-se as fontes orais. Dentro do campo fontes orais muitos dos contatos foram produzidos pelo WhatsApp. As potencialidades com os recursos virtuais não se encerram.

Trouxemos Kleba Lisboa (2007) com o intuito de fundamentar sobre gênero no âmbito das relações de trabalho, a fim de pensar dominações e marcadores excludentes na migração de venezuelanas em Dourados-MS, a ausência dessas nas primeiras etapas de interiorização do projeto Operação Acolhida, o que busca encarar pressupostos impositivos, sexistas e coloniais no lugar chegado, no caso Brasil, estado de Mato Grosso do Sul, Dourados. Tal constatação é resultado de manifestações que definem a migração, mulher, imigrante, pobre, de cor, venezuelana, indígena mais do que qualquer outra.

De modo muito particular nesta tese, as análises permitem construir um estudo que questione dominações resultantes da ideia colonial e patriarcal existentes na sociedade. O olhar colonizador sobre corpo-território é carregado de patriarcado, o que pressiona e rechaça mulheres que querem migrar, por exemplo, levando à exclusão de mulheres das etapas de interiorização e formulando funções conferidas como “atividades de subsistência atribuídas em geral às mulheres” (LISBOA, 2007, p. 808).

Ao invés de tomar os marcadores separadamente, trabalhei com esses elementos articulados na dinâmica migratória cruzando eixos indissociáveis compartilhados mutuamente

pelas mulheres, mães, filhas, irmãs, avós, trabalhadoras profissionais, mulheres que migraram acompanhadas, mulheres que migraram sozinhas.

Deste modo, trouxe para a escrita deste texto as contradições, tensões e abordagens na perspectiva da migração a partir da fala das próprias mulheres, tornando assim, a unidade de análise como ponto de partida à condição de migrante que surge a partir da migração. Embora elas se complementem às experiências antes do migrar, pois as mulheres existem independente da migração, a mulher migrante se configura a partir da migração, tornando essa relação muito particular sobre como ela a enxerga, como a mulher avalia o processo em todos os âmbitos da vida.

Busquei reconhecer diferentes abordagens e pesquisadores(as) que tratam a migração voltada aos impactos econômicos, políticos e de crise. A luz de perspectivas de análises diferentes encontramos pesquisadores que discutem migrações dirigidas, fenômeno da diáspora venezuelana e uma vertente que aborda a migração articulada ao processo transnacional que envolve a geopolítica.

A opção por trabalhar com o conceito migrações transnacionais constrói-se à luz de outras pesquisas como de Gláucia de Oliveira Assis (2011), Alex Dias de Jesus (2020) e trata-se de analisar o contexto transnacional de direitos e de propostas e ações de políticas públicas, que tencionam o posicionamento mais efetivo dentro dos novos fluxos migratórios, no âmbito de incluir a perspectiva de migrações Sul-Sul. Desse ponto de vista a vertente de análise que permite contextualizar a de Rosana Baeninger (2018).

Em uma perspectiva de migração transnacional, o fluxo venezuelano para o Brasil é reflexo de diferentes ações, possui interseções entre elementos econômicos, sociais e políticos, parte de decisões coletivas, - e extremamente dependentes de decisões geopolíticas globais ao longo de décadas, - interconectadas e associadas ao lugar que o país da Venezuela ocupa na região e no mundo. O contexto de migrações transnacionais se estabelece também em virtude de narrativas históricas de mulheres que enfatizam diversas questões sobre o controle migratório, condição de migrantes e desafios na sociedade de destino.

Foi por meio dos estudos migratórios do pesquisador Abdelmalek Sayad (1998) que passei a dialogar com a migração no sentido de refletir o fenômeno como fato social total carregado de especificidades como entender a mulher que migra, como ela pensa e a maneira como se constitui, conforme afirmou Sayad “[...] um imigrante não é apenas o indivíduo que é: ele é também, através de sua pessoa e pelo modo como foi produzido como imigrante, o seu país” (SAYAD, 1998, p. 241).

As pesquisas de Sayad (1988) imprimiram questões importantes para pensar o lugar chegado, não ignorando o lugar deixado, a mulher que migrou e as condições de transitoriedade dentro dos novos fluxos migratórios, assim como forneceram componentes para pensar experiências histórico-sociais, culturais e políticas na vida de mulheres que migraram.

De todo o amplo levantamento bibliográfico a perspectiva que evidenciei como necessária para pensar a migração venezuelana foram as pesquisas realizadas por Paez e Penalver (2017). Chamou atenção o fato desses pesquisadores construírem análises sobre as diferentes ondas dentro dos fluxos migratórios, considerei importante pensar a constatação do fenômeno que apresentaram como “migração por desespero”.

A influência do pensamento de feministas, intensificou as preocupações em torno da tese, e nesse ponto, a feminista colombiana Maria Viveros Vigoya (2016) foi fundamental para pensar sobre intersecções e opressões cruzadas. As análises de Maria Lugones (2014) também foram extremamente úteis, pois sua teoria é percebida como teoria-chave para os feminismos brasileiros contemporâneos que abarcam decolonialidade e interseccionalidade, ao fraturar o locus das linhas centrais e evocar ativismos e utopias.

Assim, o embasamento teórico esteve intimamente ligado as teorias feministas, de gênero e a crítica ao patriarcado pensando as migrações numa perspectiva decolonial tendo como proposição evidenciar as mulheres venezuelanas que se movimentam na América Latina. A pesquisa visa dar continuidade ao interesse tanto sobre a história da migração venezuelana na contemporaneidade, como às questões que se voltam aos papéis definidos às mulheres incorporadas ao lugar chegado, dinâmicas que refletem hierarquias dicotômicas e discursos etnocentros nas fronteiras Venezuela-Brasil, território de Dourados-MS.

A tese é construída alicerçada em uma bibliografia que adota um novo olhar para as migrações contemporâneas, denunciei tanto os impactos sistêmicos da migração para mulheres, perdas materiais, como os efeitos subjetivos e simbólicos da migração, pois implica pensar gênero, migração e trabalho. Por isso, o objetivo parte de entender a migração venezuelana a partir de mulheres e à lente de gênero as redes sociais e de migração. Essas são categorias fundamentais na pesquisa e que articuladas a noção de vulnerabilidades e pobreza demonstram em várias dimensões, assimetrias nas relações entre mulheres e homens que migraram.

Para tanto, essa construção permite elaborar questões teórico-analíticas que envolvem conceitos de corpo-território, memórias, gênero, dentre outros. Desse modo, foi minha pretensão estabelecer pontes entre estudos decoloniais e teorias feministas ao escrever com memória de quem migra; esses pontos compõem o corpus principal da pesquisa.

Acredito que as narrativas femininas do lugar chegado têm contribuído de maneira significativa para o rompimento de fronteiras epistêmicas dentro da academia, como fora dela, ao construir possibilidades de escuta às mulheres por meio de suas falas, memórias, expressões, resistência, silenciamentos evidenciam o amplo espectro das migrações.

Desse modo, tenho como expectativa construir análises a partir da realidade de mulheres migrantes, compreendendo especificidades de quem migra, práticas e experiências de maneira a promover construção de novos olhares, inserção de outras pesquisas e políticas públicas com implicações à realidade desigual de populações migrantes.

À lente de gênero incorporo o olhar interseccional no âmbito do contexto de migrações transnacionais. A perspectiva interseccional permite romper com a unicidade das teorias migratórias e propõe pensar migração em termos de políticas públicas no lugar chegado desvelando múltiplas “opressões cruzadas” conforme refletiu de forma peculiar a antropóloga Vigoya (2016).

O que eu quero dizer é que estas múltiplas hierarquias que atingem corpo-território de mulheres são experimentadas no processo migratório venezuelano de modo diferenciado, sobretudo, as condições são mais difíceis no mercado de trabalho para mulheres, há dominações e operam sistemas sexistas e coloniais que marcam experiências e as situam de uma outra forma, como exemplo, as definições podem vir carregadas de problemas de gênero, raça, classe, status migratório, condição de interiorização.

Ao pesquisar a realidade migratória em Dourados-MS, foi necessário deixar que as masculinidades aparecessem, neste ponto meu olhar se insere sobre a subordinação imperativa nas etapas de interiorização de venezuelanos, provisoriades, exclusões, a dupla dominação por ser mulher, por ser estrangeira, por ser da Venezuela (VILLAMAR e RIBEIRO, 2020).

Dessa maneira, abarquei domínios da História Social, não excluindo os fenômenos históricos que refletem a história econômica e história cultural, o campo foi construído pelo diálogo interdisciplinar entre História, Geografia (para a construção de cartografia venezuelana) Sociologia (para problematização de diferentes manifestações e concepções epistemológicas), Direito (leituras e apontamentos sobre proteção social a refugiados venezuelanos no contexto brasileiro).

Assumo o posicionamento de que mulheres migrantes construíram socialmente outras identidades, culturas, posições, criaram, elaboraram, (re) elaboraram novas estratégias de vida. Elas resistiam e constituíram corpo-território inteiramente sociais, políticos e simbólicos no lugar chegado, carregando marcas múltiplas do lugar deixado. Entre corpo-território tensões,

articulações, conflitos, cooperações e uma teia de situações fluídas, ora de reconhecimentos, ora de estranhamentos.

Marcadamente na pesquisa não há uma tendência histórica específica, pois apresenta um quadro teórico heterogêneo com epistemes que permitem diálogos interdisciplinares e levam à inclusão de mulheres na narrativa. Assim, ao invés de trazer definições busco articular histórias narradas com mulheres migrantes construindo dialogismo entre matrizes teóricas como Michele Perrot (1995), Adelmalek Sayad (1998), Homi Bhabha e diversas feministas como Grada Kilomba (2019), Julia Kristeva (1994), e aqui já mencionadas Gláucia de Oliveira Assis (1995), Maria Viveros Vigoya (2016) e Maria Lugones (2014).

Teoricamente, Homi Bhabha (1998) é apropriado nesta tese, como um dos mais importantes teóricos pós-colonialistas, estudioso reflexivo do multiculturalismo, pesquisador voltado às minorias sociais, estudos culturais, minorias de gênero e defensor da análise crítica por um viés não linear. Seus estudos abrangem uma diversidade de áreas do conhecimento da teoria literária aos estudos culturais e caminha por campos como História, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Literatura, Geografia e Política. É um teórico importante para a tese devido a conexão que cria com as identidades e diferenças, e por analisar a cultura um processo complexo de significações. Nesta tese, as análises deste pesquisador aparecem articuladas aos conceitos: entre lugar, terceiro espaço e espaço intersticial.

Para compreender a migração de mulheres foi necessário recorrer a memória de venezuelanas que migraram, contrapondo a disputa de narrativa sobre a crise venezuelana e os conteúdos ideológicos que circulavam. Objetivando problematizar a ideia de crises, a escrita da tese é marcada pela própria impressão de mulheres.

No campo metodológico e de pesquisa propriamente dito, tratamos as narrativas de mulheres como testemunho histórico, conjuntos plurais construídos segundo perspectivas e experiências produzidas diante de inúmeras potencialidades, enquanto fonte investigativa do passado e carregadas de potência do tempo presente. A história oral carrega dimensões da história vivida com procedimentos e temporalidades próprias e produzidas a partir das sujeitas inseridas dentro do próprio processo migratório, são portanto as narrativas que constroem redes e campos seguros para a pesquisa, no sentido de “seguro para a afirmação da identidade sócio-histórica” (NEVES, 2000, p. 113).

A memória como campo privilegiado da História Oral possibilitou interpretar o vivido de mulheres, conhecer trajetórias, escutar nuances dos percursos migratórios, ter acesso a narrativas sobre a migração, comentários pessoais dos significados históricos de entre lugares ocupados pelo corpo-território, as inter-relações e subjetividades. Para fundamentar a tese,

primeiro, me coloquei à escuta e foram os próprios diálogos com as mulheres que consagraram as perguntas sobre a migração à partir da sua própria história, ou seja, não houve determinação de perguntas, posto simplesmente que as experiências vividas são construções diferenciadas nos processos históricos. Uma das formas de trabalhar com a História Oral foi a partir de redes sociais e de migração e com a finalidade de criar fontes históricas concebemos construções coletivas. Nas análises de Losandro Antonio Tedeschi (2012):

Nesse sentido, pôr-se à sua escuta, é, em minha opinião, o primeiro dever do(a) historiador(a). Em lugar de se contentar com a utilização de arquivos, ele(a) deveria antes de tudo criá-los e contribuir para a sua constituição: pesquisar, interrogar aqueles que jamais têm direito à fala, que não podem dar seu testemunho. O(a) historiador(a) tem por dever despossuir os aparelhos do monopólio que eles(as) atribuíram a si próprios e que fazem com que sejam a única fonte da história. Não satisfeitos em dominar a sociedade, esses aparelhos (governos, partidos políticos, igrejas ou sindicatos) acreditam ser sua consciência. O(a) historiador(a) deve ajudar a sociedade a tomar consciência dessa mistificação (TEDESCHI, 2012, p. 183).

Por-me à escuta permitiu registrar as vozes femininas, reconhecer limites e experiências individuais e coletivas voltadas ao contexto histórico antes do migrar, similaridades da vida de venezuelanas, condição feminina, trabalho doméstico, redes de amizade, parentesco, natureza do processo migratório e dimensões de vulnerabilidades. Escutar as mulheres possibilitou analisar dificuldades, rompimentos, interrupções impostas a partir do migrar, o que contribuiu para refletir sobre aspectos culturais e de convivência de mulheres, crianças venezuelanas, e também pensar diversas nacionalidades, etnias, relações dentro de escolas, em outros espaços douradenses.

Insistimos na utilização da História Oral por acreditarmos na potência das fontes orais justificada pelos indícios revelados em narrativas de mulheres migrantes, fontes construídas nos meandros das experiências, com sujeitas que ocupam entre lugares, que escutam, que escrevem, que sentem, que existem. A grande diversidade de testemunhas narrativas das mulheres venezuelanas são o que realmente enriquecem essa tese.

Entendida sob a ótica de disciplina segundo Leandro Seawright Alonso (2020) e em conformidade com as definições basilares de José Carlos Sebe Bom Meihy (1991), encontramos no trabalho com a memória o esteio para a produção e análises de novas fontes documentais.

Para toda a escrita ao falar das mulheres, tomamos o tratamento do termo colaboradas ao invés de caracterizá-las como entrevistadas, testemunhas, depoentes. Essa opção pelo termo colaboradora tem como referências as pesquisas de José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda (2015) que tratam de colaboradoras pessoas ativas de sua história, nesse caso aqui, colaboradoras protagonistas ativas, mulheres migrantes.

A história oral que entendemos e propomos nesta tese é, portanto, uma produção de história das memórias de mulheres venezuelanas que migraram para Dourados-MS. Notadamente, as mulheres são protagonistas da escrita e suas referências temporais ligadas à migração são características da memória de quem migra.

Como finalidade propomos ligar história oral e a história das mulheres às experiências e ao papel ocupado pelas mulheres dentro da migração venezuelana. A partir do trabalho de memórias com mulheres que migraram, a migração venezuelana ganha novos significados e se constrói um olhar histórico sobre esses acontecimentos contemporâneos.

A escolha foi de não assumir nenhuma posição e/ou lugar, a não ser o meu próprio lugar, mulher, 35 anos de idade, pobre, filha, mãe, estudante, trabalhadora, de profissão professora, estado civil casada, desempenha diversas funções, trabalha fora de casa ocupa o espaço público, dentro de casa desenvolve diversas funções no privado, lava, passa, cozinha, ou seja, convive em espaços engendrados de poder, opressões e sexismo, cujos processos têm sido de resistir.

Para fazer História Oral e escrever sobre mulheres que migraram foi extremamente importante reconhecer suas histórias, interessar-se em partilhar trajetórias e construir confiança, responsabilidade e permanentes diálogos com respeito à compreensão de suas experiências.

A partir de problematizações e desenvolvimento da própria pesquisa em campo construímos algumas questões: Quais mulheres estava na migração? Quais trajetórias construíram anteriormente? Quais bagagens mais profundas carregavam na mala? Como foi a tomada de decisão de migrar? Migrar para onde e por quem? Ou seja, utilizamos a construção de um processo com a história oral problematizada e comprometida com a vida.

No trabalho empírico, a pesquisa teve ênfase qualitativa e foi desenvolvida em colaboração com um total de dez mulheres venezuelanas que migraram para o Brasil e que vivem no município de Dourados-MS. Efetivamente, foram realizados cinquenta e quatro encontros de sondagens todos individuais com as venezuelanas do grupo de dez mulheres, sendo produzidas ao total vinte e sete entrevistas.

As entrevistas ocorreram entre o início de novembro de 2019 até dezembro de 2022, interrompidas devido a pandemia COVID-19, e foram realizadas presencial e virtualmente, em locais e horários definidos pelas mulheres. Ora ocorreram em casas, ora em locais ocupados para trabalharem como praças, semáforos, supermercados, ou seja, espaços possíveis que se tornaram lugares de encontro.

Entre os instrumentos utilizados para desenvolver a pesquisa de campo está a observação participante e trabalho de escuta que foi confirmado na realização de entrevista. Sobre as mulheres, o grupo de mulheres foi construído aleatoriamente, ou seja, não foram feitas

escolhas e não existiram critérios para defini-las, o processo ocorreu voluntariamente, apresentamos o projeto e esse grupo de venezuelanas se construiu e foi ampliado por redes.

As entrevistas foram construídas em Língua Portuguesa, mas também conversamos em Língua Espanhola, de modo que o diálogo valorizou interações bilíngues e foi pautado em ambos idiomas, a fim de atender e abordar a trajetória pessoal de cada mulher. Todas as entrevistas foram gravadas, tiveram anuência das mulheres. Posteriormente as mesmas foram transcritas, respeitando a integridade dos diálogos, em narrativas de Língua Espanhola permaneceram transcrições em Língua Espanhola.

Essa construção representa a híbridez da língua e sua opção surge como uma forma de abrir espaços para a compreensão das relações, e por reconhecer, profissionais que trabalham com a história oral devem estar atentos à vida social das histórias, daí a escolha pelas interações bilíngues (THOMSON, 2002). Assim, entendemos as narrativas como centrais e o idioma que se desloca é marca da cultura, da identificação, das experiências e de conexões com o mundo e a sociedade.

Após todo esse trabalho as entrevistas foram arquivadas e utilizar nomes pseudônimos visa respeitar o registro fiel aos fatos compreendidos e interpretados pelas mulheres venezuelanas antes e depois da migração, assim como parte de uma orientação (e acolhida por mim) para a versão final da tese.

Registro o compromisso com a preservação do anonimato das mulheres, assim como da não publicação de fotografias que foram enviadas por quatro delas dentro do grupo da pesquisa. No entanto, na tese em si, dentro da escrita feminina do que eu penso e posso fazer tratei de trazer nas transcrições também essas fontes em uma perspectiva de pensar com criatividade as multiplicidades de experiências e formas de vida de mulheres que migraram da Venezuela

A constituição do grupo de mulheres dá sentido total a perspectiva da pesquisa, pois trata-se de mulheres pertencentes a várias categorias de classe, religião, gênero, território, geração e outros aspectos. Entre o grupo, existem mulheres, jovens e mulheres de meia idade, com a variação etária entre 23 e 52 anos de idade, conforme veremos no desenho das fontes logo a seguir.

Ao caracterizar as mulheres em termos de profissão, todas as dez mulheres possuíam ensino médio, e o grau de escolaridade as diferenciava, porque algumas apresentavam nível superior, o que tem relação com as características dos novos fluxos migratórios (conforme veremos a diante). Em relação ao estado civil, a maioria se declarava casada, trazendo categorias como companheiro e cônjuge ao mencionar o participante masculino no processo de migração. Procuramos inserir tais categorias a partir das narrativas delas.

No grupo, a maioria delas se reconheciam como pardas, nenhuma se declarou afrodescendentes, indígena ou negra. Houve heterogeneidade também em relação a classe social e a participação em religiões. Nas narrativas relataram participações em religiões como igrejas evangélicas, testemunhas de Geová, e a maioria nas igrejas católicas.

Quanto às semelhanças, há duas marcantes que pretende-se destacar: as mulheres venezuelanas migrantes desenvolvem em Dourados diversas funções associadas à vida doméstica, a ocupação de espaços laborais não especializados. O que denota que a maioria delas atuam em trabalhos pouco valorizados e/ou utilizados do ponto de vista do trabalho informal, resultado de inserções excludentes e/ou integrações sexista na sociedade de destino.

Uma outra questão ao tratar da sistematização e análise de fontes orais no campo de estudos é a de que as mulheres venezuelanas, remetidas às dinâmicas de cuidado referentes à família, estão ligadas as concepções maternidade, corpos maternos e cuidado feminino, persiste uma condição de responsabilidade as mulheres e que envolvem também desigual divisão social e sexual do trabalho. E mesmo ainda assim, carregavam responsabilidades com as remessas de dinheiro para pessoas que ficaram na Venezuela, e não como fato isolado, o reconhecimento à sociedade de origem.

Sobre a condição dessas mulheres antes de migrar, a maioria eram de classe média e relataram que antes da crise econômica na Venezuela possuíam uma vida de qualidade. Encontramos relatos de mulheres que demonstravam condições financeiras relativamente estáveis.

Proeminentemente do estado civil de solteira, algumas mulheres buscaram a migração e construíram alianças no sentido de compor redes sociais e de migração. Essas redes auxiliaram nos processos de realização dos tramites para retirada dos documentos, na viagem por mar ou por terra, em outros casos pela interiorização nas modalidades específicas da Operação Acolhida. Já àquelas que possuíam estado civil casada, em sua grande parte, apresentaram o perfil mais sistemático da interiorização, migraram depois dos homens.

Apesar do Projeto de Extensão, Promoção, Monitoramento e Avaliação da Interiorização e da Integração de Migrantes e Refugiados em Dourados-MS (2020)⁷ levantar o dado de que a maioria de venezuelanos que foram interiorizados para Dourados são provenientes do estado de Anzoátegui, no nosso grupo haviam mulheres provenientes também

⁷ O projeto tem como instituição responsável a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A partir das pesquisas levantaram-se dados sobre migrantes contemplados e pesquisadores verificaram que em torno de 60% da população que migrou da Venezuela são provenientes do estado de Anzoátegui. Consultar bibliografia livro Panorama das migrações internacionais no Mato Grosso do Sul (2021, p. 163).

de diferentes partes do país venezuelano, como por exemplo, estados de Monagas, Zulia e Carabobo.

Propomos uma descrição para a/o leitora/o observadora/o, a fim de conhecer o perfil das mulheres venezuelanas do grupo investigado. As entrevistas com as mulheres foram utilizadas como fontes de pesquisa, e o desenho das fontes, em muitos casos servem, como um ponto de partida característico do enraizamento social. Conforme dito anteriormente, todos os nomes são fictícios, então abaixo a organização do grupo da pesquisa:

- Betel Gonzalez: Mulher, mãe, trabalhadora, possui 52 anos de idade, tem estado civil casada, possui escolaridade nível superior. Seu local de residência é a Venezuela. Há longos anos, ela, o filho mais velho e o esposo moram na Venezuela, já a filha migrou para Santiago do Chile junto com o esposo depois que formou a sua própria organização familiar. Betel Gonzalez pertence a classe trabalhador aposentada.

- Ingrid Garcia: Mulher, trabalhadora, tem 47 anos de idade, mãe solteira de três filhos, possui escolaridade nível médio, migrou de Ciudad Bolíva. Atualmente, a filha mais velha reside na Venezuela, possui 30 anos de idade, e é mãe de três crianças. O filho de Ingrid Garcia tem 22 anos, também está na Venezuela. Já o filho mais velho possui 33 anos de idade, há seis anos atrás migrou da Venezuela. Este último reside em Manaus, com sua esposa e dois filhos. Ingrid Garcia para sustentar os /a filhos/a contou com a rede de apoio de seus pais/mãe, que estavam na Venezuela, quando ainda ela morava no país.

- Maria Alexandra Perez: É mulher, tem 38 anos, mãe de três meninas, trabalhadora, estudante, possui nível superior, migrou da cidade de Valência, estado de Carabobo, na época casada com Sebastião. Pertence a família Perez, suas irmãs Salvadora e Ester também migraram para Dourados-MS.

- Mileidy Castillo: Mulher, 32 anos de idade, trabalhadora, escolaridade ensino médio, estado civil casada, mãe de dois filhos. Migrou do estado de Anzoátegui e nas formas de organização familiar realizou a viagem primeiro o esposo, somente depois ela e os dois filhos.

- Meire Benites: Mulher, 38 anos, trabalhadora, escolaridade ensino médio, estado civil solteira, migrou do estado de Zulia. Antes de migrar morava com sua mãe e dois filhos, possuía a ocupação de cabelereira. Ao migrar para Brasil teve como referência a sua mãe, na rede de apoio foi a avó que tomou conta na Venezuela ao ficar com o filho pequeno, uma criança menor de 08 anos. Meire Benites viajou com o filho maior de 14 anos de idade.

- Pietra Hernandez: Mulher de 25 anos, estudante, trabalhadora, possui escolaridade ensino superior, profissão enfermeira. Pertencente a família Hernandez, vivia no estado de Zulia, país da Venezuela, com a mãe, o pai, e mais três irmãs. Ainda na Venezuela, mantinha um

relacionamento com Pascoal, que se tornou companheiro na travessia de migração para o Brasil. Uma representação marcante de sua história que diferencia-se das demais mulheres do grupo investigado, ela não tem prole, filhos.

- Roberta Salazar: Mulher, tem 36 anos de idade, trabalhadora, escolaridade ensino médio, mãe de três meninos, o filho mais velho 15 anos de idade, o segundo possui 07 anos, e o filho caçula de 05 anos. É casada e migrou do estado Monagas junto com o marido e os filhos devido sobretudo as dificuldades para sustentar as crianças.

- Salvadora Perez: Mulher, tem 42 anos de idade, trabalhadora, mãe de uma menina, de estado civil casada, possui escolaridade nível superior, ocupa a profissão de chefe de gastronomia venezuelana. Veio da cidade de Valência, estado Carabobo, ela, a filha pequena e o esposo.

- Teresa Velasquez: Mulher, tem 23 anos, trabalhadora, possui escolaridade nível médio, é mãe de duas crianças. Quando migrou do estado de Barcelona, fez a viagem desacompanhada, o companheiro não pretendia migrar, e, portanto, permaneceu na Venezuela e junto a ele o filho maior.

- Vera Garcez: Mulher, 32 anos de idade, trabalhadora, possui escolaridade nível superior, profissão professora, de estado civil casada, mãe de três filhos. Migrou do estado Monagas, e nas formas de organização familiar realizou a viagem primeiro o esposo, somente depois o restante da família.

Abaixo alguns nomes de mulheres, que foram mencionadas pelo grupo das dez mulheres, e tratamos de trazê-las devido a importância de se formarem redes sociais e de migração. Em campo, não dispomos especificamente de entrevistas com elas, mas seus nomes aqui são acolhidos.

- Antonia Romero: Tia de Teresa Velasquez.

- Domingues: Prima de Teresa Velasquez.

- Ester Perez: Irmã de Maria Alexandra Perez e de Salvadora Perez.

- Valentina Romero: Prima de Teresa Velasquez. Mulher, 26 anos de idade, migrou do estado de Barcelona, mãe de dois filhos, sendo uma criança de idade dez anos e a outra criança de sete anos.

- Vivência Gonzalez: Filha de Betel Gonzalez. Mãe de dois filhos, é trabalhadora desenvolve diversas atividades dentro do espaço privado, possui 38 anos de idade, de estado civil casada. Atualmente reside no Chile.

Por possuir naturezas díspares as fontes escritas e não escritas constroem distinções no trabalho da historiadora e registra-se alguns desafios, como foram impactantes as circunstâncias de produção de fontes históricas a partir do contexto da pandemia COVID-19. O contexto é

mensurado, devido situações de isolamento, onde foi extremamente necessário suspender o processo de pesquisa em campo. Embora aproximações e estabelecimento de primeiros contatos houvessem acontecido, com o período de suspensão das atividades enfrentei perdas de contatos com algumas mulheres e não tenho conhecimento se essas mulheres retornaram para o país da Venezuela ou se migraram para outros destinos.

Outro aspecto sobre as circunstâncias da pesquisa, são as dificuldades que todas as mulheres apresentaram em relação ao tempo disponível para recepcionar a pesquisa e para gravar. Em termos de trabalho, todas as dez mulheres demonstraram desempenhar mais de oito horas trabalhadas, sendo assim, as cobranças, preocupações e responsabilidades relativas ao trabalho ocuparam os diálogos.

As mulheres ocupam as jornadas de trabalho mais extensas, desempenham diversas atividades, ou seja, dividem-se em muitas funções, fato que do total de dez mulheres encontramos sete mulheres que não dispunham de tempo para gravar entrevistas, venezuelanas que possuíam jornadas de trabalho extras, e por exemplo, períodos noturnos prolongados em empresas e frigoríficos da região. Trata-se de uma análise que aponta para as distintas ocupações que exercem mulheres nos espaços públicos e privado e a duração do trabalho doméstico não remunerado.

O trabalho em campo é desafiador e dentre os métodos de observação à realidade de venezuelanas que migraram, o fato de ir até elas proporcionou conhecer dimensões de vulnerabilidades que pelo menos sete delas enfrentavam, sobre a qual: distância para chegar as suas casas, todas residiam em bairros afastados e com difícil acesso ao centro de Dourados. Apesar de não dominarmos perfeitamente a Língua Espanhola como elas, não surgiram impedimentos para a comunicação, uma vez e outra, também demonstravam estar aprendendo o domínio da Língua Portuguesa, então foi completamente prazeroso todo o trabalho de campo foi uma verdadeira aprendizagem.

Assim, construiu-se estratégias com mulheres e ressignificando entre lugares possíveis de modo a colocar-me à escuta que culminou na produção de fontes orais e gravação de áudios (documento falado), encontros, reuniões combinadas e realizadas pelo recurso Google Meet, aplicativos do Zoom, até produção de chamada de celular ao vivo, ora mulheres produziram narrativas históricas que foram processadas pelos recursos tecnológicos disponíveis.

Tornaram-se totalmente compreensíveis todas as dimensões trazidas por várias delas, por exemplo, entre as dificuldades para construir o diálogo, oito mulheres que relataram não possuir acesso à internet diariamente, outras três mulheres sentiam-se desafiadas com a utilização e domínio da tecnologia digital.

A ideia de tomar mensagens de texto também tornou-se uma estratégia importante, inclusive serviu de fonte fundamental para conectar com a mulher venezuelana Betel Gonzalez que está na Venezuela, é moradora de lá. Foi mencionado por ela diversos problemas enfrentados como falta de energia elétrica e a própria dificuldade de acesso à internet para contactar com familiares. Os desafios de manter contato via telefone celular, reforçava os problemas enfrentados no país e tudo isso conferem relevância a metodologia de História Oral tanto quanto as fontes orais.

Assim, os arquivos em áudios e mensagens de textos construídas em forma de gravação pelo recurso tecnológico, telefone celular, formam um conjunto de narrativas descritivas, que tomamos na tese de doutorado como documentos históricos e constituem-se como cartas. Essas são construídas por narrativas detalhadas com impressões reais, vivas do fenômeno migratório, emergem como fontes essenciais porque evidenciam aspectos subjetivos do processo migratório. As narrativas em cartas constituem-se, portanto, relevantes para essa pesquisa histórica, tal como foi entendida por Gláucia de Oliveira Assis (1995) “instrumento de análise por ajudarem-me a compreender práticas sociais, que fizeram e fazem” a vida das mulheres venezuelanas que migraram (ASSIS, 1995, p. 88).

Cartas, relatos autobiográficos, mensagens de textos evidenciam as dificuldades, relatos da vida cotidiana e estas estratégicas servem como potência para a escrita da história das mulheres, o ponto de vista das mulheres na migração, nos relatos em mensagens de texto enfatizam redes, tecem os diálogos, emergem aspectos da crise. Por exemplo, nos meses comunicando com a mulher na Venezuela, observei circunstâncias que ela demorou semanas para retornar mensagem, depois ela explicou os problemas que enfrentava com falta de energia elétrica e acesso à internet.

Escrever buscando identificar essas dificuldades à partir de Betel Gonzalez, contribuiu para o entendimento das demandas de mulheres venezuelanas, e suas experiências são produtos históricos fundamentais para a pesquisa, por isso, tratamos de incluir as narrativas desta mulher venezuelana na escrita da tese, além disso, em diversos momentos as suas narrativas se cruzaram com outras narrativas de mulheres venezuelanas que migraram. Nesse ponto, ressalta-se que as redes sociais e de migração efetivam a migração venezuelana em Dourados-MS, precede que chegamos até essa mulher por intermédio de uma outra mulher venezuelana, que primeiro integrou o grupo de pesquisa – mulher venezuelana que migrou para Dourados, - tal fato demonstra que a história de uma mulher comporta uma pluralidades de potências de histórias sobre outras mulheres e a importância da formação de redes.

Após a realização das entrevistas foram destinados esforços para superar o trabalho de transcrição das fontes orais. Não foi fácil desenvolver o trabalho de transcrições das narrativas, em vários momentos os áudios foram produzidos pelas mulheres em suas casas, onde conviviam com crianças, algumas dividiam a casa com outras famílias, e/ou entre intervalos de outros trabalhos, durante preparação de refeições estavam elas encarregadas de diversas tarefas e desempenhavam duplas, triplas jornadas. A condição própria de produção das narrativas históricas que demonstra entre lugares das mulheres que, não raras as vezes, produziam áudios em momentos do trabalho externo a casa, trabalho doméstico na casa de outras mulheres, nas teias que envolvem cuidados maternos e seu tempo de descanso.

Na trilha da construção desta pesquisa, destaca-se a oportunidade de participar como observadora da reunião realizada em Dourados-MS entre os dias 17 e 21 de maio de 2021 com a presença da Embaixadora da Venezuela no Brasil, María Teresa Belandria, do Ministro Conselheiro da Embaixada da Venezuela, Thomas Silva e de grupo de migrantes venezuelanos (entre algumas mulheres da pesquisa). Neste contexto, foram trazidas experiências históricas pelos migrantes venezuelanos, e no campo político, reflexões presentes nesta tese, tais como as dimensões do trabalho, possibilidade qualitativa para o exercício das mesmas ocupações por mulheres e homens migrantes, bem como, a problemática que está relacionada as exigências de escolariedade, regularização da documentação de migrantes, como o caso da revalidação do diploma venezuelano no Brasil.

Ainda sobre pesquisa em campo, demonstra-se que, embora os registros documentados em levantamentos e relatórios gerais junto aos ACNUR e órgãos governamentais sejam importantes, existem diversas lacunas para a leitura e análise empírica das realidades de mulheres venezuelanas, uma vez que as informações dos registros apresentam desconexão, e esse fluxo migratório específico é tratado da mesma maneira que qualquer outro fluxo, ou seja, são dados e informações superficiais, não contemplando as especificidades da migração feminina.

Apesar deste ponto, utiliza-se informações referentes às etapas e modalidades de interiorização da Operação Acolhida, abordagens que tratam objetivos e metodologias da Operação Acolhida. Dispositivos de pesquisa sobre se há ou não ações de cunho político, histórico e social da Secretaria de Assistência Social de Dourados, Prefeitura Municipal de Dourados-MS, permanecem como tratativas no campo de ações e não como políticas.

Obviamente, foi um desafio construir a tese com a História Oral, e ao mesmo tempo, envolver-se e distanciar-se da pesquisa. Foi difícil escutar histórias dolorosas, tornou-se desafiador arriscar a produção da escrita, embora existam aproximações aos padrões científicos,

há rompimentos na elaboração desta tese. Essa demanda tanto é resultado da própria produção científica, análise, posicionamento teórico, como próprio da História Oral de (co)participação, compartilhamento, experiências, conexões e reconstruções de histórias dentro de diferentes contextos.

COMPOSIÇÃO DA TESE

A escrita da tese foi estruturada a partir das narrativas das mulheres e dividida em três capítulos, os quais detalharei a seguir. No primeiro capítulo, é apresentada uma discussão sobre a migração venezuelana no Brasil, contextualizando a participação das mulheres nas diferentes etapas da interiorização da Operação Acolhida. Portanto, este capítulo aborda os contextos de crises e boicotes econômicos, visando analisar as contradições, imposições e dominações enfrentadas pelas mulheres venezuelanas que migraram, bem como aquelas que não migraram.

A complexidade do fenômeno migratório venezuelano é abordada a partir de detalhes das experiências culturais, sociais, econômicas e políticas das mulheres migrantes. Ao construir o processo anterior à migração, surgiram diferentes elementos motivadores, que abrangem questões relacionadas à economia, à crise política, ao trabalho, à educação, à saúde, à alimentação, à cultura e à participação social. Proponho uma análise desses elementos baseada no diálogo com as mulheres que são as protagonistas desta tese.

Investigamos, sistematicamente, quem são essas mulheres e como se construíram seus corpo-território. Utilizamos a pesquisa documental e História oral para analisar as dimensões de vida dessas sujeitas de direitos reconhecidos por trajetórias específicas, sendo corpo-território em trânsito e (re)elaborado entre travessias dolorosas carregadas de intensidade e emergências.

No segundo capítulo, a escolha por construir a análise em função de três mulheres migrantes, não foi aleatória, mas sim o principal fator que ocasionou as experiências de imigração, trajeto da viagem, aspectos voltados à experiência no abrigo da Operação Acolhida, redes sociais e de migração. Miudezas da condição de quem migra foram consideradas, buscamos explicar de que forma entendemos as vulnerabilidades e como mulheres venezuelanas que migraram da Venezuela sobreviviam as desigualdades.

A partir das narrativas de mulheres escolhemos aprofundar questões que as fazem resistir, corpo-território como eixo importante e os entrelaçamentos que integram o processo histórico e social na migração de mulheres, permitindo pensar formas de organização das migrações, assim como tecer análises interseccionais para explicar vulnerabilidade, gênero,

classe, raça, etnia, nacionalidade, língua, dentre outras. Para tanto, recorreremos a teorias sobre corpo, especialmente sobre corpos de mulheres migrantes, e à luz de marcadores sociais como raça, gênero, idade etc., uma vez que entendi como estes se combinam entre as sujeitas ou grupos populacionais definidos como migrantes. Por meio de abordagens epistemológicas escrevi sobre corpo-território insurgentes, lugar cultural e social de venezuelanas que migraram e como teceram redes sociais e de migração em fase à vida.

Em algumas narrativas foram sintetizadas as vulnerabilidades das quais as mulheres se depararam, corpo território em condição de vulnerabilidade, e neste âmbito busquei discutir especificidades nas formas de controle sobre corpos femininos, o que provocou a reflexão sobre: Que corpos eram esses? Eram corpos de mulheres que estavam em opressão, resistindo, corpos de trabalhadoras, eram corpos maternos? Neste sentido, a ênfase se deu no cotidiano amarrado ao processo que transcende à migração, entendido na relação do lugar deixado e lugar chegado ganha maior relevância como lócus de resistência para mulheres migrantes.

No terceiro capítulo, estudamos as redes sociais e de migração, não se trata apenas de descrevê-las, mas considerá-las de fundamental importância na migração venezuelana, especificamente entre as mulheres dentro deste processo. Tematizei as redes a partir de uma análise pautada nas memórias, nos lugares do migrar entre venezuelanas e os múltiplos protagonismos exercidos.

Que aspectos das memórias venezuelanas trazem presentes em suas narrativas? Como as mulheres migrantes reeditaram o lugar chegado? Para tanto, foi fundamental tratar a categoria trabalho, a partir das perspectivas de mulheres venezuelanas que migraram, algo inicialmente demonstrado no primeiro capítulo, porque ocupou destaque entre todas as narrativas variadas preocupações relativas ao trabalho, cuidado materno, responsabilidades gerais com a família no Brasil, envio de remessas para Venezuela, dentre outras. Daí a análise entre memórias e trabalho como relações entrecruzadas, apontando para uma relação cultural que transcende as relações e percepções.

Neste capítulo, teias de histórias de venezuelanas que migraram e de pessoas que não migraram entrelaçadas se revelam em memórias por elos que se estabeleceram a partir da migração. Um dos instrumentos mais importantes aqui, a memória individual e coletiva articulada na narrativa de quem migra. O antes e o depois da migração de mulheres venezuelanas.

Os capítulos apresentam conexões e tratam de situações muito subjetivas envolvidas nesta teia que é a migração, marcada pela posição e lugar de mulheres no lugar chegado, pelas experiências históricas contempladas pelas memórias e, ao mesmo tempo, re-elaboram o

presente entre o convívio, nas atividades criativas da vida, cuidados referentes à família, cuidado materno, ou seja, envolve-as nos processos de resistências.

CAPÍTULO 1

MIGRAR UM ATO DE SOBREVIVÊNCIA. QUEM PARTIA E QUEM FICAVA?

Somos humanas, quando na verdade não podemos empalidecer por ser mulheres.

(Kátia Aline da Costa)

As pesquisas sobre migrações venezuelanas apresentam complexidades, e tratar a migração de mulheres venezuelanas em Dourados, estado de Mato Grosso Sul, alia a problemática do conhecimento na contemporaneidade de algumas questões que exigem a capacidade de refletir sobre as experiências históricas a partir das mulheres. Sobre esse plano a tese é construída a partir dos pontos de vista de mulheres que migraram, o trânsito até o Brasil, dimensões das crises como a crise econômica na Venezuela como partes das crises, e sobre o ponto de vista das próprias mulheres, sujeitas da migração.

O tema deste capítulo foi definido ao ouvir venezuelanas migrantes, refletir sobre a emergência das crises, possibilidades e limites do acolhimento e as etapas de interiorização da Operação Acolhida. As narrativas de mulheres evidenciaram difíceis situações experimentadas em diversos entre lugares de atuação, histórias vividas entre dilemas em busca de vida digna no lugar chegado.

Estive envolvida com diferentes mulheres e pretendo construir a partir de suas narrativas olhares históricos sobre a migração venezuelana ao desenhar os contextos de crises em que elas migraram. Neste aspecto, dois elementos agregam condições para a escrita da tese: perspectiva feminista e a noção de migrações como fato histórico-social total, que diferentemente de outras interpretações, possibilita a pesquisadora incorporar novas ferramentas de análise e construir diálogos atuais que abordem a complexidade do fenômeno migratório.

1.1 ABORDAGENS DE CRISES

Para o entendimento dos novos fluxos venezuelanos no Brasil é relevante estudar as origens profundas da migração venezuelana experimentada desde os anos de 2000-2016, embora as dinâmicas do fenômeno migratório apresentem transformações nos últimos anos o conhecimento sobre migrações venezuelanas apresentam especificidades intimamente ligadas (BAENINGER, 2018).

Primeiramente, concordamos que a saída de pessoas da Venezuela, país localizado no subcontinente da América do Sul fronteira com Colômbia, Brasil e Guiana, não tem uma causa em si, mas é tratada em sua heterogeneidade como um fenômeno carregado de múltiplos condicionantes, ou seja, pesquisar e escrever sobre migração venezuelana requer reflexões complexas.

De modo singular, se décadas anteriores de 1970 e 1980 “a Venezuela fue uno de los 20 países más ricos del mundo si tomamos su PIB per cápita” (STRAKA, 2019, p. 06), no contexto atual, o país venezuelano passa a ser notadamente mencionado pelo colapso de crises que enfrenta. Não há qualquer contrariedade nessa afirmação, uma vez, que a economia venezuelana, com maior perspectiva de crescimento das Américas, passou a ocupar no cenário geopolítico uma posição de instabilidade, turbulência e profunda crise humanitária com implicações na história recente do maior deslocamento externo da América Latina.

Com essa dimensão tomamos o contexto de crises à luz de uma conjuntura alterada entre os anos de 2017 e 2018, em que a República Bolivariana da Venezuela, que anteriormente dispunha de uma dinamicidade de recursos naturais capaz de tornar o país auto-suficiente, passou a enfrentar uma combinação de crises, segundo afirmou diversos pesquisadores como o historiador venezuelano Tomás Straka (2019) e o estudioso Paez e Penalver (2017).

A realidade menos promissora do país venezuelano, levou “a crise humanitária na Venezuela e provocou o deslocamento forçado de mais de 264.617 venezuelanos para o Brasil, tornando o quinto país da América Latina a receber mais pessoas, desde 2015 “povo da água” (AMARAL, 2020 p. 25). Para a pesquisadora Karla Oliveira (2020), toda essa nova transformação no fluxo migratório venezuelano e no processo de compreensão das migrações internacionais tem origens múltiplas em diversas conjunturas social, política e econômica nas últimas décadas.

Caminhando em sentido semelhante as pesquisadoras Luciana Gandini, Fernando Lozano Ascencio e Victoria Prieto (2019), entendem a crise venezuelana em diferentes dimensões, ao pensarem as mudanças e dinâmicas migratórias até a geopolítica global sob a lente de uma reconfiguração dos processos recentes de mobilidade humana dos destinos fronteiriços na América Latina no Caribe. Por isso, no livro *Crisis y migración de población venezolana. Entre la desprotección y la seguridad jurídica en Latinoamérica* (2019) as pesquisadoras dão lugar a análise diversas crises.

Em geral, diferentes estudos empregaram olhares muito distintos para os sentidos de crises e da migração venezuelana. Na Pesquisa Nacional de Condições de Vida (ENCOVI)⁸, notadamente aparecem distintas dimensões do fenômeno de crise venezuelana relacionado ao que se denomina nova dinâmica de mobilidade entre pessoas, atravessadas por profundas crises econômicas e instabilidade financeira. Nos documentos do ENCOVI (2021), a migração venezuelana também aparece citada como complexos deslocamentos com destaque para a proposição de destinos cada vez mais variados.

Em documentos produzidos pela Organização das Nações Unidas (ACNUR) e pela Organização Internacional para Migrações (OIM), por exemplo, conferem-se registros as principais razões para migração venezuelana “necessidades prioritárias no acesso a serviços como assistência social, segurança alimentar, habitação, saúde, meios de subsistência e educação” (ACNUR e OIM, 2021).

Em *Condiciones de vida de los venezolanos: entre emergencia humanitaria y pandemia*, há uma série de contextos que evidenciam uma crise multidimensional na Venezuela (ENCOVI, 2021)⁹. Inclusive, este documento trata dos contornos e das problemáticas que perpassam o fenômeno migratório do ponto de vista de desafios políticos, econômicos e sociais levados ao intenso fluxo venezuelano para países vizinhos a partir do ano de 2014.

Resulta de uma modificação da configuração das migrações venezuelanas a partir de 2013 com a desaceleração da economia, e a partir de 2014 uma forte queda do preço do barril de petróleo, o que ocasionou desdobramentos sobre a política de governo do presidente Nicolás Maduro (2013 – até o atual).

O ano de 2014 é um marco fundamental para compreender os aspectos econômicos que elevaram outras crises. Considera-se o preço do barril de petróleo, que por exemplo, em janeiro era negociado por US\$ 108.51 em dezembro chegou ao custo de US\$ 59.02 (SIMÕES, 2017).

A queda de valor no barril de petróleo, dentre outros fatores levou à depreciação brusca do preço do petróleo naquele ano, impactou em dificuldades nas exportações petrolíferas, em negociações dentro da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), forças de mercado sobre forte controle do governo. Todo esse contexto provocou alta de inflação causando enormes prejuízos a população venezuelana (SILVA e PERES, 2020).

⁸ ENCOVI é uma plataforma de estudos entre a academia e a sociedade civil, que desde o seu surgimento no ano de 2014, tem o papel fundamental de divulgação de científica, a fim de impulsionar diversas reflexões que contribuam para a construção de políticas públicas e transformação social. Desde 2014 é produzido um relatório de periodicidade anual. Para maiores informações consultar <https://www.proyectoencovi.com/encovi-2022>.

⁹ O levantamento é coordenado pela Universidade Católica Andrés Bello (UCAB). Disponível em: <https://www.proyectoencovi.com/encovi-2021>. Acesso em: 21 jun. 2022.

No ano de 2015, o valor do barril de petróleo era negociado em US\$ 36,53. Evidentemente, em 2016 o contexto crítico de crise socioeconômica e política se tornou pior, com inflação em níveis elevados o país venezuelano passou a enfrentar a maior taxa de desemprego da história (SIMÕES, 2017). Especialmente entre os anos de 2016 e 2017 o aumento do fluxo intenso de pessoas saindo da Venezuela.

Sobre isso, Iana dos Santos Vasconcelos e Sandro Martins de Almeida Santos (2020), em suas pesquisas apresentam questões sobre as modificações no comércio transfronteiriço. Afirmaram ser a problemática do desabastecimento de gêneros alimentícios no país venezuelano o principal motor de inversão do fluxo de comercialização. Segundo os pesquisadores, “anteriormente brasileiros/as destinavam-se a Santa Elena de Uairén para comprar produtos venezuelanos no comércio que tornavam lucrativas as compras, dada a diferença cambial. Agora são venezuelanos que vão a Pacaraima comprar gêneros alimentícios brasileiros” (VASCONCELOS e SANTOS, 2020, p. 62).

De tal modo, aumentaram os impasses econômicos e o Produto Interno Bruto (PIB) diminuiu consideravelmente, 25% em relação aos anos anteriores. (ICMPD, 2021). A maior parte das pesquisas apontam essa situação da população venezuelana agravada, especialmente a partir do ano de 2015, em um contexto de saída do país pelo recente corredor migratório Venezuela-Brasil, via alternativas terrestres. Dentre as pesquisas que trazem essa abordagem, estão Rosana Baeninger (2018), Oliveira (2020), por exemplo.

Outras fontes que documentam a complexidade do fluxo migratório venezuelano a partir do ano de 2015, marco inicial que sustenta nossa pesquisa de doutoramento, são justificadas, no livro Perfil Sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil, obra organizada pelo pesquisador Gustavo da Frota Simões (2017). Constata-se no livro Crisis y migración de población venezolana. Entre la desprotección y la seguridad jurídica en Latinoamérica (2019), o contexto apresentado no caso do Brasil pela:

[...] masividad del flujo venezolano se alcanzó a partir de 2015-2016 cuando los niveles de pobreza de ingreso afectaron a más de la mitad de la población, las condiciones de asistencia sanitaria eran inadecuadas y la institucionalidad vigente daba claros signos de colapso y debilidad administrativa (GANDINI, ASCENCIO e PRIETO, 2019, p. 12).

Outra referência importante trata-se da pesquisa liderada pela Prof. Dra. Luciana de Rezende Campos (2020), na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), o Projeto de Extensão, Promoção, Monitoramento e Avaliação da Interiorização e da Integração de

Migrantes e Refugiados em Dourados-MS, que explicita o contexto histórico das migrações venezuelanas a partir do ano de 2015.

Corroborando com este mesmo ano, a pesquisa de mestrado de Caio Monticelli (2020) demarca janeiro de 2015 como um momento de instabilidade financeira e crises na Venezuela. Em seus estudos de etnologia com grupos de Taurepáng, - povo caribenho que no Brasil vivem no norte do estado de Roraima¹⁰, Monticelli (2020) relacionou o contexto de crise deste ano à grave queda do preço de petróleo em 45 dólares. Segundo o pesquisador a redução da queda do PIB venezuelano e da renda per capita, desencadeou a perda de poder aquisitivo, elevou à diminuição de renda e o aumento da inflação, todas essas situações culminaram na crise de desabastecimento gerado pela escassez de produtos de primeira necessidade (MONTICELLI, 2020)¹¹. O autor apresentou referências as questões econômicas da Venezuela, mas sem negar as conjunturas políticas do país e desdobramentos de múltiplas crises que mais tarde o país enfrentaria:

A atual crise da Venezuela possui raízes nas políticas populistas iniciadas na Revolução Bolivariana, quando nos fins dos anos de 1990, o governo Hugo Chávez estabeleceu uma série de mudanças políticas, econômicas e sociais no país” (MONTICELLI, 2020, p. 11).

Compete destacar que, para o pesquisador a crise venezuelana de fato é uma crise inserida em um contexto de crises contraditórias, o momento era de efervescência econômica e turbulência social no país, “relacionada à conjuntura internacional do começo de 2015, quando os preços do petróleo venezuelano caíram vertiginosamente no mercado internacional” (MONTICELLI, 2020, p. 11). Introdutoriamente, torna-se fundamental dizer que, o contexto de crises na migração venezuelana foi sendo marcado pela demanda por ajuda humanitária internacional em processo somado às conjecturas e a contornos atravessados.

Abordar essa migração significa também dizer que a crise venezuelana tem importância crucial para a comunidade internacional e, especialmente, para os países da América Latina e do Caribe que coordenam de forma efetiva essa migração, seja no impacto hemisférico, na resolução dos conflitos inter-estatais, ou seja na maneira como a questão da migração é

¹⁰ O estado de Roraima está localizado no tríplice fronteira Brasil-Guiana-Venezuela.

¹¹ Alguns jornais digitais da imprensa brasileira destacam as mesmas questões como principais processos que desencadearam a crise econômica na Venezuela, citamos entre essas fontes El País, G1, Estadão, Gazeta do Povo. Como imprensa venezuelana cita-se consultas ao jornal *El Nacional*.

percebida e administrada pelos países receptores, que tem o fenômeno associado aos novos fluxos migratórios mistos.¹²

Para compreender as dinâmicas de mobilidade da população venezuelana, é necessário abordar as origens da profunda crise humanitária venezuelana, que carrega relações com as conjecturas políticas específicas dos fluxos migratórios que remontam à época do chavismo¹³. Conforme afirmou Pont (2018):

El actual contexto no es resultado de un cambio espontáneo en la dinámica doméstica venezolana, sino que forma parte de un proceso sostenido que se origina con tiene sus raíces en la política económica y social del chavismo, y que escala luego del fallecimiento de Hugo Chávez y el inicio de la presidencia de Nicolás Maduro, que trae aparejada una fortísima caída del precio del petróleo y de la producción petrolera, junto con importantes cambios en el mapa ideológico regional y la consecuente corrosión de la red de sustento internacional concebida y construida por Hugo Chávez. Las consecuencias más inmediatas de la crisis venezolana se aprecian en el plano interno. No obstante, como resultado del elevado protagonismo internacional de Venezuela en las últimas dos décadas, y de la magnitud de las problemáticas mencionadas, también se aprecia un considerable impacto a nivel hemisférico - y que puede tener profundas consecuencias a futuro -, dado por la migración de millones de venezolanos que ven en ella la única respuesta para escapar de esta crisis. Este impacto a nivel hemisférico se multiplica a medida que las repercusiones de la actual crisis - y su probable profundización - se convierten en potenciales riesgos que requieren de estrategias más amplias y diversificadas para hacer frente a/dar respuesta a lo que ya se está convirtiendo en una crisis internacional de gran complejidad (PONT, 2018, p. 130).

Iniciaremos estabelecendo uma análise dos impactos e combinações de fatores geradores de crises desde que Chavez (1999-2013) deixou o poder. Ao fazê-lo o país enfrentou fases distintas de migração, a primeira fase da migração venezuelana ocorreu em 2000 até pelo menos o ano de 2010 ou 2012. Na obra *La emigración venezolana: respuestas latino-americanas*, os pesquisadores afirmam que a fase foi “marcada por la migración de personas de clase media-alta, empresarios y estudiantes, con Estados Unidos y Europa como principales destinos” (ACOSTA, BLOUIN, FREIER, 2019, p. 04). Isso significa que os primeiros a migrarem foram, principalmente, os profissionais envolvidos em diversas atividades de renda média, incluindo aqueles vinculados diretamente à indústria petrolífera.

¹² Para estudar o novo fluxo migratório venezuelano, partimos à luz das análises de João Carlos Jarochinski Silva e Bernardo Adame Abrahão (2018), no que tange a tipologia existente na política migratória, onde considera-se migração forçada aquela necessária a sobrevivência em que apresenta-se elementos diversos e fatores são externos. Portanto uma migração em que pessoas são obrigadas a migrar sem espontaneidade.

¹³ Segundo o historiador Tomás Straka (2019), chavismo é “ En un principio el chavismo fue una alianza de políticos e intelectuales de izquierda y derecha, que tenían en común haber sido «antisistema» desde 1958 y haberse opuesto al neoliberalismo y, en grados diversos, a la democracia representativa El primer programa reformista, para lamayor parte de ellos, pareció haber sido un simple mascarón de proa” (STRAKA, 2019, p. 08).

A partir de 2012 uma acentuada crise econômica foi instalada, especialmente devido à escassez de alimentos e remédios no país venezuelano, seguida pelo aumento de repressão política, o que culminou na segunda fase da migração venezuelana. Nessa fase, observou-se uma movimentação muito heterogênea de pessoas de renda média e baixa que passaram a migrar em busca de melhores oportunidades de vida e de trabalho:

En esta segunda fase, los perfiles de los migrantes fueron más diversos, e incluyeron a personas de diferentes estratos sociales. Los destinos también se diversificaron y aunque hubo venezolanos que continuaron migrando a Estados Unidos y Europa, otros empezaron a establecerse en países vecinos como Colombia, Panamá y la República Dominicana (ACOSTA, BLOUIN, FREIER, 2019, p. 04).

Por último, a terceira fase da migração venezuelana que correspondeu ao período histórico entre 2015 à 2019, definindo o contexto atual da recente crise migratória. Alguns elementos importantes distinguem essa fase das anteriores. Por exemplo, a complexidade dos fluxos migratórios atravessou extratos socioeconômicos distintos, com classes sociais marcadas por poucos recursos econômicos para migrar. Foi uma fase caracterizada pelo aumento de fluxos mistos e pela deteriorização das condições de segurança no atravessamento das fronteiras de países sul-americanos. Abaixo, de maneira geral, apresentamos um quadro com as três fases da migração, suas principais características e os destinos finais da população venezuelana em face das transformações desse fluxo.

QUADRO 1- FASES E CARACTERÍSTICAS DA MIGRAÇÃO VENEZUELANA

| | 2000-2012 | 2012-2015 | 2015 |
|------------------------------------|--|---|--|
| | Migração em busca de novas oportunidades | Fase de desesperança crescente | Características de migração do desespero |
| Estratos Sociais / Classes sociais | Profissionais de renda média - Empreendedores - Estudantes | Uma mistura de pessoas de renda média e baixa | Todos os espectros sociais, mas cada vez mais pessoas de baixa renda |

| | | | |
|---------------------|---|--|---|
| Motivos da migração | -Insegurança - Político - Degradação social geral | Crise econômica - Insegurança -Repressão política - Início da escassez (alimentos e medicamentos) | - Escassez de alimentos e medicamentos em níveis críticos - Fome, futuro comprometido pela desnutrição, aumentando as mortes por escassez - Insegurança - Desespero político |
| Países de destino | - EUA - Espanha - Itália - Portugal | - EUA - Colômbia - Panamá -República Dominicana | - Colômbia - Europa, EUA e outros países ganham popularidade: - América do Sul - Ilhas Caribenhas - Panamá - República Dominicana |

Fonte: Paez y Vivas (2017, p. 02). Traduzido pela professora Silvia Moraes Silva (2021).

O quadro destaca os motivos das migrações venezuelanas ao longo das três fases, destacando as mudanças significativas que ocorreram na terceira fase. Neste período, observamos diferentes motivações, mudanças no perfil migratório e uma diversificação dos países de destino. Essas alterações refletem uma complexidade maior no padrão migratório, com características mais heterogêneas e uma variedade de segmentos de classes sociais envolvidos. Compreender essas especificidades permite uma análise ampla da migração venezuelana, evidenciando uma reconfiguração dentro do próprio processo migratório venezuelano, especialmente quando comparado às fases anteriores.

No entendimento de perfis cada vez mais heterogêneos concordamos com a pesquisadora Rosana Baeninger (2018), que observa “os perfis sociodemográficos diferenciados presentes nesta migração, de acordo com a temporalidade do fluxo” (BAENINGER, 2018, p. 136-137). Complementando essas ideias, “embora o fluxo da imigração venezuelana seja mais volumoso e visível a partir de 2016, o Brasil já experimentava entre 2000 e 2016, a entrada da imigração venezuelana composta por profissionais em cargos de gerência e alta qualificação” (BAENINGER, 2018, p. 137).

Assim, conforme estudado por Paez y Vivas (2017) e pela pesquisadora Rosana Baeninger (2018), na terceira fase da migração, a população da Venezuela experimentou movimentos cada vez mais circulares, buscando outras saídas e adentrando por novas fronteiras. Isso alterou o perfil dos venezuelanos, homens e mulheres, tanto da classe média quanto da população mais empobrecida, e resultou na constituição de novos movimentos migratórios Sul-Sul. Nesse contexto, surgiram novas características dentro desse fluxo, com uma migração transnacional de refúgio em fronteiras vizinhas, perfis diversos, ondas migratórias e temporalidades variadas. Essas características tornaram-se cada vez mais complexas, mistas, heterogêneas e compostas por famílias transnacionais¹⁴.

Tomando como base as pesquisas de Baeninger (2018), compreendemos a migração venezuelana como um fenômeno multidimensional. As complexas transformações nas migrações resultaram novos fluxos mistos e direcionados, indo das fronteiras para outras cidades no Brasil. Em um segundo momento, essas transformações definiram quem migrava de forma autônoma e quem participava do programa de interiorização de venezuelanos do governo federal.

No mesmo sentido das pesquisas de Páez y Vivas (2017) e Rosana Baeninger (2018), as análises de Acosta, Blouin e Freier (2019) destacam toda essa complexidade de características expostas até aqui, especialmente, na última fase da migração venezuelana.

O sociólogo venezuelano Iván de la Vega (2016) abordou as vicissitudes no padrão migratório produzido na última fase, caracterizando-a como marcada pela vulnerabilidade humana, conforma descrito por Paz y Vivas (2017, p. 03) como “migration of despair”.

Partindo dos fatores que condicionam as características e destinos finais de venezuelanos, o Brasil não é mencionado como destino principal, interessante, não? Curiosamente, durante o trabalho de campo, foi revelado que a maioria das mulheres, especialmente aquelas provenientes da parte centro-sul da Venezuela, relatou ter migrado a partir do país colombiano.

Um exemplo que ilustra essa migração para o Brasil a partir da Colômbia é a narrativa da mulher identificada como Roberta Salazar (2021), que propicia uma percepção dessa experiência: “Primeiro decidimos viajar para Colômbia eu e meu esposo, na Colômbia vivi

¹⁴ Entendemos famílias transnacionais segundo análise de Julia Cerda Carvajal (2014), trabalhadora social chilena da Escuela de Trabajo Social de la Universidad Tecnológica Metropolitana del Estado de Chile (UTEM): "Cuando hablamos de familias transnacionales nos referimos a complejas interacciones entre hijos, padres, sociedad receptora y sociedad de origen. Ésta persiste más allá de las fronteras nacionales, debido a que uno o varios de sus miembros se aparta de la unidad doméstica, pero continúa formando parte de la familia, sólo que de un nuevo tipo de ella" (CARVAJAL, 2014, p.03). Consultar referências ao final.

cinco meses, mas também lá tinha muitas dificuldades porque o aumento do número de venezuelanos já não havia oportunidades de trabalho para todos nós”.

Como ponto de referência, o país da Colômbia desempenha um papel crucial na migração venezuelana, como mencionado pela colaboradora Roberta Salazar (2021) e confirmado em outras entrevistas. Muitos venezuelanos migram para a Colômbia em busca de oportunidades antes de seguirem para o Brasil. Logo de início, nesta entrevista, foi apresentada a impossibilidade de se viver na Venezuela, a vida no país foi interpretada por “uma situação sem outra igual”, o mesmo que dizer, uma migração sem precedentes. A Colômbia se tornou um país reconhecido como principal saída de emergência para a população venezuelana naquele período de crise, conforme evidenciado na dissertação de mestrado Fábio Alexandre da Costa Silveiras Amaral (2020).

Os relatos da colaboradora estão de acordo com tais afirmações, porque expressa o entendimento sobre a escolha de migrar para o país colombiano, razões que ela afirma, “como no Brasil a Colômbia também acolheu um número expressivo de migrantes”.

Sobre a vida na Colômbia, a relatora enfrentou desafios econômicos significativos. Ela narrou que, pagava aluguel, água, luz, portanto o dinheiro não era suficiente para cobrir todas essas despesas. Além disso, para ela, o fato de seus dois filhos permanecerem na Venezuela com a mãe dela também teve um impacto emocional profundo, devido à separação de sua família e à falta de uma estrutura compreensível de cuidados maternos. Ela conta “comecei a me ver muito mal porque tinha dois meninos, já estava só na Colômbia porque meu esposo arrumou outro destino foi essa viagem aqui para Brasil, e ele me explicou que tinha que esperar um pouco”. Essa situação evidenciou as dificuldades enfrentadas pelas migrantes.

A narrativa destaca a realidade em que a Colômbia se tornou o principal país receptor de migrantes venezuelanos, funcionando de maneira ampla e sistêmica como um canal ou país de trânsito para outros destinos. Esses destinos incluem o Peru, Equador, Chile, Brasil, além de outros países como México, Costa Rica, Panamá, Argentina, Uruguai, Espanha, Portugal e Itália, conforme documentado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) em 2018.

Outra questão importante na narrativa é o fato apresentado por Salazar (2021) sobre “esperar um pouco”, o que ressalta as imposições a que são submetidas as mulheres dentro dos fluxos migratórios. E neste sentido, a colaboradora ao falar primeiro da migração para a Colômbia já revela uma prática em relação “una realidad multifacética que transpasa el orden secuencial y sistemática del proyecto oficial de colonización” (TEDESCHI, 2020, p. 54).

Uma afirmativa semelhante também é verificada na pesquisa de Andrei Serbin Pont (2018, p. 135), onde é destacado que a chegada de venezuelanos no Brasil ocorreu de forma mais tardia do que na Colômbia. Ele menciona que “a tendencia de desplazamiento a Brasil ha sido mas tardía que en Colombia, dado que hasta el año 2015 no se registraba una presencia significativa de venezolanos en Brasil ya que lamayoría de los migrantes arribaron en el 2017 (con un crecimiento exponencial en 2018)”.

Apesar de Amaral (2020) compreender a complexa diversidade de características presentes na última fase da “migration of despair” e apresentar uma confluência de fatores relacionados às condições econômicas e sociais, o pesquisador não nega também motivações políticas que contribuíram para a emergência da crise venezuelana, e afirma:

A crescente polarização política originou tensões sociais e criou um ambiente político hostil, no qual não existe espaço para o diálogo e para o consenso. Esta conflitualidade institucional alimenta uma crise que, com o passar dos anos, se tornou multidimensional, por consequência da má gestão política e dos desequilíbrios macroeconômicos (AMARAL, 2020, p. 31).

É relevante destacar que as razões políticas estão interligadas às tensões político-sociais distintas experimentadas pelo regime venezuelano, que incluem conflitualidade institucional desde a época de Chavez. E mais recentemente, essas razões tiveram profundas relações com a polarização política, uma vez que o “país vive uma dualidades de poderes legislativos, tendo de um lado a Assembleia Nacional (liderança disputada entre o opositor e autoproclamado presidente da Venezuela, Juan Guaidó, e Luís Parra), e do outro, a denominada Assembleia Constituinte (instituída por Nicolás Maduro e presidida por Diosdado Cabello)” (AMARAL, 2020, p. 31).

Evidentemente que as tensões políticas, rejeições e estratégicas que constroem espaços diplomáticos entre países têm impacto direto nas sanções globais e na história das migrações. Isso ocorre especialmente quando há jogos de poder político e econômico em busca de uma dominação exclusiva eurocêntrica. O controle do poder resulta de um processo de disputa onde elementos não estão separados, pelo contrário, existe uma “malha de relações de exploração/dominação/conflito que se configuram entre as pessoas na disputa pelo controle do trabalho, da natureza, do sexo, da subjetividade e da autoridade” (QUIJANO, 2009, p. 100).

É possível afirmar que as migrações internacionais no Brasil suscitam uma discussão Sul-Sul, que vai além do aspecto geográfico, abrangendo também o geopolítico. O Brasil está inserido numa dinâmica crescente de mobilidade humana mundial e de migrações Sul-Sul. No entanto, enfrenta desafios para integrar as populações migrantes (interfaces das condições de

vulnerabilidades) e contribui para um tipo de enquadramento geopolítico (situação de subalternidade em relação ao Norte global).

Essa questão foi tratada por Rosana Baeninger (2018) e envolve uma reflexão sobre a hierarquia da geopolítica global, considerando as migrações que tradicionalmente se dirigiam para os países do Norte, mas que atualmente enfrentam o enrijecimento das fronteiras e restrições, resultando em um aumento das migrações Sul-Sul.

Com base em Amaral (2020) encontramos argumentos que destacam a necessidade de uma abordagem política sobre o poder para entender a crise humanitária venezuelana na atualidade. Segundo este autor, precisamos contestar distintos interesses dos Estados Unidos, e “isolar a Venezuela do mundo, estrangulá-la com embargos econômicos” (AMARAL, 2020, p. 46). Sua abordagem ressalta as implicações e jogos de interesses por trás das questões de cunho político (questões políticas dos Estados Unidos, Rússia e China), geográfico (o fato do país venezuelano ser um ponto estratégico a nível mundial) e econômico (infinidade de recursos naturais que a Venezuela dispõe, e ao mesmo tempo, a situação de crise extrema pobreza que a população enfrenta).

Assim, diversas questões impactam na multidimensionalidade das crises enfrentadas, revelando contextos de hiperinflação, desabastecimento de produtos como alimentos, remédios, aumento da violência e do crime organizado. A combinação desses fatores acentuou o aumento do fluxo venezuelano desde a terceira fase da migração venezuelana, caracterizada como o contexto da “migration of despair”. No entanto, estudar a migração venezuelana é analisar também os impactos e como ela foi compreendida por outros países.

Pont (2018) toca neste ponto e estabelece uma relação importante para pensar a dimensão migratória e o impacto regional. O autor destaca com a migração foi percebida pelo governo norte-americano, que construiu um discurso politicamente unificado em torno dessa questão, refletindo uma preocupação ideológica e econômica com esse fluxo migratório:

En junio de 2018, el vicepresidente norteamericano Mike Pence inició una breve gira a tres países latinoamericanos, empezando con Brasil donde viajó al norte del país a visitar a uno de los albergues de refugiados venezolanos. EEUU se comprometió a donar 10 millones de dólares adicionales para ayudar a refugiados venezolanos, de los cuales 1.2 millones se dirigirán específicamente a los esfuerzos en Brasil. Pero la discusión sobre Venezuela también derivó en el tema de la separación de familias en la frontera estadounidense. El presidente brasileño Michel Temer y Pence discutieron sobre casos específicos de niños brasileños separados de sus padres, y el vicepresidente norteamericano aprovechó su visita para reafirmar su advertencia a los inmigrantes centroamericanos que viajan a EEUU: “no arriesguen sus vidas o las de sus hijos tratando de venir a los Estados Unidos en un camino manejados por traficantes de drogas y de personas. . . si no puedes venir legalmente, no vengas” (DW, 2018). Cabe destacar que la semana previa al viaje de Pence, el Comisionado de Aduanas y Protección de Fronteras de EEUU, Kevin McAleenan (Giaritelli, 2018),

afirmó en referencia a la crisis migratoria: “Vamos a seguir trabajando en esto desde todos los ángulos. Simplemente no es un problema fronterizo, es un fenómeno de migración regional [...] Tenemos que asociarnos con otros gobiernos para abordarlo” (PONT, 2018, p. 136).

Nessa perspectiva, compreendemos que a gênese da migração venezuelana está na capacidade de pensar criticamente discursos produzidos sobre essa migração.

Dessa maneira, constata-se nesta tese um esforço teórico voltado para uma análise crítica da crise econômica como um dos fatores importantes, mas não único, associado à crise. Isso porque não justifica as circunstâncias de uma emergência humanitária complexa que teve repercussões a nível regional e global, levando ao maior fluxo migratório venezuelano da história. No âmbito do que foi investigado observou-se que muitas disputas políticas embasam as complexas teias de mobilidade venezuelana, deixando uma marca profunda no fluxo migratório e delineando estratégias para controlar a migração a partir de ajuda humanitária internacional.

Em particular, neste ponto, o aporte teórico Sayad (1998) sobre a dinâmica de crises em mobilidade humana e técnicas de controle do Estado permite compreender a dominação colonial na estrutura da migração. A noção de Sayad (1998) de “verdadeira armadilha” oferece um entendimento para a reflexão sobre a condição que a mulher venezuelana migrante enfrenta:

Tudo isso faz com que a imigração, enquanto inserida na relação entre dominante e dominado, enquanto sobre determinada, quando não totalmente constituída por essa relação de dominação, não poder ser livre de toda moral, não pode ser totalmente laicizada (i.e., livre de toda consideração moral). Não há fala, não há discurso sobre a imigração, mesmo os mais hostis, que não apelem para a moral, ou seja, para as boas intenções e os bons sentimentos, para os interesses simbólicos a eles ligados. Assim como o universo doméstico ou a economia da afetividade dos quais a imigração constitui de certa forma um paradigma – ela participa em parte de ambos: o universo doméstico tem aqui como para o universo nacional ou a “nação como família” e a economia da afetividade encontra sua retradução no que podemos chamar de economia da “paixão nacional” - , e sem dúvida, mais do que estes dois objetos sociais, a imigração ainda não se configura como um objeto político propriamente autônomo, ou seja, um objeto político exclusivamente político. O Maquiavel da imigração ainda não foi inventado. Nisso reside, sem dúvida, a razão ou uma das razões que fazem com que seja extremamente difícil conceber ou decidir uma verdadeira política em termos de imigração, objeto fundamentalmente contraditório. Se a política para poder constituir-se como politicamente política, precisa distinguir-se da moral, é o próprio objeto imigração em si que escapa a toda política autônoma, separada da moral. A única política possível em termos de imigração é precisamente uma ausência de política (SAYAD, 1998, p. 60).

O lugar chegado busca reduto de proveito, principalmente quando é reforçado por um discurso em favor do país receptivo. Isso significa que há diversas causas multidimensionais que podem ser mensuradas na migração venezuelana, todas envolvem problematizações e

desafios. Essas questões incluem imposições no entre lugar e a coexistência de diferentes dinâmicas de poder que separam migrantes que chegam no lugar de destino.

Em um contexto socioeconômico, os dados do ACNUR (2022) revelam que até março de 2022 eram mais de 6 milhões de pessoas deixaram suas casas forçadamente e tiveram que solicitar asilo¹⁵ em algum lugar da América Latina e do Caribe devido à crise venezuelana. No Brasil, estima-se que ao redor de 700 mil pessoas atravessaram nossas fronteiras de 2017 e 2022, dessas pessoas, aproximadamente 350 mil permanecem no país (ACNUR, 2022, p. 07).

É evidente que os fatores domésticos, como a falta de água potável, eletricidade, transporte e serviços públicos básicos como saúde, segurança pública e trabalho, têm dificultado enormemente a vida dos venezuelanos. No entanto, ao investigar e ampliar a análise sobre as crises marcadas pela emergência, compreende-se que toda a situação venezuelana foi produzida. Ao construir essa análise, entende-se que o campo político não pode ser separado do sistema de relações mundiais e dominações, mas deve ser pensado como uma função dentro desse sistema internacional de poder:

El énfasis de Pence en esta gira sobre la cuestión migratoria y la crisis venezolana dejan en claro una estrategia de EEUU para reforzar su actual política migratoria: las crisis migratorias, sean la de centroamericanos yendo a EEUU o venezolanos escapando de Maduro, tienen su raíz en la incapacidad de los Estados “emisores” de proveer de seguridad, bienes y servicios esenciales a su población, y tienen como resultado la sobrecarga de las instituciones estatales en los Estados “receptores”(sean estos EEUU, Brasil, Colombia, Ecuador entre otros). Es así como el gobierno norteamericano busca unificar sus líneas discursivas sobremigración y crisis en Venezuela para contrarrestar la controversia en torno al endurecimiento de su políticamigratoria (PONT, 2018, p. 136).

Incorporando a análise de Pont (2018) sobre o tratamento destinado à migração venezuelana, observamos em muitos pontos que suas análises corroboram com as afirmativas de Karla Oliveira (2020, p. 17), especialmente por se tratar de que, “há uma crise que coloca os cidadãos em necessidade de ajuda humanitária”. Nesse perspectiva, é fundamental considerar todas essas questões no campo político, promovendo debates sobre as disputas de narrativas construídas em torno da migração venezuelana, o que permite revelar contradições e desdobramentos das crises em questão.

A ocorrência de uma crise econômica, tão mais grave e difícil, elevou às crises políticas, altas taxas de pobreza e índices de extrema pobreza, bem como, acelerou as desigualdades

¹⁵ Conforme a categorização utilizada para os procedimentos burocráticos de entrada de populações que migram, asilo é concedido em fase a qualquer tipo de perseguição, em que a pessoa pode pedir proteção a outro país, e nesse caso permanece sob jurisdição do Estado (SILVA e ABRAHÃO, 2018).

sociais, colapso do sistema administrativo e de serviços básicos, afetando áreas como alimentação, saúde, educação, acesso de medicamentos. Além disso, fatores como falta de segurança e bem-estar da população, se não foram decisivos ao menos, colaboraram para o aumento do fluxo migratório venezuelano, alto índice de violência, desassossego e instabilidade social da população, diante da ausência de alternativas eficazes para melhorar a vida no país.

Em outras palavras, a ocorrência da crise econômica na Venezuela desencadeou a emergência de uma crise humanitária. E a Venezuela se tornou centro de disputa em meio ao confronto geopolítico global, - como outros povos da Ásia e da África que já sofreram ameaças geopolíticas. Esse cenário se intensificou especialmente a partir da crise capitalista iniciada nos anos de 2008 e 2009.

Do mesmo modo, as estratégias de ingerência da ofensiva capitalista e neoliberal constitui-se um ponto crucial para pensar o repertório de intervenções utilizados pelo governo dos Estados Unidos e seus aliados. A homogeneidade capitalista também deve ser discutida. São muitos os contextos históricos em que foram criadas estratégias geopolíticas e o capitalismo sobreviveu e sobrevive pela acumulação do capital e pelos meios de controle. Conforme afirmou David Harvey, “o controle mais poderoso sobre o espaço (tanto militarmente como economicamente) é exercido por uma burguesia cada vez mais internacionalizada” (HARVEY, 2005, p. 189).

Assim, é tarefa da historiadora identificar os pontos de menor resistência e maior fragilidade, e é dessa forma que refletimos sobre a história de crises com a Venezuela. No aporte teórico de Raphael Seabra (2017), encontramos algumas explicações de que a crise econômica política na Venezuela apresentou determinantes relacionados à crise estrutural do capital, decorrente da crise capitalista global desencadeada em 2008.

Segundo sua análise, a partir da crise capitalista, os vários anos de crescimento forte imperialista dos Estados Unidos chegaram ao fim, e entre as consequências mais dramáticas houve uma forte transmissão da crise para outros países, afetando fortemente a economia europeia e os países asiáticos. No entanto, ao fazer essa afirmação, o pesquisador não irrompe os problemas internos vinculados à histórica dependência econômica do petróleo.

A crise financeira internacional que teve início em 2007-2008, foi abordada por Trevor Evans (2011), professor do Departamento de Negócios e Economia, na Berlim School of Economics and Law:

Como resultado de uma redução drástica da produção industrial nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia, a demanda por energia e outras matérias-primas diminuiu drasticamente, levando a uma queda acentuada nos preços da maioria das *commodities*

primárias, incluindo o preço do petróleo. Consequentemente, os exportadores de petróleo, como Rússia, os países do Oriente Médio e a Venezuela, tiveram uma queda acentuada na sua renda, assim como os exportadores de produtos agrícolas e minerais na América Latina e na África. Finalmente, alguns dos mais pobres do mundo foram afetados pela crise mediante uma diminuição do emprego dos trabalhadores imigrantes e uma queda das remessas que conseguiam enviar para suas famílias nos seus países de origem. Isto foi particularmente acentuado para os trabalhadores imigrantes nos Estados Unidos vindos do México e da América Central, mas também afetou muitos outros trabalhadores imigrantes de outras partes da América Latina, da Ásia e da África (EVANS, 2011, p. 18-19).

Assim, o resultado dessa crise financeira internacional esteve intimamente ligado à economia norte-americana. Nesse período, disparou a recessão e o desemprego, a crise do subprime e o desequilíbrio macroeconômico, o que levou à formação de bolhas nos preços dos ativos. Mais tarde foram intensas as estratégias utilizadas pelos Estados Unidos para retomar o controle e a exploração econômica, resultando na ofensiva imperialista dos Estados Unidos e na histórica dominação capitalista sobre as economias globais, incluindo o contexto da Venezuela.

Após toda essa análise histórica, torna-se evidente o viés das disputas políticas e econômicas em torno da Venezuela, especialmente a dependência econômica do país em relação à produção de petróleo. Conforme já afirmado por Jarochinski “o petróleo é um elemento estrutural na conformação e funcionamento do estado venezuelano” (JAROCHINSKI, 2020, p. 24).

De modo geral, a maioria dos estudiosos que pesquisaram a migração venezuelana trouxeram como ponto crucial a alta dependência do país venezuelano em relação ao petróleo. Por exemplo, o pesquisador Jarochinski (2020) argumentou que essa alta dependência exercia pressão na economia venezuelana, o que ele denominou “crises de governabilidade” para uma total dependência do petróleo venezuelano sobre o próprio país (JAROCHINSKI, 2020, p. 28).

Nessa direção, retomemos que a expansão do capitalismo na América Latina levou ao endurecimento das ações dos Estados Unidos, principalmente em relação à Venezuela, por meio de sanções econômicas. As consequências geopolíticas dessas ações alteraram profundamente a reprodução da vida cotidiana na Venezuela, que dependia das mercadorias produzidas sob o modo sistema capitalista de produção, já que se baseia a circulação de capitais. Refletindo sobre os reflexos socioeconômicos dos bloqueios econômicos (embargos) dos Estados Unidos sobre a Venezuela, podemos observar que:

A falta de diálogo com os EUA agravou a situação econômica e política do país, levando a um verdadeiro colapso, com reflexos negativos no plano internacional. Logo, a Venezuela encontrava-se em um cenário crítico que culminou na sua suspensão do MERCOSUL e de diversos embargos internacionais, além da

inconveniente ameaça de sofrer uma intervenção militar direta dos Estados Unidos, o que levou o governo de Maduro a protocolar, em 26 de março de 2021, uma denúncia contra os Estados Unidos na Organização Mundial do Comércio (OMC) pelo bloqueio econômico imposto desde 2015 (BRITO; SILVA; CARMO, 2022, p. 111).

É crucial avaliar os antecedentes da crise na Venezuela, que incluem a crise geopolítica, a ofensiva imperialista e o boicote econômico imposto ao país, todos os quais tiveram um impacto direto sobre a economia. Além disso, a construção de narrativas, as disputas e os jogos de poder hegemônicos contribuíram para a emergência de conjunturas críticas que agravaram as crises enfrentadas pelo país venezuelano.

Portanto, concordamos que na análise da migração venezuelana é fundamental considerar os fatores econômicos, políticos e sociais, claramente indissociáveis aos contextos transversais à globalização, a vida de mulheres que migraram e de mulheres que não migraram.

A análise da crise econômica na Venezuela proporciona à pesquisadora ferramentas importantes para interpretar outras crises dentro do contexto venezuelano, incluindo a crise geopolítica. E especialmente implica analisar as condições da migração, intervenção e controle de todas as esferas de reprodução e organização da vida social de mulheres venezuelanas (ALMEIDA, MORAES e RODRIGUES, 2020). A situação de desabastecimento e as imposições econômicas geraram outras crises políticas, cujas. A seguir, traremos reflexões sobre a preocupação em explicar as situações antes do migrar a partir do processo histórico vivido pelas sujeitas mulheres apresentaremos implicações, magnitude da crise e os efeitos diretos e imediatos que forçaram grande número de venezuelanas a sair do país.

1.2 “EU COMO MULHER FICAVA TRISTE PELA SITUAÇÃO, PELA FAMÍLIA” ...

As narrativas das mulheres é sempre uma narrativa carregada de informações fundamentadas e descritivas sobre experiências e dilemas em múltiplas dimensões. Sua leitura envolve características da subjetividade, e ao mesmo tempo, de identidade das sujeitas mulheres, evidenciando memórias minuciosas da travessia da migração e dos momentos em que experimentaram a fome.

Como mencionado pelo *Panorama de Migração Regional do International Centre for Migration Policy Development* (ICMPD, 2021), no ano de 2017, aproximadamente 80% de famílias enfrentavam condições de insegurança alimentar. No ano seguinte, em 2018 essa porcentagem atingiu 85%, com grande parte da população sobrevivendo em precárias condições de extrema pobreza e sujeita à subnutrição, desvalorização de moeda nacional e

hiperinflação. Em 2019, o cenário piorou ainda mais, com cerca de 96% da população enfrentando situações semelhantes ou ainda mais adversas do que nos anos anteriores.¹⁶

Assim, a precariedade de condições sociais e a situação de extrema pobreza na vida de milhares de venezuelanas(os) era verdadeira, e a falta de alimento diário para milhões de pessoas, é afirmada nos relatos das mulheres. E para agravar a situação das mulheres quando comparamos os dados da Pesquisa Nacional de Condições de Vida (ENCOVI, 2018), foi observado que os níveis de pobreza entre elas era muito maior comparado aos dos homens (ENCOVI, 2018, p. 22).

Pela pesquisa de doutorado relaciona-se as mulheres venezuelanas que foram expostas à fome, situações de risco, exploração, violência e abusos. Na narrativa a seguir, a mulher ressignifica a própria história vivida na Venezuela e apresenta alguns fatores que a levaram à migrar para o Brasil, na ocasião migrou primeiro o esposo, depois ela e os três filhos:

Porque antes você tinha uma vida tranquila, você compra suas coisas, e de repente tudo muda...Eu tinha minha vida, e de repente a situação você tem sua casa, seu filho, não se sabe o que tinha que comer. Meu marido recebia o pagamento e só dava pra comer um dia. Eu como mulher ficava triste pela situação, pela família. Então decidimos deixar tudo lá e experimentar (GARCEZ, 2021).

Com muita frequência as mulheres que desempenharam suas profissões antes de migrar elucidaram nas entrevistas que “mesmo com diploma de professora com o salário de maestra em Venezuela só o que pode comprar é uma caixa de um litro de leite e uma farinha, uma farinha de trigo. Não se pode comprar mais porque não dá” (Maria, 2021).

Ao narrar experiências históricas anteriores ao processo migratório para o Brasil esta mulher que possui nível superior com Licenciatura Plena revelou condições de vulnerabilidade em meio às conjunturas socioeconômicas, e suas narrativas evidenciaram miudezas, falta de alimentação diária devido alta de preços dos produtos alimentícios e hiperinflação.

Sobre as narrativas da migração é relevante considerar que histórias de mulheres migrantes importam, especialmente porque carregam teias que envolvem pontos de inflexão político, social, econômico e cultural. As limitações do fenômeno que envolvem as dificuldades econômicas não estão presentes apenas para mulheres de camadas baixas da população venezuelana, mas no bojo de dimensões vulneráveis diversificadas e marcadas pelas premissas de crises. Assim:

¹⁶ Para consultas verificar a fonte portal International Centre for Migration Policy Development, disponível em: <https://www.icmpd.org/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

Há alterações na própria tessitura social e geográfica que imprime modificações na relação risco/proteção ou segurança/insegurança no atual estágio da modernidade. Estas alterações deslocaram o risco de um espaço circunscrito para o próprio mecanismo da reprodução social. Em vista disso, a *incerteza* torna-se um elemento chave para compreendermos os novos arranjos socioespaciais em várias escalas e a vulnerabilidade aparece como conceito promissor para operacionalizar a compreensão desta situação vivida em toda parte (MARANDOLA e HOGAN, 2009, p. 34).

De acordo com a Pesquisa Nacional de Condições de Vida (ENCOVI, 2018), constatamos que mais da metade das mulheres acima dos 30 anos residentes na Venezuela viviam em níveis de pobreza extrema. Em percentuais, o total correspondente de 51,2% de mulheres, em relação ao dos homens que é em torno de 47,0% mais pobres.

Neste ponto, um outro fator é extremamente importante para pensar, a situação de pobreza, estruturas desiguais e diferenciadas que permitem refletir sobre divisão sexual do trabalho, papéis de gênero e espaços sociais das mulheres nos processos migratórios. Apesar das mulheres serem extremamente mais pobres em relação aos homens, a pesquisa de Pont (2018) demonstra uma outra faceta:

Cabe resaltar que la mayor parte de estas personas emigraron entre el 2016 y 2018, en reflejo del agravamiento de la crisis generalizada que atraviesa Venezuela. No se observan diferencias de género en los grupos que migran, aunque sí se observa una mayor proporción de migrantes en el rango etario 18-40, lo que implica una gran pérdida de capital intelectual y laboral para el país, agudizando el proceso de descapitalización humana iniciado en la etapa anterior (PONT, 2018, p. 134).

Importa trazer alguns dados sobre o perfil sociodemográfico e laboral dos imigrantes venezuelanos que buscaram refúgio no Brasil, estes permitem conhecer com maiores detalhes por meio de dados quantitativos e qualitativos a realidade dessa população:

[...] Majoritariamente composta por jovens (72% do total entre 20 e 39 anos), e pessoas solteiras (54%). As mulheres representam 48% desse contingente migratório. A presença feminina é alta, se comparado a outros movimentos intensos de migração para o Brasil, como, por exemplo, a migração haitiana a partir de 2011, na qual apenas 17% do total de migrantes eram mulheres (ALMEIDA; MORAES; RODRIGUES, 2020, p. 170)¹⁷.

¹⁷ Resultados da pesquisa “Perfil sociodemográfico e laboral dos imigrantes venezuelanos”. Um desenho metodológico sobre o perfil de imigrantes venezuelanos foi desenvolvido em conjunto e a pesquisa direcionada pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), apoiado do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). A execução contou com pesquisadores da Cátedra Sérgio Vieira de Mello da Universidade Federal de Roraima (UFRR). O trecho citado foi retirado das autoras Tainá Aragão de Almeida, Vângela Maria Isidoro de Moraes e Francilene dos Santos Rodrigues, publicado pela coletânea Interfaces da mobilidade humana na fronteira Amazônica (2020). Para consulta completa, verificar referências.

À vista disso, faz-se necessário que a dependência de renda oriunda do petróleo conduziu o país às mudanças socioeconômicas profundas, implicou na qualidade e expectativa de vida da população, resultou na insegurança alimentar e na taxa de natalidade, o que obviamente apresentou decréscimo entre nascidos no país. E também fez subir a taxa de mortalidade, em geral infantil e materna. De acordo com Castro Méndez e Castro Trujillo (2020), a maior parte de óbitos estavam relacionados as dificuldades de uma dieta alimentar nutritiva.

Segundo o estudo completo da *Radiografía de la Crisis* publicado em Pesquisa Nacional de Condições de Vida (Encovi, 2019-2020), quatro entre cinco venezuelanos(as) sobrevivem em condições precárias e/ou não possuem renda suficiente para se alimentar.¹⁸ Na matéria publicada pela *British Broadcasting Corporation (BBC News)* também é possível constatar a situação da fome neste país. Com o salário insuficiente calculados em bolívares que careciam de poder de compra acentuaram-se as dificuldades de obter uma refeição digna por dia.

Tal realidade foi manifestada entre todas as colaboradoras do grupo de pesquisa, e das narrativas comuns mencionaremos as afirmações de Vera Garcez (2021), por trazer a realidade que o “salário mínimo era insuficiente e a alta dos preços de gêneros alimentícios era tenebrosa”. Ela aponta que a média salarial das professoras no país de Venezuela é de VEB 544.000 por ano, esse valor atualmente equivale no Brasil, cerca de R\$ 146.00¹⁹.

A preocupação de Singer (2020) sobre o aumento da pobreza e a precarização da economia venezuelana, aponta que essa crise está “entre as crises inflacionárias mais duradouras da história econômica moderna, só superada na região pelo que Nicarágua experimentou entre os anos de 1896 e 1991” (SINGER, 2020, p. 01).

¹⁸Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/07/23/pobreza-cresce-na-venezuela-e-ja-atinge-96-da-populacao-do-pais-diz-estudo>. Acesso em: 18 jun. 2022.

¹⁹ Na elaboração desse cálculo referências a Pietra (2023) com dados extraídos na seguinte resolução: A moeda venezuelana é bolívares e está dolarizada, então fazemos uma comparação do salário em bolívares e o valor equivalente em dólares. O valor de VEB 544.000 na Venezuela corresponde a US\$ 27 dólares, então comparando US\$ 27 dólares no Brasil, o valor equipara a R\$ 146.00. O trecho acima parte de explicação elaborada pela colaboradora e cedida para a pesquisadora em 17 jan. 2023.

FIGURA 1- RECORTE DE NOTÍCIA SOBRE A CRISE NA VENEZUELA



Fonte: BBC News Mundo notícia intitulada “Crise na Venezuela: o que é possível comprar com o novo salário mínimo aprovado por Maduro”. Data de publicação: 16 OUT. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50063994>. Acesso em: 24 jan. 2022.

O dilacerante é a certeza de que o direito à alimentação é fundamental e sua garantia implica em condições de vida e saúde humana. Na figura acima são apresentadas, por exemplo, a dificuldade na compra de proteínas, esse alimento importantíssimo para a saúde, pois sua ausência na alimentação pode provocar aumento de doenças elevar risco de morte de crianças na fase da infância, pode impactar na sobrevivência de mulheres grávidas e idosas.

Para a escrita sobre a migração venezuelana, essas reflexões são fundamentais do ponto de vista da produção do conhecimento na área da história das migrações. Segundo Tedeschi (2019, p. 14), "a história das mulheres como história menor é a linha de fuga que impede que sejamos cooptados pelo poder. A opção pelo menor revela uma estratégia afirmativa, positiva e transformadora, com ênfase nas intensidades e nas fissuras da história", o que traz à tona abordagens, enfoques e questões relevantes para compreender esse fenômeno migratório (TEDESCHI, 2019, p. 14).

De acordo com Pierre Nora (1993, p. 14) “tudo o que é chamado hoje de memória, não é, portanto, memória, mas já história”. Sobretudo, ao buscarmos outros olhares sobre as fontes e consideramos narrativas de mulheres venezuelanas, temos consciência das transformações no

fazer historiográfico extrapolando os fatores e motivos já observados na migração venezuelana. Escrever com/sobre mulheres no campo das migrações é evidenciar experiências e nuances da migração, como demonstrada pela historiadora Eliene Dias de Oliveira (2019):

Implica ainda visibilizá-las num processo perpassado pela experiência do trabalho, da memória, da sexualidade, da maternidade, das sensibilidades, da (re) construção permanente das relações sociais, da feminização da pobreza, da feminização das migrações, das migrações e do empoderamento feminino (OLIVEIRA, 2019, p. 545).

Ao cruzar fontes escritas e narrativas orais esmiuçamos fatos históricos referentes aos fatores domésticos na história da migração de mulheres. Nas narrativas de venezuelanas, encontramos experiências dolorosas nos lugares de memórias, pois são marcadas pela fome e por desafios. E nas narrativas podemos mobilizar conhecimento e sentimentos conforme afirma Menezes e Clementino (2020) “saudades, sofrimento e tristeza está escrevendo um texto com suas mãos, olhos e alma, ou seja, trata-se de uma narrativa em que se imprimem a experiência prática da vida, as percepções e seus sentimentos” (MENEZES e CLEMENTINO, 2020, p. 249).

Na narrativa de Roberta Salazar, são evidenciados os riscos de insegurança alimentar. As mesmas preocupações que permeiam a vida de outras mulheres, o cuidado com o alimento de seus filhos e filhas, são baseadas em sua experiência e o cuidado com seus dependentes. Explica ela:

Meu marido recebia o pagamento e só dava pra comer um dia. Eu como mulher fica triste pela situação, pela família. Não ter o que comer, o que dar pros seus filhos, não saber o dia de amanhã, o cuidado especial para seu filho. (SALAZAR, 2021)

A dieta alimentar insuficiente e sem variedades, exigia adaptações por parte das mulheres venezuelanas, como observado por Amaral, a crise alimentar era crônica “as vezes não conseguiam comer, pelo menos, uma refeição por dia” (AMARAL, 2020, p. 41). Além disso, a magnitude da crise econômica limitava a alimentação, como explicitado por diversas mulheres.

Ao qualificar o aumento dos valores nos gêneros alimentícios e de primeira necessidade, Pietra (2021) em sua entrevista explicou que na Venezuela “você poderia trabalhar o mês inteiro e mesmo assim no final só dava para comprar o jantar”. Seu relato é carregado de potência e visão crítica sobre as condições sociais ao finalizar afirmando que “tem muita gente passando fome, as pessoas passam fome mesmo no meu país.”

Obviamente a própria desnutrição está relacionada à dificuldade de conseguir comprar alimentos básicos para uma dieta alimentar. Neste ponto, é tomado por exemplo, os dados publicados em *Panorama de la seguridad alimentaria y nutricional en América Latina y el Caribe* (FAO; OPS, WFP y UNICEF, 2018), onde, de acordo com o documento, após o país do Haiti, é a Venezuela é o país a apresentar maior índice de desnutrição.

A maioria das mulheres relataram que a população venezuelana (sobre)vive diferentes dramas. Segundo elas, a principal problemática está voltada a “falta de recursos para viver”. Ao investigar a falta de recursos, afirmou a pesquisadora venezuelana residente na Venezuela, “há diversas questões, não somente de alimentos, mas do mesmo modo falta medicamentos, insumos médicos” (GONZALEZ, 2021). Com esforços para compreender a magnitude das crises, Pont (2018) nos explica:

Las principales razones para este profundo cambio en las tendencias migratorias venezolanas pueden atribuirse principalmente a los factores domésticos que dificultan enormemente/gravemente la vida de los venezolanos en el día a día. En efecto, se ha agudizado la escasez de alimentos esenciales, lo cual ha llevado a la pérdida de peso por parte de lamayoría de la población (según ENCOVI, 2018, 64% de los venezolanos han perdido un promedio de 11 kilogramos de peso en el último año como resultado de la escasez); y la situación económica ha colapsado (con un 87% de la población se encuentra bajo la línea de pobreza y el FMI estima que la inflación será de 1.000.000% en 2018). A su vez la falta de productos de higiene, medicamentos e insumos médicos corroe fuertemente un sistema de salud colapsado e incapaz de atender las necesidades más básicas de la población; junto a ello, la falta de otros bienes como repuestos automotores limitan seriamente la movilidad de las personas. En paralelo, la violencia generalizada en centros de detención clandestinos y la violación sistemática de los derechos humanos demiles de venezolanos. Por último, las condiciones políticas actuales que no ofrecen una alternativa ni una “válvula de escape” para los venezolanos, aumentando el nivel de violencia gene ralizado. La confluencia de todos estos factores esta forzando a grandes sectores de la población a salir del país, muchas veces en condiciones de elevada vulnerabilidad, lo que tiene un impacto no solo en cuanto a los riesgos al bienestar de estos refugiados ymigrantes, sino también respecto al impacto en los países receptores que deben fortalecer sus propias capacidades estatales para asegurar condiciones mínimas e indispensables de vida para estas personas (PONT, 2018, p. 132-133).

No trecho acima é possível verificar a dimensão econômica e social da migração, como nas entrevistas de mulheres, pois são notórias as preocupações, em especial, demarcando questões relacionadas à deterioração de infraestrutura entre hospitais, clínicas, atendimentos em postos de saúde e estabelecimentos públicos. Suas narrativas incorporam privações de direitos básicos às condições de vida de famílias que tentam (sobre)viver no país, o que torna difícil o sustento de filhas, filhos, a compra de medicamentos e de alimentos. O mesmo que os problemas narradas por Betel Gonzalez (2021) sob a necessidade de pensar “Você pode

imaginar as mães venezuelanas que não podem salvar seus filhos por falta de recursos”? Você pode imaginar o que é isso”?²⁰

As condições de vulnerabilidades foram relatadas por todas as dez mulheres e apresentaram elas em todas as entrevistas realizadas dificuldades de sobrevivência humana. Nas fontes escritas, as precárias condições de vida também são denunciadas em diversos documentos, conforme matéria publicada em 14 de agosto de 2018²¹, que tratou da desnutrição alimentar no país venezuelano. Nesta fonte documental é apresentada a falta de alimentos básicos, privação de recursos que garantam o acesso a medicamentos essenciais ao tratamento de doenças, escassez de produtos médicos hospitalares básicos, o que resulta em suspensões de atendimentos no sistema de saúde público venezuelano e impossibilita sua população de seguir tratamentos, bem como iniciar novos.

FIGURA 2 - RECORTE DE NOTÍCIA SOBRE A FALTA DE ALIMENTOS NA VENEZUELA



Fonte: Diário de Notícias, Global Media Group, 2022 com notícia intitulada: Venezuela: falta de alimentos e medicamentos leva 2,3 milhões de pessoas a deixar o país.

Além da falta de alimentos, constatamos que, em virtude da crise econômica, as suspensões de atendimentos no sistema público de saúde são frequentes. Pelas narrativas das

²⁰ Mensagem de WhatsApp enviada pela venezuelana Betel Gonzalez, para a pesquisadora. O contato em formato de mensagem WhatsApp partiu do Brasil pela pesquisadora no dia 12 de abril de 2021 e alcançou Betel que até a atualidade reside na Venezuela. Betel respondeu a pesquisadora a primeira mensagem de texto em 14 de abril de 2021, ou seja, dois dias depois do primeiro contato realizado. De tão logo a mensagem foi enviada também o fato dela justificar o atraso para responder por ressaltar as dificuldades com relação a comunicação no seu país, disse que estava a dois dias sem acesso à internet na Venezuela. Esse próprio fato pode ser empregado como registro por demonstrar indícios sobre a falta de estrutura e de serviços básicos realidades alarmantes no país.

²¹ Diário de Noticias Lusa. "Venezuela: falta medicamentos leva 2,3 milhões de pessoas a deixar o país". Por Lusa. 14/08/2018. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/venezuela-falta-de-alimentos-e-medicamentos-leva-23-milhoes-de-pessoas-a-deixar-o-pais-9719089.html>. Acesso em: 19 jan. 2023.

mulheres, comprovamos que esta problemática se apresenta e tende a trazer outras nuances e ambivalências para a vida da população. Ou seja, aliado à falência econômica, “há irregularidades que se encontram nos serviços operacionais e no departamento de recursos humanos, bem como os materiais hospitalares em falta”, como demonstrou em seu trabalho de mestrado o pesquisador Fábio Alexandre da Costa Silveiras Amaral (2020, p. 35). Essa realidade representa o oposto da proteção e garantias de direito conforme presumida no Artigo 84 do dispositivo de lei venezuelana, onde lê-se:

Para garantizar el derecho a la salud, el Estado creará, ejercerá la rectoría y gestionará un sistema público nacional de salud, de carácter intersectorial descentralizado y participativo, integrado tema de seguridad social, regido por los principios de gratuidade, universalidad, integralidad, equidad, integración social y solidaridad. El sistema público nacional de salud dará prioridad a la promoción de la salud y a la prevención de las enfermedades, garantizando tratamiento oportuno y rehabilitación de calidad. Los bienes y servicios públicos de salud son propiedad del Estado y no podrán ser privatizados. La comunidad organizada tiene el derecho y el deber de participar en la toma decisiones sobre la planificación, ejecución y control de la política específica en las instituciones públicas de salud (GACETA OFICIAL DE LA REPUBLICA DE VENEZUELA, 1999, 312.176).

Até mesmo para as pessoas que conseguem acesso ao sistema de saúde de um atendimento particular, existe o fato de agravar os elevados custos financeiros. Conforme narrativa de Betel Gonzalez (2021), as dificuldades para as pessoas que conseguem pagar também são intensas, porque nesse caso “as clínicas particulares cobram valores muito caros”. Por esse motivo ela afirma que há muitas interrupções em tratamentos médicos:

A saúde pública não está funcionando, os hospitais não têm insumos para cuidar dos pacientes, os médicos estão lá, mas para que eles possam atender tem que comprar o que precisa. As pessoas, os familiares tem que comprar as luvas que eles usam, medicamentos, etc... e tudo isso é muito caro (GONZALEZ, 2021).

Betel Gonzalez avalia que se “você não tem como pagar as pessoas morrem por falta de remédios e cuidados a tempo”. No trecho transcrito, fica evidente a instabilidade enfrentada para o acesso ao sistema público de saúde venezuelano. As narrativas de Betel (2021) constroem sentido importante, porque permitem pensar na omissão do poder público e nas deficiências que estão acopladas a esse sistema, e que não asseguram a proteção de direitos, mesmo que a Constitucion de la República Bolivariana de Venezuela (1999, p. 193), em seu Artículo 83 do capítulo V garanta:

La salud es un derecho social fundamental obligación del Estado, que lo garantizará como parte del derecho a la vida. El Estado promoverá y desarrollará políticas orientadas a elevar la calidad de vida, el bienestar colectivo y el acceso a los servicios. Todas las personas tienen derecho a la protección de la salud, así como el deber de participar activamente en su promoción y defensa, y el de cumplir con las medidas sanitarias y de saneamiento que establezca la ley, de conformidad con los tratados y convenios internacionales suscritos y ratificados por la República (GACETA OFICIAL DE LA REPUBLICA DE VENEZUELA, 1999, 312.176).

No campo da saúde venezuelana, um complexo de questões alertam para as situações que não promovem os direitos estabelecidos na Constituição Venezuelana (1999). As relações das venezuelanas com todas essas questões, que envolvem o antes e depois da migração, com narrativas capazes de evidenciar nuances das vidas de migrantes, revelam motivações no sentido de esbarrar no âmbito econômico, social e político. As narrativas carregam fragmentos históricos e, portanto, propõem a reflexão sobre direitos fundamentais como saúde, educação e a estrutura de funcionamento dos sistemas públicos, assim como permitem intervir no diálogo político.

A discussão teórica também questiona linhas abissais e as desigualdades sociais entre mulheres e homens, entre mulheres e mulheres, mulheres migrantes e mulheres não migrantes, mulheres que conseguem atendimento e mulheres que não conseguem o atendimento. A proteção e os direitos passam por enquadramentos dos padrões de poder que determinam quem consegue se posicionar socialmente. Em outras palavras, na formação das relações sociais onde “raza e identidad racial fueron establecidas como instrumentos de clasificación social básica de la población”, nos fluxos migratórios contemporâneos de venezuelanas cruzam-se novos marcadores (QUIJANO, 2003, p. 202).

Partindo desse prisma, considera-se fundamental articular as experiências históricas de mulheres venezuelanas às questões que são capazes de provocar,²² conforme documentado pela fonte digital *El Nacional*. Na reportagem, há uma crítica fundamentada ao caótico sistema público, à falta de investimentos no âmbito do direito à saúde e à denúncia sobre a não prestação de serviço de cirurgias e transplantes, que mantem-se permanentemente desativado desde o ano de 2017, segundo informações da La Fundación Venezolana de Donaciones y Transplantes de Órganos, Tejidos y Células (Fundavene).

Conforme registros da Organização Nacional de Transplantes (ONTV), os prejuízos dessa paralisia nos serviços públicos são imensos, e “há indícios que em cinco anos cerca de

²² *EL Nacional*. “Transplante de órganos na Venezuela, una utopia para quem vive contra o relógio”. Por EFE. 18 mai.2022. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/trasplante-de-organos-en-venezuela-una-utopia-para-quienes-viven-contra-reloj/>. Acesso em: 19 mai. 2022.

1.200 pessoas deixaram de receber uma contribuição que lhes permitiria manter sua expectativa de vida”. Desse total cerca de 10% seriam crianças que deixaram de ser beneficiadas pelo transplante de órgãos.

Há a necessidade de frisar que todas essas complexas questões articulam-se aos contextos de crises que seguiram os anos de 2019 e 2020. Corroborando para o contexto, outras duas questões necessitam ser ditas. Primeiramente, as mudanças rápidas e instáveis no cenário político com Juan Guaidó tornando-se um dos líderes de oposição autoproclamado presidente em 23 de janeiro de 2019. Em segundo, a situação de colapso, dimensionada pela pandemia do COVID-19, ou seja, ambas implicaram para acentuar a caótica realidade da população venezuelana. À esse respeito, no artigo publicado pela historiadora venezuelana Margarita López Maya na revista interdisciplinar *Trópico Absoluto*:

Quando a chegada do Covid-19 à Venezuela foi declarada oficialmente em 13 de março de 2020, os deslocamentos na economia, serviços públicos e outras áreas da gestão do Estado continuaram se deteriorando e já estavam chegando a uma situação catastrófica (MAYA, 2021)²³.

No que diz respeito aos meios de vida social, há diversos problemas de direitos essenciais que não são respeitados e agravamento da recessão. Tem-se conhecimento das tensões, pressões políticas de regime autoritário e repressivo, que eleva o cenário de intensa instabilidade, insegurança e irregularidades no país venezuelano. Em sua esfera social, a população tem sua participação controlada entre coletividades, instituições e instâncias governamentais. Há tensões associadas à fragilidade política, coerção, terror, repressões²⁴. Esse contexto resultou na migração de populações venezuelanas brancas, negras e indígenas²⁵.

Entre outras narrativas, Betel Gonzalez (2021) demonstrou sua percepção sobre sentimentos que realçam o que ela considera uma “situação terrível na Venezuela, é tudo vivido com incerteza, é com muita tristeza que vejo tudo que está acontecendo aqui no meu querido

²³ Em caso de dúvidas, consultar artigo de Maya (2021) intitulado Venezuela: pandemia no autoritarismo. Ver referências ao final.

²⁴ A fonte dessa referência são os artigos produzidos por Margarita López Maya disponíveis para consulta na coluna: <https://margaritalopezmaya.com/> Acesso em: 29 jan. 2023. Ver referência completa ao final.

²⁵ Apesar, de não termos fôlego para uma análise ampla a esse respeito, temos conhecimento que as populações indígenas venezuelanas migraram da Venezuela para o Brasil. A etnia indígena Warao, por exemplo, integra o fluxo migratório venezuelano, ela é a segunda maior etnia indígena da Venezuela sendo seus povos oriundos do Norte do país. Há anos a etnia enfrenta dificuldades com relação à xenofobia e inserção urbana. Por serem migrantes indígenas a situação dos Warao é específica. Para informações sobre os indígenas Warao favor consultar outras fontes, como exemplo a fonte documental estudada “Projeto Empoderando Refugiados Indígenas”, desenvolvido em parceria Aldeias infantis SOS Brasil com a Embaixada do Canadá. Disponível para acesso em: <https://www.aldeiasinfantis.org.br/engaje-se/noticias/recentes/projeto-fortalecimento-warao>. Acesso em: 20 set. 2021.

país” (Betel, 2021). Algumas mulheres compartilharam medos, dores, falaram com intensidade, resultando em algumas observações elaboradoras por elas, como durante a fala de Betel “caos que se vive na Venezuela”. Em face ao caos, a colabora na Venezuela enfatiza “que os políticos, que deveriam cuidar disso, não fazem nada, parece que só buscam os próprios interesses”.

Ao trazer essas questões para o âmbito social, há lacunas relacionadas à prestação de serviços básicos à população. Caso se pretenda qualquer tipo de prestação de serviços, “como tirar documentação você encontra dificuldades”. A burocratização dificulta muitas tentativas, como claramente evidenciado ao analisar a narrativa de Betel Gonzalez (2021):

Aqui (na Venezuela) se você precisa de algo essencial como a carteira de identidade, você não sabe se vão emitir, os serviços públicos de má qualidade e você não tem a quem reclamar ou como resolver. Você vai nas instituições que lida com esses serviços e eles te ignoram e você acaba pagando privado (em dólares) para resolver (GONZALEZ, 2021).

Além de questões inerentes à vida social, a trabalhadora venezuelana apresenta preocupações com relação à burocracia, o que segundo ela denomina “ falta segurança jurídica e social”. A violação dos direitos e a extorsão são realidades enfrentadas no cotidiano pela população, uma vez que “algumas agências extorquem dinheiro, a corrupção é muito grande aqui” (GONZALEZ, 2021).

A narrativa acima remete à denúncia de práticas que impossibilitam a garantia de direitos fundamentais, cumprimento da segurança e o de ter acesso aos serviços básicos. Confronta-se com práticas no âmbito social da vida e, segundo informou em junho de 2018, o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), essa impunidade por violações de direitos humanos na Venezuela já era “generalizada”.

A fala de Betel Gonzalez (2021) também se conecta ao contexto trazido para discussão pela embaixadora da Venezuela no Brasil, Maria Teresa Belandria (2020). À mercê de muitos entraves burocráticos, há cerceamento de direitos, como por exemplo, o direito de migrar. Transcrevendo sua narrativa: “Muitos sofrimentos inclusive para quem quer migrar”, as pessoas que saem do seu país elas precisam de segurança para chegar no outro país” (BELANDRIA, 2020).

Tais problemáticas já foram discutidas em reuniões pela Agência da Organização das Nações Unidas (ONU) e Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) estão entre os elementos dentro dos fluxos migratórios venezuelanos. Na ausência de ações políticas, há presença e controle de grupos armados, entre outras adversidades, inclusive

relacionadas à busca de segurança para diferentes etnias indígenas que também integram os fluxos migratórios²⁶.

Com relação às questões que envolvem segurança, sistematizamos que há muitos problemas distribuídos entre etnias indígenas venezuelanas. Mencionamos os episódios trágicos e repressivos que eclodiram no país e dizimaram grupos indígenas da etnia Pemont-Taupã. A saga dessa etnia indígena é carregada de elementos que devem ser analisados em suas especificidades. Os imigrantes indígenas (sobre)vivem entre vulnerabilidades e violência, e a partir de certos eventos, o processo de migração é distinto, assim como as motivações e os fatores que levam etnias a migrarem para outro território.

Diversos fatores são fundamentais para o total entendimento sobre os fluxos migratórios de populações indígenas venezuelanas, tais como a deterioração das condições de subsistência dos povos indígenas, o êxodo urbano, a invasão progressiva de suas terras, a compreensão dos territórios e seus desdobramentos, os ataques e as ações de populações não indígenas e a utilização de violência. Sendo assim, há muitos desafios para etnias indígenas que integram o fluxo migratório da Venezuela para o Brasil. Ao buscar fortalecer esse diálogo salientamos o contexto dos povos indígenas Warao, E'ñepa, Ka'riña, originários da Venezuela que estão há mais de três anos no Brasil²⁷. Eles vivem uma situação totalmente nova, são indígenas de um outro país e não tem direito garantido à terra. Lutam pelo respeito e buscam novos caminhos. Então, se analisarmos o que é ser uma mulher, pobre, indígena, venezuelana que migrou para Dourados? Temos mais um grupo que pode ser analisado.

Maria A. Moraes Silva no texto “O que o imigrante traz em sua bagagem? O que ele deixa para trás?” nos mostra que: “Antes de ser imigrante, ele é o emigrante, aquele que deixa seu universo social (cultura, modo de vida, valores, trabalho, sociabilidade) e se dirige a outro universo social, independentemente das fronteiras geográficas”. (SILVA, 2020, p. 228).

²⁶ ONU News. Indígenas da Venezuela cruzam a fronteira com o Brasil em busca de segurança. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/08/1683421>. Acesso em: 30 set. 2021. Dúvidas consultar as fontes disponíveis em: <https://news.un.org/pt/story/2019/08/1683421>. Acesso em: 12.05.2022.

²⁷ O Conselho Indígena de Roraima (CIR) em parceria com o Fundo das Nações para a Infância (UNICEF) e uma equipe de organizadores, entre representantes indígenas Warao, E'nepa e Ka'rina construíram o Plano de Vida dos Povos Indígenas Originários da Venezuela, Warao, E'nepa, Ka'rina no Brasil (2022). No plano é apresentado o contexto vivenciado pelos povos indígenas venezuelanos no Estado de Roraima, entre dificuldades e desafios buscam garantia de ônibus escolar, diálogos entre governo, estados e municípios de modo a atender demandas de direitos, empregos e inserção de populações indígenas nos diversos âmbitos da vida humana e social. Como anseios os povos buscam para que “possam viver em uma comunidade organizada, estruturada com educação tradicional e formal, saúde, sustentabilidade; anseiam também pela produção dos seus mantimentos e que não precisem deixar de falar a língua materna e ter reconhecidos os seus valores, crenças, costumes, tradições para viver fora das suas realidades comunitárias” (2022, p. 19). Para informações completa sobre a fonte de pesquisa consultar referência bibliográfica ao final.

Uma leitura é apresentada quando se analisa o sentimento coletivo trazido pelos representantes das populações indígenas Warao, E'nepa e Ka'rina no relatório Plano de Vida dos Povos Indígenas Originários da Venezuela, Warao, E'nepa, Ka'rina no Brasil (2022, p. 25): “os povos indígenas originários da Venezuela Warao, E'nepa, Ka'rina, no Brasil, têm que desfrutar dos mesmos direitos sociais dos cidadãos natos”.

Vale salientar que consideramos especificidades entre os processos migratórios de mulheres e homens, populações indígenas e não indígenas, mulheres negras e não negras. Defendemos que a migração não é única, pois ela apresenta natureza distinta e múltipla, e, portanto, representações diferentes. Reconhecer todo esse processo é atribuir significado às histórias de quem migra. Ou seja, há uma gama de elementos que constituem os fluxos migratórios, o convívio e as visões sobrepõem à migração, e a escrita desta tese compete buscar compreender esses universos através de narrativas de quem experimentou a migração e nos conta, construindo referências, destruindo e contestando paradigmas na migração.

No que se refere as tensões políticas, no país venezuelano, segundo as narrativas de quem conta não há articulações do governo capazes de transformar o contexto caótico de crise enfrentado pela população. Pelo contrário, as narrativas expressam um sistema político que aparentemente demonstra fragilidade, e algumas mulheres mencionaram, inclusive, brigas entre grupos, como podemos notar em nove entrevistas concedidas.

A deteriorização das condições de vida, recessão, endividamento externo, hiperinflação, cortes nos serviços essenciais, como água, gás de cozinha, combustível, internet, não somente trouxeram transformações na vida da população venezuelana, como igualmente acentuaram a dinâmica migratória e levaram ao colapso de crises. Em meio à preocupação de estudar a crise multidimensional venezuelana Amaral (2020) afirmou:

Para que seja claro, a multidimensionalidade da crise prejudica a população venezuelana a vários níveis e subníveis, sendo equiparada a uma doença que se dissemina e deteriora tudo em que toca, neste caso específico, os setores de natureza política, econômica, social, cultural, educacional, nutricional, humanitária, sanitária, entre muitos outros (AMARAL, 2020, p. 31).

As consequências das crises multidimensionais alteraram profundamente as oportunidades e estruturas financeiras dentro do país. Diferentes combinações de fatores impulsionaram várias empresas a retirar capital da Venezuela, e as indústrias que não fecharam reduziram a demanda de funcionários, resultando em um alto índice de desemprego no país e na exclusão de milhares de famílias.

1.3 A OPERAÇÃO ACOLHIDA: POTENCIALIDADES E LIMITES

Entre os anos de 2017 e 2018, o aumento do fluxo migratório transfronteiriço de venezuelanos pelo estado de Roraima foi evidenciado como um destino de passagem para chegar a outros estados, conforme analisado pelas pesquisadoras Gilmara Gomes da Silva Sarmento e Francilene dos Santos Rodrigues (2020).

Inicialmente, a recepção dos venezuelanos dependia do protagonismo de diferentes grupos não confessionais que atuavam no território fronteiriço entre Brasil e Venezuela, com destaque para o “forte ativismo religioso de setores da igreja católica, associações comunitárias, organizações não governamentais e entidades da sociedade civil”, além de grupos de mediação de projetos de pesquisa e extensão da Universidade Federal de Roraima - UFRR (SARMENTO e RODRIGUES, 2020, p. 21). Estes grupos desempenhavam um papel maior na acolhida do que as instituições governamentais, e veremos como isso estruturava as disputas simbólicas no campo de ações dessa acolhida.

Com relação ao contexto de criação da Operação Acolhida, esta foi a primeira resposta do Brasil signatário desde as primeiras convenções²⁸ ao acolhimento de imigrantes provenientes da Venezuela. Ela foi associada ao aumento do volume de pessoas que migravam permanentemente, o que alarmou as autoridades para a estratégia ou o processo de interiorização Operação Acolhida.

Para este tópico da tese, serão trazidas algumas informações importantes do trabalho de Marcelo Ferme dos Santos (2020) sobre a perspectiva de refletir criticamente a estrutura militar da missão humanitária. Pretendemos, ao fazê-lo, esmiuçar as potencialidades e os limites estruturados no tratamento disponibilizado na Operação Acolhida, considerando necessário para a construção da crítica que pretendemos tecer nos próximos capítulos. Para tanto, o conceito básico de interiorização apresentado pelo autor é o seguinte:

Processo conduzido pela FT Log Hum que retira o imigrante venezuelano do Estado de Roraima, levando-o até um local onde irá reencontrar familiares (processo de reunificação familiar), promover a reunião social, conectar-se com um empregador que lhe sinalizou vaga de emprego, ou ainda, ser recebido em um abrigo o governo ou ofertado pela sociedade civil (SANTOS, 2020, p. 31).

A sigla FT Log Hum diz respeito à Força Tarefa Logística Humanitária para o estado de Roraima, constituída por meio do decreto presidencial número 9285, Instrução de N°.

²⁸ Historicamente com a Lei N° 818 de 18 de setembro de 1949, Lei N° 6.815, de 19 de agosto de 1980, Estatuto do Estrangeiro, e as mudanças na nova Lei de Migração, Lei de N° 13.445, de 24 de maio de 2017.

1/2018, de 15 de fevereiro de 2018. Nesse decreto o governo federal “reconheceu a situação de vulnerabilidade decorrente do fluxo migratório venezuelano”. A partir do decreto criou-se o Comitê Federal de Assistência Emergencial, e junto ao Ministério da Defesa foi publicado Diretrizes Ministeriais N. 03/2018, como “uma resposta ao grande fluxo migratório de venezuelanos que chegavam ao Brasil” (SANTOS, 2020, p. 13).

Devido ao crescente aumento do fluxo migratório, o governo federal ordenou e coordenou em conjunto com a Marinha do Brasil, Exército Brasileiro e a Força Aérea Brasileira, o estabelecimento da Força Tarefa Logística Humanitária para o estado de Roraima (FT Log Hum – RR). O emprego de recursos operacionais militares foi constituído em colaboração com cerca de 120 (cento e vinte) agências e instituições civis, incluindo órgãos governamentais nos níveis federal, estadual e municipal, como a Polícia Federal (PF), Exército Brasileiro (EB), Defensoria Pública da União (DPU), Conselho Tutelar, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), Agência da ONU para Refugiados, Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), Organização Internacional das Migrações (OIM), Força Nacional de Segurança Pública (FNSP), Receita Federal, Ministério da Cidadania e o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA)²⁹.

Sarmiento e Rodrigues (2020) abordam que a entrada dos atores hegemônicos com incidência nas ações de acolhimento foi transformada em um modelo de governança com paradigma militarizado:

O estabelecimento das Agências Internacionais em Roraima atribuiu um duplo significado às ações humanitárias. Por um lado, significou a chegada de “expertos” na condução do tema e, por outro, significou a chegada de recursos econômicos internacionais para a causa. Sendo assim, o prestígio das Agências as colocou no centro de uma disputa simbólica, envolvendo atores da sociedade civil e políticos locais. Na ótica dos primeiros, os agentes do estado buscavam oportunisticamente cooptar as Agências Internacionais para se beneficiarem dos recursos sociais (o prestígio) e econômicos (financiamento) representados por essas organizações externas (SARMENTO e RODRIGUES, 2020, p. 27).

A estratégia de reconhecer a situação de vulnerabilidade decorrente desse fluxo levou à execução da Operação Acolhida como um plano emergencial³⁰ para a assistência juridicamente

²⁹ Existem também algumas organizações filantrópicas que atuam em colaboração como: Cruz Vermelha, Unicef, Refúgio 343 e Conectas Direitos Humanos.

³⁰ Utilizamos o termo plano porque, embora ações de interiorização, defendo como proposta a necessidade de pensar uma política abrangente que construa em termos compreensíveis a transformação no campo de atuação e política pública capaz de produzir estratégias assertivas, no que tange à vida social com diálogos coletivos junto à populações que migram.

prevista, com o objetivo de assegurar direitos das populações migrantes, conforme o Artigo 4º da Lei Nº 13.684 de 21 de junho de 2018:

As medidas de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária têm o objetivo de articular ações integradas a serem desempenhadas pelos governos federal, estaduais, distrital e municipais, por meio de adesão a instrumento de cooperação federativa, no qual serão estabelecidas as responsabilidades dos entes federativos envolvidos³¹.

Asseguradas as ações que pautavam a Operação Acolhida, “em março de 2018, as Brigadas militares do exército, marinha e aeronáutica, oriundas de diferentes partes do Brasil, chegaram ao estado para compor a Força Tarefa Logístico-Humanitária, denominada Operação Acolhida” (SARMENTO e RODRIGUES, 2020, p. 28).

Enfatizamos alguns elementos importantes na estruturação da Operação Acolhida. Trata-se de uma missão civil que compreende o ordenamento da fronteira com um fluxo migratório controlado, estruturado por uma logística militarizada de fronteira Brasil-Venezuela e entre Estado e sociedade civil, com vigilância é intensificada, especialmente na linha de fronteira próximo a cidade de Pacaraima-RR³². No interior da operação, o projeto é composto por três pilares de ação: ordenamento da fronteira, abrigamento ou posição de acolhimento, e interiorização ou condução a etapa de interiorização³³.

Ao observar a atuação, podemos notar características de militarização na condução das ações humanitárias. Sobre isso, é bastante oportuno lembrar que os recursos financeiros e humanos, assim como, as formas de controle combinam-se à presença e atuação das Forças Armadas dentro da própria operação (SARMENTO e RODRIGUES, 2020). A Conectas, que apresenta diversas pautas de Direitos Humanos, demonstrou severas críticas e expressou preocupações no sentido de pensar políticas públicas de migrantes na sociedade de chegada³⁴.

O ponto de partida de todo o processo inicial da Operação Acolhida é considerado após atravessar a fronteira sendo coordenado pelas forças da Marinha, Exército e Aeronáutica. O

³¹ Remete a citação da página 01, conforme a integra o Artigo 4º da Lei Nº 13.684 de 21 de junho de 2018, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Msg/VEP/VEP-347.htm Acesso em: 12 jan. 2023.

³² Pacaraima é uma cidade brasileira que faz fronteira com a Venezuela.

³³ As informações tem como referências a Diretriz Ministerial Nº 03 2018. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/exercicios-e-operacoes/acoes-humanitarias/operacao-acolhida/arquivos/diretriz-no-3_operacao-acolhida.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023. Para consulta da fonte ver bibliografia ao final.

³⁴ Estas informações estão disponíveis em Correio do Lavrado, “É preciso um quarto pilar na Operação Acolhida, o de Integração, sugere Conectas”, e podem ser consultadas pelo acesso: <https://correiodolavrado.com.br/2019/03/22/e-preciso-um-quarto-pilar-na-operacao-acolhida-o-de-integracao-sugere-conectas/> Publicado em 22 mar. 2019. Acesso em: 13 jan. 2024.

primeiro contato da população venezuelana com o novo lugar é realizado neste momento, onde são identificadas as condições migratórias no Posto de Recepção e Identificação, Posto de Triagem ou Posto de Atendimento Avançado em Pacaraima (SANTOS, 2020).

Toma-se as narrativas da mulher Hernandez (2021), que demarcam as experiências históricas de outras mulheres no ordenamento da fronteira, revelando uma conscientização sobre a dinamicidade do processo, carregado pela necessidade de obtenção de entrada legal. Ela explica que “ao chegar em Pacaraima foi oferecido uma assistência inicial, esse procedimento parecia ser necessário a cada migrante que chegava ali. Ali eles buscavam algumas informações e os cuidados são reservados as pessoas que migram e que buscam aqueles postos” (HERNANDEZ, 2021).

A assistência inicial à qual Pietra se refere trata-se do Posto de Recepção e Identificação (PRI) também chamado de Posto de Triagem (PTRIG). Pesquisamos sobre esses postos e o que verificamos foi que ao atravessar a fronteira mulheres precisam se direcionar para esses postos, que se encarregam de questões burocráticas para providenciar os documentos iniciais, trabalho esse inicialmente organizado pela Polícia Federal, conforme descrito anteriormente.

Nesse ponto, a narrativa de Hernandez (2021) enfatiza os postos como “lugar de assistência”. Na entrevista, ela detalha alguns aspectos da experiência histórica vivida neste lugar:

Lá migrantes tem atenção necessária pelo menos no primeiro dia, já no segundo dia eles falavam que era prioridade para outras pessoas que vão chegar. Ai você ficava um (dia) lá não podia pousar de novo, mas a prioridade era para as pessoas que vão chegando de novo (HERNANDEZ, 2021).

Hernandez (2021) contrasta as relações e os objetivos sob a dimensão de uma assistência social, entendida como acolhida inicial para somente receber e organizar os documentos de quem migra. Ela não se surpreende com o fato de não ser permitido às migrantes permanecerem por muitos dias neste posto, já que essa acolhida inicial é lugar de chegada de muitas outras pessoas que estão pelo meio da estrada, buscando refúgio, abrigo e um entre lugar.

Devido ao grande número de pessoas que começaram a buscar a migração, não há recursos financeiros disponíveis e as estruturas físicas são insuficientes para atender à demanda de venezuelanas/os que entram pela fronteira e não têm para onde ir. A fim de assegurar que as pessoas tenham acesso ao conjunto normativo que possibilita a regularização migratória de venezuelanos é marcada a presença institucional para atender e organizar a documentação

necessária para entrada no Brasil³⁵. O fluxo migratório venezuelano é dirigido e controlado como afirmou Pietra Hernandez:

Tudo se organiza ali, onde você tira CPF, coloca vacina, se falta alguma vacina, onde dá refúgio ou residência para você, isso tudo você já tem claro tem que ter a resposta. Você fica ali até tirar seu CPF, sua residência, se tivesse você tinha que dar seu endereço para onde você vai chegar, se tem endereço que você vem para cá para Mato Grosso do Sul você tem que dar certinho todo o endereço falar que é eu tenho parente em Mato Grosso do Sul, Dourados, o CEP é esse esse e tal, tudo assim... Aí se você não tem nada só fica com o refúgio mesmo (HERNANDEZ, 2021).

Neste ponto, o corpo-território engendrado à migração é o lócus onde operam determinadas relações de poder em um poderoso regime de vigilância e regulação. Tal estratégia de poder é direcionada para fins específicos. Como Pietra, também as outras mulheres inscreveram essa vivência do corpo-território entre lugar provisório. De modo muito peculiar e importante, cada uma das mulheres carrega memórias ressignificadas sobre sua condição ao atravessar a fronteira Venezuela-Brasil, aquela que permaneceu na condição de refúgio, mulheres que sofreram opressões carregadas pelas dinâmicas do poder, entraves burocráticos e impedimentos, e àquelas que conseguiram legalizar toda a documentação exigida. No sentido de análise em Judith Butler (2002), aqui são corpos abjetos cujas vidas são desconsideradas, anuladas, e cuja materialidade é entendida como não importante, sendo um corpo sempre subordinado e regulado.

O segundo pilar de ação da Operação Acolhida é denominado abrigamento ou posição de acolhimento. Para quem migra dentro do plano da operação, se entende que esse processo consiste no alojamento. Existem treze abrigos em Roraima, sendo dois na cidade de Pacaraima e onze em Boa Vista. O Alojamento de Trânsito de Manaus (ATM) foi inaugurado em julho de 2019, é a estrutura com maior capacidade de recepção de migrantes e refugiadas (os) que foram interiorizados pela Operação Acolhida. Esse aspecto de encontrar abrigos em postos de acesso organizados pela Força-Tarefa Logística Humanitária, pode parecer uma possibilidade, mas não esgotam-se provisoriades que enfrentam mulheres ao migrar, e há elementos nas falas de colaboradas que, concomitantemente comprovam esta afirmação e que será tratada no próximo capítulo.

À constatar o terceiro pilar, denominado interiorização ou condução, há a etapa de interiorização. De acordo Sarmiento e Rodrigues (2020), essa etapa consistia no momento

³⁵ Dentre pesquisas científicas que apontam está constatação estão os estudos realizados por Edgar Andrés Londoño Niño (2020). Consultar referências ao final.

posterior a realização dos atendimentos sobre as formas de controle em relação aos imigrantes venezuelanos, que chegavam. Em suma:

A partir de 2019, a Operação entrou no que eles chamaram de “a nova fase da acolhida”. Nesta fase, a *interiorização* dos migrantes, ou seja, a transferência dos venezuelanos do estado de Roraima (distribuí-los) para outros estados da federação tornou-se a prioridade (SARMENTO e RODRIGUES, 2020, p. 30).

É nesta etapa que se revelam os limites da Operação Acolhida. Marcelo Ferme dos Santos (2020) aponta que o processo de interiorização visa promover a “reinserção socioeconômica de famílias venezuelanas refugiadas no Brasil e diminuir a pressão sobre os serviços públicos do estado de Roraima” (SANTOS, 2020, p. 30).

Desse modo, o entendimento do plano de ação da Operação Acolhida permite distinguir dois momentos distintos: Um primeiro, concentrado especificamente no ordenamento da fronteira, operando com medidas de assistência em Roraima, Pacaraima e Boa Vista. Vale ressaltar que, Pacaraima é conhecida por ser o polo norte de Roraima e por ser o primeiro município brasileiro na fronteira com a Venezuela, sendo caracterizado como rota principal para a entrada de pessoas provenientes do país. Um segundo momento refere-se à articulação da Operação Acolhida a ações de interiorização por etapas e modalidades específicas, incluindo cinco modalidades distintas, em direção aos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, e cidade de Cuiabá.

A seguir, é trazida uma afirmação não para legitimar a Operação Acolhida, mas para descortinar o seu caráter oficial e militarizado durante a ação, a fim de construir possíveis interpretações a leitora(o) crítica(o): “Todos os órgãos estarão representados e fazendo parte dessa força tarefa logística humanitária, que atuará diretamente em Pacaraima, recebendo migrantes e depois os trazendo de maneira cadastrada para Boa Vista. A partir daqui, pelo planejamento, haverá a interiorização de alguns desses migrantes”³⁶.

Sob essa ótica, pretendemos analisar a atuação da interiorização de migrantes para os estados brasileiros, a estruturação do poder e o controle da instituição Estado sobre pessoas migrantes provenientes de outros territórios e estabelecido a partir dos corpos. Nos estudos migratórios, analisamos que existem relações de poder operadas para controlar e regular os corpos, determinando quais são permitidos permanecer e quais são submetidos a voltar. O

³⁶ A afirmação é parte da entrevista realizado pelo comandante general Gustavo Dutra, da Primeira Brigada de Infantaria e Selva, ao G1 Jornal Nacional, edição do dia 19 de fev. de 2018, disponível para consulta em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/02/por-dia-800-venezuelanos-entram-no-brasil-pela-cidade-de-pacaraima-rr.html>. Acesso em: 25 jan. 2022.

contínuo controle fronteiriço em Pacaraima, mesmo antes da instalação da Operação Acolhida, com postos da Polícia Federal e Receita Federal, é um exemplo claro dessa realidade (VASCONCELOS e SANTOS, 2020).

O processo de interiorização de venezuelanos dentro dos estados brasileiros foi uma estratégia implementada a partir da Operação Acolhida buscou não apenas lidar com o fluxo migratório crescente, mas também diminuir os impactos sobre os serviços públicos na região norte do Brasil, assim foi “estabelecida para aliviar a pressão sobre os serviços públicos da região norte, em especial nas áreas de saúde, assistência social e educação, e para permitir novos recomeços e oportunidades de vida para venezuelanos que desejam permanecer no Brasil”³⁷.

Portanto, surgiu como resposta e foi articulada para direcionar o fluxo de venezuelanos que chegavam, e isso estabelecia novas configurações para além da fronteira. No cunho da Operação Acolhida foram agrupadas etapas, modalidades de interiorização específicas que estruturaram-se em “quatro modalidades distintas, possuindo cada uma delas seus pré-requisitos distintos” (SANTOS, 2020, p. 32). Por considerarmos que os critérios possuem caráter marcadores e firmados por Decretos Ministeriais que regularam a vida de populações venezuelanas que migraram, trataremos de descrevê-los segundo as definições:

A modalidade Abrigo-Abrigo serve para deslocar os migrantes que se encontram nos abrigos das cidades da Região Norte para abrigos em outros Estados da Federação, afim de diminuir a pressão sobre os serviços públicos e sobre as vagas de trabalho no estado de Roraima particularmente. A Reunião Familiar é a modalidade que tem por finalidade restabelecer os laços familiares entre migrantes que foram interiorizados anteriormente. Normalmente acontece de um migrante com vaga de emprego ser interiorizado e posteriormente sua família o encontrar no local de destino. A terceira modalidade é a Reunião Social, onde os migrantes se reúnem com pessoas conhecidas, sem vínculo familiar, que comprovem ter condições de acolhimento. Por fim, a modalidade de Vaga de Emprego Sinalizada abarca os migrantes que conseguem uma vaga de emprego comprovada por empresa, recebendo assistência social da rede local e sociedade civil. Em qualquer uma das modalidades de interiorização o migrante deve ser voluntário e passar por uma série de procedimentos que veremos a seguir (SANTOS, 2020, p. 32-33).

Apresentadas as modalidades de interiorização é crucial entender os limites e as ações em contextos direcionados, muito específicos, os que estão sob responsabilidade do Estado e fundamentados basicamente pelo suporte técnico-logístico, visando controlar o fluxo e operar

³⁷ Segundo a Plataforma Regional de Coordenação Interagencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela (R4V), publicado em 11 jan. 2022. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/document/informe-de-interiorizacao-dez2021>. Acesso em 26 jan. 2023.

com assistência humanitária.³⁸ No entanto, em nossa análise, percebemos que essa abordagem mais institucionalizada do processo de construção das modalidades de interiorização tornou o processo migratório pouco humanizado, ocultando trajetórias de vida e outros processos migratórios, deixando brechas para o surgimento de “histórias não registradas, mal documentadas e ocultas da migração” (THOMSON, 2002, p. 343). Pretendemos direcionar nossa atenção e reflexão para essas histórias não registradas.

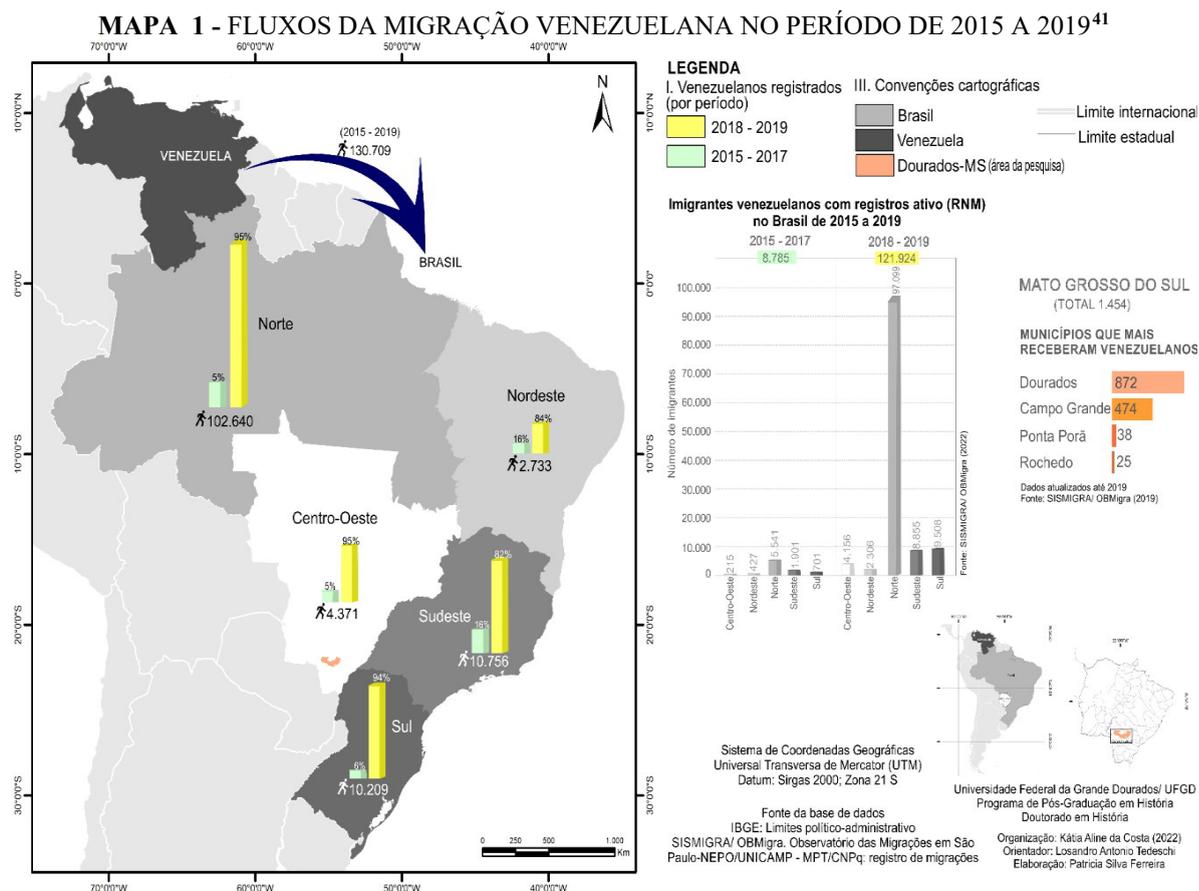
As agências e os recursos utilizados, como a produção de informes e relatórios, para tratar da amplitude do fluxo migratório venezuelano não conseguiram documentá-lo, e todos os esforços para atualizar os números de registros, de certa forma, dependiam do próprio olhar histórico para a migração³⁹. Para a Operação Acolhida, tornou-se prioridade produzir registros com os números de venezuelanos interiorizados, solicitantes de refúgio e atualizar pedidos e processos de ativos. No entanto, o impacto do fluxo migratório foi, obviamente, superior aos cálculos realizados⁴⁰.

Concordamos com Souza (2020), sobre a dificuldade de precisão de informações contempladas em relatórios e informes produzidos sobre a Operação Acolhida. No entanto, apesar disso, é importante utilizar das informações analisadas, pois alguns dados são fundamentais para refletir a realocação de migrantes venezuelanos para regiões e estados do Brasil.

³⁸ Esta análise parte de reflexões a partir da página 01 do documento original Diretriz Ministerial N° 03 2018, que reconhece a situação de vulnerabilidade do Estado de Roraima e institui o Comitê Federal de Assistência Emergencial para o acolhimento de pessoas venezuelanas. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/exercicios-e-operacoes/acoes-humanitarias/operacao-acolhida/arquivos/diretriz-no-3_operacao-acolhida.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023. Para consulta da fonte ver bibliografia ao final.

³⁹ Nesse ponto, fazemos referência aos informes, relatórios de documentos e painéis publicados pelas fontes de pesquisas: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), Plataforma Regional de Coordenação Interagencial R4V (Response for Venezuelans). Também foram estudados os registros ativos (RNM) de imigrantes venezuelanos no Brasil.

⁴⁰ Há imprecisão nos dados sobre o impacto do fluxo migratório, o que ocorre devido algumas lacunas como, o cálculo com autorizações de residência, solicitações de refúgio, conclusão dos processos, e a demora na atualização de informações, o que produz discrepância entre relatórios e variações de fonte para fonte.



Fonte: Observatório das migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP, SISMIGRA/OBMIGRA, (FERREIRA, 2021).

A análise do mapa acima, referente aos fluxos da migração venezuelana no período de 2015 a 2020 revela a significativa intensificação desse fenômeno migratório durante esse quinquênio. A Venezuela emergiu como um dos principais países de origem de migrantes para o Brasil, ocupando um lugar de destaque entre os maiores fluxos contemporâneos da história. Esse aumento no fluxo migratório também se refletiu em um aumento nos pedidos de refúgio originários desse país. Segundo o Guia para Contratação de Refugiados e Solicitantes de Refúgio, desenvolvido pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para o Brasil (ACNUR, 2020), “depois da Venezuela, os países da África, Haiti, Senegal, Cuba, Bangladesh, Angola, Nigéria, Síria e República Democrática do Congo juntos, formam o grupo que mais pede refúgio no Brasil” (ACNUR, 2020, p. 12).

Os dados fornecidos pela *Plataforma Regional de Coordinación Interagencial (R4V)* destacam um aumento significativo no número de migrantes e refugiados deslocados no mundo,

⁴¹ Mapa elaborado especificamente para esta tese para nos permitir uma abordagem mais detalhada e visual da migração venezuelana para a região Centro-Oeste, no período entre 2015-2019. Produzido e elaborado pela geógrafa Patrícia Silva Ferreira (2021) em parceria com a autora da tese.

passando de cerca de 3,4 milhões em 2018 para aproximadamente 4 milhões em junho de 2019, evidenciando uma intensificação desse fluxo nesse período.⁴² Notamos que, há uma maior intensificação desse fluxo entre o ano de 2018 e 2019, e até aqui já sabemos sobre a Operação Acolhida. Além disso, nota-se a posição da região Centro-Oeste como um entre lugar para a interiorização, logo após as regiões Norte, Sudeste e Sul. Entre os municípios de Mato Grosso do Sul, Dourados se destaca como um dos que mais receberam venezuelanos, com um total de 872 pessoas interiorizadas desde o início da Operação.

Entre 2019 e início de 2020, a expansão das modalidades de interiorização emergiu como a principal estratégia para os venezuelanos atendidos pela Operação Acolhida (ACNUR, 2022). A Operação Acolhida respondia ao trânsito de quem chegava, mas como foram fundamentadas essas modalidades de interiorização? Para compreender os reflexos da foi necessário levantar questões sobre o momento político que ocorreu a Operação Acolhida, para a partir deste ponto tratar em que contexto as mulheres se inseriram e/ou foram inseridas em Dourados.

Para entender os reflexos da Operação Acolhida retomemos um ponto importante a ser destacado sobre a situação de vulnerabilidade⁴³, a crise política, institucional e socioeconômica, observada na República Bolivariana da Venezuela⁴⁴, aliada à concreta situação dos venezuelanos ao atravessar a fronteira Venezuela-Brasil. Compartilhamos da perspectiva adotada pela historiadora venezuelana Margarita López Maya (2021) para tratar a migração venezuelana como processo envolto por uma emergência humanitária, mas que não pode ser pensada de forma isolada, porque a emergência para nós é compreendida a partir da histórica de crises que tem raízes “multicausais e multidimensionais”⁴⁵.

⁴² Em todo o mundo o número de pessoas deslocadas em 2019 já ultrapassava cerca de 79,5 milhões de pessoas segundo dados divulgados no *Global Trends: Forced Displacement in 2019* e publicado pelo United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR, 2019).

⁴³ No ano de 2018 em determinação a Instrução de Nº. 1/2018, foram expedidas diretrizes ministeriais com emprego necessário para contenção do fluxo migratório venezuelano na região de fronteira do Estado de Roraima. Segundo o Decreto N. 9.285 assinado em 15 de fevereiro de 2018: “ Art. 1º Fica reconhecida a situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório para o Estado de Roraima, provocado pela crise humanitária na República Bolivariana da Venezuela”. Lei assinada pelo presidente Michel Temer através da Medida Provisória (MP) nº 823/2018.

⁴⁴ As informações tem como referências o Decreto Nº 9.285, de 15 de fevereiro de 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9285.htm Acesso em: 15 nov. 2023. Para consulta da fonte ver bibliografia ao final.

⁴⁵ Margarita López Maya é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Central da Venezuela, e professora titular do Centro de Estudos do Desenvolvimento (CENDES). Para veracidade da informação consultar artigo da historiadora Margarita López Maya intitulado *Venezuela: pandemia em autoritarismo*, publicado em sua coluna em 25 de out. de 2021. Acesso em: 30 jan. 2023. Diversas informações sobre as dimensões da crise venezuelana podem ser consultadas em demais artigos pelo link: <https://margaritalopezmaya.com/>. Ver referências ao final.

A respeito diversos pesquisadores concordam que à crise humanitária carrega uma série de elementos relevantes. Vasconcelos e Santos (2020) apresentam os seguintes elementos: o cenário Sul Americano, a instabilidade político econômica na Venezuela, o fato de ser uma migração plural com características próprias e de intensificação do fluxo de venezuelanos para toda a América do Sul, em especial, Colômbia e Brasil. Estes pesquisadores destacam também a proximidade com a fronteira, e o estado de Roraima pequeno e sem condições de absorver todo o fluxo, embasaram esforços para pensar as condições de mobilidade humana.

Indo ao encontro desta reflexão Santos (2020), aborda o impacto das migrações venezuelanas nos serviços públicos e de atendimentos, assim como nas disputas pelo mercado de trabalho, e apresentando-os como elementos geradores de preocupações para o governo brasileiro. Segundo ele as conjunturas“ embasaram o projeto de Medida Provisória, os impactos nas realidades social e econômica brasileira, especificamente em Roraima, a necessidade de assegurar a dignidade da população local bem como dos migrantes e a garantia individual dos afetados aos serviços básicos, no momento já sobrecarregados” (SANTOS, 2020, p. 20).

No projeto de pesquisa Somos Migrantes⁴⁶ as pesquisadoras Tainá Aragão de Almeida, Vângela Maria Isidoro de Moraes e Francilene dos Santos Rodrigues (2020) argumentaram a mesma questão:

Desde 2015, Roraima passa a ter em destaque o fenômeno da migração transnacional de pessoas vindas da Venezuela em busca de refúgio, forçadas a deixar seu país por melhores condições de sobrevivência” (ALMEIDA; MORAES; RODRIGUES, 2020, p. 164).

Ao analisar todos os antecedentes, a Operação Acolhida surge como uma medida para atender com os problemas decorrentes da situação transitória e das fragilidades do governo, diante da necessidade de conter o fluxo populacional temporário e mitigar o impacto dessa migração na prestação de serviços públicos em Roraima. No campo político, a Operação Acolhida não se configurou como uma política migratória consistente, mas sim como uma ação singular direcionada à assistência humanitária, tornando-se um elemento importante para as políticas governamentais (SARMENTO e RODRIGUES, 2020).

⁴⁶ Projeto de pesquisa desenvolvido dentro do GEIFRON Geifro- Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras e apoiado pelo curso de Comunicação da Universidade Federal de Roraima. No campo de pesquisa de Comunicação Social o projeto carrega o “potencial de denunciar as desigualdades de gênero e também de propor outras formas de se contar as experiências a partir do outro” (ALMEIDA; MORAES; RODRIGUES, 2020, p. 171). A partir de narrativas de ressignificação de identidades as pesquisadoras trabalham a sensibilização na migração venezuelana.

Os estudos de Didier Fassin (2015) fornecem um instrumento conceitual e político para pensar as noções de crises. Sua perspectiva de análise contempla o viés das crises humanitárias para a compreensão do estudo sobre a lógica humanitária, servindo aqui para pensar os desdobramentos nos campos de ação da Operação Acolhida, as desigualdades sociais dentro das migrações e como as propostas políticas são estabelecidas e marcadas por forças em jogo para conter as crises e colaborar nos acontecimentos do campo político e econômico.

Seguindo a lógica de Beatriz Patrícia de Lima Level, João Carlos Jarochinski da Silva e Luís Felipe Aires Magalhães (2020), os sistemas de interiorização existentes são altamente desiguais e hegemônicos, e “ao mesmo tempo que são criados fatores de expulsão, também são criados mecanismos de controle mais intensos por parte dos Estados nacionais para barrar a entrada indesejada de pessoas, contradizendo a ideia de que as nações estão cada vez mais integradas” (LEVEL, SILVA e MAGALHÃES, 2020, p. 177).

A Operação Acolhida foi, portanto, concebida com base em um planejamento territorial que permitia o controle dos migrantes pela intuição Estado, adaptando-se à dominação capitalista que se apoia em critérios e estratégias de poder. A construção dessa crítica permite compreender o tratamento destinado à interiorização de mulheres, tanto do ponto de vista da mulher que migrou quanto da maneira como ela foi inserida no fluxo migratório para o município de Dourados, em Mato Grosso do Sul.

Neste ponto, a migração Venezuelana, assim como outros fluxos migratórios, carregaram características assumidas pelo sistema capitalista em sua forma atual, estando associada ao controle de migrantes pelo Estado, marcados pela presença, governança e seletividade. A inserção laboral baseada na própria estrutura do mercado e à economia global:

Os processos migratórios geralmente são resultantes de uma complexa rede de relações decorrentes dos contextos sócio-econômicos e culturais, tanto dos países de origem como dos países receptores. Parte das migrações de mulheres dos países periféricos para os países centrais é incrementada e financiada por governos locais, processo altamente vantajoso na medida em que as migrantes enviam remessas significativas de dinheiro em moeda estrangeira para as suas famílias que permanecem no local (LISBOA, 2007, p. 806).

Por questões necessárias à crítica que pretendemos, em primeiro lugar cabe informar, que em Dourados-MS foram interiorizados venezuelanos do sexo masculino e a partir da quinta etapa de interiorização da Operação Acolhida foram interiorizadas mulheres. Essa constatação foi publicada no livro Panorama das Migrações Internacionais no Mato Grosso do Sul, fruto de diversas pesquisas de monitoramento realizadas por Campo, Silva, Folle, Luchetta, Luz e Winter (2021):

Desse modo, nas cinco primeiras etapas de interiorização de venezuelanos, o perfil dos migrantes é predominantemente masculino e com idade média da população economicamente ativa, sendo trabalhadores com carteira assinada pela Seara Alimentos Ltda. Já a partir da sexta etapa, o número de mulheres interiorizadas foi superior ao dos homens (CAMPOS; SILVA; FOLLE; LUCHETTA; LUZ; WINTER, 2021, p. 155).

Os pesquisadores demonstraram também que, de modo geral, na região Centro-Oeste de 2018 até fevereiro de 2019, chegaram à cidade de Dourados cerca de 427 migrantes venezuelanos, em sua maioria pessoas que migraram pela Operação Acolhida em rotas internacionais por vias aéreas da Força Aérea Brasileira (FAB) na modalidade contrato de trabalho. Frente à essa modalidade de interiorização os autores citam “interiorização por oferta de emprego sinalizada, seguindo os fluxos de reunificação familiar e reunião social dos trabalhadores contratados pela empresa JBS S.A. para a planta frigorífica da Seara Ltda na cidade” (CAMPOS; SILVA; FOLLE; LUCHETTA; LUZ; WINTER, 2021, p. 138-139).

Por que as primeiras etapas e/ou modalidade de interiorização por oferta de emprego foram sinalizadas aos venezuelanos e não participaram as venezuelanas? Onde estavam as mulheres nas primeiras etapas da migração venezuelana?⁴⁷ É tendo por pano de fundo essa problemática que descortinamos desigualdades e exclusões.

Se os vínculos de oferta de trabalho eram estabelecidos por meio de contratos, como era confirmado o uso do trabalho e a qualificação profissional dos migrantes? Devemos questionar como nas quatro primeiras etapas da interiorização, praticamente apenas venezuelanos do sexo masculino participaram da interiorização e se tornaram trabalhadores em frigoríficos, indústrias de corte, gênero alimentícios e na construção civil de Dourados-MS? Quais foram os efeitos dessas escolhas nas representações sobre o mundo do trabalho e o papel da mulher migrante?

Apesar de o ENCOVI (2018) constatar um nível maior de pobreza entre mulheres, ao analisarmos o cruzamento de dados do percentual de migração por sexo para o Brasil, verificamos que, nas conjunturas que buscavam solicitar refúgio, havia um certo equilíbrio numérico entre homens e mulheres. Segundo informações do Registro Nacional Migratório, entre os anos de 2017 a 2019, o percentual de migração do sexo feminino correspondia a 45,3%, enquanto o de migrantes masculinos era de 54,6% (SISMIGRA, 2019, p. 02)⁴⁸. Mesmo que,

⁴⁷ Para explicar a hipótese de desigualdade de gênero no âmbito das migrações venezuelanas para o Brasil um estudo sistemático será desenvolvido no Capítulo 3.

⁴⁸ As informações relativas ao movimento migratório de venezuelanos é administrado pela Polícia Federal, e os registros aqui apresentados foram analisados com base em dados produzidos pela fonte do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA) sendo que contemplam informações processadas até 31 maio 2019. Para maiores consultas acessar: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/> Acesso em: 30 jan. 2023.

numericamente essa diferença seja pequena, ela é majoritariamente do sexo masculino⁴⁹ e revela caráter fundamental para pensar o gênero e a inserção laboral de mulheres.

Portanto, se em maior número as mulheres estão ligadas ao grupo de pessoas pobres, e se por outro lado, não se pode ignorar o número expressivo de mulheres venezuelanas que representavam o fluxo migratório em comparação aos outros movimentos, surge a questão: por que elas não participaram das primeiras etapas de interiorização venezuelana para o Brasil? Quem partia e quem ficava?

Refletindo sobre elementos específicos da interiorização de venezuelanos em Dourados, analisamos sob dois vieses: do ponto de vista econômico, o discurso sobre migração e a imagem do migrante carregada de marcadores como cor, classe, raça, gênero, etnia, nacionalidade, - e a relação com a força de trabalho, mão de obra e lucro; do ponto de vista histórico-social da mulher que migrou, a situação que ela migrou e da venezuelana que não migrou.

Recorremos à potência da oralidade para abordar as migrações no campo da história das mulheres, sob a perspectiva das sujeitas venezuelanas que migraram. Buscamos tecer entendimentos sobre papéis de gênero e espaços sociais que elas ocuparam em Dourados. Trata-se de um processo desafiador em que, há “uma teia de novos sentidos e significados e requer uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, uma leitura detalhada para descortinar a história das mulheres” (TEDESCHI, 2012, p. 16).

A narrativa de Mariana (2021) traduz essa dimensão e é analisada considerando a natureza da migração das venezuelanas e o processo de interiorização para Dourados-MS:

Primeiro veio o esposo para Dourados ele veio para trabalhar na JBS, veio com emprego garantido. Depois ele conseguiu uma casa de apoio com muitos venezuelanos, depois dali ele conseguiu uma casa de apoio através de uma igreja, e depois alugou um espaço e aí eu na condição de refugiada e meus dois filhos pequenos refugiados. Estamos aqui desde 2018, vivemos em uma residência provisória, eu, meu esposo, meu filho especial e o mais velho (Mariana, 2021).

As pesquisas de campo demonstraram que as venezuelanas não foram interiorizadas na modalidade com oferta de emprego, e sobre essa questão as mulheres evidenciaram que elas migraram depois dos homens, com exceção apenas de uma mulher que migrou sozinha para o Brasil, trata-se de Teresa Velasquez, sua trajetória será apresentada no próximo capítulo, todas as outras mulheres migraram ora com homens, ora carregando filhas/os.

⁴⁹ Sob as condições que são interiorizadas no trabalho de Souza também é verificado um percentual de “uma pequena vantagem para o sexo masculino entre pessoas de idade entre vinte e vinte e nove anos” (SANTOS, 2020, p. 43).

As mulheres apresentaram diversas condições diferentes da migração, por exemplo Maria migrou para o Brasil muito tempo depois da vinda de seu marido e após ter enfrentado situações difíceis na viagem. Nas entrevistas em campo, a mulher conta que seu marido veio para o Brasil em janeiro de 2021 e ela: “[...] eu somente quando ele conseguiu mandar dinheiro para as passagens” (Maria, 2021).

Conforme abordado por Sayad (1998), a característica da migração voltada ao trabalho é um fenômeno antigo que serviu como pretexto para a autonomização da classe trabalhadora. A relação entre a interiorização e a oferta de trabalho revela que o venezuelano que migrou deixou o núcleo familiar, indo primeiro e ocupando espaços no lugar de chegada. Ele se inseriu no mercado de trabalho, encontrando oportunidades laborais em diversos setores, como comércio, economia, alimentício, industrial e construção civil. Dessa forma, a interiorização se voltou completamente a oportunidades que não foram acessadas pelas mulheres.

Para discutir essa questão, utilizamos de Maria José Rosado (2017), que ao introduzir o gênero em suas análises destacou que é exatamente a proposição de uma natureza humana distintas que posiciona hierarquicamente e de forma desigual homens e mulheres. Segundo Rosado (2017), “aos homens o governo da sociedade, a política, o poder e a nós, mulheres, a reprodução de seres humanos, a domesticidade: Belas, recatadas e do lar”! (ROSADO, 2017, p.68). Sobre as situações em que migrou Mileidy Castillo (2020) explica:

Eu a minha viagem foi bem mais longa a viagem, foi de ônibus e envolveu um longo trajeto em barco, eu cheguei a Pacaraima, saquei os papéis, Antônio me pagou a passagem de ônibus de Pacaraima a Manaus, de Manaus eu me montei num barco e no barco durei oito dias, cheguei a Porto Velho depois eu tive que arrumar um outro ônibus para Campo Grande e de Campo Grande toda a travessia para cá, eu demorei quinze dias para chegar aqui onde está meu posto (CASTILLO, 2020).

Pela narrativa, Mileidy Castillo (2020) ora reconhece que utilizou recursos diferentes em seu trajeto migratório. Temos conhecimento que, o “modal rodoviário é mais comumente utilizado para deslocar os migrantes em distâncias menores, como entre um grande centro e uma cidade de destino no interior de um determinado estado” (SANTOS, 2020, p. 39).

É relevante destacar que ela também utilizou ônibus e barco, enfrentou um trajeto cansativo oito dias, experimentando situações difíceis como condições climáticas adversas, cansaço, chuva, frio, conforme ela mesma relatou, o que demandou formas de resistir. Além disso, é possível que tenha enfrentado a falta de recursos financeiros para custear toda a viagem durante os quinze dias.

Tecer olhar crítico para as dimensões da vida social das mulheres é fundamental para descortinar as peculiaridades da migração. Nos fluxos migratórios de venezuelanas, foram reproduzidas hierarquias de gênero. Existem objetivos direcionados para as etapas e modalidades da Operação Acolhida, e sob um viés econômico e capitalista, a interiorização de pessoas venezuelanas esteve orientada a cumprir distintas estratégias de poder.

1.4 POR QUE DOURADOS SE TORNOU PÓLO DE MIGRAÇÃO?

O início da migração no estado de Mato Grosso do Sul remonta ao século XIX, com a chegada de imigrantes de diferentes países que ocuparam o antigo Mato Grosso. A posição fronteiriça do estado constitui traços relevantes que figuram a formação das migrações, com uma composição diversificada de populações migrantes, incluindo mais de setenta nacionalidades diferentes, como europeus, italianos, espanhóis, japoneses, árabes, ou seja, de populações fronteiriças de países como Paraguai e Bolívia. Consequentemente, constrói um contexto de migração do tipo fronteiriça, migração internacional e de países limítrofes (BAENINGER, 2012).

Depois, com os novos fluxos migratórios transfronteiriços, a região Centro-Oeste do Brasil passou a receber migrantes haitianos, peruanos, colombianos, bengalis e venezuelanos (VASCONCELOS e SANTOS, 2022). Devido à sua localização como uma região de movimento transfronteiriço, o deslocamento de pessoas em escala mundial tornou-se intenso. Para alguns pesquisadores, a “migración en crisis tiene un fuerte componente de migración fronteriza”, e no caso da migração de venezuelanos para o Brasil, esse fator tem integrado ao circuito de mobilidade fronteiriça da Venezuela (GANDINI, PRIETO e ASCENCIO, 2019, p. 12).

Conectado ao processo transnacional que envolve geopolítica e espaços fronteiriços, a migração de venezuelanas(os) em Mato Grosso do Sul, e precisamente em Dourados, parte do pressuposto de pesquisa situado no campo fronteiriço, um território social sob o ponto de vista que permite refletir a dimensão social do corpo-território e sobre o que significa ser mulher migrante e enfrentar essa tripla discriminação, “a partir de la clase, el genero y la etnia– que acompaña a la mujer inmigrante en su periplo migratorio y laboral en la sociedad de acogida” (GUTIÉRREZ, 2022, p.295). Como a migração impacta na dinâmica social para essas mulheres que chegaram a esse município, construído como espaço de pluralidades e situado entre lugares hibridizados.

Ainda sobre Dourados, ela possui uma população de 243.368 habitantes, de acordo com os dados do último censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). No que diz respeito ao fluxo de migrantes venezuelanos, a maior entrada desses foi observada a partir do ano de 2019, coincidindo com a implementação de medidas emergenciais e de acolhimento humanitário, iniciadas durante a gestão do então presidente da República Brasileira, Michel Temer, que assumiu o cargo em 31 de agosto de 2016 e permaneceu até 1º de janeiro de 2019.

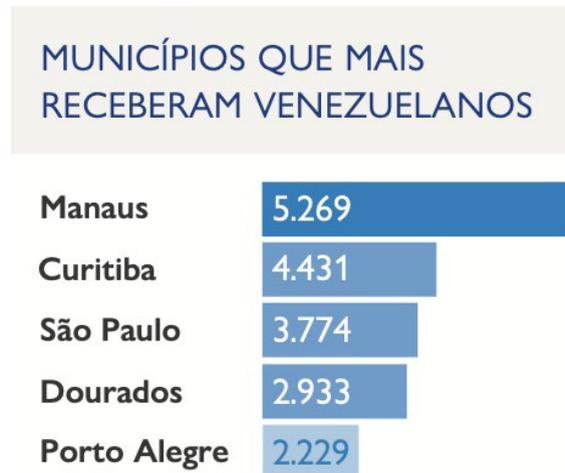
Dourados depois disso tornou-se um “destino” econômico para os migrantes venezuelanos, sendo designada como local de interiorização para esses indivíduos, o lugar chegado. Nas diversas etapas e modalidades da Operação Acolhida, foram sinalizadas vagas de trabalho, principalmente direcionadas aos homens que chegavam ao município. A metodologia de coleta de narrativas das venezuelanas permitiu perceber o aumento do discurso em relação às oportunidades de mercado de trabalho em Dourados, culturalmente codificando o município como um local de recomeço na vida.

“Quinto lugar que apresenta um número elevado de vagas de emprego sinalizadas, principalmente em frigoríficos”, assim que é mencionada Dourados-MS em várias estudos, dentre eles a pesquisa de Marcelo Ferme dos Santos (2020, p. 43). Outra fonte de pesquisa retrata a questão como “desde de 2018 até março deste ano (2023), 124 mil venezuelanos foram acolhidos e cerca de 100 mil foram encaminhados para 947 municípios brasileiros, sendo Curitiba, Manaus, São Paulo, Chapecó e Dourados os mais procurados”⁵⁰.

Na tabela abaixo, veremos os resultados oficiais, entre abril 2018 a dezembro 2021, relacionados a resposta humanitária do governo federal, a Operação Acolhida. Esses foram retirados do Informe de Interiorização do Subcomitê Federal para Interiorização Deslocamento Assistido de Venezuelanos, elaborado em parceria com a OIM, coordenado pelo Ministério da Cidadania e validados pela ONU Migração.

⁵⁰ Estes dados tem como referência a Operação Acolhida e podem ser consultadas informações na fonte: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/em-16a-troca-de-contingente-defesa-ja-empregou-cerca-de-10-mil-militares-na-operacao-acolhida>. Publicado em Brasília em 18 mai. 2023. Acesso em: 13 nov. 2023.

FIGURA 3- MUNICÍPIO QUE MAIS RECEBERAM VENEZUELANOS - R4V



Fonte: Adaptado do Informe de Interiorização Subcomitê Federal para Interiorização Deslocamento Assistido de Venezuelanos, abril 2018 a dezembro 2021⁵¹.

Ou seja, situada como pólo econômico do estado de Mato Grosso do Sul por sua incorporação laboral, cidade economicamente ativa, Dourados demandou o emprego de setores de serviços e mão-de-obra em fase às etapas de interiorização da Operação Acolhida, sendo este o contexto no qual os venezuelanos foram direcionados a cidade. Conforme dito anteriormente, a interiorização dos venezuelanos ficou a cargo do projeto Operação Acolhida, assistido pela Força Tarefa Logística Humanitária em um processo direcionado a modalidades específicas, à saber, a modalidade de oferta de trabalho sinalizada com vagas de trabalho. Também foram atendidas outras modalidades que serviram como estratégia durante as etapas de interiorização, como a reunificação familiar⁵², que será discutida nos próximos capítulos sob a perspectiva das redes que conectaram homens e mulheres.

Vincula-se a contribuição epistemológica de Abdelmalek Sayad (1998) sobre condição migrante, trabalho e provisoriedade definitiva, ao analisar a situação dos argelinos na França na segunda metade do século XX o autor afirma:

⁵¹ Subcomitê Federal para Interiorização Deslocamento Assistido de Venezuelanos, abril 2018 a dezembro 2021. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/informe-de-interiorizacao-dezembro-2021-v2.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.

⁵² Conforme foi apresentado por Santos (2020, p. 33) a modalidade reunificação familiar “tem por finalidade restabelecer os laços familiares entre migrantes que foram interiorizados anteriormente”. Temos no grupo de mulheres, a constatação de uma venezuela que migrou sozinha, trata-se de Teresa. Sobre isso, qual perspectiva de interiorização em que modalidade aquele que migrou desacompanhada seria interiorizada? Fica a pergunta para reflexão. Na modalidade reunificação familiar Luzby, Pietra.

A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante. Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-nascer. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos (SAYAD, 1998, p. 55).

O trabalho é um dos pilares necessários para entender a estruturação na vida de quem migra, portanto é fundamental para analisar os novos fluxos venezuelanos, especialmente diante das hierarquias das etapas distintas da interiorização. Nas modalidades de interiorização, a inserção de mulheres no processo de migração foi impositiva à posição que ela socialmente ocupava na sociedade de origem, como também está relacionada a condição que a mulher ocupa no lugar chegado quando já direcionada direcionada ora pelas etapas da interiorização, ora pela vontade do marido. Ou seja, operam condicionantes de uma interiorização pretendida e estrategicamente voltada ao trabalho, onde o homem que migra para desenvolver o trabalho, migra primeiro, ou seja, no fluxo migratório para o Brasil foram classificados e/ou beneficiados primeiro venezuelanos homens nas etapas e modalidades de interiorização.

Portanto, as oportunidades e os processos são diferentes para mulheres e homens, em razão de elementos socialmente construídos, mas também porque as etapas de interiorização pelas modalidades são diferenciadas e ocorrem em função de uma estrutura social dominadora e patriarcal que internalizam instâncias excludentes às mulheres, como por exemplo, em relação ao mercado de trabalho. “Em função das atividades de subsistência atribuídas em geral às mulheres, são elas as mais penalizadas” (LISBOA, 2007, p. 808).

Teresa Kleba Lisboa (2007) escreve sobre as singularidades das condições entre mulheres e homens e apresenta a complexidade dos processos especialmente se considerado o mundo do trabalho; corresponde a processos de “engendramento das migrações” e no conjunto leva em conta que “os fatores que originam e estimulam a migração de homens e mulheres são diferentes” (LISBOA, 2007, p. 808).

Sobre os lugares e situações contraditórias que estão inseridas as mulheres migrantes Sayad (1998) explicou:

Da mesma forma como que se impõe a todos – aos imigrantes, é claro, mas também à sociedade que os recebe, bem como à sociedade da qual provém-, essa contradição fundamental, que parece ser constitutiva da própria condição imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente, ou, o que dá na mesma, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse “provisório” possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), como a condição de que esse “definitivo” jamais seja enunciado como tal. (SAYAD, 1998, p. 46).

Para este autor, na gênese da migração há uma vinculação entre o estado provisório e o permanente. Entendemos que as sujeitas migrantes tem suas vidas marcadas pelas pluralidades inseridas em relações contraditórias, e ao mesmo tempo, construídas por práticas da sua presença na migração. São, portanto, sujeitas críticas que questionam, que ocupam novos espaços, que vinculam os lugares as suas experiências, ressignificam capacidades diferentes, articulam estratégias de resistência e constroem expectativas particulares anteriores à migração e depois da migração.

O estado provisório e permanente é compreendido logo no atravessamento da fronteira até o trânsito no lugar chegado, por exemplo, o status migratório é o primeiro elemento utilizado para afirmar as condições relativas a migração, carrega características determinantes para a posição social que ela ocupa e inclusive pode alterar ou determinar a migração.

Uma das condições que se apresentam logo após cruzar a fronteira Venezuela-Brasil é a regularização da documentação, uma vez que se torna evidente a permanência da pessoa que migrou. Portanto, é necessário providenciar os documentos essenciais para a vida no novo país. Vale ressaltar que as mulheres demonstram preocupação com a validade dos documentos, como o visto temporário, por exemplo, pois este documento é essencial para iniciar as negociações no campo do trabalho, uma vez que o direito de permanência temporária para os migrantes é garantido por meio dele.

Um outro ponto que chamou atenção entre as narrativas de mulheres foi as dificuldades sobre validação de título profissional, como é o caso da validação de diplomas expedidos pela Venezuela e seu reconhecimento legal no Brasil. Neste ponto, a partir das dificuldades trazidas em campo por Pietra Hernandez (2021), torna-se fundamental construir uma reflexão que aborde essas particularidades que afetam mulheres de maneiras específicas no âmbito profissional. Podem ocorrer diferentes exclusões devido às dificuldades relacionadas ao processo para regularização de diploma profissional, à revalidação do diploma expedido na Venezuela e à sua legalização no Brasil.

Pensar no entrelaçado da vida social entre mulheres é entender como mulheres tornaram-se protagonistas do seu processo migratório e do processo migratório de outras

mulheres “nas tensões criadas pela imposição brutal de um sistema moderno, colonial e de gênero” (LUGONES, 2014, p. 359). É relevância os estudos decoloniais, pois trouxeram como trabalhar uma historiografia a partir de espaços e sujeitas situadas⁵³.

Nesse sentido, a pesquisadora María Lugones (2014), primeira a levantar a ideia do "feminismo decolonial", propõe a possibilidade de superar a colonialidade dos gêneros na diferença colonial. Ao fazê-lo, Lugones (2014) propõe com maior teor crítico pensar onde estão as mulheres a partir do lócus fraturado. Para Lugones (2014), a heterossexualidade é marcada pela opressão e dominação capitalista. Sobre a perspectiva de analisar a migração de venezuelanas, elas se encontraram em zonas de contato com colonialidades, sujeitadas à provisoriedade, estrangeiras, mulheres pobres, de fronteiras, mulheres vulneráveis encontraram exclusões por questões de raça, classe, gênero, cor, condição financeira, status migratório e laboral.

Pela condição em que migraram ou pela situação de provisoriedade, o status migratório é um mecanismo descritivo, normativo e também político porque dá lugar a quem migra, e essa condição migratória e feminina foi definitiva para interiorizar pela Operação Acolhida. Dentro dos mecanismos descritivos estruturados para a interiorização de venezuelanos, a força de trabalho direcionou quem migrava. Existiram grandes obstáculos e um longo processo dependeu para integrá-la no lugar chegado.

⁵³ Fluidez identitária no uso de sujeitas situadas.

CAPÍTULO 2

CORPO-TERRITÓRIO DE MULHERES MIGRANTES: LÓCUS DE OPRESSÃO E RESISTÊNCIA

Doravante, ser mulher e ser, ao mesmo tempo, mulher migrante, exige presença efetiva de luta.

(Kátia Aline da Costa)

Neste capítulo, vamos abordar a migração de venezuelanas para o Brasil, sendo narrada pelas mulheres que entrevistamos, as estratégias construídas para saírem da Venezuela, dentre outras questões. Mas, há que se considerar um emaranhado de questões muito específicas nas migrações contemporâneas. Para as mulheres, o processo de migrar envolve experiências intensificadoras e múltiplas entre corpo-território em trânsito e entre processos marcados por opressões cruzadas. Para desenvolver essa análise, propomos pensar em que corpos estamos falando e quais lugares esses corpos ocuparam nesse processo. Nessas circunstâncias, consideramos fundamental priorizar os nuances das narrativas históricas vivenciadas no trajeto, que falam sobre o mundo social e os conflitos no interior de um campo onde estão mulheres.

Para tanto, a utilização teórica da categoria corpo-território serve para pensar a construção deles no país de chegada. O corpo feminino que migra é um corpo que sofre, mas também é um corpo que resiste. Que corpos são esses que migram? Corpos de mulheres que sofrem opressão ou corpos que resistem? São corpos maternos? Corpos novos e/ou corpo velhos? Qual o lugar cultural e social de corpos que migram?

Foi com e/por⁵⁴ mulheres que procurei analisar as estratégias construídas por elas no entre lugar, ao demonstrar facetas e aspectos desafiadores vividos entre elas. As memórias das mulheres são fontes inesgotáveis de experiências, práticas, e retratam conjunturas vivenciadas por muitas outras. Este capítulo apresenta histórias muito particulares, pois foi elaborado a partir das experiências de campo em diálogos Teresa Velasquez, Maria Alexandra Perez e Pietra Hernandez. Para entender a migração a partir do grupo das dez mulheres, desdobrei os métodos de análise para as três mulheres migrantes, como veremos a diante, esse recorte foi

⁵⁴ A escrita dessa tese carrega características das epistemológicas que movimentam a pesquisa, buscando valorizar elementos transversais aos feminismos situados e construindo escritas alternativas que rompem com as dominações e hegemonias brancas, ocidentais e masculinas da língua portuguesa. Ou seja, parte-se de uma perspectiva que busca variar a escrita, destacando o feminino na linguagem universalmente construída. Essa dimensão é representada pela estudiosa Grada Kilomba, que afirma: "Parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocabulário no qual nos possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana" (2019, p. 21).

estabelecido com base em trajetórias e percursos muito específicos relatados por elas, selecionadas pela profundidade das discussões e análises das entrevistas que se aproximaram dos objetivos da pesquisa.

Outra razão para essa escolha são as referências que as narrativas dessas mulheres apresentam para a compreensão de aspectos subjetivos e simbólicos da “condição de imigrante”⁵⁵, a experiência de ser mulher estrangeira e de estar em outro país. Em outras palavras, as narrativas são reveladoras de teias atravessadas por tensões, conflitos, reinvenções, e as falas carregadas de medos, provisoriidades e re-elaborações. Trata-se de pensar corpo-território deslocados e ressignificados em entre-lugares tomados por opressões impostas pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado.

2.1 MULHERES DENTRO DA MIGRAÇÃO

A maioria das pessoas que migraram do país venezuelano carregavam apenas uma mala e muita fome. No entanto, o fato de sair da Venezuela não significava que todas elas teriam o dinheiro necessário para comer. As mulheres que migravam cruzavam a fronteira física ao norte do país por vias terrestres, passando pelo município fronteiro com a Venezuela, Pacaraima, e pela capital Boa Vista (SIMÕES, 2017), com a esperança de conseguir trabalho no Brasil, mas cruzavam também fronteiras de gênero, fronteiras étnicas, nacionais em contextos híbridos.

Em quase todas as narrativas, foi comum descrever o trajeto terrestre realizado via transporte rodoviário, mas parte do percurso das mulheres também ocorreu passando pelos perigos de andar a pé. Em vários momentos das entrevistas, narrativas sobre a utilização de caronas como única estratégia para seguir a travessia. Todas as mulheres afirmaram que o número de migrantes que atravessavam a fronteira era significativo, mencionando cerca de quatrocentas a quinhentas pessoas por dia. No entanto, é evidente que o número real era muito maior, conforme constatamos em levantamentos de fontes bibliográficas.

⁵⁵ O conceito de que uma pessoa imigrante passa a existir a partir do olhar que a sociedade passa a definir é uma ideia fundamentada na perspectiva de Abdelmalek Sayad (1998).

FIGURA 4 - MANCHETE DE NOTÍCIA PUBLICADA NO G1 - JORNAL NACIONAL



Edição do dia 19/02/2018
19/02/2018 21h24 - Atualizado em 19/02/2018 21h24

Por dia, 800 venezuelanos entram no Brasil pela cidade de Pacaraima (RR)

Muitos vão a pé até a capital Boa Vista, a 220 quilômetros. O êxodo tem cenras de fome e desespero.

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Fonte: Portal G1 Jornal Nacional, edição do dia 19 de fev. 2018 ao G1 Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/02/por-dia-800-venezuelanos-entram-no-brasil-pela-cidade-de-pacaraima-rr.html>. Acesso em: 25 jan. 2022.

Na realidade, para as mulheres que migraram pela Operação Acolhida o trajeto foi um pouco diferente, pois nessa circunstância chegaram por aviões da Força Aérea Brasileira (FAB), e foram acolhidas em abrigos e tiveram ajuda humanitária, como foi apresentado no capítulo 1. Estabelecendo um olhar sócio-histórico refletimos como se historicizam e localizaram, social e culturalmente assim que migraram.

Existem diversas pesquisas que versam sobre os desafios e a situação atual de venezuelanos que migraram para o Brasil⁵⁶, dentre algumas delas estão os estudos de Gheysa Pereira Moura (2022) e Monique Aparecida Voltarelli (2022). Essas pesquisadoras constroem uma perspectiva teórica crítica sobre a situação atual de venezuelanas/os que migraram para o

⁵⁶ Para consultas acessar Observatorio Venezolano de Migración (2021). Participación de niñas, niños y adolescentes en el proceso migratorio venezolana. Análisis exploratorio basado en la ENCOVI 2019/2020. Disponível em: <https://www.observatoriovenezolanodemigracion.org/informes-y-reportes/participacion-de-ninas-ninos-y-adolescentes-en-el-proceso-migratorio-venezolano> Acesso em: 12 fev. 2023.

Brasil⁵⁷. Entre constatações, destacam a importância de programas e ações locais⁵⁸, no entanto ressaltam a ausência de políticas abrangentes, e por consequente, apontaram diversas situações preocupantes, como o aumento de desemprego entre populações migrantes, casos de exploração, violências, abusos, formas de trabalho infantil e acentuação das desigualdades, entre outros.

Mulheres venezuelanas que migraram, e que migram, representam registros vivos da história transmitida e se constituem como sujeitas ativas da migração. Elas atravessaram fronteiras entrelaçando corpo-território, sofreram opressões e dominações cruzadas, seja do ponto de vista econômico, seja do ponto de vista discriminatório por romperem com relações ou posições que estavam subordinadas. Sob o viés que regulou o fluxo migratório para Dourados-MS, houve implicações hegemônicas baseadas na lógica da produção capitalista.

Trazendo Michel de Foucault (1979), entendemos que o poder é moldado nas relações de diferentes formas, incluindo coercitivas, sutis, subjacentes e constituídos em relações mais violentas. Em função do poder é exercido uma dominação sobre corpo-território e há um impacto da biopolítica contemporânea sobre a vida e sobre os corpos femininos que migram. Há formas de sobreposição masculina, ocorrem reconfigurações dos processos de sujeição operadas pela governamentalidade biopolítica e a ênfase do governo biopolítico. A biopolítica do poder opera a distinção, controla, posiciona quem migra e quem não migra para Dourados-MS, nessa perspectiva pesam sobre corpo-território dimensões públicas que envolvem produção material e de capital.

Existem relações de poder múltiplas que atravessam a migração de venezuelanas para o Brasil, e que caracterizam e constituem o corpo social. Em caráter multidimensional, a migração apresenta complexidade, carregada de relações de poder muito dinâmicas. Entre lugares distintos corpos femininos são permitidos, ora acolhidos, ora excluídos, classificados, reelaborados pelos processos de sujeição, pelo conjunto de aparelhos, instituições e regulamentos.

⁵⁷ Para consultas basta acessar Observatorio Venezolano de Migración (2021). Participación de niñas, niños y adolescentes en el proceso migratorio venezolana. Análisis exploratorio basado en la ENCOVI 2019/2020. Disponível em: <https://www.observatoriovenezolanodemigracion.org/informes-y-reportes/participacion-de-ninas-ninos-y-adolescentes-en-el-proceso-migratorio-venezolano>. Acesso em: 12 fev. 2023.

⁵⁸ Nessa perspectiva, reconhecemos os avanços em ações e projetos de interiorização, como o projeto operação acolhida. no entanto, defendemos a elaboração de políticas públicas abrangentes e efetivas que envolvam instituições e órgãos municipais, estaduais, nacionais e internacionais. é importante ressaltar que aspectos do programa de interiorização, como o projeto operação acolhida, foram analisados no capítulo 1.

Interconstitutividade entre corpo⁵⁹ e território⁶⁰ na migração de mulheres, sob corpos femininos que migram operam sutis disciplinamentos, como afirmou Michel Foucault (1979) o corpo é uma entidade biopolítica, e, portanto, são construídos por atravessamentos e rupturas.

Assim, surge uma área de interesse nos estudos da migração venezuelana, corpos. Historicamente, sabemos que o corpo exerceu papéis diferentes ao longo dos diversos períodos históricos, mas neste ponto, construímos a análise entendendo corpos em sua dimensão social, simbólica, cultural, política, histórica, o que implica pensar a colonialidade e corporeidade conforme apresentada por Aníbal Quijano (2009):

Corporalidade' é o nível decisivo das relações de poder. Porque o 'corpo' implica a 'pessoa', se se libertar o conceito de 'corpo' das implicações mistificadoras do antigo 'dualismo' eurocêntrico, especialmente judaico-cristão (alma-corpo, psique-corpo, etc.). E isso é o que torna possível a 'naturalização' de tais relações sociais. Na exploração, é o 'corpo' que é usado e consumido no trabalho e, na maior parte do mundo, na pobreza, na fome, na má nutrição, na doença. É o 'corpo' o implicado no castigo, na repressão, nas torturas e nos massacres durante as lutas contra os exploradores. Pinochet é um nome do que ocorre aos explorados no seu 'corpo' quando são derrotados nessas lutas. Nas relações de gênero, trata-se do 'corpo'. Na 'raça', a referência é ao 'corpo', a 'cor' presume o 'corpo' (QUIJANO, 2009, p. 113).

Nas últimas décadas, a categoria corpos tem sido utilizada por carregar elementos importantes que evidenciam práticas e à luz das experiência de mulheres migrantes a partir da inscrição corpo-território, outras reflexões: Como é sentir-se em outro país? Que vivências corpo-território mulheres guardam na memória? Como o corpo feminino transitou na migração e que sentido tem a migração para elas?

2.2 “ELES ME HUMILHAM!”

Buscando aproximar à crítica que Lugones (2014) constrói sobre a lógica opressora da modernidade e a possibilidade de superar a colonialidade dos gêneros, pretendemos refletir sobre as “resistências íntimas e diárias” de mulheres migrantes sobre corpo-território nos entre lugares de mulheres (LUGONES, 2014, p. 358). Começarei apresentando Teresa Velasquez, mulher venezuelana que migrou do estado de Barcelona. Em 2021, quando a conhecemos, ela havia completado vinte e três anos de idade. Mãe de dois filhos, sendo sua criança menor uma

⁵⁹ Como em Michel de Certeau (1982) temos a compreensão de que o corpo também é objeto de discurso, e a escrita da história das mulheres que migraram, é associada ao lugar que corpos ocuparam no processo migratório, ou seja, será estudado o corpo e o seu lugar à luz de marcadores sociais como raça, gênero, cor, idade, nacionalidade, etc., e como estes se combinam em sujeitos ou grupos populacionais definidos como migrantes.

⁶⁰ A categoria território será abordada no item 2.5 desse capítulo.

menina brasileira. Em uma quarta-feira 14 de abril de 2021 por volta das 10 horas da manhã, conheci Teresa. Notadamente observei sua presença por dois, três dias seguidos sempre em horário comercial, em um semáforo localizado nos altos da rua Presidente Vargas, em frente ao Banco do Brasil. A partir daquela observação desloquei meu percurso diário para aquela rota.

Naquela manhã resolvi parar o carro e me apresentar. Aproximei-me da mulher jovem que segurava um cartaz com frases escritas em Língua Espanhol, confundindo as palavras em Língua Portuguesa, e ela escrevia como quem pedisse ajuda para um trabalho; “necesito ayuda” (Teresa Velasquez, 2021).⁶¹

Apresentei-me com certa dificuldade, notei que ela falava pouco a Língua Portuguesa e eu estava arriscando a Língua Espanhola. Sua pronúncia tinha expressões muito espontâneas e ela demonstrou um domínio inicial de experiências históricas importantes, como uma mulher situada historicamente na migração, estava em busca de uma melhor vida. Ela chamou outra mulher jovem, Raquele Domingues, sua prima. Esta já demonstrava maior domínio da Língua Portuguesa, o que posteriormente entendi ser resultado de seu contato no Brasil há mais tempo.

As duas vieram até mim. Convidei-as para sentar em um banco da rua, próximo ao semáforo em que nos encontrávamos. Eu segurava meu caderno de campo, e sem hesitar, enquanto Teresa (2021) falava, eu anotava. Foi neste lugar que eu compus os meus primeiros registros.

Sua primeira fala foi relacionada à família, disse que era mãe de duas crianças pequenas, explicou que um filho estava com o pai na Venezuela, já a filha pequena havia migrado com ela. Ela demonstrava ser cheia de sonhos e com expectativas de voltar a Venezuela para buscar o filho. Insistiu por vários momentos no desejo muito presente de trazê-lo para vir morar no Brasil. Como até então não havia conseguido trazê-lo para cá, seu desejo era conseguir um emprego que pudesse render dinheiro (enviando remessas) para ele sobreviver no seu país.

Alguns elementos foram acolhidos a partir da fala de Teresa. Ela trabalhava e com o lucro obtido da força de trabalho, envia quantias para atender necessidades básicas do filho que estava na Venezuela. Esta responsabilidade em custear sua vida no Brasil, - aqui com Teresa carregava a filha pequena, - e ainda pelo lucro de seu trabalho enviar quantias em remessas para

⁶¹ Todas as narrativas de Teresa integram a pesquisa de campo realizada em 15 de abr. de 2021, na R: Presidente Vargas, em Dourados, estado de Mato Grosso do Sul.

seus familiares que estavam lá, me levou logo a abarcar o papel desempenhado pelas mulheres que migram.⁶²

O compromisso das mulheres migrantes é intenso, pois ao cruzar a fronteira permanecem igualmente aqui e lá. Carregam a responsabilidade de enviar recursos financeiros, e no ato de enviar remessa possibilitar a comida, uma posição ativa na qual podem se enxergar novamente enquanto pessoas plenas e capazes de garantir o próprio sustento.

Ao narrar para mim o sonho em trazer o filho que estava na Venezuela, percebi um sentimento de aflição em sua fala, uma constante inquietação em seu corpo físico. Perguntei a Teresa se havia algum problema, e nessa circunstância ela relatou algo que me chamou muita atenção. Indaguei o fato, e esse nosso primeiro encontro foi marcado pelo relato histórico de uma violência social.

Ela narrou, que minutos antes de me apresentar, ali naquele lugar no semáforo da rua em que ela estava, transcorreu que um homem de aparência idade avançada estacionou o carro e entregou para ela um bilhete. O que revelou ser violência nesta narrativa? No bilhete o assunto sobre quanto a mulher venezuelana cobrava para fazer sexo oral.

Enquanto explicava, refleti e sistematizando o processo violento entre corpo-território, consideramos a lógica opressora, uma imposição colonial dos gêneros muito presente na sociedade, entre relações de poder e dominação. Aquele relato, hoje propõe a analisar, que sobre o corpo biológico é produzida uma vida distorcida de todo e qualquer direito. E, qual a relação disso com as mulheres? Como se reconfiguram corpos de mulheres no contexto da migração venezuelana e no contexto das migrações fronteiriças Sul-Sul?

Ao trazer María Lugones (2014) entende-se a imposição no corpo individual e social que produz vidas precárias, constitui marcadores e opressões, ela mesma afirma, há uma lógica opressora da modernidade “isso porque a imposição colonial dos gêneros atravessa questões ecológicas, econômicas, governamentais, atravessa relações com o mundo dos espíritos, o conhecimento, bem como as práticas diárias que nos ensinam ou a cuidar do mundo ou a destruí-lo” (LUGONES, 2014, p. 357).

Ainda em campo de pesquisa, lembrei de diversos textos, tive consciência do racismo, sexismo, patriarcado, pensei em Lugones (2014) a reflexão sobre resistir à colonialidade de gênero, ao mesmo tempo, pensei na força de Lélia Gonzales (1983) sobre a questão de o lugar

⁶² E aqui já há um paradoxo, pois na medida em que, o envio de remessas para os que estão lá na Venezuela, são consideradas recursos financeiros essenciais para sobrevivência, a falta deste recurso financeiro para recomeçar a vida aqui no Brasil, ou a pouca quantia de dinheiro que sobra para elas, acentua a situação de vulnerabilidade e aumentam o nível de desigualdades entre elas, neste ponto, como vão sair dela?

em que nos situamos determinar nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. E assim, aquele primeiro contato possibilitou tecer algumas indagações sobre corpo-território e os processos de ocupação/colonização/descolonização.

Considerei fundamental naquele momento anotar algumas impressões e guardá-las todas para mim, a fim de avaliar a maneira como tratar o assunto. Entendi meu lugar na pesquisa, registrei em meu caderno de campo o número do celular de Teresa, tratei de me apresentar e conhecer melhor a trajetória de Raquele Domingues e enquanto fazia permaneci atenta observando os entornos do semáforo.

No decorrer do tempo em que permanecemos conversando, elas narraram questões relativas à vida em Dourados. Notei que o homem que havia entregue o bilhete parou de trafegar por aquela rua. Tomei conhecimento que, Teresa, Raquele e as crianças moravam em uma mesma quitinete que dividiam com outras pessoas venezuelanas. Contaram sobre a tia, de nome Antonia Romero, a prima Valentina Romero, outros cinco adultos e cinco crianças. A prima chamada Valentina Romero, também migrante do mesmo estado de Barcelona, tinha vinte seis anos mãe de dois filhos, sendo uma filha de dez anos e a outra criança de sete anos.

As duas mulheres venezuelanas citaram as dificuldades que enfrentavam no Brasil como a falta de emprego, comida, não tinham muitas roupas e cobertores eram poucos. Teresa afirmou que tinha desespero por não conseguir emprego com carteira assinada, tinha consciência da possibilidade de estar aqui e não lá (na Venezuela). No entanto, explicou que sofria com a falta de comida na mesa. Relacionei as dificuldades que me relataram e perguntei sobre a presença dela todos os dias sempre no mesmo semáforo. Nesse ponto, ela reconheceu como seu trabalho provisório, e expressou Teresa (2021) “todos os dias estou aqui tentando sobreviver”.

A própria condição de não ter emprego fixo atravessa questões sobre o posicionamento e as práticas cotidianas que cruzavam sua experiência. Então, a presença delas no mesmo semáforo todos os dias permitia buscar a compreensão sobre o lugar social que corpo-território ocupam. Teresa interpreta as relações que atravessavam seu cotidiano, o não trabalho, e para ela a atividade exercida no semáforo era estratégica, fazendo parte do próprio processo migratório.

Como ponto de partida, explicaram a lógica do trabalho e Teresa contou detalhes sobre aqueles dias, o valor que conseguiam, mencionou cinquenta à sessenta reais por dia. Continuamos por algum tempo dialogando e pelas informações me parecia distante a quitinete, foi então que me coloquei à disposição para levá-las até a casa.

É importante dizer que, Teresa Velasquez, percebia o conjunto de relações que envolvia corpo-território em dimensões vulneráveis, na sociedade de origem, - daí se alicerça exatamente o processo migratório, - e na sociedade de destino se constituía a possibilidade ou não de uma vida viável. Com base nos relatos o fato é que Teresa sentia as condições de vulnerabilidade, pelo viés do corpo-território e sua estilização pelo corpo feminino, mas o seu posicionamento era contestação ao invés de assujeitamento, ou seja, não aceitava com passividade as dimensões de vulnerabilidade. A amplitude dos relatos me fez pensar como e até que ponto os corpos são construídos e sobre como e até que ponto os corpos não são construídos. (BUTLER, 2014) ⁶³.

Podemos ainda considerar as concepções em torno do trabalho na rua, onde surge uma constante tensão de estereótipos associados, ora a exposição do trabalho na rua configurado como informal, ora a sua implicação à mulher, e neste caso, a mulher migrante. A agressão assim se volta a natureza do próprio trabalho e à mulher. O trabalho na rua pode produzir uma experiência de vulnerabilidade e irrompe representações em torno de corpo-território.

Os aspectos envolvidos foram essenciais para estabelecer um contato com as venezuelanas, por suposto pareceu bastante óbvio que era necessário contextualizar toda trajetória de Teresa. Enquanto seguíamos até a quitinete perguntei as duas mulheres como percorriam a distância todos os dias, no que responderam “sempre à pé, caminhando mesmo, algumas vezes de carona”. Certamente poderia fazer uma lista das condições de vulnerabilidades que enfrentavam e o corpo apareceria como uma construção de significados culturais.

Na primeira ocasião que estive com Teresa Velasquez e Raquele Domingues, essencialmente foram essas as observações. Tratei de deixá-las em casa, anotei o número de telefone celular. Fazia-se importante adotar análises e olhares específicos para a escuta de mulheres, e com a pandemia do COVID-19 novos aspectos envolviam a pesquisa de campo, a partir desse ponto tomei a maior parte das entrevistas à distância, e as narrativas online se construía por meio do recurso tecnológico com mensagens de texto e gravações de áudios enviados pela mulher.

Destacam-se alguns momentos centrais para a pesquisa, a seguir é realizada a transcrição de trechos de narrativas com Teresa Velasquez (2021). Para utilizarmos as narrativas como fontes históricas discursamos sobre a pesquisa, objetivos e após estabelecida a

⁶³ Pesquisadora de alcance e reconhecimento internacional, Judith Butler (2014) fundamentou a teoria queer ao analisar diversas categorias como corpo, sexo, gênero. Segundo ela, corpo é locus de potência, formulava sua ideia a partir da linha spinoziana. Pretendia deslocar e reivindicar um giro linguístico, tendo como questão principal a desconstrução da universalidade do sujeito.

relação necessária para o ofício da historiadora, consideramos Teresa protagonista da história dessas mulheres. Dentre as abordagens, busquei que ela narrasse sobre a vida anterior ao processo migratório, por mensagem de WhatsApp ela escreveu:

Era una persona muy umilde muy trabajadora, una vida de pasar mucho trabajo para darle una buena vida ah mi hijos. Él tuvo dificultades en mis en baraso pase mucho trabajo con mi pareja tu una vida de dolor y tracion donde yo leda todo. Vivido end casa de la suegra pero me isieron la vida inopible una vidad de ipocresia y maltrato. Qué has hecho para sacar ah mi hijos adelante y darle de comer me iva apear y trocava el pezcado x una arina o in arroz. Era una mejer ah la vez feliz y ah la vez no tenia double personalinada x la forma q me tratandan me umillandan (VELASQUEZ, 2021).⁶⁴

Em sua narrativa, destacamos características elementares do cotidiano antes da migração, incluindo a autodefinição, as dificuldades, as dores vivenciadas, e nesse primeiro momento, importantes questões relativas à violência sofridas e suas derivações. Teresa Velasquez (2021) demonstrou consciência das violências, especificamente ao perceber as crueldades em sua relação conjugal. Ao refletir suas narrativas, podemos entender os papéis que ela exercia na Venezuela e as dinâmicas e relações de gênero dentro do contexto. Suas experiências levam a pensar sobre o patriarcado e a colonialidade de gênero, mas naquela primeira entrevista a mulher vinculava o seu lugar social na sociedade de destino, mulher protagonista, mãe, humilde, trabalhadora.

A história de Teresa anterior a vinda para o Brasil é marcada por imposições e dominações. No âmbito dos relatos sobre as relações sociais e vida conjugal me levou a perceber desamparo e um ambiente dominado por marcadores sexuais e hierarquias constituídas. Através dessas narrativas pensamos opressões como interações complexas, e à luz de María Lugones (2014, p. 941), enfocamos nas opressões de mulheres que migraram, venezuelanas subalternizadas tendo como ponto crucial “processos combinados de racialização, colonização, exploração capitalista e heterossexualismo”.

Ouvir as narrativas de Teresa significou distinguir múltiplas opressões colonialidade de gêneros, relação sexista, impositiva e brutal que atravessam vida de mulheres antes de migração, aspectos da vida de mulheres, o que permite questionar tensões, conflitos, pontos de partida enfaticamente relacionados. Concomitantemente, a possibilidade de refletir movimentos de corpo-território antes da migração e como se constroem as relações depois do migrar, se tornam estáticas, continuam respondendo ao poder, fraturam, enfrentam, resistem.

⁶⁴ Nesse capítulo, tratarei de trazer na íntegra trechos das narrativas de Teresa, em Língua Espanhola, buscando registrar aspectos característicos do próprio momento da pesquisa.

Velasquez (2021) relatou diversas dificuldades enfrentadas na Venezuela, incluindo questões econômicas e violência simbólica, suas narrativas destacaram os desafios em encontrar a felicidade. Ela discutiu os diferentes obstáculos de deixar seu país e seu filho, bem como os conflitos presentes em sua vida atual, explicou as dinâmicas de poder exercidas sobre ela pelo homem na Venezuela e citou um exemplo dessas dinâmicas no Brasil, onde o outro masculino a impedia de falar com a criança pelo telefone celular. Segundo Teresa, sua migração não foi algo concedido; quando cruzou a fronteira, o homem não participou do processo e, a partir de sua decisão de migrar, novos e antigos abusos patriarcais surgiram, como a proibição de contato telefônico com a criança. A análise de Eliene Dias de Oliveira (2021) se mostra fundamental para compreender essas dinâmicas:

Compreendê-las enquanto migrantes supõe a análise das singularidades evocadas por essas mulheres que, sejam acompanhando outros, sejam sozinhas, migram em busca de melhorias econômicas para si e para sua família, mas também na busca de satisfação de anseios não possíveis de realização na comunidade de origem, como se libertarem das autoridades que sobre elas recaem, gozarem de maior autonomia e empoderamento e experimentarem o mundo e suas possibilidades de existência (OLIVEIRA, 2021, p. 547).

A análise das relações de gênero revela as sutis marcas do patriarcado, onde o masculino é construído como um construto arrolado que emprega meios para inviabilizar a mulher. Esses meios incluem o uso do poder para reprimir e disciplinar. O corpo-território não podem ser compreendido sem considerar o caráter cumulativo do poder, e essas questões frequentemente entram em conflito com os direitos humanos, os direitos da criança e os direitos da infância. É impossível não refletir sobre as opressões e dominações presentes nas relações familiares em relação ao gênero, pois há uma série de convergências e crueldades que afetam as mulheres que migraram, diferentes dominações estão em jogo, e não há justificativa que possa legitimar essa situação.

No outro sentido, pressupõe a necessidade inerente de resistir-se à dominação mesmo que as circunstâncias incorporadas ao processo migratório, tensão e conflito por estar aqui e o impedimento de falar com o filho que estava lá, seja difícil, as mulheres constroem possibilidades de atravessar barreiras, esgotam brechas entre imposições e as diferenças do outro masculino.

Os áudios de voz enviados por Teresa Velasquez (2021) sugerem um processo de narrativa carregado pela atividade criativa de dar sentido à sua experiência. Em vez de chorar, eram feitas pausas ao falar, e frequentemente as gravações eram interrompidas nos momentos em que ela expressava sentimentos de saudade e tristeza, entendia a distância como um processo

doloroso, mas ainda acreditava na possibilidade de voltar à Venezuela para buscar seu filho, apesar de estar ciente do controle e da constrição impostos pelo outro masculino. Em suma, toda essa dinâmica de dominação, controle e imposição enfrentada está relacionada aos mecanismos que enfatizam o patriarcado. Sobre o conceito:

A atualidade do conceito está vinculada à existência de um discurso que ainda se vale dele como modelo ideológico para o estabelecimento das relações familiares e sociais entre homens e mulheres, modelo que naturaliza e legitima a dominação masculina particularmente sobre a esposa e filhas (LIMA e SOUZA, 2019, p. 581).

A forte influência da imposição colonial está na base da organização social, onde há uma abstração da experiência da mulher. O outro masculino, ao não reconhecer o processo migratório constrói uma narrativa e desenvolve posicionamentos culpabilizando a mulher que migrou, centraliza o seu papel paternalista reivindicando a ordem social dicotômica e sexista baseada no dimorfismo sexual. Nesse caso, o poder é justificado pela hierarquização masculina, pois é principalmente por intermédio da figura paternal que o outro se afirma, como condição a mulher busca construir agências, no sentido de resistir no lugar chegado, daí se volta ela a possibilidade de conseguir dinheiro para enviar ao filho que está na Venezuela:

Ahora solo lo que quiero es un trabajo fijo para ayudar a mis hijos y poder mandarle plata para que no les falte nada, es que están pasando mucho trabajo allá en Venezuela. Allí le mando una foto de ellos, que me mandaron ayer, para que vea que no es mentira, lo que le estoy diciendo (VELASQUEZ, 2021).

Conforme apresentado Teresa migrou sozinha, rompeu (pelo menos em partes) com a sociedade discriminatória, na qual estava em posição subordinada ao masculino quebrando paradigma (a mulher, a mãe). E a partir do lócus fraturado, ela buscou resistir à diferença colonial. É claro que a complexidade do poder é um desafio, e é por isso que as formas criativas de resistir são necessárias (LUGONES, 2014).

Nas narrativas de Teresa, as preocupações com as condições financeiras no país venezuelano permanecem constantes. Ela reflete sobre a crise econômica, a falta de trabalho e em alguns momentos ela menciona “crises no governo” ao contextualizar diferentes crises que a motivaram sair de seu país, e o sonho de que “no les falte nada”, conforme ela mesma afirma (VELASQUEZ, 2021).

Nesse segundo momento apreendido por meio da pesquisa considere que a história de Teresa era atravessada por práticas complexas enredadas na própria teia de relações de gênero e poder e presentes na memória da mulher que migrou.

Ao estudar a migração feminina, é importante olhar para as relações patriarcais que existiam antes mesmo da decisão de migrar. Refleti sobre a possibilidade de diversas formas de violência que, como mulher, ser humana e historiadora, eu deveria analisar. A partir do acolhimento e da confiança das mulheres à pesquisa, numerosas estampas do patriarcado foram se revelando em outras entrevistas.

Está próxima transcrição evidentemente demonstra a trajetória de migração de Teresa e importa nessa narrativa questões muito particulares incluindo interações, intimidades, tensões cotidianas e a posição de resistir. No sentido estrito dos estudos de Michel Pollak (1989) estabelecemos o silêncio e desloquei minha posição para escuta, “para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”. (POLLAK, 1989, p.06). A narrativa abaixo trata de violências, carrega imposições de gênero, marcadores de classe, nacionalidade, gênero, nacionalidade, território, idade, e portanto, tratamos de reproduzi-la na íntegra:

A primeira vez que vim ao Brasil vim sem meu filho, vim com o padrasto e uma amiga. Sai pedindo carona, carona, carona... Eu cheguei em 88, é uma estação, uma parada que os ônibus sempre faz para aquelas gentes de... Pra comer, vai, vai ao banheiro esses negócios aí... Esse 88 é uma estação que faz os ônibus. Aí depois eu cheguei a Santa Helena, Santa Helena é fronteira com Pacaraima, Santa Helena ainda é da, da Venezuela. Isso foi a primeira vez que eu vim ao Brasil sem meu filho, com o padrasto e uma amiga. Aí eu consegui chegar a Pacaraima caminhando à pé. Eu fiquei uma semana caminhando, eu deitava no chão, na rua, e os índios pegavam comida para mim. Depois que eu cheguei em Pacaraima e tirei a documentação voltamos a caminhar de novo. Tomamos banho em cachoeira, em rio e bebíamos água da cachoeira, do rio, aí os índios pegavam comida para mim e aí voltamos a caminhar uma semana. Caminhávamos quatro horas, cinco horas. Na madrugada nós voltávamos a caminhar de novo. Era muito o caminho para chegar a Boa Vista e eu estava muito cansada de tanto caminhar, aí eu pedi carona e um rapaz brasileiro deu carona para mim para chegar a Boa Vista, mas não conseguimos chegar em Boa Vista porque ele falou para mim que já era muito tarde. Aí esse rapaz chamou para ir num barraco onde ele ficava com os colegas dele. Nesse barraco moravam puro, puro homens. Só havia uma mulher brasileira que era cozinheira deles, e uma venezuelana que era esposa de um rapaz desses aí que moravam aí, mas essa venezuelana que ficava aí não tinha trato comigo e eu com a cozinheira era muito pouco o que eu entendia brasileiro, e o rapaz esse que deu carona para mim me deu bolacha, cerveja e disse para mim ficar à vontade pegar tudo que eu quisesse. Aí na hora de deitar ele colocou uma rede para mim, aí eu quando estava deitada o rapaz conseguiu subir em cima de mim e falou que, quanto eu ia cobrar para transar com ele. Aí eu falei para ele: “eu não vou transar com ninguém”! Eu sabia o significado de transar porque eu tenho um irmão no Brasil que já havia falado para mim essa palavra, então eu já sabia o significado. Os colegas desse rapaz perceberam o que tava acontecendo e aí eu não consegui deitar, eu fiquei acordada e fumei cigarro com os colegas dele até as quatro horas da madrugada. Quando fez quatro horas da madrugada daí a cozinheira acordou para fazer comida para os rapazes que moravam ali no barraco, e a cozinheira falou para mim, “o que aconteceu ontem que eu ouvi muito movimento”? Aí eu falei para a cozinheira o que havia acontecido, e cedo chegou a madrastra do rapaz que deu carona para mim, e perguntou: “quem é essa moça”? Aí a gente falou o que havia acontecido, falaram para a madrastra do rapaz: “seu filho deu carona para a moça, para ela, mas era para Boa Vista e não levou para lá deixou aqui”.

Aí a mulher falou assim... Ela procurou uma casa onde morava uma venezuelana para que eu fosse morar lá com ela por um mês, ela pegou rede para mim, dinheiro... E eu fui morar com essa venezuelana por um mês, fiquei de boa lá. Aí depois que eu fiquei um mês lá morando com aquela venezuelana, aí eu consegui chegar a Boa Vista onde estava morando meu irmão, o meu irmão morava em um refúgio e quando eu consegui chegar lá eu deitava na rua com os colegas de meu irmão. Eu ficava fumando nas ruas com os colegas de meu irmão, e um dia chegou um brasileiro em uma moto querendo pegar eu, falando que se eu queria transar com ele, o quanto que eu cobrava pra transar com ele. Eu falava que eu não queria transar com ninguém, mas esse cara queria me pegar pela força, aí eu sai correndo por toda a rua e o cara saiu atrás de mim, daí eu saquei uma faca para me defender, aí chegou um venezuelano em uma bicicleta e pegou eu... Mas aí depois no outro dia o meu irmão enviou eu para a Venezuela de novo por isso que eu não durei nem três dias lá em Boa Vista (VELASQUEZ, 2021).

A entrada de Teresa no Brasil ocorreu frente a complexidade de situações do fenômeno migratório. Ela ao descrever seu percurso revela uma jornada impulsionada pela necessidade de chegar no entre lugar possível, entre lugar onde se objetiva plenamente uma nova vida. A mulher detalha os aspectos de seu trajeto e os desdobramentos, incluindo o cansaço físico, a necessidade de caminhar a pé, de deitar no chão, de conseguir carona, o desgaste emocional e as situações de fome. O percurso migratório de Teresa foi caracterizado pela falta de recursos econômicos, o que foi agravado pela interseção de fatores como classe social, gênero, nacionalidade, território e idade. Pela situação deve se apreender sobre a opressão de mulheres engendradas por complexas interações.

Freedman (2007) ressaltou a importância de analisarmos, que as experiências das mulheres são influenciadas não apenas por sua posição social como mulher, mas também está estruturada na base de outras interações como gênero, classe, raça, etnia, idade, orientação sexual, nacionalidade, concluindo que “experiências das mulheres serão estruturadas por regimes políticos e legislativos de seu país de origem, do país em trânsito, e do país onde finalmente solicitarão o refúgio” (FREEDMAN, 2007, p. 91).

No caso da migração venezuelana pretendemos um olhar no sentido de enxergar as relações e estruturas de poder na sociedade de origem, e como essas funcionam e permanecem no lugar chegado. Para tanto, no fluxo migratório de mulheres venezuelanas a situação de vulnerabilidade não deve ser entendida como natural, e demanda pensar todo um emaranho de situações de desestabilização, que levou a diminuição do salário, perda de empregos. Então elas migraram em uma situação de vulnerabilidade, e ainda nessas circunstâncias, adicionam-se conflitos e tensões, algumas viajam com suas crianças, outras viajam sozinhas. Depois da migração, na sociedade de destino, mulheres convivem com múltiplos processos de exclusões e opressões a partir de colonialidade, uma condição de migrante que é colocada para quem chega.

Os fundamentos dessa afirmação estão presentes nas narrativas de Teresa Velasquez (2021), assim como em outras mulheres que migraram, com as situações que se colocam enraizadas na migração, incluindo referências sobre problemas econômicos, simbólicos e psicológicos da condição de quem migra. Essas narrativas também evidenciam o resultado de ações e decisões influenciadas por um conjunto maior de elementos, que são reforçados nas decisões de migrar, incluindo expectativas individuais e coletivas.

Nessa perspectiva, pensamos corpo-território em relação as mulheres migrantes e como essas mulheres, que na sociedade de origem estavam em um lugar de subalternidade, já na sociedade de destino enfrentam a subalternidade? A partir de Lugones (2014) refletimos resistência, rejeição como resposta, o resistir de corpos que não aceitam à colonialidade de gênero. Todas essas questões aparecem nas narrativas de Teresa Velasquez, à luz dos enfrentamentos, o não silenciar diante a exaltação do outro masculino, mover-se, revelou estratégias de resistência. Portanto, a negação, cada um de seus atos, de suas atitudes compõe os impasses que desvela toda a vida social de mulheres migrantes. A relação tanto por ser mulher, pobre, estrangeira, migrante, quanto por ser mulher pobre, mãe, trabalhadora servem para pensar a posição que mulheres ocupam na migração. As narrativas de Teresa são reveladoras no sentido de expressar subjetividades atravessadas, corpo-território de mulheres que migram, experiências muito particulares.

Em vista disso, as mulheres constroem experiências diferentes no processo migratório, é sob a lente de gênero que analisamos as categorias interseccionalizadas gênero, classe, raça, etnia, geração, nacionalidade, território etc. A interseccionalidade é essa estratégia de deslocar-se do eu para reconhecer o outro, permite pensar categorias de análise entrecruzadas, experiências, subjetividades e interseções visíveis e invisíveis porque elas estão na tessitura social.

2.3 “A GENTE SEMPRE CUIDANDO DE NÃO GASTAR TUDO PELAS CRIANÇAS MESMO”

Dentro do universo da pesquisa, escrever a história das mulheres que migraram é um desafio. Ouvir trajetórias e discutir posições sociais de mulheres e homens, antes e depois da migração, e fazer articulação à teia de situações que ocorrem durante o processo migratório, produz várias consequências, subjetivas e de historicidade relativas as ações cotidianas e relações entre os sexos. Tal qual mostrou Michele Perrot (1995), “também significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o

constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível” (PERROT, 1995, p. 09).

A relação entre atravessar a fronteira Venezuela-Brasil e o exercício de reflexão de um novo ciclo vivido pelas mulheres serve para evidenciar transformações, organizar estratégias de resistência e ressignificação de papéis sociais. Trataremos de evidenciar estas questões traduzidas pelas narrativas de Maria Alexandra Perez⁶⁵.

A história de Maria Alexandra Perez é de engajamento, mulher, mãe, irmã, esposa, trabalhadora. Em todos os contatos e entrevistas perpassam três elementos fundamentais para compreendê-la: família, pertencimento, redes sociais e de migração.

Para iniciar, em todas as ocasiões de entrevistas, a maior parte delas realizadas online devido o contexto da pandemia, ela evidenciava a importância da família, associava também com demonstrações de afeto as filhas, sempre que dependia de um olhar das crianças a mulher parava a entrevista pegava no colo a criança e incorporava no contexto da própria entrevista a potência que representava suas filhas. Ao reconhecer a importância da filhas Perez (2021) afirmou ao se apresentar a primeira vez em entrevista: “sou mulher venezuelana mãe de três filhas lindas atravessada por tantas outras coisas”.

Um segundo elemento enfatiza a memória social do país, ligada ao pertencimento, aspectos culturais e sociais da Venezuela. Em duas entrevistas a presença de símbolos e a identificação do país logo é notada pela bandeira venezuelana estada atrás dela⁶⁶. Em outra ocasião, ela auto afirmando sua identidade falava e cantava em Língua Espanhola e trajada com camiseta do país exclamava “sou mulher branca, de cabelo preto, mãe de duas filhas venezuelanas e uma filha brasileira. Tenho uma família internacional” (PEREZ, 2021).

Por último, não menos importante, o elemento que se cruza nas entrevistas com Maria Alexandra Perez (2021) são as redes sociais e de migração. E neste ponto, trata-se de fissurar as entrevistas, ler nas entrelinhas das transcrições e comprovações documentadas de que sua própria história e trajetória de migração é atravessada pela migração, estando intimamente ligada o seu processo migratório de outras mulheres. Um exemplo disso é a migração de Maria

⁶⁵ Entrevista realizada em 11 de fev. 2021, pelo *google meet*.

⁶⁶ Estas informações estão relacionadas as diferentes percepções e perspectivas que as entrevistas *online* possibilitaram, a historiadora que inscreveu a pesquisa histórica com escuta, mais atenta ao visual. O recurso visual envolveu a dinâmica interativa da metodologia científica de História Oral e foi possível por meio de ativação da câmara aliado ao recurso de microfone.

Alexandra, que depois possibilitou a migração das duas irmãs⁶⁷. Dessa forma, ela constrói uma cadeia migratória que impulsionou a migração de outras mulheres.

As narrativas da mulher são marcadas e atravessadas por um conjunto de sentimentos, saudades, memórias da migração, nos quais aspectos dos três elementos aparecem, demonstrando que estes não são meramente descritivos, mas fazem parte do campo de construção da identidade da mulher migrante.

Mas, o fato de migrar para outro país e “deixar tudo do país para trás” é entendido por Perez (2021) como um processo desafiador. Ela relata que a coragem de emigrar surgiu em meio às dificuldades e necessidades, apesar de não gostar de viajar e sentir medo, como ela mesma explica: "Realmente, a coragem (de emigrar) surgiu em meio às crianças, às necessidades. Eu não gostava de viajar, quando eu viajei para Cuba, ficava com medo, mas mesmo assim eu fui" (PEREZ, 2021).

A dimensão subjetiva é fortemente utilizada pela mulher para narrar partes do migrar, e não são raras as vezes se posicionava ao apresentar os acontecimentos como no trecho da transcrição acima. O fato de não gostar de viajar é apontado por Maria Alexandra não somente neste trecho, mas em outras ocasiões, sendo expresso como desabafo devido ao medo e a aflição em viajar.⁶⁸

O processo migratório de Maria Alexandra Perez foi doloroso, com momentos de medo, inseguranças, tensões devido sua preocupação com as filhas. Desde o início, ela fez questão de estabelecer relação com o lugar deixado, a migração não rompeu os laços subjetivos com o seu país. Ela buscava valorizar aspectos da cultura venezuelana, estudava, escrevia e ouvia músicas de lá, mantendo sempre contato com suas irmãs. Isso demonstra um enraizamento e uma representação do pertencimento à nacionalidade. Passando pelos empecilhos iniciais, a mulher apresenta uma comparação:

A dificuldade é como uma onda do mar que você tenta levantar ela vem de novo, a força a coragem para tomar essa decisão foi muito doloroso se desprender, porque eram três irmãs. Eu era a caçula, a pequena, não ia conseguir se adaptar. (PEREZ, 2021)

Aqui é demonstrado o medo de viajar e a relação estabelecida pelos laços parentais, entre pessoas, surge a necessidade de migrar, criando uma dinâmica necessária à vida. Então,

⁶⁷ Logo mais trataremos o processo migratório de Maria Alexandra Perez, veremos a importância de redes sociais e de migração que auxiliam as mulheres, e nesse caso, que trouxeram as irmãs Salvadora Perez e Ester Perez.

⁶⁸ Trataremos essa questão como pano de fundo no próximo capítulo.

me coloquei à disposição para ouvi-la, e a primeira razão para a migração foi expressa: “Então na Venezuela tudo começou a complicar ainda mais, e Sebastião (o esposo) que já havia emigrado para Cuba, depois não deu certo, e aí decidimos tentar a vida no Brasil” (Perez, 2021).

As pessoas que migraram da Venezuela frequentemente experimentavam dificuldades econômicas mediante às condições do país, mas as motivações para a migração não se reduzem apenas a esta razão, é compreensível que em todas as entrevistas apareçam referências sobre essa dificuldade porque dela englobam outras dimensões.

Sua viagem para o Brasil durou sete dias e nas palavras designativas de Perez (2021), a família “moravam no Caribe na Venezuela”. A compreensão do percurso migratório é demarcada por ela, sendo datada: “ocorreu em 01 de dezembro do ano de 2015 com chegada ao Brasil no dia 07 de dezembro”. Antes de migrar, Maria Alexandra Perez, as duas filhas e Sebastião moravam na cidade de Valência, estado de Carabobo.

Maria Alexandra Perez (2021) explicou que ao migrar, primeiramente a família foi tentar a nova vida no pequeno município de Itaquirá, estado de Mato Grosso do Sul, onde moraram por seis meses. A mudança para Dourados, também no Mato Grosso do Sul, foi necessária “devido necessidade de Sebastião”, que havia sido aprovado para cursar universidade. Essa mudança trouxe profundas transformações para a vida da família.

A distância de Valência até Itaquirá-MS é de aproximadamente 5.887,7 km e o percurso por si só já envolve pensar os desafios de fazer longas viagens. A transcrição da entrevista realizada detalha o que significou esses sete dias de viagem:

Sáimos de Valência de manhã, cedinho, né? Com a filha pequena de dois meses e a maior de três anos, dois anos e pouco. Aí a gente pegou um táxi um carro de uma pessoa que crê que nem a gente, crê que nem a gente eu falo uma pessoa que forma parte de minha, das coisas que eu creio, né? Da mesma crença que eu... Porque o trajeto era muito longo (coloca a mão na cabeça), a gente já estava preparado que ia ser vários dias. Mas com as crianças a gente penso que fosse uma pessoa de confiança, né? É... Bom a gente orou, nos despedimos de minhas irmãs de sangue e saímos de manhã. Aí no transcurso desse caminho antes de chegar ao Oriente do país, fomos parando nos lugares para tomar banho, eu tomei banho antes de sair todo mundo saiu preparado, mas as crianças a pequena ela ainda usava fraudas aí isso obrigava a gente a ter, ter que buscar um lugar para limpar ela, trocar ela sabe... (Coloca a mão na cabeça). Então a gente parou muito dormimos no carro, a gente dormiu no carro, eu levei pouca coisa, a gente levou pouca coisa nossa de adultos, levamos mais as coisas das crianças para abrigo, comida. A filha pequena amamentava, a filha grande já não! Aí cuidamos que a maior tivesse comida, né? E a gente não levava muito dinheiro não... (olhos baixos durante esse tempo). A gente sempre cuidando de não gastar tudo pelas crianças mesmo, né? (PEREZ, 2021).

Neste trecho, surgem muitas questões importantes ligadas às complexas experiências de venezuelanas: trânsito corpo-território, os desafios e obstáculos para superar viagens longas, as

dificuldade da comida, a adaptação provisória para dormir, a posição das mulheres nas migrações e os valores religiosos e simbólicos.

Tomamos corpo-território como lócus, campo simbólico e político de cuidados, ressignificações e resistência. Inscrito e marcado no entre lugares ele sente, vive, exprime e suporta. Maria Alexandra Perez (2021) em suas narrativas expressa situações muito peculiares do percurso migratório, como por exemplo, o cansaço devido ao papel muito específico que ela e muitas outras mulheres desempenham, que são as práticas de cuidados enquanto mães. Ela carregava a criança no colo, dedicava uma série de cuidados como higiene e alimentação, gerando mais responsabilidades, pois “ainda supõe a existência de um ser que incorpora e se desfaz em múltiplos – a mãe e sua família, e mais especificamente, a mãe e os filhos” (MEYER, 2003, p. 37).

Neste contexto, os pesquisadores Meyer e Scwengber (2019) ressaltam que desde os tempos primitivos, a complexidade de funções, responsabilidades e condutas associadas aos modos de cuidar carregam relações de poder porque está associada à mulher e conduziu ao acúmulo de violências contra o sexo feminino. Pode-se dizer que, essa dimensão tornou por afirmar atividades insubstituíveis a ela, e afirma que todas essas necessidades de proteger e cuidar são vistas como “parte de um projeto, e as falhas são imperdoáveis” (MEYER e SCWENGBER, 2019, p. 499). De acordo com os pesquisadores:

Na cultura ocidental, ser mãe remete, ao mesmo tempo, para uma etapa e um estado específico da vida feminina que envolve a gestação, o parto e a lactação e, também, cuidados anteriores e posteriores ao parto; estes últimos constituem um conjunto de sentimentos e de ações de longo prazo, dentre os quais se destaca a maternagem que envolve, sobretudo, amar, criar e educar as crianças geradas (MEYER & SCWENGBER, 2019, p. 495).

O relato de Maria Alexandra Perez evidencia como os laços maternais são constituídos na teia de acontecimentos que engloba seu percurso. Uma preocupação incessante ocupou espaço na vida de mulheres que são migrantes, mas que são mulheres migrantes e mães, é que a natureza provisória da migração traz questões ainda mais difíceis e de responsabilidades para elas, porque estão arraigados determinados marcadores que se repetem, pois a elas são destinadas o exercício do cuidado antes do migrar, tanto durante o processo de migrar e quanto depois do migrar. Todas essas questões são fundamentais para pensar o fenômeno migratório na perspectiva das mulheres, de como elas pensam e se constituem.

Segundo Maria Alexandra Perez (2021) foi entre Valência e Puerto la Cruz, o trecho mais difícil a “viagem se tornava tensa, cansativa, várias horas já e eu buscava por controlar o

corpo, o cansaço”. Partindo da história oral tomamos sua narrativa para entendimento da própria migração e da teia de redes sociais e de migração que se constituíam:

Aí quando já chegamos no Oriente do país (retorna o olhar para a pesquisadora) em Puerto la Cruz⁶⁹, especificamente nós chegamos de noite, e aí eu não esperava dentro da planificação (cronograma) a gente não esperou, não pensou que podia ficar de noite em Puerto la Cruz. É as crianças já estavam muito cansadas... A gente também não pensou nisso, né? Que elas podiam ficar cansadas três dias no carro, ainda dormindo no carro, a gente fica cansado. Aí já precisamos ficar em uma casa de alguém porque o corpo já não dava pra gente ficar mais no carro, muito tempo sentado, as costas tinham muita dor, né? (coloca as mãos nas costas, semblante de cansaço, desânimo) ... Porque eu tinha a pequena no peito carregava no colo, né? Então eu fiquei muito cansada e aí eu procurei uma família formidável. Se você pudesse falar dessa família, essa família, essa família fez para mim... (eleva as mãos sobre a cabeça)... Eu acho que essa família graças a essa família que a gente tá aqui hoje, sabe... Eu sempre lembro dela, da mulher que me atendeu porque assim ela... A gente perdeu contato até esses dias que eu consegui o telefone dela e mandei um WhatsApp. Ela ainda tá na Venezuela, tá viva e aí, ela formava parte de... Eu conheci ela por questão da igreja, mas como era em Puerto la Cruz eu não tinha muito contato com ela eu não conhecia ela pessoalmente assim, ter contato eu não conhecia. Aí eu comecei a procurar, procurar, procurar e não tinha ninguém lá em Puerto la Cruz. Aí eu falei com as pessoas de Valência que eram as pessoas (coloca a mão no sentido do coração/peito), que eu mais conhecia da Igreja e aí eu falei para eles algumas pessoas “olha eu estou em Puerto la Cruz”... Pensando se eles tinham alguma pessoa que que eles conhecessem, né? Aí eu falei estou nestas condições e aí um, um amigo meu que conhecia ela falou para mim, “nossa escreve para essa pessoa que ela vai te receber, eu tenho certeza”. Aí ele me mandou o número e me falou: “o Maria Alexandra eu já falei com ela e tenta ligar”... Então essa foi o que eu fiz, já confiando que essa pessoa que conhecia ela já havia falado com ela eu liguei para ela. E aí foi assim ela me recebeu. Ela já me conhecia por nome, né? Porque em Valência eu tinha um movimento cristão é assim da Igreja muito grande com os jovens, com as crianças, então ela aí foi que eu observei que ela me conhecia quando eu falei aqui é “Maria Alexandra”... “Nossa, ah sim!” Mas primeiro quando a gente se encontrou ela emprestou banheiro, deu comida, arrumou um quarto para as crianças e para mim e para o moço motorista também, aí depois que a gente comeu, tomou banho, a gente sentou na sala e conversou. “Nossa eu conheço você” ... Aí a gente, sabe? Fez essa conexão. Aí ela... (PEREZ, 2021)

Nessa narrativa Maria Alexandra Perez expõe as dificuldades encontradas no trecho até Puerto la Cruz que são extremamente difíceis e justificam seus sentimentos “pelo meio do caminho”. As dificuldades se referiam as dimensões do corpo-território, e neste ponto, Maria Alexandra Perez (2021) vinculou a continuidade da migração ao episódio em que foi amparada por uma outra mulher. Este episódio não foi o único porque ao entrevistá-la percebemos que suas referências são temporais ligadas ao suporte que viabilizou à viagem, principalmente se observada a provisoriedade de sua situação.

⁶⁹ Puerto la Cruz é uma cidade venezuelana localizada no estado de Anzoátegui que fica aproximadamente 324km da capital Caracas. Ao falar de Puerto la Cruz, Maria Alexandra se refere como Oriente da Venezuela.

Assim emerge “[...] um retorno a vestígios dos caminhos antes trilhados”, e as narrativas de Maria Alexandra são a “captação de estilhaços do que viveu”, afirmação alcançada por Eliene Dias de Oliveira e Silvana Aparecida da Silva Zanchett (2019, p. 505). Ao narrar, a mulher que migrou a descreve detalhes do texto escrito e enviado a Betel Gonzalez:

Hola senhora Betel... (sorriso). Se chama Betel. Hola senhora Betel, é eu sou a Maria Alexandra... Me apresentei para ela. Estou com minhas filhas... Era já (busca lembranças) dez horas da noite... Eu estava... Kátia eu estava super aterrada sabe? Já... Eu estava com muito medo porque eu não sabia o que podia acontecer nesse momento, aí eu falei assim, eu abri meu coração e falei para ela... Que eu estava com minhas duas filhas que eu não tinha quase dinheiro que eu não tinha onde dormir, e que eu tava precisando de um teto para dormir assim mesmo... Primeira vez na minha vida que eu falei isso (eleva mãos na cabeça). Aí ela me falou: “não! Venha aqui”. Aí ela falou com o motorista, né? E deu o endereço para ele e ele chegou lá. Nossa quando eu vi essa mulher... Meu Deus eu vi o sol de noite (sorriso no rosto) ... Porque foi muito importante para mim sabe? Eu, eu dei um abraço nela e só falava para ela obrigado, obrigado, obrigada porque... assim foi um momento sabe... Kátia foi muito importante porque eu a encontrei no meio da viagem... Eu não podia voltar, mas ainda faltava muito para chegar no lugar que eu esperava para chegar, então eu estava no meio da, da decisão mesmo. Onde você pensa será que eu fiz certo mesmo? Não! Tava muito assim desencontrada. E meu esposo ele era de Cuba, ele não conhecia ninguém na Venezuela então eu sentia que de alguma forma a responsabilidade estava sobre mim nesse momento porque ele não conhecia ninguém, né? Mais aí deu certo. (PEREZ, 2021).

Como lembra Maria Alexandra Perez, a problemática de continuar a viagem estava intrinsecamente relacionada às condições e à ênfase nos cuidados maternos, o trabalho feminino de cuidado, gratuito e invisível, aquele que está no interior, no espaço privado das migrações e que em suas narrativas, fica revelado por várias mulheres.

Inerentes à migração condições físicas, que marca o corpo cansado, e as condições financeiras da viagem. Constroem-se interconexões históricas, Maria Alexandra Perez e Betel Gonzalez compartilham de uma realidade visível, por exemplo, na perspectiva interseccional, entrelaçam imbricações provenientes de raça, gênero, classe, religião, nacionalidade, cor da pele, no entanto, sem desconsiderar as pluralidades das experiências vividas.

O episódio de receber a migrante em sua casa é encarado e teve grande repercussão para o universo simbólico de Maria Alexandra Perez, e a aceitação de Betel Gonzalez em proporcionar acolhida à família venezuelana também é reveladora e marca o projeto de migração das mulheres. Em uma das entrevistas Maria Alexandra Perez revelou que a própria Betel reconheceu, dizendo a ela não ter a mesma coragem para enfrentar aquela viagem. Essa interpretação propõe inclusive a desnaturalização de corpos femininos dissidentes.

As entrevistas em campo trouxeram que, entre os fluxos migratórios venezuelanos estabeleceram-se vínculos significativos entre mulheres, ora na migração, ora depois de migrar,

criando redes de inserção com outras mulheres e de relações coletivas entre mulheres e migrantes.⁷⁰ Convém destacar a gratidão que é salientada pela colaboradora sempre nas narrativas que se refere a Betel, é nestas fontes que evidenciam-se aparatos ocultos da migração.

Enquanto escutávamos Maria Alexandra Perez, algumas expressões revelavam confissões intersubjetivas, por exemplo, “aterrada” era utilizada por ela como forma de falar do cansaço sobre seu corpo, mente, mesmo carregando dores pelo corpo, medos e incertezas, a mulher resistiu para sentar a sala com Betel e iniciar uma conversa. Outra expressão reveladora que ressalta essa questão está associada as narrativas de Perez (2021) “essa anja venezuelana que encontrei pelo meio do caminho”.

Não foram poucas as vezes que Maria Alexandra e também outras mulheres emocionaram-se ao narrar nuances da migração. Essas nuances trazidas na memória do passado são conhecidas e a representação do passado liga-se a uma situação presente, conforme explorou José Carlos Reis (2012) “[...] gera alguns sentimentos específicos: pesar, lembrança, reconhecimento, remorso, saudade, lamento” (REIS, 2012, p. 16).

Sobre isso o choro, o sorriso, a elevação de mãos na cabeça e o balançar da cabeça revelam aspectos fundamentais do sentir a migração. A partir desse ponto, em todas as entrevistas as mulheres construam narrativas incorporadas em falas com movimentos, atitudes específicas e subjetividades marcadas afirmavam sentimentos, demonstravam sensações. Isso também permite refletir sobre as epistemes das sujeitas, pensar sensibilidades, conexões, culturas e experiências.

Sobretudo, valorizamos e reconhecemos as formas de mulheres expressarem-se, pois pensamos que narrar seu processo migratório parte de uma dimensão simbólica própria de cada sujeita.

Assim, por exemplo, Perez (2021) atribui formas específicas de dizer sobre Betel Gonzalez, e trata-se, portanto, de características próprias da mulher inserida durante sua entrevista:

Aí Kátia essa mulher para mim, sabe? Foi muito importante, segue sendo muito importante... Quando eu encontrei o contato dela agora aqui no Brasil eu senti uma coisa, eu mandei um textão, mandei um áudio super longo agradecendo ela, sabe? (alegria, elevação das mãos para o céu) Porque eu nunca... Eu perdi contato... E eu sempre falava para Sebastião: “nossa essa mulher foi”... sabe assim foi o ponto de partida de nossa vida, Kátia. Uma mulher que para mim é extremamente importante. E eu assim falei para ela agora que eu entrei em contato com ela eu falei para ela: “nossa o que eu puder ajudar você, você pode ter certeza que você pode contar comigo, ainda que aqui no Brasil. A gente era... Preparou comida, a gente saiu quatro

⁷⁰ Essa questão será tratada logo à diante em redes sociais e de migração.

horas da manhã da casa dela e ela parou cedinho, preparou uma cesta de comida, ela muito nervosa como uma mãe, sabe? E falou para mim: “nossa Maria Alexandra eu confio em Deus que tudo vai estar bem, mas eu só tenho a falar para você que trate de se comunicar quando você chegar em seu destino, né? (sorrisos) É porque ainda nem sabia qual realmente era o destino... Mas pelas crianças ela falava: “ainda falta muito para chegar no Brasil”. “E eu não faria isso”, falava ela, mas eu falava... (PEREZ, 2021).

Ao afirmar que não sabia o destino, ela traz a condição de provisoriedade. Na migração venezuelana, assim como em outros fluxos migratórios as mulheres tem corpo-território marcados pelo provisório e pelo indefinido, não há garantia (SAYAD, 1998). Esse caráter é o que constitui o universo de quem migra a partir de múltiplas possibilidades, afinal inspira pensar: o que a mulher traz em sua bagagem e o que ela deixa para trás?

Eu já não podia estar mais onde eu estava, sabe Kátia? Eu era assim... Era impossível a gente não tinha opção como pensar não eu não vou embora. Então é... Eu acho que a coragem é assim ainda a gente tendo medo a gente ir para frente por que... Eu pensei muito em minhas filhas, sabe? Muito (balançando a cabeça semblante de preocupação). E hoje eu não me arrependendo, eu vejo muitas crianças na Venezuela, mortas, desaparecidas, sabe? Então a gente fez no final as coisas certas. E... Bom essa mulher é muito importante para mim e te comento porque esse pouco que a gente teve contato com ela isso para mim marcou. (Sorriso). Marcou muito agora nesse tempo (PEREZ, 2021).

Uma teia de memórias nos serve de referência para avaliar, inclusive a migração. Mediante a narrativa acima, podemos ampliar o sentido da migração e nos aproximar daquilo que analisou Sayad (1998): só se aceita emigrar por convencer-se de que é melhor.

Com a intenção de compreender o percurso migratório até o município de Itaquiraí-MS, Maria Alexandra Perez (2021) continuou:

Então a gente chegou e continuou e ajudou com comida essas coisas assim, e a gente continuou no carro. Estes... É a gente ficou ali Kátia porque na... É como é que se chama... Na carreteira, na rua que continuava o moço não conhecia e já era de noite e as pessoas falava para nós que era muito perigoso. Um porque ele não conhecia e dois porque era de noite e se ele não conhecia e era de noite ficava muito perigoso ir por essa hora, então a gente tinha que ficar. Aí deu quatro horas da manhã e a gente continuou ele nos levou em... Como se chama Maria Alexandra? Ah agora não lembro o nome... Ele não nos levou na fronteira era muito antes da fronteira, ele nos levou muito antes da fronteira, aí a gente chegou sem conhecer ninguém, perguntou...Era não sei o que Santa Helena de Uairen... Santa Helena de Uairén (Sorriso). Ele nos deixou aí porque ele não podia continuar com nós, aí ele foi e nós perguntando para as pessoas, “nossa como que a gente chegava na fronteira em Pacaraima. A gente precisava chegar em Pacaraima. Aí a gente perguntou e pegamos o carro, um jipi, não sei como um carro, uma camionete, né? Nós montamos aí e fomos. Chegamos lá na fronteira...Esse demorou muito. Essa noite que a gente ficou na Raquel ela fez com que o tempo que a gente tinha que chegar em Pacaraima ficasse pra trás tudo, aí ficamos juntos na divisa da Venezuela e fecharam a fronteira. A gente não podia sair da Venezuela porque fecharam. Aí tudo fechado sem dinheiro o meu marido já aqui no Brasil ele tinha contato com um moço que estudou com ele que trabalho com ele e

aí ele ligou para ele: “nossa nós estamos nessas condições” ... Que esse moço era a onde a gente ia chegar, né? Em Itaquiraí. Aí a gente está nessas condições e paramos em uma pousada em esse lugar aí, em fronteira com Pacaraima, a gente pagou e nós dormimos essa noite aí. Carlos, ele já em 2008 de Cuba ele havia feito um treinamento de aqui então ele já tinha o CPF de vocês, aí ele falou para o amigo dele que a gente não tinha mais dinheiro e que estava na fronteira parado. Aí ele conseguiu depositar no Banco do Brasil com CPF dele e ele conseguiu sacar dinheiro com esse CPF. Aí a gente, liberaram a fronteira a gente pegou um táxi de Puerto, né? As pessoas vão sentando, vai chegando um carrinho e vai sendo, ficando cheio de pessoas e ele nos levou enh...Depois de aí a gente pegou avião aí a gente foi no aeroporto não lembro se foi Manaus, não lembro onde que foi. Aí a gente pegou o avião que foi o você deve saber talvez... nesse lugar a gente vai o de canoa, de barco ou vai de avião, entende? Tem duas opções e aí eu não queria ir de lancha porque por causa das crianças, imagina? Oxe eu tenho muito medo de mar. E aí o medo dele, pagou as passagens que ficou com multa porque para os dias que ele comprou ficou com multa porque ficou atrasado na fronteira, mas aí ele renovou com a nova data, pagou a multa e a gente terminou de chegar até Campo Grande, aí em Campo Grande a gente pegou um ônibus. Em Campo Grande ele tem... No aeroporto na onde a gente tava a gente podia tomar banho quando a gente pegou avião, aí a gente tomou banho no aeroporto, chegou a Campo Grande e aí pegou um ônibus até Itaquiraí (PEREZ, 2021).

Não se pode dizer que as dificuldades se encerram depois de ultrapassar a fronteira, uma vida anterior e uma vida posterior à migração que atravessam uma vida que está em toda parte, para ser precisa, “uma vida está em toda parte, está em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem” (DELEUZE, 2002, p. 14).

O trecho transcrito acima também serve para desvelar a dinâmica das migrações na América Latina, especialmente no intuito de analisar os impactos imediatos na migração de Maria Alexandra. Ela mesma afirma "a gente não podia sair da Venezuela porque fecharam". É mencionado o fechamento da fronteira em função da determinação pelo então governo venezuelano Nicolás Maduro. De fato, os episódios de fechamento e reabertura da fronteira terrestre entre 19 de agosto de 2015 até 13 de agosto de 2016 aconteceram e foram analisados por pesquisadoras(es) como Paula Moreira (2021)⁷¹ e João Carlos Jarochinski Silva e Bernardo Adame Abrahão (2018)⁷².

Para se chegar à própria compreensão sobre o percurso de Maria Alexandra Perez até Dourados-MS, há a necessidade de uma investigação histórica sobre os acontecimentos guardados em sua memória. A articulação corpo-território engloba, em sentido mais amplo, as manifestações históricas concebidas por mulheres geradoras de resistência constituem a migração. Ao perceber que as narrativas de Maria Alexandra Perez (2021) são marcadas por

⁷¹ A fonte dessa informação está publicada no relatório Imigração Venezuela-Roraima: evolução, impactos e perspectivas, de autoria Paula Moreira (2021), vinculado ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA e ao Ministério do Desenvolvimento Regional. Consultar referências ao final.

⁷² As informações podem ser encontradas no texto Migração pela Sobrevivência – o Caso dos Venezuelanos em Roraima, autores João Carlos Jarochinski Silva e Bernardo Adame Abrahão (2018). Consultar referências ao final.

manifestações entre passado e presente, e que sua migração se situa relacionada as temporalidades, pano de fundo das memórias, apresentaremos o período em que morou em Itaquiraí-MS e a chegada a Dourados-MS no próximo capítulo.

Não podemos negar que as consternações no processo migratório de Maria Alexandra Perez tornaram-se vitais para resistir às situações provisórias em fase à condição de quem migra, mas todas suas experiências serviram como produto para compreensão de seu lugar histórico-social. Suas experiências tão próprias concebem significado, o presente conduz ao passado, ao mesmo tempo que o passado se refaz sempre novo em relação à memória presente.

Esses conjuntos complexos de acontecimentos dentro do processo migratório constituem a memória e tornam a historiografia uma re-inscrição do passado. Desse ponto, há uma condição que se desenvolve entre fato e acontecimento, o que permite aos pesquisadores a construção da escrita histórica, onde:

[...] acontecimento é aquele que recorta, para que haja integridade; o fato é aquele que preenche para que haja enunciados de sentido. O primeiro condiciona a organização do discurso; o segundo fornece significantes, destinados a formar, de maneira narrativa, uma série de elementos significativos. Em suma, o primeiro articula, e o segundo soletra. (CERTEAU, 1982, p. 103).

Os acontecimentos que moldam a trajetória de migração de Maria Alexandra Perez (2021) foram construídos muito antes e depois da migração. Com relação às referências que ela destinou a Betel Gonzalez, foi inevitável não perguntar em que momento ambas voltaram a fazer contato. Observei, pelo tom vital da entrevista, que havia um elo importante a ser trabalhado. Entre um relato e outro, sucessivas pausas e sentimentos se presentificavam entre lágrimas. Sua narrativa voltou-se novamente para detalhes do tempo presente, explicando que em Dourados-MS conseguiu o número de telefone de Betel em função do contato que passou a estabelecer coincidentemente com Vivência Gonzalez (filha de Betel Gonzalez). Maria Alexandra e Vivência participavam de uma mesma reunião, grupo online, onde segundo a mulher, "nesses encontros partilhavam a mesma crença religiosa, e assim que nos encontramos". (Perez, 2021). Em outra entrevista detalhou ela:

É eu conheço a Vivência por Zoom porque a gente faz reunião com crianças, agora eu continuo fazendo é reunião com crianças sobre a palavra de Deus porque mulheres... Olha só, mulheres em vários países do mundo tem mães que estão em Itália, em Chile, essa Vivência que te falo, ta em Peru, Chile... Tem mulheres que estão em situações muito difíceis. Mas é a gente tem claro em Deus e essa mutata que eu te falo, essa moça que chama Vivência ela está em Chile e tem dois filhos está casada e o esposo dela é quem compartilha a palavra nos dias que eu me conecto. Mas foi por aí que eu encontrei o contato da Betel, da mãe dela. Porque eu recebi um convite para reuniões da Bíblia da palavra de Deus e aí eu comecei a me conectar, aí

a pessoa que compartilha a palavra esses dias é esposo da filha da Betel. Imagina, Kátia... O mundo é pequenininho (PEREZ, 2021).

Conforme demonstrou Maria Alexandra Perez, o sentimento de felicidade e gratidão levou a solicitar o número de telefone celular de Betel Gonzalez para entrar em contato na Venezuela. Ela explica: “Olha Vivência você pode facilitar o número de sua mãe”? Neste momento, Maria Alexandra lembra que Vivência disse: “Claro Maria Alexandra!” Assim, a mulher reencontrou Betel enviando uma mensagem pelo telefone celular.

Na migração, há ligações que constroem elos e criam redes, existe uma perspectiva relacional entre os estudos de gênero e o constructo do afeto, uma relação de influência mútua, cujo nexos explicativo remete, em síntese, às contribuições do conceito de gênero, entre as quais se destacam a dimensão relacional do afeto, que é tomado como objeto empírico, situa-se do outro lado da migração e interfere naquilo que é possível construir durante o processo de quem migra, refletindo as possibilidades das sujeitas.

Ao trazer o afeto ligado ao gênero para a discussão sobre migrações venezuelanas, buscamos estabelecer ênfase nas subjetividades e no cuidado com a família como partes da vida migrante, e essas questões se fazem presentes nas narrativas de todas as mulheres. Nessa perspectiva, a partir das experiências das sujeitas que migraram, o conhecimento científico sobre a migração venezuelana se abre as diferentes interpretações de contextos migratórios e interseccionalidades.

Os laços e vínculos de afeto nos fluxos migratórios constroem formas de resistir, demonstrando protagonismos de mulheres, como afirmou Doronelas (2020, p. 115): “a socialização das mulheres migrantes é centralmente atravessada por relações afetivas, seja no âmbito da família ou entre amigos”.

As narrativas de Maria Alexandra Perez constroem a dimensão do afeto em vários momentos, inclusive com trocas recíprocas, como ela apresentou: “ela me pediu que enviasse notícias da família por meio de fotografias especialmente da “criança brasileira”. E continua:

Ela falou coisas muito lindas, sabe? Ainda passando 5 anos Kátia, olha só 5 anos ela ainda tem o mesmo sentimento que eu, ela falou assim: “Nossa Maria Alexandra que bom você mandar uma mensagem para mim porque eu sempre penso em você...” Sabe, ela me falou... “E até hoje eu me perguntava, cadê a Maria Alexandra?” E eu falo isso me emotiva muito, sabe? Porque... (A mulher chora) Quando eu recebi da parte dela essa mensagem a gente acredita nas pessoas, sabe? A gente tem que ser muito grato com as pessoas que está na nossa vida, a gente não sabe quem pode te ajudar num momento tão importante, sabe? Essa mulher a gente se encontrou só um dia, só uma noite de forma presencial e assim imagina, foi a pessoa que eu acho que foi a base de eu hoje estar aqui junto com minha família, como eu estou vivendo, né? Então as vezes tem coisas que aparentam ser simples, mas não são não (PEREZ, 2021).

Portanto, as memórias de Perez (2021) são tomadas como história. Suas narrativas expressam lugares de memória e estão atreladas a sentimentos mistos, reconhecimento, afeto, pertencimento, desprendimento, gratidão, ausência e presença. Tudo isso constituem “focos privilegiados”. Utilizando Pierre Nora (1993) ressaltamos que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais do que faz levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (NORA, 1993, p. 13).

Nessa perspectiva, entendemos como Nora (1993), que reconstituir interpretações sobre os processos que as venezuelanas experimentaram ao adotar a memória é objeto de histórias possíveis, conforme estamos agora. Ao privilegiar a análise sobre corpos femininos e os lugares de memória que envolvem o percurso de migrantes, percebemos a importância e o interesse em escrever sobre as histórias de mulheres que estão entre migração e o processo verdadeiro de vida em um novo lugar.

No estudo sobre migração venezuelana, analisamos a categoria corpos e lugares de memórias⁷³ como história, experiências do vivido que coexistem na história de migração. Trata-se de compreender que os lugares de memória são lugares de histórias, referências, presenças, ausências, tanto individual, quanto coletiva. Perez (2021), assim como outras mulheres, ora (re)constróem sua história, ora a de muitas mulheres (NORA, 1993).

2.4 “AINDA ONTEM EU ESTAVA CHORANDO PORQUE EU MORRO DE SAUDADE”

Ao problematizar corpo-território, em alguns contextos, mulheres construíram circuitos que se conectavam com a sociedade de origem. De fato, algumas situações foram anteriormente demonstradas, mas nesse momento é necessário analisar as situações experimentadas pelas mulheres, e que trouxeram questões muito subjetivas de suas trajetórias, circunscritas em experiências e pertencimentos, que pensam a migração e o seu presente a partir do retorno ao lugar de origem. Esta análise pode ser observada a partir das narrativas de Pietra Hernandez (2021).

⁷³ A categoria lugares de memória será ampliada no Capítulo III.

Aspectos peculiares, e ao mesmo tempo, abrangentes das tramas vividas na Venezuela foram esclarecidos pela mulher. Ela apresentou registros sobre o percurso migratório até Dourados-MS, fornecendo informações importantes do contato logo após atravessar a fronteira. Mencionou a Operação Acolhida, chegada e recepção, tratou os abrigos, as interações além de revelar noções de negociações.

Sua migração é atravessada por relações afetivas e carrega centralidade nos lugares da memória, como a mãe, pai e as três irmãs. As narrativas permitem reconstruir o tempo histórico na sociedade de origem. Desde o momento em que atravessou a fronteira, a colaboradora resistiu articulando possibilidades da nova vida. Assim, trazemos a partir da memória de Pietra Hernandez que protagonizou a migração, a história de outras mulheres migrantes, conforme Tedeschi (2020):

La narrativa de la vida de las protagonistas del proceso – filtradas por las relaciones de género, subjetividades construidas y la memoria individual y colectiva – posee un marca propia. Las historias relatadas tienen como objeto una historia pasada, que guarda impresiones sobre el devenir femenino en el mundo (TEDESCHI, 2020, p. 56)

O primeiro aspecto da migração trata-se da percepção que as sujeitas que migraram/migram carregam da própria realidade histórico-social anterior à migração. Nesse caso, a mulher buscou apresentar a vida antes do migrar e alegava figuração de protagonismo. A própria descrição sobre ela é marcada pelo protagonismo, “sou uma mulher com 25 anos, licenciada em Enfermeria pela Universidad del Zulia”, Hernandez (2021).

Vejamos ela cursou sua graduação em uma das mais importantes universidades públicas da República Bolivariana de Venezuela e seu nível de classificação conforme denominado no Brasil é enfermeira Pietra, narrou que:

Minha mãe e meu pai... Nós somos quatro irmãs, quatro meninas... Eu sou a terceira, tem a mais velha, a segunda, depois eu, depois a mais nova. Aí desde que eu lembro minha mãe sempre trabalhou em casa de família, fazendo faxina, meu pai de pedreiro, aí com muito sacrifício eles davam tudo para nós, para nós estudar. Aí quando eu estava na escola quando eu era criança meu pai me levava para escola, caminhando...Era perto, mas ele levava e buscava. Aí quando minha irmã estava mais no Ensino Médio era mesma escola, aí nós vamos com ela, e depois voltamos com ela, e assim meu pai ficava trabalhando. Depois quando eu estava fazendo Ensino Médio, Ensino Médio era o último para fazer faculdade, tem um ano antes de fazer Ensino Médio, lá fala quarto ano, eu comecei a fazer um curso de cabelereiro, aí eu acordava cedo da manhã e saía uma hora, o curso eu acho que era duas horas ou três horas. Aí eu, de manhã estudava e a tarde fazia o curso. Quando eu estava fazendo Ensino Médio essa mesma professora que deu o curso ela precisava de alguém para ajudar ela a fazer os cabelos. Aí eu fui. Aí eu comecei a fazer Ensino Médio e fui de tarde para lá. De manhã estudava e a tarde ia para lá. Aí fiquei muitos anos, fiquei três, quatro anos trabalhando porque eu fiz o Ensino Médio e tinha que esperar o resultado para entrar na faculdade porque era uma universidade pública então eles

soltavam o resultado... Eu acho que eu fiz o Ensino Médio em agosto e o resultado saiu final de dezembro para começar em janeiro ou setembro, que era por... Eu comecei em setembro. Aí quando eu procurei...Aí todo esse tempo eu fiquei trabalhando aí, trabalhando, trabalhando... Aí eu ajudava meu pai, toda semana eu recebia, era por porcentagem. Aí eu ajudava minha mãe, meu pai, comia um lanche (sorriso), no final de semana daí eu descansava o dia. E eu sempre guardando dinheiro. E aí depois eu comecei a faculdade. Aí nessa cabeleireira onde eu trabalhava no salão depois eu fiquei de caixa, eu fazia pagamento, sacava as porcentagens das ermanas⁷⁴...Eu fui pegando a confiança eu falava para ela, era minha professora, como ela deu o curso de cabeleireiro, aí sempre eu falava “prof, prof”, eu chamava assim. No sábado eu saía mais tarde na onde o ônibus me deixava, meu pai ficava aí parado para ir para casa porque era pertinho mais como o caminho era escuro a noite era perigoso. Aí quando passava o ônibus meu pai ficava olhando e esperava eu entrar. Aí depois eu entrei na faculdade ainda assim trabalhando no salão de beleza, mas não dava para ir todo dia porque tinha a faculdade, a minha vida era todo dia tinha que fazer faculdade, fazia lá mas aí eu não deixava de trabalhar porque foi aí onde eu percebi que eu tinha dinheiro para a passagem para ir para a faculdade. E minha mãe trabalhava, meu pai de vez em quando conseguia trabalho, minha irmã mais velha casou, a segunda também, a mais nova também, só ficava eu com minha mãe e meu pai. Mas todas moravam perto, mas em casa era só eu. Aí primeiro eu graduei em técnico de enfermagem, e aí eu continuei, fiz cinco anos para enfermeira padrão. Lá fala licenciatura em enfermagem (HERNANDEZ, 2021)⁷⁵.

A mulher está envolvida nas dinâmicas que perpassam a dimensão familiar. É apresentada a rotina familiar no país venezuelano, as profissões, os desafios e também o sucesso dos estudos, concluindo o Ensino Médio, iniciando o curso de técnico de enfermeira e realizando uma licenciatura em enfermagem. Notadamente o protagonismo feminino é apresentado ao narrar as atividades de estudar ao mesmo tempo que trabalhava no salão de cabeleireira. Mesmo que aqui ela indique preocupações em relação ao controle do tempo, além do trabalho no espaço privado da casa, evidente que essa atividade é predominante e ela pode acumular funções com a filha que ainda está em casa. A propósito, “vivências moldadas pelo sistema social de gênero são retratadas quando a vida familiar na infância é focalizada” (CASTRO, 1992, p. 65).

Como outras questões a narrativa de Pietra retrata a divisão sexual do trabalho, o que permite pensar a dimensão econômica e social do trabalho feminino na perspectiva interseccional. Analisamos essa perspectiva ao encontrar correlação entre classe, sexo, gênero, raça, idade, território. Conforme afirmou Hernandez (2021) “a mãe sempre trabalhou em casa de família, fazendo faxina”, o que reflete o universalismo contido na relação mulher = trabalho doméstico.

No caso, a mulher rompe e/ou não com essa essência universal, porque trabalha externo à casa (no salão de cabeleireira), mas parte da lucratividade financeira é incluída junto às

⁷⁴ Optamos por manter os termos da mesma forma que foram citados pelas colaboradoras em suas narrativas.

⁷⁵ As narrativas de Pietra integram pesquisas de campo realizada em 24 de fev. de 2021, em Dourados-MS.

despesas familiares, que propõe pensar trabalhos remunerados e nos papéis de gêneros na divisão e contexto familiar. Ou seja, a mulher trabalha fora e contribui na renda familiar.

Logo nas primeiras narrativas a colaboradora dedica um lugar a família e articula a história de vida aquilo que denomina “sacrifício”. Narra com subjetividade, é percebido em vários momentos reconhecimento, os elos de afeto e a existência as relações familiares. Semelhante as narrativas construídas por Perez (2021), em Hernandez (2021) também a temática da família ocupa lugar central.

Com autoconsciência, ela apresenta a face histórica da vida na Venezuela, o espaço privado da casa. Toda vez que entrevistava Pietra Hernandez ela compartilhar detalhes da família na Venezuela. Deste ponto de vista, Nádia Geisa Silveira de Souza (2000) no texto Representações de corpo-identidade em histórias de vida, afirma:

E é na cultura familiar - como um elemento e locus social de produção e significação - que, ao serem inseridas, as pessoas aprendem os significados a partir dos quais elas se entenderão e identificarão, sendo, em parte, nesses processos de reconhecimento-diferenciação que se constitui, posiciona e captura o sujeito (SOUZA, 2000, p. 105).

Dedicados a perceber a experiência histórica das mulheres, no caso em questão, remota também à condição feminina entre filha e pai, constatamos uma condição dominante de cuidados anunciada, evidenciando a ênfase dos processos sociais e a construção feminina. Por exemplo, no relato em que Hernandez (2021) traz “era perto, mas ele levava e buscava”.

Embora a narrativa da colaboradora transmita gratidão pelos cuidados do pai, é importante entender que esse pensamento não é separado das distinções hierárquicas, e permite as pesquisadoras refletir sobre o patriarcado. Faz parte ainda da oposição binária entre homens e mulheres, carregando estratégias e práticas discursivas para a dominação.

Nesse ponto, dentre as principais contribuições de Lélia Gonzales (1983) trazemos a importância de acionar e questionar o padrão dominador, racista e opressor presente nas organizações, instituições e no próprio constructo histórico que produz o conhecimento. Em todas as suas formas, é necessário entender a potência corpo-território que é histórico e está nas dinâmicas que são atravessadas por tudo que se vive.

As práticas discursivas da família implicam na construção da identidade e do pertencimento de Hernandez (2021), e sua migração apresenta elos bastante importantes com o gerenciamento minucioso para ela migrar. Em torno de sentimentos e escolhas, todas estas questões subjetivas marcam a trajetória da mulher. É precisamente por sua importância e por apoiar a migração para um outro país, que a dimensão da família está presente em suas

narrativas, tem efeitos sociais e ela ressignifica essa noção como estratégia de resistência na sociedade de destino, país longínquo há cerca de 6.633 km dos vínculos familiares.

Inicialmente, é preciso dizer que ela declarou em entrevista a sua história da migração com diferentes motivações e significados atribuídos ao relacionamento com Pascoal. Por diferentes pontos de vista, ela atesta a importância de ambos permanecer articulados na construção do percurso que realizaram desde a saída da cidade venezuelana de Maracaibo, localizada no estado de Zulia. Eles realizaram o trajeto até Porto de la Cruz, estado de Anzoátegui por vias terrestre, uma distância de 1.494 km, em uma viagem que durou dois dias.

Para chegar em Santa Elena de Uairén, - município do estado de Bolívar, ao Sul da Venezuela e na fronteira com o Brasil, - Pietra e Pascoal percorreram mais de 1.030km, segundo ela, o que resultou em mais um dia de viagem. Ao narrar o processo migratório para o Brasil, a colaboradora apresenta em detalhes todo o trajeto:

Nós saímos por terra em ônibus, aí nós saímos de Maracaibo até Puerto la Cruz. Puerto la Cruz é outro estado, aí foram dois dias, quarenta e oito horas até Puerto la Cruz. Aí tivemos que pega outro ônibus para chegar a Santa Elena de Uairén que é fronteira com Pacaraima. Aí quando nós chegamos lá não se tinha mais ônibus para sair neste dia, só no outro dia cedo, aí nós vamos deitar aí na rodoviária, mas era muito muito perigoso. Aí quando nós chegamos lá de Maracaibo com a sogra de minha irmã, de minha irmã mais velha, ela mora lá em Puerto la Cruz, e nós viajamos com ela junto. Aí ela uma senhora de idade mais velha ela falou assim “não vocês não vão deitar aqui no terminal é muito perigoso eu vou levar vocês para minha casa”. E ela nos deu pousada em sua casa, nos deitamos em sua casa, tomamos banho, jantamos e no outro dia bem cedo ela nos levou ao terminal. Daí nós já havia comprado passagem um dia antes, e daí de Puerto la Cruz a Santa Elena de Uairén. Foram três dias de Maracaibo até fronteira de Pacaraima. Aí nós pegamos no transbordo pegamos um Uber até fronteira de Pacaraima com Roraima, aí dificultava levamos comida nós estávamos preparados e graças a Deus que essa senhora sogra de minha irmã viajou com nós porque lá na sua cidade em Puerto la Cruz nos deu pousada em sua casa, nós tomamos banho, deitamos (HERNANDEZ, 2021).

Para abordar a migração venezuelana, consideramos as condições histórico-culturais de corpo-território como locus de potência, e aqui a fronteira ilumina as dinâmicas e se torna o lugar de contato físico de hibridização. Então, corpo-território é fissurado, e na fronteira elementos culturais tornam-se constitutivos de mulheres durante o processo migratório. É possível compreender essa construção na experiência narrada pela mulher ao chegar em Santa Elena de Uairén. Foi preciso transformar a estratégia, evidentemente a sogra da irmã de Pietra apresentou conexão e forneceu elementos para os atributos particulares do entre lugar, “ela nos deu pousada em sua casa, nos deitamos em sua casa, tomamos banho, jantamos”.

Mas existe uma outra possibilidade de análise, que permite esmiuçar e problematizar a naturalização da própria fronteira, ser mulher migrante e estar na fronteira carrega um

significado e tem uma sobrecarga de questões que podem construir relações com a migração, por exemplo, a questão da violência. Ao incorporar essa dimensão trazida na narrativa, pensamos a vulnerabilidade no conjunto físico-social, perigos no entre lugar e sua resignificação.

Nesse perspectiva, a vulnerabilidade aparece aqui para compreender o entre lugar fronteiro, significa pensar os processos relacionados, permitindo analisar a dimensão social e cultural em conjunto com a dimensão ambiental, por exemplo. A leitura de vulnerabilidade está atrelada ao entendimento de que:

A vulnerabilidade é, portanto, um qualitativo, ou seja, envolve as qualidades intrínsecas (do lugar, das pessoas, da comunidade, dos grupos demográficos) e os recursos disponíveis (na forma de ativos) que podem ser acionados nas situações de necessidade ou emergência. Assim, tanto o contexto social quanto o geográfico possuem atributos que fornecem elementos para pessoas e lugares estabelecerem seus sistemas de proteção. A relação entre o coletivo (o que não está ao alcance direto de intervenção individual, pois é produzido socialmente e historicamente) e o particular (aquilo que pessoas e lugares podem construir de forma direta) é uma chave importante para compreender o desenho das diferentes vulnerabilidades (MARANDOLA e HOGAN, 2009, p. 166).

Parte-se de um contexto histórico-social e dimensão sociocultural onde há uma construção provisório e desigual na sociedade. Efetivamente, o enfoque permite um olhar para dinâmicas construídas no entre lugar fronteiro a partir do corpo-território, com olhar multidimensional em torno de vulnerabilidades, essas como todas circunstâncias e situações vividas, portanto que é percebida como interna e constituinte do própria migração e da condição de quem migra e que direciona para a compreensão do atravessamento de fronteiras culturais, de gênero, sociais e políticas para um novo país⁷⁶.

Retomamos a ideia que permite compreender a organização em torno do processo migratório, com o foco nas migrantes venezuelanas que passaram por dificuldades e que não puderam custear totalmente a viagem. Assim, é importante refletir sobre os meios de transporte, quantidade de horas, numa compreensão de que a migração tem desafios que frequentemente expõem as mulheres à novas mudanças que tendem a ser enfrentadas.

Em uma das entrevistas com Pietra considerei a necessidade de abordar questões voltadas à sua decisão profissional. Ela revelou que, em uma das casas onde sua mãe trabalhava

⁷⁶ Todas essas questões aparecerão mais adiante.

como empregada doméstica⁷⁷ a proprietária exercia a profissão de enfermeira padrão. Explicou também que “algumas vezes atendia aquela mulher realizava escova, secava o cabelo dela, foi quando busquei informações sobre a profissão de enfermeira”. E devido a aproximação com este contato se motivou a cursar faculdade de enfermagem.

Assim, naquele contexto a mulher considerou o trabalho no campo da saúde, caracterizando-o como vantajoso, ela afirma que “percebia que enfermeiras sempre conseguiam trabalho” (HERNANDEZ, 2021). E ansiava com isso, ingressar facilmente no mercado de trabalho. Ela ressaltou que essa característica, a de conseguir trabalho, foi afirmada pela enfermeira que dizia a ela: “Pietra, você sendo enfermeira sempre vai ter trabalho” (HERNANDEZ, 2021).

Na nossa conversa, a opinião de Pietra sobre o trabalho no salão de cabeleireira, essa atividade era entendida no princípio como uma forma de inserção inicial, pois seus rendimentos somavam-se ao dinheiro da mãe e do seu pai, e frequentemente, para ela mesma, faltavam seus recursos. Numa ocasião ela disse que “eu gostava de ter dinheirinho porque assim se eu queria comprar um lanche, um calçado, com o aumento de tudo devido a crise econômica era difícil, mas se eu tinha o meu dinheiro eu ia lá e comprava” (HERNANDEZ, 2021).

Nesse ponto, um outro aspecto pode ser observado como resultado das entrevistas com essa mulher. Ela demonstrava satisfação pelas atividades que desenvolvia em seu país, sentia-se reconhecida nos espaços que ocupava e acrescentava que o fato de ser mulher, trabalhar e estudar, e ter todas suas funções era algo muito inscrito em sua própria história anterior ao processo migratório.

Uma certa vez, ao me receber em sua casa para uma entrevista presencial ela descreveu detalhes sobre a rotina de trabalho na Venezuela. Por se tratar de um conjunto das relações sociais inerentes a rotina de trabalho e organização na cidade de Maracaibo tratamos de reproduzir:

Aí em um dia Kátia, um dia que estava chovendo, chovendo muito eu consegui chegar ao trabalho de carona. Cheguei lá e aí o doutor falou para mim assim: “Pietra como você conseguiu chegar aqui na clínica se não tem ônibus trabalhando”? Pararam o transporte, sabe e tudo... Aí eu falei, “ah eu consegui uma carona”. “Com quem Pietra”? Uma colega da clínica passou no caminho. Aí ele falou assim para mim: “Nossa e você conseguiu chegar bem cedo”! Eu fui a primeira que chegou, Kátia. “E

⁷⁷ O modo subliminar aqui descrito trata-se do termo evidenciado pela colaboradora, e é produto da divisão sexual do trabalho no país venezuelano. As narrativas das colaboradoras como um todo revelaram práticas entre homens e mulheres marcadas por hierarquias de gênero, algumas colaboradoras trouxeram que outras mulheres desenvolviam serviços domésticos em espaços privados, como exemplo, as narrativas de Pietra. Ou seja, constata-se posições desiguais que atravessam relações sociais, e no espaço social do trabalho essas desigualdades são mais evidentes, porque constrói-se uma visão sexualizada e hierarquizante dos corpos. (BORDIEU, 1999).

agora para você ir embora”? “Ah quem sabe na hora que eu sair daqui já tem ônibus trabalhando”, falei assim para ele (HERNANDEZ, 2021) ⁷⁸.

Pela narrativa são apresentadas algumas problemáticas que também são abordadas por outras mulheres em diferentes momentos de entrevistas em campo. Como por exemplo a mobilidade dentro do país venezuelano, a deteriorização dos serviços de transporte público, os impactos da falta de diesel e os reflexos de todas essas situações na vida de milhares de pessoas. Esses fatores se somam as conjunturas de crises e também estavam relacionados aos motivos que levaram as mulheres a migrar. Após descrever o episódio acima, a colaboradora voltou-se a trazer considerações sobre o trabalho que exercia e sempre mencionava a construção de vínculos de amigos e redes de contato. Abaixo a transcrição remete ao convívio de Pietra Hernandez (2021) com outras pessoas no espaço de trabalho, e ao mesmo tempo, demonstra elementos que levou a possibilidade de migrar:

“Pietra você não tem vontade de ir embora do país”? Fala essa paciente. Eu falei “eu tenho mais não tenho passaporte ainda, eu fiz todo o processo para tirar passaporte ainda vai chegar”. Essa paciente era venezuelana, mas ela havia ido embora para os Estados Unidos, estava por lá pela saúde de seu pai e para fazer uma cirurgia para aproveitar estava lá. Essa clinica ela fazia muita prótese, lá parte plástica. Sim as meninas brasileira também, brasileira morena, fazia troca, cambio de lá que daí daria para fazer para pagar. Aí ela falou: “ah eu fui embora para os Estados Unidos, criei minha família lá”... Contou tudo a sua história. Aí quando ela foi embora, que eu recebia o trabalho todo dia de sete da manhã a sete da noite, ela falou: “Pietra você tem que me dar seu número para mim para eu saber se seu passaporte chegou ou não chegou”. Porque eu contei para ela que, eu saquei meu passaporte, mas para que o passaporte chegasse mais rápido você tinha que pagar com targeta de crédito eu tinha targeta de crédito, mas para você acessar a página na internet nunca dava certo, nunca dava certo. Tinha que ser pela madrugada, e eu não tinha computador, nunca tive computador na vida. Aí uma colega da clínica falou para mim: “Pietra eu tenho uma amiga que fez com outra amiga dela você tem que dar os dados, targeta de crédito, pagar adiantado para ela”. Fiquei pensando: Será? Tem todos os documentos, você sabe dar todos os dados, documentos para quem você não conhece. Aí eu fiz, paguei adiantado porque a moça falava assim: “eu preciso que você pague adiantado porque tem gente que depois que eu faço o trabalho fala assim para mim, ah eu consegui com outra pessoa que fez mais rápido”. E ela perde esse tempo de trabalho. Eu paguei. De repente em dezembro chega para mim uma mensagem. Consegui fazer o pagamento lá a mulher. Ah! Havia passado três meses que eu havia dado o pagamento. Aí já tinha que esperar lá por, por agência, lá pela Polícia Federal, só dava o passaporte, oficina... (...) Aí uma vez...Quando eu dei o número pra paciente veio um número era um número estranho, não era o número de lá. Ela: “Oi Pietra eu sou a paciente que você atendeu, você lembra”? Eu gostei muito de seu trabalho, você atendeu muito bem, eu to muito agradecida, quando chegar seu passaporte você fala para mim, não vai esquecer não tá”... Ah está bom! Eu guardei o número. Aí quando chegou o passaporte eu fui... Falaram para mim “não ainda não chegaram, mas você pode passar semana que vem, que está para chegar uma maleta, uma caixa de onde vem os passaportes que vem de outra cidade da capital. Ah a hora que chegou o passaporte minha mãe, “ah agora você vai ser imigrante tem que ter dólares, tem que ter dinheiro”. Aí eu lembrei dessa paciente. “Ah que bom Pietra, eu quero ajudar você!” Eu vou fazer uma doação

⁷⁸ Entrevista com Pietra realizada em 30 de mar. de 2021 em Dourados, estado de Mato Grosso do Sul.

eu acho que foi vinte dólares. Não lembro... Mas eu preciso saber, se você quer chegar lá Bolívar ou eu queria os dólares. Eu falei eu quero os dólares, porque se chegar a Bolívar aí eu ia precisar para comprar comida qualquer coisa já ia dinheiro. “Então você vê uma conta de alguém que tenha conta em dólares, aí eu...” Por meio de uma prima do esposo dela facilitou a conta e falou: “você fale para ela que não é para fazer transferência porque aí quando deposita seria quinze, que faça um depósito que daí dá certinho”. Aí eu passei a conta para ela, ela passou para outra. Eu agradeci... Porque uma pessoa estranha, que eu conheci um dia eu estava no trabalho, eu jamais imaginei que ela ia ligar para mim. E ela estava lá nos Estados Unidos” (HERNANDEZ, 2021).

Como podemos analisar, ela trás para a narrativa memórias em suas dimensões mais profundas, recuperando o significado da migração, ela dá lugar as redes sociais e de migração, e aos vínculos estabelecidos para a migração. Assim, construímos argumentos que permitem estabelecer relações de trocas entre e com outras mulheres migrantes e à disposição em construir redes que possibilitam a migração. A história de mulheres que migraram servem como as experiências para aquelas que vão migrar.

Neste contexto aparecem as dificuldades em relação aos recursos econômicos para pagar os custos financeiros com o passaporte e regularizar a documentação necessária para migração, fato que comprova e atesta a permanência da migrante no outro país. Conforme apontado por Diego Acosta, Cécile Blouin e Luisa Feline Freier (2019):

En el caso de República Dominicana, para ingresar al país los ciudadanos venezolanos deben contar con pasaporte y cancelar la tasa de la Tarjeta de Turismo. Una vez vencido el plazo de 30 días por fines de turismo, caen en situación irregular y quedan expuestos a procesos de expulsión dado que no que no hay mecanismo alguno de regularización. Además, cada año se presentan más dificultades para su admisión como turistas (FREIER, 2019, p.14).

Um mecanismo de regularização extremamente difícil de se adquirir para sair do país é uma realidade enfrentada por todas as mulheres participantes desta pesquisa. Os obstáculos para a legalização do passaporte venezuelano criam barreiras para as mulheres que desejam migrar. De acordo com o relatório do *Human Rights Watch* (2019, p. 652), a exigência do passaporte é uma realidade que "torna-se quase impossível de obter na Venezuela”.

Então, as redes construídas no ambiente de trabalho permitiram Pietra estabelecer contatos, e essa natureza múltipla da experiência construída articulou a história de sua migração. Primeiramente, com uma mulher que colaborou com recursos para ela migrar, e posteriormente, por intermédio de uma outra mulher, uma colega que atuava com Pietra Hernandez (2021) na clínica, somente assim conseguiu suporte para providenciar o pedido referente ao processo de emissão de passaporte.

Observa-se a natureza das dificuldades, Pietra dificilmente conseguia acesso à internet e também não dispunha de recursos, computador para resolver as questões de documentação. Na mesma entrevista Hernandez (2021) comenta:

Minha irmã mais nova ela foi embora primeiro do que eu, sem passaporte só com a cédula. Ela foi para o Chile, aí ela conseguiu uma amiga dela que enviou dólares para ela e depois que ela conseguiu que trabalhou lá, pagava para ela, não era com essa facilidade também. Porque se eu estou lá eu posso ajudar você para que você depois me ajude. Eu sempre tinha vontade de sair porque eu fui criada assim com muito cuidado, com todo sacrifício, lutando. Então aí quando aconteceu tudo isso aí eu tinha vontade de sair embora por causa da situação do país. Nós morávamos em uma casa que era muito pequena, um quarto, banheiro, uma cozinha, só um quarto para todos para minha mãe, meu pai, minha irmã mais nova, e eu, porque minha irmã mais velha já tinha casado (HERNANDEZ, 2021).

As narrativas mencionadas referem-se a formação de redes sociais e de migração que foram mobilizadas entre e/com mulheres. Elas compartilharam estratégias de migração, estabeleceram vínculos e esses são também mecanismos importantes para resistir. Dentre dos novos fluxos migratórios é fundamental pensar a construção de vínculos entre migrantes, especialmente no sentido de agências, buscas de alianças entre mulheres que articulam relações mais complexas (ASSIS, 2007).

No que se refere a essas narrativas, é possível ainda analisar as relações de Pietra com a sociedade de origem, o mundo social, o do trabalho e da família. É perceptível a busca por melhor qualidade de vida, o que implica nas motivações das migrações venezuelanas, como o impacto de ir embora da irmã mais nova, questões muito subjetivas de suas vidas que refletem às dimensões familiares.

A entrevista com a enfermeira venezuelana é construída atravessando elementos que, ora envolvem dificuldades em emigrar, como por exemplo, aborda diversos momentos a necessidade de conseguir dinheiro necessário para migrar, ora estava construída sobre as preocupações relativas a própria condição em que migrava. Ou seja, as problemáticas que envolvem a migração não se encerram com o passaporte em mãos, enfatizou a mulher outras tensões:

Aí começou o processo dos papéis e aí eu estava trabalhando lá na clínica e aí para fazer a revalida para o diploma ter validade aqui no Brasil, no Chile em qualquer canto tinha que validar. Aí já monto o processo. Aí tinha que pagar. Aí o doutor da clínica que também estava fazendo esforço para ir embora, como médico ele falou para mim. Ele se graduou na faculdade onde eu graduei, a federal. Aí ele falou: “Pietra você procure essa moça, lá na faculdade, você fale de mim é doutor Danilo Morales, era professor. Você procure ela, que faz um favor para você. Eu fui procurei ela consegui, ela falou: “você traz tudo os documentos”. Eu fui na escola juntei peguei todos os documentos, todos os papéis, um monte de papéis. Aí tive que esperar o retorno da

faculdade, para assinar. Aí consegui isso também. Agora para fazer a certificação, aí eu consegui a certificação de nascimento, o diploma de enfermagem e tenho tudo isso os papéis. Aí eu paguei, paguei a uma conhecida de uma prima para tirar esse negócio, trabalhava com isso, agora...Era muito difícil, muito dinheiro, era dólares, dólares. Era trâmite isso, trâmite... Eu perguntava “quanto?” “Vinte dólares!” “Dez dólares!”. Tudo era dólares, dólares... Nossa! De onde eu vou conseguir tantos dólares? Aí de repente tinha uma que falava assim, “eu vou conseguir te ajudar, mas você verifica...” Eu quero Maracaibo, eu não quero fazer viagem! Mais dinheiro, passagem... Maracaibo... Aí ela ligou para mim: “consegui sua documentação”... Eu fui nessa cidade, era como em Ponta Porã, não era perto... Aí eu tinha que acordar de madrugada sozinha, meu pai me acompanhando ele ia viajar comigo, aí quando chegava lá no caso em Bolívar, todos iam para o mesmo lugar, para fazer tudo de legalizar essa documentação. Um maior trabalho... (HERNANDEZ, 2021)

Em outros momentos durante entrevistas, Hernandez (2022) tratou de apresentar preocupações sobre a revalidação do diploma de nível superior, antes mesmo da migração o planejamento consistia em regulamentar essa documentação, uma vez, que ela carregava o sonho de trabalhar exercendo a profissão que estudou na Venezuela.

Depois da migração, somaram-se as dificuldades de validação do diploma⁷⁹, o que a levou, no lugar chegado, a desenvolver outras atividades não formais. Hernandez (2022) desempenhou outras funções como cabeleireira em salão de beleza, depois ingressou em atividades laborais de cuidados de pessoas em idade avançada, e por último, tinha como atividade laboral a função de atendente de serviços gerais em um restaurante no centro da cidade de Dourados-MS, local onde estabeleci o primeiro contato com ela.

A migração venezuelana permite perceber experiências histórico-sociais diversificadas. Há questões comuns que partilham mulheres na migração, como há também experiências muito particulares e específicas da migração. De ir para cá e para lá, há processos identitários distintos, o corpo emigra reconstrói identidades do lado de cá. O cotidiano de quem migra está ainda imerso à questão atribuída à própria migração: “ah agora você vai ser imigrante tem que ter dólares, tem que ter dinheiro”. A condição de quem migra sendo construída. Segundo Abdelmalck Sayad (1998):

Mas, na medida em que dura a imigração, porque não se emigra (i.e., não se cortam os laços com seu universo social, econômico, cultural, habitual) e não se imigra (i. e., não se agrega, mesmo que marginal e muito superficialmente, a outro sistema) impunemente (i. e., sem consequências), produz-se, entre os imigrantes, uma inevitável reconversão de suas atitudes em relação a si mesmos, em relação a seu país em relação à sociedade na qual eles vivem cada vez por mais tempo e de forma mais contínua, e principalmente, frente às condições de trabalho que essa sociedade lhes impõe (SAYAD, 1998, p. 65).

⁷⁹ A questão de revalidação de diplomas estrangeiros de venezuelanos no Brasil envolve um processo extremamente difícil existem custos altos para a legalização oficial, e há uma série de entraves burocráticos que ultrapassam a compreensão de mulheres migrantes sobre essa questão.

Mas, ao escutar a mulher e os pontos particulares de sua vida, dedicamos esforços a compreender sua tomada de decisão em migrar, e acentuaram-se as marcas da construção masculina, que atribui aos homens posições de domínio e poder. O que foi exposto até aqui demonstra em sua narrativa figuras masculinas, a presença do pai, já observada em outros trechos de relatos ligado a dimensão de protetor, “sempre zeloso e cuidadoso protegia e apoiava”, “o doutor da clínica, você fale de mim o doutor”, e “Pascoal companheiro que planejou a viagem para o Brasil”. É evidente que a medida que ela assume romper com a sociedade de origem, predispõe dos jogos de poder, assegura-se e experimenta uma verdadeira participação masculina no processo. Assim, é fundamental reconhecer os jogos e os embates sociais que se dão no âmbito da dominação do homem sobre a mulher.

Em outras palavras, o outro masculino nos intersídios da intermediação (neste caso porque a migração foi consentida, diferentemente da situação vivida por Teresa), é como contestou Saffioti quando apontou que “o controle está sempre nas mãos masculinas”. (SAFFIOTI, 2004, p. 106). Abaixo alguns elementos relacionam a trajetória de migração de Pietra com as situações em que conheceu Pascoal:

Nós morávamos no mesmo bairro, ele sempre morou sempre, sempre, eu também, mas nunca... Ele tinha na sua casa, cada um tinha suas amizades, você sabe cada criança tem seu grupo, mas não compartilhávamos assim. E daí eu conheci o Eudaniel, aí meu pai ficou bravo porque ele falava assim: “o Eudaniel não tem uma profissão”... Aí ele falava “como que eu que havia estudado tanto para estar com alguém igual ou melhor do que eu”... Porque você sabe eu falo assim, um pai e uma mãe sempre querem o melhor para o filho, aí como alguém que conhecia desde pequenininho, porque conhecia ele de pequenininho, aí viu ele crescer, sabia seus parentes e tudo, aí ele ficou sério comigo, assim, “olha”... Que não, não gostava assim, minha mãe tão pouco, mas ela não falava assim para mim, mas eu percebia, e meu pai comentava assim com os colegas que brincavam assim com ele, porque meu pai ele costuma brincava muito com a gente “ah sua filha vai casar”... Eu ainda namorava Eudaniel, “sua filha vai casar com ele”... Porque todo mundo fala que eu sou a preferida de meu pai. Até ele mesmo fala: “eu tenho quatro meninas”... Mas ele fala que eu sou a menina de seu olho. “Ah sim porque você como é a preferida do pai você faz tudo”... “Ah sim como você é a preferida do pai”... E aí depois com o tempo ele foi, como se diz, foi aceitando. Não tem outro, não tem outro jeito. E aí apesar da família, do Pascoal ele tinha uma família boa, ele sabia que mesmo que ele não tinha uma profissão, não foi estudado, eles sempre sabiam que ele era bom, apesar do em torno da família dele... Era estranha era... Eu vou contar a história para você. A mãe dele não era mãe, era tia. A mãe dele não criou, a mãe é irmã dessa moça, são duas irmãs, e daí desde pequenininho a tia cuida, porque a mãe que pariu, que ganhou ele, deu para ela. Mas agora hoje em dia ela cuida de treze, quatorze irmãos, ele é o mais velho. É uma história bem forte por esse lado. Então ainda que ele tenha essa família assim, a minha mãe e meu pai fala “ah eu vi Eudaniel crescer desde pequenininho, um menino bom, trabalhador, não tem nenhum vício assim, de droga, desses negócios forte. Não. Ainda que em torno dele, dos parentes dele... Aí meu pai foi aceitando, aceitando e eu sempre com vontade de ir embora, aí ele falou “você que tem que ir primeiro porque você que tem passaporte, tem seu documento”... Aí o Eudaniel ele já tinha reunido mais dólares, mas ainda não alcançava, daí ele conseguiu trabalho em um negócio, acho que um negócio em uma padaria. E aí ele foi conseguindo dólares, e aí depois nós emprestamos um dinheiro de um primo dele, que lá tem um negócio no centro da

cidade. Que você vende dólares, você tem dólares... Como lá é em dinheiro não se consegue, daí você dá os dólares para mim e eu dou o dinheiro para você. Aí nós emprestamos dólares a esse primo dele e ele pagava porcentagem. Nós emprestamos com dólares, e ele pagava duzentos dólares, pagava mais, e juntamos dólares mais rápido, e completamos esse dinheiro era porcentagem, toda semana nós recebíamos mais dólares, mais dólares. Aí ele pegou um contato com esse tio que é irmão da mãe das duas mães, porque ele tem duas mãe, ele falou “ah você vem para cá para o Brasil aqui tem trabalho, lá você está passando fome, que não sei o que”... “Que aqui você...” E como é isso lá? “Aqui você vende trabalha, você saca seus papéis, aluguel é rapidão”... Aluguel ta saindo rápido, rápido. Daí eu falei: “será que nós vamos para lá”? Se for lá vamos nós dois juntos porque esse negócio de ir um depois ir o outro nem sempre dá resultado, é sempre muito difícil. Lá na Venezuela tem muito caso que um que migrou primeiro porque já tinha um que tinha trabalho, e depois veio o outro, a mulher. Tem vezes que não dá certo porque daí já consegue outra mulher, outra namorada, esqueceu do filho, da mulher que tem lá na Venezuela e não dá certo não. Aí eu falei assim... Ainda esse tio dele falou que primeiro seria bom ele vir sozinho, mas que se eu queria que vinhesse os dois juntos não tinha problema não. Eu quero os dois juntos. Nós não temos filhos ainda porque quando você tem filho você pensa mais, vai atrapalhar meu filho, daí vai você primeiro, depois eu vou. Nesse caso, quando é criança para passar trabalho, necessidade... Mas nós ainda não temos filhos, vamos nós dois juntos. (...) Vamos lutar os dois juntos. Aí ele nunca falou que isso tem um processo, sabe? Você vai chegar tem que fazer um cadastro, vai passar por situação dura.... Não falou nada das coisas difíceis. Ele falou, “chega, saca os papéis, e você vem embora”. É rapidão. Ainda minha mãe, ninguém queria que eu vinha para cá para o Brasil. Eles falavam assim “que o Brasil não era muito situação muito bem para, para imigrantes, que a situação econômica daqui não era muito boa, a moeda daqui não tinha... Como todo mundo tem dólares, dólares, peso chileno que vale mais que, peso chileno nem tinha ... “Ah Brasil, você vai embora para o Brasil””? Falou um amigo, “você vai de turista? Você vai de turista” “Não!” (Risos) Já... Me dava até medo (HERNANDEZ, 2021).

Há uma complexidade de situações nos novos fluxos migratórios de venezuelanas, e entre as situações que nos interessam, no sentido proposto por Lugones (2014) é tornar visível o que está oculto, como as tensões que podem ocorrer devido rompimentos de vínculos familiares com a sociedade de origem, bem como, a dependência em relação aos novos mecanismos de poder e às imposições justapostas pela migração e pela sociedade de destino.

2.5 “TUDO IMPORTA PARA MULHERES QUE ESTÃO NA MIGRAÇÃO”

O universo social da migração incorpora a condição de provisoriedade. E como mulheres resistiram ao provisório? Corpos femininos, corpos fronteiriços, corpos maternos, corpos que enfrentam a provisoriedade. Corpo-território entendidos a partir do campo simbólico que “envolve todas as dinâmicas de resistência moldadas pelos grupos subalternos” (HAESBAERT, 2021, p. 237).

A maneira de interpretar corpo-território carrega força reflexiva nas análises de Rogério Haesbaert (2021, p. 237), e sob corpo-território na migração criam-se interferências. Os abrigos da Operação Acolhida foram experimentados por duas mulheres logo que foram recepcionadas

no ordenamento da fronteira, corpos femininos que carregaram desgastes físicos, emocionais, situações de opressão, tensões de ordem econômicas, sexuais, sociais, raciais, culturais, étnicas e outros.

Tomemos as memórias de Hernandez (2021) sobre as experiências construídas no dia que permaneceu no abrigo. Suas vivências histórico-sociais revelam corpo-território perceptível à dinamicidade em que esteve autorizada a permanecer na condição de refúgio, logo após comprovar domínios sobre corpo-território derivou seu visto temporário.

“A memória é tomada como história” (PIERRE, 1993, p.14) e a partir da memória daquele dia no abrigo Hernandez (2021) esmiuça aspectos das relações sociais construídas logo que ela migrou, narrou sobre os sentimentos e descreveu muitas situações difíceis, dentre as quais ela revela, por exemplo, experiências histórico-sociais referentes as questões muito particulares na migração de mulheres.

Durante entrevista com Pietra Hernandez (2021) ela menciona a dificuldade de tomar banho e a realização de refeições no dia em que esteve no abrigo. Ela confessou não conseguir condições mínimas de realizar suas necessidade porque sentia-se como que faltava a privacidade, sua memória chega ao ponto conclusivo de registrar que, ela teve realizada suas necessidades fisiológicas ao chegar em uma pousada e ter acesso ao banheiro, cama para dormir, porque conforme trouxe para a narrativa “no abrigo tudo era coletivo para você tomar banho, para você ficar, fazer cocô, para fazer xixi, era assim fila, fila, muita fila muitas mulheres, muitas crianças, e eu não conseguia, não conseguia” (HERNANDEZ, 2021). O contexto narrado pela mulher apresenta referências de uma memória social da migração, envolvendo um emaranhado de questões subjetivas, situações muito particulares e de higiene pessoal, sendo essas as concretudes de corpos femininos que migraram.

Revela também as condições vulneráveis que seu corpo enfrentou para que fosse possível repousar na noite que ficou no abrigo. Segundo ela “um monte de colchonete assim, uma em cima de outra, aí cada uma vai pegando o seu colchonete, aí você tinha que colocar um lençol, uma toalha este, colocar ali em cima para você deitar” (HERNANDEZ, 2021).

Esses fatos evidenciados pela experiência da mulher possibilitam afirmar que venezuelanas migrantes enfrentam condições desiguais, divergem na forma de abordar corpo-território sob a ótica de mulheres. Tal realidade apresenta profundas semelhanças as situações comparadas ao período colonial brasileiro, e a elas relacionam-se um outro elemento marcante, a dominação. Todas essas questões permitem, portanto, uma análise questionadora da ordem estabelecida. Ao encontro dessa análise, María del Carmen Villarreal Villamar e Giseli Maria Almeida Ribeiro (2020) afirmam:

Porém, a presença física dos emigrantes/imigrantes, assim como suas narrativas e práticas socioculturais nas sociedades de recepção, não podem nos fazer perder de vista as hierarquias coloniais que se perpetuam no processo migratório e definem o predomínio da cultura e do ponto de vista do país receptor (antes potência colonial), apresentados como únicos legítimos (VILLAMAR e RIBEIRO, 2020, p. 46).

Falando sobre o período colonial brasileiro, a historiografia apresenta uma ampla bibliografia que evidencia alojamentos coloniais sem estruturas mínimas e pessoas sobrevivendo em situações vulneráveis, em que se assemelham as divisões de cômodos relatadas pela mulher na narrativa acima.

Válido ressaltar, que como em Sayad (1998), há muitos outros estudos que focalizam olhares para essas questões, este pesquisador mesmo demonstrou que o fenômeno da imigração deve ser analisado considerando as dimensões do sistema de colonização e seus efeitos. Em outros termos o conjunto de condições sociais e econômicas que migrantes se submetem pode engendrar de forma particular a permanência de traços coloniais.

Hernandez (2021) traz para as entrevistas práticas compartilhadas por outras mulheres que se estendem aquela noite no abrigo. Narra ela que, “para dormir, haviam homens que permaneciam de lado uns aos outros, acomodavam-se esses todos juntos, e as mulheres que chegavam se ocupavam de um outro espaço do abrigo”. Sobre a noite que passou no abrigo, conta que ouviu comentários de que eram frequentes situações de furtos, provisoriamente, insegurança, por isso ela disse sentir “medo de perder o pouco que carregava em sua bagagem, tinha alguns pertences que eu trazia na mochila e um tênis”.

Na entrevista ela menciona esses fatos que não caracterizam-se de forma nenhuma como denúncia, mas são compreendidos do ponto de vista de narrativas repletas de subjetividade, preocupações sobre corpo-território de quem migra que é subjetiva da mulher e dramas que vivenciaram outras mulheres.

Também Pietra trata de relacionar as dificuldades sobre a casa em que morava em Boa Vista, explicou “não ser nada fácil a vida lá também, existia pernilongos na casa em que eu morava, aquilo parecia que ia me carregar de tanto pernilongo que tinha”. Entende-se tais narrativas como possibilidades para novas investigações:

[...] Lá em Boa Vista nós deitava assim no chão, aí não tinha colchão, não tínhamos nada lá na casa onde nós chegamos, nós alugava um quarto era um venezuelano também... Aí o pernilongo comia...Aí! Aí eu chorava eu queria voltar de novo porque como eu falei, nós não sabíamos que tínhamos que passar por tudo, por todo esse processo (HERNANDEZ, 2021).

Os relatos narrados por Pietra retomam os dois meses que morou em Boa Vista até conseguir regularização da condição que a trouxe para Dourados, ela explica que foi chamada pela “ONU, eu acho que foi a ONU para vir para cá” (HERNANDEZ, 2021). Durante esses dois meses não se interromperam as experiências, ela continuou a carregar desgastes físicos, ausência material, sentimentos emocionais, acúmulos de sensações, constrangimentos com o corpo e questões de gênero.

Nas memórias da colaboradora há vestígios de uma memória transformada por sua passagem em história. A memória se apoia inteiramente sobre o que há de mais preciso no passado (NORA, 1993, p. 14). E, novamente, outros aspectos de cunho social e econômico marcam o contemporâneo e afetam, ao mesmo tempo, todo o presente dela. Como outras mulheres que migraram Pietra Hernandez (2021) afirma que “não sabia que passaria por tudo que passou, mas passei firme e hoje estou aqui”.

Ela esclarece que neste período que residiu em Boa Vista, morava em um quarto desocupado dentro de uma casa com outra família venezuelana, apresenta indícios que não conhecia essa família, segundo ela era “uma senhora, um senhor e uma criança que também se encontravam por lá”. (HERNANDEZ 2021).

Pietra Hernandez (2021) não possuía móveis, inclusive “no quarto não tinha cama para dormir”. Esta era a realidade da mulher ao se deitar em cima de caixas de papelão que substituía uma cama, “abrimos e deitamos em cima ali” (HERNANDEZ, 2021). Eram necessárias adaptações à vida no lugar chegado, o mesmo sentia ao se hidratar, “um desespero”, segundo ela “porque falta de geladeira para armazenar comida e água gelada. Todos os dias tinha que buscar água no supermercado próximo”. No que diz respeito as refeições, a maioria das vezes a alimentação era composta de “pão e salsicha” (HERNANDEZ, 2021). Para estabelecer a sistematização de todas essas condições, buscamos trazer na íntegra as questões vivida por Pietra:

E para beber água eu lembro que aí ficava um supermercado assim como o “Sempre Bom”, e lá tinha uns litros de água e eu ia pegava água gelada para poder almoçar porque eu não conseguia lá faz muito calor é muito quente e almoçar com água quente eu não conseguia, aí eles já estavam acostumado já daí eles ligavam a torneira e bebiam água assim quente da torneira. Aih eu não conseguia! (lembança ruim). Eu ia lá nesse supermercado com uns litros pegava água e trazia para almoçar. Água quente eu não conseguia (HERNANDEZ, 2021).

Essas nuances e sofrimentos das sujeitas em trânsito não estão registradas em relatórios de organizações governamentais, não se encontram difundidas politicamente em políticas inerentes as situações de vulneráveis que enfrentam mulheres migrantes. Por tudo isso, é

possível afirmar que, mulheres carregam experiências histórico-sociais diferenciadas no processo migratório, as vivências da mulher migrante, é claramente diferente da masculina, sem falar em cujos processos tensos, violentos, arriscados e sob ameaça de abuso físico e sexual que estão submetidas.

O conjunto das experiências evidenciadas por Meire Benites (2021) durante os sete meses que morou em Boa Vista retratam outras circunstâncias experimentadas por mulheres venezuelanas. Afirma ela que, “ em Boa Vista pra conseguir uma diária tinha que ter uma recomendação então eu nunca conseguia” (BENITES, 2021). Depois de migrar as mulheres experimentam processos sem segurança, corpo-território se deslocam, e ao mesmo tempo que resistem, sofrem opressões, corpo-território sujeito político que desafia o gênero diante patriarcado e colonialismo.

Na provisoriedade, ora do abrigo, ora da própria casa, venezuelanas constroem possibilidades, desfazem práticas, fissuram domínios. A provisoriedade da/na migração implica pensar, conexões que mulheres migrantes criam, que está aqui é articulado as memórias de uma outra parte que está lá. Nesta articulação pensar corpo-território na migração de mulheres implica pensar nas pessoas que ficaram lá, e em questões como direito, dignidade humana e políticas de cuidado:

Não foi fácil viver na Venezuela. Antes da crise eu vivia muito bem, vivia assim comum, tinha minha casa própria em Venezuela, mas pela situação tive que sair de lá pela segurança pela saúde da minha família, porque minha mãe estava muito doente, a minha mãe atualmente ela ainda está muito, muito enferma. Eu ajudo mandando dinheiro para que consiga medicina (BENITES, 2021).

De alguma forma liga-se à história vivida no presente entrelaçada ao lugar deixado, um retorno intenso engajado na memória afetiva e de pertencimento. É o que traz em suas narrativas a mulher, que ao narrar sua história de migração vincula relações sociais antes da migração e trata a si mesma e ao lugar chegado sob uma ótica analítica de provisoriedade, resiste por meio de processos engendrados e mesclados.

Para ela, o fato de resistir em país brasileiro, se constrói para ela, como estratégia de solução diante às “situações” pelas quais teve que sair da Venezuela, e por isso mesmo ela constrói suas próprias estratégias de resistir ao ocupar o lugar chegado, trabalhar e conseguir dinheiro suficiente para enviar remessas aos cuidados da mãe que permanece na Venezuela. Ampliando a narrativa é possível refletir estratégias de resistência, atuação feminina e participação de mulheres. A compreensão das experiências individuais de mulheres obriga

novos olhares e perspectivas, “a lembrança é passado completo em sua reconstituição a mais minuciosa” (NORA, 1993, p.15).

Como fios condutores as redes sociais e de migração constituem elemento importante para compreender o processo de constituição no lugar chegado. Especificamente a teoria de redes migratórias e outras perspectivas analíticas ganhou destaque a partir dos anos 1980 no marco de revisão e questionamento das teorias macroestruturais. Essa abordagem passou a considerar as migrações como processos evolutivos, dinâmicos e promoveram uma aproximação entre análises macro e microestruturais.

Desde a direção inicial, essas redes constituíam conexões realizadas por familiares, amigas (os), conterrâneas (os) de uma mesma nacionalidade, grupos diversificados que buscavam estratégias para o trabalho, moradia. Geralmente a proximidade, - aliada ou não, - a solidariedade em compartilhar informações exercitava coletivos de pessoas sobre um projeto e/ou de projetos distintos. Nessas redes constituem-se relações interpessoais entre e/com mulheres, de modo que, vinculavam-se estratégias de mobilidade para novos territórios de vida migrante.

Dentro dos fenômenos migratórios as redes sociais e de migração servem para ampliar o universo da migração é lócus de resistência e foi outro elemento muito singular presente nas narrativas analisadas.

Abordada como lócus de resistência as redes engendradas por venezuelanas que relaboraram a migração, atravessaram fronteiras demarcadas e construiu outras redes de relações diversificadas. De redes iniciais teceram-se novas novas redes sociais e de migração em movimentações circulares, no entanto em outras situações romperam com outras redes.

Desse modo, mulheres construíram redes anterior à migração, simultaneamente na migração e, depois da migração. Elas contribuem para a formação de redes visíveis e invisíveis e a medida em que migram impulsionam a formação de outras redes. Essa composição das redes é marcada por dinamicidades e serve para explicar diversos tipos de conexões entre pessoas que migram e entre pessoas que acolhem, e portanto, é inerente para compreensão dos fluxos.

Em torno das redes se constroem aspectos subjetivos da experiência migratória, o que possibilitou a pesquisadora Assis (2002, p. 13) denominar de “subjetividade no processo migratório”. Nesse sentido, as redes são significativas para evidenciar a acolhida e solidariedade no lugar chegado, e servem igualmente para identificar exclusões, alertar opressões, pois fazem parte de um processo engendrado de busca por alianças entre pessoas que migraram e pessoas que pretendem migrar.

As redes constituíram caminhos que permitiu as venezuelanas traçar novas estratégias para situações vividas do corpo-território, do mesmo modo que as doações compreendiam estreitamente a ajuda frente as delimitações. As venezuelanas buscaram doações, como os exemplos, mulheres que receberam itens básicos, uma geladeira, a outra que conseguiu uma bicicleta, e assim por diante... Essas doações de vizinhas/os e amigas/os pautadas em redes sociais e de migração marcaram a vida de mulheres. No decorrer das entrevistas, a maior parte das mulheres relataram não possuírem meio de transporte adequado para se locomover dentro de Dourados-MS, e por isso logo que conseguiam trabalho iniciava a preocupação em possuir uma bicicleta no intuito de trafegar.

Na medida em que as mulheres traziam questões sobre a migração, apareciam a formação de redes sociais e de migração, em todos as entrevistas apareciam a construção de redes facilitaram a própria migração:

Ele tinha esse sentimento de solidariedade, e aí ele ficou... Mandaram os remédios para as crianças, e nós mostramos a casa do lago, e quando ele viu as condições da casa, ele nos deixou e depois ele voltou com cobertores comida muitas coisas. E aí nos dias como na semana ele sempre ia, e as crianças muito assim... A gente nem conhecia ele, ele vinha todos os dias pra ver como a gente estava, porque eu ficava com as crianças sozinha com o Carlos indo para a universidade, então eu ficava sozinha com as crianças, então ele um dia falou com uma amiga dele que é militar, quero dizer que era militar porque já se aposentou já se terminou seu tempo de trabalho, chamada Sayonara, outra pessoa que é um anjo para mim, essa é um anjo brasileiro. Tem um anjo venezuelano e outro brasileiro (PEREZ, 2021).

A pesquisadora Eliene Dias de Oliveira (2015) tratou em sua tese de doutoramento o sentido social das redes e as afirmou como “sustentáculos dos projetos”. Ela verificou que ao se construir durante a migração as redes sociais as mulheres são capazes de reforçar todo o processo, o que inclusive ajuda no percurso migratório:

Dentro desse universo social da migração, as relações pessoais constituem um instrumento importante para a consecução e realização do processo migratório. Nesse sentido, reafirma-se a importância das redes sociais tecidas em torno do migrante como um dos sustentáculos do processo migratório e do seu processo de reterritorialização nas novas 80 paragens. As pessoas migram para onde tenham conterrâneos, amigos ou familiares, mobilizando um universo de referências já existentes em algum momento de suas vivências (OLIVEIRA, 2015, p. 79-80).

Por exemplo, Pietra encontrou auxílio na sua vizinha do fundo, onde morava uma mulher com quem construiu uma relação importante que representa para ela como “uma semelhante ligação entre mães e filhas”, e continua afirmando que “toda vez que eu estou com

cólicas menstruais essa senhora vizinha minha faz chás e taz remédios para mim” (HERNANDEZ, 2021).

Evidenciaram-se algumas questões em que mulheres declararam “uma ajuda para comer”, “para se vestir”, “tudo aquilo que fosse doado era bem vindo, servia tudo, algum tipo de ajuda, financeira, roupas calças, calçados e camisetas, cobertores o que fosse”⁸⁰.

Já registramos que, experiências de venezuelanas são diversificadas, e embora a venezuelana decida emigrar, há em todo esse processo, a tomada de decisão por emigrar, o corpo-território em trânsito e as complexas situações experimentadas, sendo que a composição de redes migratórias é crucial para ela ficar ou não ficar.

Traçamos uma questão importante que se cruza nas narrativas de mulheres: a relação constituída a partir de redes sociais e migratórias, e a afirmação de que durante o trajeto migratório e no lugar chegado, o apoio e a solidariedade de outras mulheres foram fundamentais e necessários para continuar a migrar.

Assim, as entrevistas de campo demonstraram que, muitas redes sociais e de migração surgiram em meio ao percurso migratório, e nessas circunstâncias elas definiram o caminho, sendo resultado de uma mobilidade completa. Por exemplo, na migração de Perez (2021) foi comprovada a importância da criação de novas redes sociais e de migração com Betel Gonzalez “a possibilidade de onde ficar”, daí entendida pela mulher como “o suporte mais preciso, quando eu mais precisava de ajuda, essa anja com pousada, com alimento foi solidária à mim e minha família, ela me ajudou” (PEREZ, 2021).

Então com exceção de apenas uma mulher, outras nove mulheres demonstraram considerar fundamental a constituição de redes sociais e de migração dentro do fluxo venezuelano. Geralmente as redes são formadas por vínculos afetivos externos, ou seja, entre pessoas que não eram próximas, em contextos diferenciados, mesmo outras mulheres que não se conheciam, mas que já haviam migrado para outros países, que experimentaram a migração foram solidárias umas com as outras, no caso, a paciente venezuelana que ajudou Pietra Hernandez com recursos para que ela mesma pudesse seguir com seus planos de sair da Venezuela também.

E também constituíram-se redes por vínculos familiares, que Oliveira destacou que as mulheres “são elas também as grandes responsáveis pela tessitura e manutenção das redes sociais da migração” (OLIVEIRA, 2019, p. 548).

⁸⁰ Esses relatos apresentam supressão de nomes, uma vez que, buscamos respeitar o anonimato dessas colaboradoras.

Desse modo, outras redes sociais e de migração porém, ainda estão a serem construídas; como as das mulheres que migraram sozinhas, desacompanhadas ou por conta própria figurando seu protagonismo no fenômeno migratório e na construção de novas redes.

Para concluir este capítulo, acreditamos que a migração como estratégia merece uma análise metódica e a categoria corpo-território serve para pensarmos as mulheres antes da migração. Como se constroem as relações no país de chegada, a experiência de ser mulher migrante e de estar em outro país. Assim, a partir da interconectividade corpo-território podemos desnudar imposições, dominações, pensar sobre o patriarcado e sobre a colonialidade de gênero.

CAPÍTULO 3

POR QUE CONTAMOS HISTÓRIAS DE MULHERES?

Então, se existe liberdade, me deixa escolher.

(Kátia Aline da Costa)

Memórias como acontecimentos na migração, memórias compõem histórias trazem suportes e revelam referências importantes para o estudo sobre lugares de mulheres que migraram, e entre outras questões registram impactos e experiências que corpo-território sofreram tanto na saída quanto na chegada. Para este capítulo trouxemos as narrativas referências ao vivido, as experiências de como as mulheres foram tratadas nas migrações ao refletir lugares de memória depois de migrar.

Os lugares de memórias e desafios cotidianos vivenciados por mulheres constituem elementos primordiais no estudo da migração venezuelana. Assim, trouxemos porque os consideramos fundamentais para analisar gênero e trabalho, e a partir das experiências de venezuelanas, suas narrativas ricas em potencialidades, utilizaremos como fundamento para a escrita da tese, porque propriamente ela é a história.

3.1 MULHERES VENEZUELANAS E MUITAS MEMÓRIAS

Uma leitura minuciosa dos fundamentos da memória demonstra que são díspares as concepções sobre memória, mas de forma objetiva interessa a memória que privilegia experiências históricas, fragmentos capazes de captar nuances da migração para situá-las historicamente.

As pesquisas no campo das migrações se constituem por histórias, e especialmente memórias, experiências situadas e carregadas de historicidade, porque se fundamenta no tempo histórico a partir da dependência da memória do passado. É um fenômeno envolvido pelas memórias em sua amplitude, complexidade, carregada de facetas.

Ao focar as memórias construímos múltiplos olhares sobre corpo-território em trânsito. Entre suas características basilares, as memórias como campo polissêmico procura desvendar, construir outras memórias e histórias.

No caso da pesquisa com mulheres venezuelanas fica evidente esses elementos. Todas as narrativas das mulheres foram apresentadas com base em suas memórias e no interior de sua história, envolveram também as memórias de outras mulheres, e em alguns casos memórias que

trouxeram homens, são histórias de quem migrou e de quem não migrou entrelaçadas por elos que se estabeleceram entre memória individual e coletiva. Ao levar em consideração possibilidades operacionais para a História Oral, os pressupostos utilizados consideram que a memória individual está entrelaçada à memória coletiva, e não existem fatos isolados e não existem lembranças produzidas sozinhas.

Quando uma mulher fala, todas as outras falam. Parafraseando Bossi (1994), não é somente a sua experiência que ela carrega, mas junto a ela experiências de outras mulheres, descrevendo aspectos substâncias da memória social, matéria lembrada em que a condição de lembrar é, ao mesmo tempo individual e coletiva. São histórias que se interligam, por mais que sejam diferentes os processos e as mulheres, uma vez que há particularidades vivenciadas que transcendem a migração, ou seja, a subjetividade e objetividade daquilo que acontece por ela e por outras mulheres (DELEUZE, 2002).

Nesta direção, a concepção de memória está apoiada na perspectiva de Maurice Halbwachs (1990), que apoiado na corrente durkheimiana, tratou das relações da memória e da sociedade, analisando as classes sociais a partir de “quadros sociais da memória”. Recorre-se a este pesquisador no sentido de servir de sua liberdade intencionalizada, característica própria de sua escrita, estudada no livro “Memória Coletiva”⁸¹, de onde parte uma influência em formular a escrita livre de aprisionamentos.

Inevitavelmente, ao narrar sua história, mulheres migrantes produziram memórias segundo vários pontos de referência, constantemente centralizaram pessoas, especialmente relacionadas aos vínculos e elos afetivos. Como exemplo, tomam lugar teias que envolvem filhas, filhos, mães, amigos e familiares, constituindo intersubjetividades que valorizavam memórias da família, vínculos afetivos que costuraram a estruturação do processo migratório, sustentaram e orientaram outros projetos.

Corroborar-se a leitura da socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí, efetivamos a compreensão das condições externas que deflagram a migração e o papel de protagonismo das mulheres, onde inclusive muitas delas abandonam sua própria história e valores para abraçar efeitos e situações da migração (OYÉWÚMI, 2021). Tal realidade, por exemplo, foi notadamente observada pelas experiências de Vera Gargez (2021) que foi necessário interromper a carreira pretendida com nível superior em licenciatura plena porque tinha que trabalhar e para isso precisou migrar. “Estudei essa profissão, mas não a exerci na pré-escola

⁸¹ “Memória Coletiva”, livro póstumo foi publicado cinco anos após a morte de Maurice Halbwachs (1950). Vinte e cinco anos antes, em 1925 Halbwachs já havia publicado a obra “Os quadros sociais da memória”.

porque quando tudo começou a piorar por causa da economia da Venezuela eu não pude apresentar a minha tese, foi quando eu precisei abandonar os estudos e migrar, assim foi na última matéria que faltava para eu concluir a minha licenciatura na hora de apresentar a tese precisei abandonar”. A realidade obrigava essa mulher a substituir a profissão que almejava como professora pelas novas funções no lugar chegado.

Não raras vezes, as mulheres trouxeram memórias traduzidas em renúncia. Assim, é possível trazer referências à migração servindo como estratégia no sentido de deixar junto à Venezuela projetos, sonhos, neste caso, não sendo pretendida, mas impositiva a migração.

A configuração dessas relações intrafamiliares na migração venezuelana, assim como em outros fluxos migratórios femininos, aparece sob uma ótica que busca questionar as discriminações que afetam, em particular, mulheres, e explicita reivindicar e permitir dispositivos que garantam possibilidades semelhantes (BARRAL, BORGEAUD-GARCIANDÍA, ROSAS, MAGLIANO, 2022).

Utilizamos Quijano (2009) para que, como ele possamos pensar as implicações do poder em toda sua estruturação, imposição, dominação e suas dimensões mais subjetivas. De acordo com Aníbal Quijano (2009):

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal (QUIJANO, 2009, p.73).

Quijano (2009) contesta padrões eurocentrados e demonstra que não há um elemento de colonialidade, mas uma estrutura que se desenvolveu, que está arraigada, que estrutura outras relações, imposição eurocentrada que “tem implicações decisivas sobre o caráter e sentido das relações intersubjetivas, das relações de autoridade e sobre as relações em torno dos sexos e dos seus produtos” (QUIJANO, 2009, p. 82-83). Isso quer dizer que o processo migratório carrega dispositivos de poder e sobre as mulheres recaem implicações diretas de modelos hierárquicos e dicotômicos que se sobrepõem “as relações entre os ‘gênero’ e que foram também ordenadas em torno da colonialidade do poder” (QUIJANO, 2009, p. 111).

Esse é um ponto que podemos associar às narrativas de Vera Garcez (2021) como também de outras mulheres venezuelanas. Além disso, um outro olhar permite descortinar a idealização sobre cuidados que recaem sobre elas, encarregadas de múltiplas atividades, com a carga de cuidados referentes à família, com o cuidado materno, e as teias que envolvem divisão social do trabalho e que afetam profundamente os papéis ocupados por elas. Hierarquizações,

desigualdades e exclusões são elementos esses constitutivos da construção social dos fluxos migratórios, problemática essa já apontada em alguns trabalhos sobre migrações:

Nuestras sociedades se encuentran marcadas a la vez por un modelo familista de los cuidados -que asigna la responsabilidad de los cuidados a las familias y en particular a las mujeres, presionadas por las obligaciones del mercado laboral y familiares- y por fuertes desigualdades sociales que afectan a los sectores populares y migrantes. Estos factores favorecen la primacía de esta “lógica de delegación” de las tareas que explica la emergencia de un gran mercado del cuidado (BARRAL, BORGEAUD-GARCIANDÍA, ROSAS, MAGLIANO, 2022, p. 07).

Assim, as mulheres são submetidas a dominação, destinadas no espaço privado ao cuidados, trabalhos domésticos, as situações de desigualdades. Em relação ao mundo do trabalho enfrentam uma posição socioeconômica desprivilegiada, hierarquias dicotômicas, com experiências conflitantes devido paradigmas operantes que recaem sobre elas, sempre à serviço das imposições, e responsáveis pelos cuidados maternos, família, casa, trabalho, protetoras, sem considerar o entrelaçado da vida social e as experiências históricas anteriores à migração. Essas carregadas de dispositivos de poder durante à migração e marcadas pelo sistema moderno, colonial e de gênero.

A pesquisadora e feminista Alba Carosio (2014) entende que todas essas questões contribuem para discutir direitos humanos e por isso considera que tais temas são agendas extremamente necessárias para pensar os direitos das mulheres, especialmente mulheres migrantes. Para ela, as mulheres constituem base importante para pensarmos a sociedade, economia e política, e a partir de uma visão crítica dos direitos humanos entender a problemática da violência contra as mulheres (CAROSIO, 2014)⁸²:

El tema de los cuidados es central en la agenda de la igualdad porque es central para la discriminación, se entronca con la discriminación laboral y tiene efectos en la participación social, política y la violencia de género. El cuidado designa a la acción de ayudar a un niño o a una persona dependiente (ancianos, capacidades especiales, enfermos, etc.) en el desarrollo y el bienestar de su vida cotidiana. Comprende el conjunto de acciones integrales ejercidas para preservar la vida en sus aspectos básicos (afecto, alimentación, salud, protección, etc.) en función de favorecer su sano y adecuado crecimiento y desarrollo, y vivir bien. Engloba hacerse cargo del cuidado material que implica un trabajo, de la provisión económica o costo de cuidar, del cuidado psicológico que implica un vínculo afectivo, emotivo, sentimental, el cuidado educativo que implica la estimulación del desarrollo. Todos y todas necesitamos cuidados en algún tramo de nuestra vida, implica el reconocimiento de la vulnerabilidad de la vida humana, y es un derecho humano universal su protección (CAROSIO, 2015, p. 177).

⁸² Alba Carosio dirige a Revista Venezolana de Estudios de la Mujer, é diretora do Centro de Estudios de la Mujer de la Universidad Central de Venezuela e também atua como Coordenadora do GT CLACSO (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais), Feminismos, resistências y Emancipación.

As múltiplas preocupações que envolvem essa temática também são discutidas no contexto histórico-social das femininas venezuelanas. Para a historiadora venezuelana Alba Carosio (2018), há três grandes temas que unem diferentes vertentes do feminismo, cuidado, violência e corpo:

Esses grandes temas são os quais as feministas de diferentes vertentes se encontram e também isso ocorre com o feminismo venezuelano, então poderia dizer que esses grandes temas nos interessam, tanto às feministas socialistas e às mulheres que estão próximas do processo como aquelas que não estão confluímos nesses três grandes temas⁸³ (CAROSIO, 2018).

As memórias de mulheres revelam processos migratórios e sentidos de migrar, essas percepções contribuem para refletirmos as relações de gênero, práticas, valores, tradições, costumes. Álias, vários segmentos da memória narradas pelas mulheres são entendidas como construções sociais importantes elaboradas a partir das experiências históricas que nos servem para pensar os diferentes protagonismos de mulheres, e de forma muito particular, as memórias se tornam constitutivas de múltiplas temporalidades, passado e presente.

No passado migratório há uma complexidade de experiências sociais que segundo Losandro Antonio Tedeschi “desempenha o papel de catalisadora, carregando com ela um grande potencial transformador” (TEDESCHI, 2012, p. 179). E a preocupação com a incorporação dessa perspectiva teórica dentro dos estudos migratórios toma importância, do mesmo modo que, analisar memórias e relações de gênero entrecruzadas.

3.2 “ESSAS MEMÓRIAS QUE EU ACHAVA APAGADA ELAS DE NOVO VOLTEM, MAS DE UM JEITO DIFERENTE”

Os estudos sobre a migração venezuelana, construídos a partir de memórias femininas, carregam memórias do passado, abarcam protagonismos do presente sobre o papel que exerceu e continua exercendo nos processos de saída do país de origem. Ao mesmo tempo que, tem o objetivo de ressaltar as transformações sobre o mundo de trabalho. E com esse enfoque nos

⁸³ A citação acima é uma transcrição da fala de Alba Carosio concedida a entrevistadora Carol Vidal, durante o Encontro Internacional Nós tantas outras, mesa "Concepções e práticas feministas na América Latina", realizado em 29 de dez. de 2018, no Sesc Avenida Paulista, cidade de São Paulo, Brasil. Na conferência, ao seu lado participaram a socióloga equatoriana Irene León (Equador), antropóloga Rita Laura Segato (Brasil) e a linguista Ana Lúcia Silva Souza (Brasil). Disponível em: https://www.facebook.com/sescavpaulista/videos/n%C3%B3stantasoutras-alba-carosio/508595849622736/?locale=es_LA. Acesso em: 04 jan. 2024.

possibilita refletir sobre os protagonismos de mulheres dentro das migrações. Como se vê, as experiências de mulheres apreendidas por meio de memórias e narrativas são fundamentais para a produção de história da migração venezuelana e serve como ferramenta teórica para os estudos migratórios. Segundo Losandro Antonio Tedeschi (2020):

En su proceso de producción social, estas mujeres construyeron significados por los cuales enuncian y narran su historia. Es a partir de los discursos que pretendemos descubrir cómo se instituyen, cómo se describen, cómo se revelan en sus “nuevos” papeles. Es en ese proceso de constitución como sujetos que las mujeres construyen una narrativa que conduce significados, revelaciones e identidades de género (TEDESCHI, 2020, p. 64).

As memórias do passado como local de experiência do vivido carregam elementos relevantes do processo migratório, uma vez que as situações trazidas pelas colaboradoras em suas narrativas envolvem percalços da migração, situações que expressam sentimentos, condições de provisoriedade, imposições e colonialidades.

Conforme analisado por Lugones (2014), a imposição colonial do gênero atravessa questões diversas, está no cotidiano das mulheres é colocada de uma forma hierarquicamente racionalizada. As narrativas de Maria Alexandra Perez (2021) são exemplos paradigmáticos de tensões relações sociais de gênero/sexo, podemos identificar a posição ocupada pelo outro masculino, encarregado do espaço público. Suas memórias integram múltiplas experiências do passado vivido na cidade de Itaquiraí, Mato Grosso do Sul, e como conhecimento esse passado é sua representação. (REIS, 2012):

Como Sebastião é agrônomo, eles combinaram ali para ele trabalhar e pagar as passagens e a comida nossa, aí ele trabalhava bastante. O Sebastião trabalhava em Cuba como centro de investigação, em Cuba ele não trabalhava no campo, em Cuba ele de alguma forma vivia entre os cubanos melhor porque ele tomava parte do centro de investigação e tinha uma condição relativamente boa, e aqui quando chega em Itaquiraí ele trabalha no sítio como vocês falam, com os bichos da seda, aí ele tinha que acordar muito cedo, cortava amora pra alimentar os bichinhos trabalhava desde muito cedo até muito tarde com as crianças. Ele sempre tinha em mente que a gente ia passar rápido por isso, porque a idéia era que ele ia fazer o doutorado mas ele tinha que concursar como qualquer brasileiro então a gente tinha esse medo, será que vamos conseguir ou não? A condição aqui no Brasil era outra, de uma série de questões, por causa da língua é muita coisa... E aí ele tinha que viajar para Dourados, e eu tinha que ficar com as crianças, mas assim e nesse tempo eu não falava nada nada Português, foi um momento complicado, porque eu morava em Valência e em Valência a gente não tinha uma vida de campo era uma vida de cidade, e para mim foi muito difícil me adaptar a essa vida no campo, e outra coisa foi difícil, as crianças ficaram doentes lá e eu tinha que sair sozinha com elas em uma carroça com cavalo e um senhor, imagina Katia?! Eu ficava infartada. Eu chorei muito, eu chorava pro Sebastião por telefone quando ele estava aqui em Dourados, eu falava “a fulana está doente”, e eu vou montando na carroça, nunca em minha vida eu havia montando numa carroça com uma criança com febre, assim uma de dois anos e meio, assim do lado, outra no colo montando o cavalo, e assim era longe o posto médico no sítio, era muito longe, ia chorando e orando para melhorar, e sempre deu certo, sempre conseguimos, e até o

Sebastião deu certo aqui na universidade ficou em segundo lugar, e falou assim “a gente vai embora” (PEREZ, 2021).

O trecho transcrito acima apresenta elementos constitutivos da memória individual e coletiva reconstruído pela memória feminina que migrou. Nele são narrados um conjunto de dificuldades como: situações vividas pelas mulheres para a construção da vida no novo país, desafios nas relações interpessoais, sociais, étnico-raciais, culturais, o desafio da Língua Portuguesa, fissuras, adaptações, sentimentos e novas situações transformam o cotidiano familiar. Vemos que sua migração é assentada por mudanças profundas em torno de referências, contextos e processos constitutivos. Uma outra protagonista no lugar chegado, essa que experimentava desespero, medos, incertezas, provisórias, mas cuidava, sentindo os imperativos das relações interétnicas e linguísticas, o que a fazia resistir.

Sob Perez (2021), pesava as responsabilidades do trabalho de cuidados, delegação imposta dentro do modelo tradicional. O trabalho de cuidados é entendido em duas dimensões segundo Gutiérrez (2022): “material”, que involucra la realización de tareas concretas con resultados tangibles –atender al cuerpo y sus necesidades fisiológicas– y la “inmaterial”, vinculada a afectivo y relacional, relativa al bienestar emocional que provee (GUTIÉRREZ, 2022, p. 294).

Aliás, recordamos aqui que nas etapas de interiorização da Operação Acolhida, o fluxo migratório venezuelano foi ocupado e liderado primeiro pela presença masculina, uma imposição colonial de gênero que justificou a modalidade oferta de trabalho sinalizada:

En las sociedades capitalistas esta desigualdad se basa, entre otros factores, en la desvalorización social del trabajo de cuidado que se desprende de la división sexual del trabajo. En este marco, las prácticas de cuidado se comprenden como tareas innatas o poco calificadas asociadas con cualidades “femeninas” y consecuentemente desvalorizadas (BARRAL, BORGEAUD-GARCIANDÍA, ROSAS, MAGLIANO, 2022, p. 07).

Voltamos as narrativas de Perez (2021) e vejamos que neste caso, antes da migrar ela tinha medo do mar, como a mesma afirmou diversas ocasiões. Depois da migração ela não entrava em desacordo, mesmo que o meio de transporte fosse a cavalo, desde que atendesse a necessidade urgente de atendimento médico para a filha. Todas essas questões são tratadas sob uma perspectiva que visa enxergar miudezas da vida de quem migra e as estratégias construídas para resistir.

Para ela, o sentido da migração é pensado de maneira diferente da rotina experimentada na cidade industrializada de Valência. Aquela dinâmica no tempo em que permaneceu na cidade

de Itaquiraí - MS, não contemplava as relações que exercia no seu país, como o seu antigo trabalho, atuação nos movimentos de teatro, a participação em encontros coletivos. Essas memórias integram as dinâmicas da migração e são trazidas como acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”. (POLLAK, 1992, p. 02).

Como parte dessa análise, a memória registra, atrela e elabora historicidade:

A partir de relaciones reales que incluyen, entre otros elementos, lo masculino y lo femenino, y que las diferencias existen a partir de estas relaciones, construídas históricamente, la diferenciación de la memoria vivida incluye la distinción por género (TEDESCHI, 2020, p. 63).

A memória de Perez (2021) é construída de lembranças, mas no interior do processo migratório, voluntária, espontânea, subjetiva, coletiva é marcada pelo tempo presente. Pode-se apreender, que “[...]é antes de tudo, uma memória diferentemente de qualquer outra, arquivística”, porque ela se apoia do que é mais preciso e marca a consciência do vivido preserva integralmente sentimentos de todo o passado (NORA, 1993, p. 14).

O conhecimento sobre aspectos da vida cotidiana dos grupos sociais, por exemplo, práticas, interações, participações, construção linguística, maneira como se relacionam, revelam muitas pautas sócio-culturais, e é ao mesmo tempo uma construção da micro e macro história. Segundo Dilsy Santander y Julimar Moura (2015), diferentes metodologias para estudar o ser humano e a sociedade a partir de novas construções e objetos de análises, é o que fundamentalmente tem estabelecido transformações epistemológicas necessárias:

El mundo de vida remite a las esferas en las que los actores sociales interaccionan en función de un acervo común de saberes, normas, valores y/o símbolos, a partir del cual nace y se desenvuelve la interacción social. De tal forma que el espacio (físico y simbólico) en que se dan estas interacciones sociales reviste una importancia similar. Para las corrientes hermenéuticas las partes que conforman el todo, en este caso, el hecho o pauta social estudiada, son fundamentales para lograr la aprehensión del mismo (MOURA, 2015, p. 347).

Em sua migração mulheres construíram diversos mecanismos de resistências, por exemplo com Perez (2021) são interpretadas resistência ao trazer ao externo o seu choro, da mesma forma que o sorriso, e ela apresenta razões fundamentadas ao afirmar que pelas lágrimas buscava resistir “ao chorar eu me sentia meio que aliviada” (PEREZ, 2021). Evidencia-se que as ações de sorrir e chorar são tomadas como necessidades subjetivas e ao desenvolvê-las temos de soltar o ar e inspirar de novo rapidamente, nesse processo respirar significa pausar e conhecer nossas emoções (ESTÉS, 1999).

As lágrimas de Perez (2021) explicitavam dificuldades carregadas na mala, indícios do lugar deixado, uma outra história construída a partir dos lugares de memórias, evidentemente complexa, de acontecimentos de todo o vivido. Em certo sentido, ela se auto reconhecia e não negava seu pertencimento, fundamentava e reforçava sua dor dizendo ser mesmo “uma chorona venezuelana” (PEREZ, 2021).

Significados que podem trazer sentido para a vida e/ou amenizar a saudade como afirmou em outros momentos Hernandez (2021) ao confessar que “quando bate a tristeza eu corro para o sofá e vou ver essas fotos do meu menino aqui”. Ou seja, é a partir de lugares de memória que se constroem percepções sobre a vida, evocam-se sorrisos, lágrimas, emoções que se revelam diferentemente para as mulheres e que não deixam de constituir estratégias de resistências.

A história das mulheres migrantes não é somente aquilo que se enxerga, mas aquilo que no processo se sente, são ausências, presenças, dominações, busca de alianças, processos de resistências, afinal a história crítica fundamenta-se de palpitações ainda que na vida simbólica, daí a importância da historiadora considerar gestos, hábitos, saberes dos silêncios, saberes dos corpos de quem vos fala (NORA, 1993).

Trata-se de entender a ênfase no sentido metafórico da migração, dor, amor, melancolias, decepções e saudades como pontos de referências de quem narra e distingue à nova vida. As memórias transitam entre alegrias e tristezas e nesse processo as mulheres venezuelanas são autoras, sujeitas e protagonistas que nunca estão por si somente constituídas, mas são constituídas em práticas discursivas (REIS, 2012, p. 44). É nessa direção que analisa-se a significação simbólica dos lugares de memória. Acrescenta-se linguagens construindo seu sentido, sorrir e chorar como vulnerabilidade da outra:

De início aqui no Brasil eu não pude estudar nem trabalhar porque eu tinha com visto de acompanhante não podia fazer nada aqui no Brasil, aí ela deixou uma casa (mãe do amigo de Sebastião), depois vou te mandar as fotos, uma casa difícil, difícil e difícil, você vai ver quando eu mandar a foto, porque eu não sei como eu chorei tanto, não sei como ainda tenho água nesses olhos Kátia, porque assim quando ela deixou, ela me deixou com as malas ainda a gente não tinha dinheiro, imagina isso? Mas também a nossa convivência lá no sítio comigo estava sendo difícil porque eu acho que eu já não me sentia bem sabe, também você já tem uma convivência e isso fica difícil ainda mais com outras mulheres, ela me colocou a fazer limpezas em casa eu não tinha problema em limpar mas, no caso pra ela nunca ficava limpo e sempre ficava sujo porque sempre tinha muita terra no sítio. Aí ela nos deixou nisso que estou te falando a mãe do amigo do Sebastião arrumou para a gente morar, depois vou te mandar as fotos, espero não esquecer todas as coisas que estou falando que vou te mandar. Então ficamos aí com as crianças e com as malas, a gente não tinha água e não tinha luz, e eles deixaram uma comida assim para um tempo, e aí os vizinhos passaram com luz, passaram um bombilho ou uma lâmpada da casa deles para a nossa, e ligava essa luz de noite porque como era uma casa de lago, atrás da casa ficava um

lago, havia muita umidade e a mim e minha filha começaram a asma. E a grande já tinha asma, e pequena começou a ficar também com asma, é a umidade, né? A água como a gente fazia, o Sebastião pegava um pote um toldo um barril para colocar a água grande, da casa do vizinho que ele tinha um tanque da terra, um tanque que pega água da terra, e aí ele passava todo dia para nossa casa, pra gente tomar banho, pra gente cozinhar, para tudo... E aí depois... Em uma vez que as meninas ficaram com asma a gente foi e não tinha bicicleta nesse tempo, e fomos caminhando dessa casa até o posto médico aí em No seleta ali no Parque Alvorada o Seleta. Um dia um senhor que se chama Ramiro, ele mora perto daqui, ele fala um pouco espanhol, viu que a gente andou doze até meio dia com as crianças no colo, caminhando, não vinha ninguém na rua, ele parou com o carro e perguntou: “Olha vocês são daqui”? Eu desesperada com a criança asmática disse que não, que eu precisava ir para posto médico, mas e ele escutou que eu falava diferente, e em seguida ele me disse: “Monta aí, monta que vou te levar para o Seleta”... E aí eu chorava, e chorava, e o Carlos era quem falava, esse moço chamado Ramiro sempre preocupado: “A senhora está bem?” E o Sebastião dizia para eu ficar calma porque se não as pessoas iam pensar mal, mas eu estava mal mesmo. Aí a gente chegou no Seleta e esse moço falou: “Eu vou aguardar vocês, fiquem tranquilos que eu vou aguardar pra levar vocês aonde vocês moram”. Ele nem conhecia a onde a gente morava Kátia, nem conhecia! (PEREZ, 2021)

Perez (2021), trata de detalhar “a casa do Lago”, assim definida em memória e registrada na fala. Essa casa serve de referência para compreensão do passado vivido, porque ao objeto casa é ligada lembranças particulares da mulher que migrou. Segundo afirmou Michel Pollak (1992):

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu (POLLAK, 1992, p. 02-03).

Por outro lado, as memórias minuciosamente descritas mostram diversos mecanismos utilizados para a dominação. Lembramos quando Sayad (1998) diz que “[...] uma estrangeira cuja estadia, totalmente subordinada ao trabalho, permanece provisória de direito” (SAYAD, 1998, p. 63), e relacionamos ao que Perez (2021) disse quando contou que: “me colocou a fazer limpezas em casa, eu não tinha problema em limpar mas, no caso pra ela nunca ficava limpo e sempre ficava sujo porque sempre tinha muita terra no sítio”. Observa-se neste relato argumentos de repetidas exclusões em relação a maneira que mulheres migrantes são recebidas no lugar chegado. Para Roig (2018) as mulheres correm um risco significativo de enfrentar exploração, violência e abuso, pois:

Como as mulheres migrantes frequentemente acabam em empregos de produção e serviço de baixos salários, e elas frequentemente trabalham em setores da economia segregados por gênero e não regulamentados, como o trabalho doméstico, elas estão

expostos a um risco muito maior de exploração, violência e abuso (ROIG, 2018, p. 28).

Essa foi a primeira casa de Maria Alexandra Perez quando chegou à cidade, e teve que enfrentar ausências, precariedades, riscos e vulnerabilidades. As narrativas acima detalham aspectos que fundamentam o cotidiano depois da migração, situações de vulnerabilidade no lugar chegado. Consistem em pensar mudanças constitutivas no espaço privado e vivido pelo corpo feminino, implicações à mulher, desvantagens em relação as imposições sexistas, adaptações sobre a maneira de locomover, em se tratando da qualidade de vida. Ou seja, as distintas situações não experimentadas como resultado de características culturais e históricas que desvelam novas marcas, línguas e processos identitários.

As manifestações das memórias de Maria Alexandra Perez (2021), e tantas outras mulheres, registram dinamicidades, aspectos minuciosos das adaptações necessárias à vida, especialmente voltadas as teias do cotidiano. Em muitas casos, elas inseriram pontos de referência, incluíram evidentemente necessidades que experimentaram em torno da vida no lugar chegado, em seu cotidiano, casa, sobre estruturação de relações sociais e de gênero, essência singular aspectos simbólicos e culturais que compunham a sua própria história.

No caso de Perez (2021), ela enfrentou uma série de desafios decorrentes de diferenças históricas, sociais e culturais, especialmente preocupações relacionadas à vulnerabilidade de suas filhas. Ela sobreviveu ao martírio de dificuldades com relação a vida num país estrangeiro, lidando com questões como a língua, cultura, ameaça as mudanças climáticas e dificuldades de se locomover, chegando ao ponto de sofrer situações de vulnerabilidades no fornecimento de serviços fundamentais.

As narrativas envolvidas e pausadas entre lágrimas eram frequentes, conectando questões importantes sobre vulnerabilidades exemplificando a maneira em que se sustentava a experiência migratória da mulher. Como testemunho participante da migração as mulheres espelham dimensão profundas de todo o processo e trazem para o presente situações que impactam, centram-se em reflexões no sentido de pensar opressões cruzadas que recaem sobre elas, ser mulher, migrante, da Venezuela, pobre e estar na cidade de Dourados-MS. A casa do lago, por exemplo, serve de base a uma memória do período histórico, lugares e acontecimentos vividos pessoalmente por Maria Alexandra Perez (2021) e que integram acontecimentos vividos por tabela.

Reis (2012) afirmou que “a experiência humana é radicalmente historicizada” (REIS, 2012, p. 83), por isso insistimos na potencialidade da fonte oral e por ela carregar a perspectiva de análise que permite estudar gênero e migrações de modo articulado.

Ao dar ênfase no caráter reflexivo de fontes orais questionamos o gênero, o cuidado feminino com a família, utilizando essa análise para dialogar com a teoria e colocar em referência as linhas abissais que separam a condição de quem migra, o seu cotidiano e a família. A casa, a falta de água, as condições de vulnerabilidade, o não direito às crianças limita a proteção e está posto na escala desigual no lugar chegado.

À propósito, a dominação colonial está nas dimensões da própria vida das mulheres migrantes. Dessas experiências históricas trazidas pelas mulheres venezuelanas há possibilidades de emergirem novos temas, estimulando para o reconhecimento e legitimidade de uma história do tempo presente dessas mulheres. E, essa fonte caminha em direção às questões que podem ser pensadas para essa tese, como por exemplo, a heterogeneidade de experiências migratórias, as diversas violências que atravessam corpo-território, o emblemático passado vivido e ainda presente nos lugares de memórias de migrantes submergidas em condições que impactam sua vida.

As narrativas trazidas pelas mulheres migrantes desvelam relações de poder, e neste ponto expressa-se exatamente uma denúncia à ausência de políticas públicas para mulheres migrantes em Dourados-MS. Pelo contrário, encontrou-se múltiplas ações do Estado com estruturas locais e centrais que combinaram-se de maneira bastante desigual e características assimétricas para assegurar a organização do poder.

Como instituição o Estado não tem sido capaz de proteger e promover uma interiorização pautada em diálogo político necessário às populações que migram, sobretudo em condições de vulnerabilidades que se encontram essas mulheres diante dos novos fluxos migratórios contemporâneos, essa a necessidade de se pensar os fluxos migratórios de venezuelanas em Dourados-MS. Na análise de Teresa Kleba Lisboa (2007):

Para que as mulheres possam realmente optar entre as alternativas de permanecer em seus países de origem ou emigrar, são necessárias políticas públicas voltadas para elas, não somente nos países de onde partem mas também nos de destino. Em ambos os lugares, tanto as mulheres como os homens devem ter oportunidades de trabalho com o mesmo nível de reconhecimento e igualmente remunerado; acesso à educação gratuita e de qualidade para si e para seus filhos; programas voltados para a superação da violência doméstica, enfim, equidade de gênero (LISBOA, 2007, p. 819-820).

O pesquisador César Augusto S. Silva (2013) levantou que dos vinte e sete estados membros da federação brasileira, apenas quatro, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul, possuem comitês estaduais voltados aos refugiados, criticando as pulverizações e fragmentações na atual política governamental das migrações. Enfaticamente afirmou em sua pesquisa de doutorado que:

[...] O Brasil tem se preocupado mais com critérios de elegibilidade e reconhecimento de refugiado do que com a integração do mesmo na sociedade brasileira, tendo em vista as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, e a ausência de dispositivos sociais específicos a respeito da integração” (SILVA, 2013, p. 262).

Ou seja, em Mato Grosso do Sul não existe um comitê estadual voltado especificamente para as especificidades de pessoas migrantes e refugiadas, essa ausência de espaços de diálogos e de agendas públicas marca e acentua a forma desigual dos processos de interiorização dentro das migrações, e especialmente de mulheres e homens no fluxo migratório de venezuelanos dentro do estado.

Neste caso, nossa pesquisa demonstra que, o que existe em Dourados-MS é a Associação de Venezuelanos, uma rede muito articulada que tem desenvolvido um papel importante no sentido de estreitar diálogos da população junto ao conselho municipal de mulheres e assistência social vinculada à Prefeitura Municipal. Desde o começo de 2021 a proposta era efetivar uma rede construir um plano, mas estão presentes vários desafios como estruturação e organização entre organizações e sociedade civil, uma vez que em Mato Grosso do Sul não há uma política pública específica voltada as populações migrantes. Temos conhecimento de comitês de migrantes em Campo Grande e Corumbá que constroem algumas experiências para serem compartilhadas com outros municípios, no entanto, diversos são os desafios para efetivação de uma verdadeira política pública para migrantes. Como já foi ressaltado por Jaime Nadal Roig (2018):

A migração deve ser feita por escolha e não por necessidade. Portanto, é essencial que a opção de permanecer no próprio país seja viável para todas as pessoas. Políticas são necessárias para garantir a boa governança, o estado de direito, o acesso à justiça, a proteção dos direitos humanos e a eliminação de conflitos e violência. A educação, o emprego decente, os salários justos, os cuidados de saúde acessíveis e a habitação decente devem estar disponíveis para todos, sem terem de migrar. As políticas de migração também devem estar alinhadas com as necessidades do mercado de trabalho, de modo que as habilidades correspondam às oportunidades de trabalho em casa. Quando isso não é possível, é fundamental garantir que os países que acolhem os migrantes tenham condições de garantir os direitos destas pessoas e de promover o bem estar, a integração e o acesso aos serviços em áreas como saúde, educação e mercado de trabalho. (ROIG, 2018, p. 30)

Paradoxalmente à migração de mulheres, o reconhecimento imprescindível da própria vida e trajetória de venezuelanas que migraram, vidas que parafraseando Rogério Haesbaert (2021) “humana, apenas”, e que, justamente por ser simplesmente “humana”, é marcada pela pluralidade que não basta ser reconhecida, precisa ser inadiavelmente defendida (HAESBAERT, 2021, p. 339).

Em grande parte das situações observadas, as mulheres procuram-se se adaptar ao lugar chegado. Nas memórias do cotidiano subjetivo afirmou-se que: “mulheres venezuelanas tem que se adaptar a comida brasileira, tem que se adequar a música, a cultura, a língua, sobretudo a língua é muito difícil, a dificuldade de se comunicar, as diferenças, mas tem que se adaptar” (PEREZ, 2021).

Assim, podemos perceber que são imposições por exemplo, em relação a língua, o trabalho, a distância entre o seu país e familiares. Na migração venezuelana, a inclusão é diferenciada, como o processo de interiorização entre homens e mulheres, e também entre mulheres e mulheres. Em Dourados-MS onde há uma colonialidade, imagine como são diferentes as relações entre venezuelanas e a sociedade de destino. Recontextualizando, o entrelaçamento da migração tem como pilar a subjetividade e o processo de identificação de quem migra. Dessa maneira, Roberta Salazar (2021) encara as mudanças como produto de uma rede de relações:

Conhecer outra língua, outra família, vem os desafios... Lá o pagamento semanal, aqui é mensal, aqui o jeito de trabalho é muito diferente, aqui é mais disciplinador, as pausas você não pode um minuto passar, a pausa, se você falta um dia tem falta, lá o trabalho é mais suave. Lá eu trabalhava meio turno (SALAZAR, 2021).

Por elas são enfatizadas possibilidades de uma nova vida, por isso mesmo participam, criam redes sociais e de migração, resistem buscando construir estratégias, um outro modo de ser e de viver, para elas a resistência é sobreviver dignamente, são portanto mulheres ativas e resistentes. Elas sofrem no lugar no deixado e lugar chegado:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto (POLLAK, 1989, p. 06).

As narrativas de Perez (2021), servem para compreender os processos de reconstrução, segundo Maurice Halbwachs (1990), no sentido de reconhecer memória individual e memória coletiva como processo de rememoração. Ao refletir sobre as próprias memórias ela se reconhece como protagonista, essa sua condição contribui para a atuação das sujeitas no processo de rememoração e de relação as memórias do grupo e/ou grupos ao qual pertencem:

Cada vez que eu procurei que eu vou procurando a foto da casa do Lago, Kátia por isso que eu falo, né? Com você eu mesma estou descobrindo coisas que eu achava que eu havia esquecido, né? Ou talvez eu mesma havia apagado, sabe para evitar viver de novo esse momento. Mas buscando a casa do lago eu vi a casa da Venezuela, depois eu vi a casa do lago? Mas essa foto da Venezuela para mim causou hoje um sentimento muito grande, sabe? Porque esse espaço para mim ela na imagem ela produz uma série de memórias muito boas. Aí depois eu achei a casa do Lago, né? E vem o colchão das meninas no chão, nossa aí foram outras... Sabe outros momentos da memória, não muito boas mas foi difícil mesmo, sabe? E eu acho que as vezes a gente procura, cada vez eu vou entendendo mais as coisas que, que a gente está estudando, né? É... As memórias. Eu lembro outra coisa que me impactou de você foi que ninguém aqui do Brasil sabe quem eu era, né? Ou até não se importa de saber quem eu era e hoje você chegou na minha vida, né? E você está fazendo com que minhas memórias essas memórias que eu achava apagada elas de novo voltem, mas de um jeito diferente. Graças a Deus a gente consegue ver para o passado e deste presente que hoje a gente pode falar que a gente está melhor do que ontem. Obrigada, Kátia. Eu sou quem fico muito grata por você com esses momentos, por esses encontros comigo mesmo (PEREZ, 2021)

Conforme pode-se notar há uma aprendizagem mediada pela história da migração onde as memórias compõem um pano de fundo de experiências que resultam e enlaçam-se as memórias de diferentes pessoas, o que vem reafirmar que memórias não se constroem separadamente. Recordar é reviver as memórias daquilo que foi conservado e significado pelas tradições, culturas, grupos sob o ponto de vista daquilo que importa e que serve como referência para elas.

Os acontecimentos da vida em comunidade, e mesmo das experiências mais solitárias da vida humana, são sinais exteriores, são estímulos para o afloramento de lembranças e reminiscências, que constituem o estofado do tempo da memória: individual, local, comunitária, regional, nacional ou mesmo internacional (DELGADO, 2003, p. 19).

As mulheres rememoram aspectos culturais e sociais de grupos (memória coletiva) de sua comunidade afetiva, por isso “cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva” (HALBWACH, 1990, p. 51). Os registros contidos nas narrativas de mulheres expressam dois níveis da memória sendo individual, e ao mesmo tempo, coletiva.

Todas as narrativas revelaram aspectos muito peculiares do universo social da casa na Venezuela, em torno do cotidiano miudezas foram compartilhadas. Vejamos como ambos componentes, memória individual e coletiva, se processam nas memórias de Salvadora Perez (2021). Em algumas entrevistas, ela apresentava pontos de referência individuais e pessoais muito específicos, geralmente voltados ao autocuidado, saúde do corpo e mente, em momentos detalhava nuances carregados de subjetividades, como por exemplo, trata a maneira como se vestia anterior à migração, “sempre de sapatos de salto alto”. Em seu relato Salvadora dizia:

Lá eu estava sempre bonita, com roupas e sapatos tinha um guarda roupa cheio. Cheguei aqui me vestia de qualquer jeito, andava a pé ou de bicicleta, lá sempre era de carro e ar condicionado, podia viajar para passear, ir a praia, etc. (PEREZ, 2021).

Em uma visita que realizei em sua casa, escutei narrá-la a forma como se deslocava até o ambiente de trabalho, e nesta ocasião lembrou, o tempo histórico aproximado do ano 2015. As memórias coletivas trazem aspectos da vida no país venezuelano anterior as crises, trata ela de trazer que “as pessoas elas tinham carro próprio para locomover para ir até o trabalho, eu mesma eu andava com ar condicionado ligado no carro agora veja a diferença como está lá o país” (PEREZ, 2021).

As memórias antes e depois da migração se distinguem, assim como os processos subjetivos, no entre lugar alteram-se o funcionamento e organização da vida, e essas nuances carregam relevância por construir formas de resistir de mulheres entrelaçadas à vida social e ao universo que compõe as experiências de mulheres. Essas significações simbólicas, lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos as recordações pessoais são uma valiosa contribuição para os estudos na área de história social e cotidiano das mulheres, com especial ênfase na história das migrações femininas (POLLAK, 1983).

Dessas narrativas, é importante analisar outro aspecto, o cuidado de si como característica que não é abandonada por Salvadora Perez (2021) depois da migração, mas ressignificada na nova vida, uma adaptação ao novo, provisoriedade do trabalho, reapropriação dela no lugar chegado. A análise sobre migrações de venezuelanas requer várias abordagens, a metamorforização de sentimentos.

Nessas narrativas, é relevante destacar outro aspecto: o cuidado consigo mesmo, uma característica que Salvadora Perez (2021) não abandonou após a migração, mas sim resignificou em sua nova vida. Ela adaptou-se ao novo contexto e à natureza temporária do trabalho, reapropriando-se ao local de chegada. A análise das migrações de venezuelanas requer abordagens variadas, considerando a metamorfose dos sentimentos ao longo desse processo, a vida anteriormente confortável, e com a intensidade da crise, as mudanças drásticas que levou Salvadora Perez (2021) e outras mulheres a migrar.

Nuances da experiência migratória de Salvadora Perez (2021) permitem analisar diferentes dimensões sociais da nova vida, incluindo situações bastante subjetivas e positivas. Elas remetem à esperança por uma melhor qualidade de vida ao migrar para o Brasil, buscando se afastar das condições difíceis enfrentadas na Venezuela. Especificamente, é evidente nas narrativas que ela mencionava a falta de qualidade de vida, pois não conseguia desfrutar dos frutos de seu trabalho.

As experiências de Salvadora Perez (2021) ao migrar para o Brasil são marcantes neste aspecto, pois oferecem vislumbres das vidas das venezuelanas e percepções relevantes sobre questões subjetivas do cotidiano. Essas observações combinadas tornam o processo histórico vivenciado por Salvadora Perez (2021) completamente consciente, especialmente quando há conflitos linguísticos que impõem desafios.

Nas narrativas de Salvadora Perez (2021), características subjetivas e aspectos das tradições e costumes igualmente delineiam as mudanças no trabalho e na vida social. Ela destacou diferenças antes e depois da migração, refletindo sobre si mesma, suas realizações, tarefas e cuidados. Ao observar desde o lugar deixado, registrou suas impressões sobre os elementos linguísticos do novo local, afirmando que no Brasil as estruturas da língua falada são bastante distintas, como expressou: “[...] brasileiros têm muitas gírias”.

No trecho abaixo, são apresentados elementos significativos para contemplar mudanças econômicas, modos de vida social, culturas e diversas outras questões, incluindo interações e autonomia. É essa vivência humana que pode ser reinterpretada e transmitida, aquilo que Michael Pollak (1989) evidenciou o enquadramento da memória. No contexto da pesquisa trazemos as narrativas de Salvadora Perez:

Da Venezuela para o Brasil ocorreu uma mudança bem drástica, porque você já fez uma vida, trabalhou muito tempo, tinha seu apartamento, e você deixa tudo lá, vem para cá começar de novo do zero, então no começo foi um pouco forte, tinha que ter firmeza e controle das emoções porque você quer voltar. O complicado foi que nós achamos que o brasileiro fala um pouco rápido. Pensamos que ia ser mais fácil, se você não pronuncia na mesma entoação as pessoas não entendam. Muitas gírias, brasileiros tem muitas gírias. Meu esposo e eu fazemos um time bem unidos, nós três, com a minha filha fazemos muito esforço para nos ajudar entre nós (PEREZ, 2021).

As narrativas das mulheres migrantes proporcionam percepções sobre questões culturais, representações, informações acerca das condições reais de vida na Venezuela e da experiência diante da vida de quem migra da Venezuela. Os hábitos cotidianos podem ser considerados como uma forma de conexão entre o lugar presente e as reelaborações do país de onde migraram.

A migração envolve uma complexidade de elementos, as pessoas que migram experimentam intensificadas mudanças nas práticas e nos papéis sociais ao chegar em um novo destino. Novos contatos e aprendizagens são elaboradas, como a língua, trabalho e a cultura. Todas essas mudanças promovem trocas de experiência e conhecimento, e também processos impositivos diante dos desafios ao cruzar as fronteiras e se posicionar no novo país e na

comunidade de destino. Os símbolos que representam (ou não) a experiência da mulher que migra no entre lugar tem o poder de transformar a própria migração.

Como exemplo, uma das principais referências apontadas por Roberta Salazar (2021) nesse campo são os símbolos que demarcam as transformações na nova vida, mudanças que podem ser imposições, como as relacionadas à organização das atividades laborais e à divisão do trabalho. Essas questões ajudam a entender as transformações também na vida de outras venezuelanas que migram.

Como afirmou Bronislaw Baczko (1985, p. 323), “os símbolos espontâneos tornaram-se obrigatórios, impostos”. Essa afirmação revela informações importantes e supõe abstrações de aspectos referentes à realidade social daquelas que migraram, incluindo mudanças estruturais e culturais, que envolvem a compreensão dos processos históricos da sociedade voltados à Língua Portuguesa, ao mundo do trabalho, aos códigos, normas e exigências impostas socialmente.

Em relação as mulheres, constatamos que esse processo pode apresentar algumas semelhanças entre as venezuelanas que migraram. Nesse ponto, a saudade do país de origem permanece viva, com os elos familiares e vida em solo venezuelano presentes na memória até a atualidade.

Ainda hoje vivo triste porque estou longe dos meus outros irmãos da minha mãe e do meu pai e porque quero ter o meu filho aqui eu quero poder trazê-lo. Todos os dias choro porque quero estar perto deles. Todos os dias peço a Deus que ajude meu país para que possamos voltar e poder estar com a família como antes, é muito triste estar assim todos os dias mostrando um sorriso enquanto sua alma está triste e mais porque eu sinto falta do meu filho tanto eu quero que ele cresça ao meu lado (BENITES, 2021).

Na narrativa migratória, a distância de aqueles que migram e os quem ficam, bem como o desejo de retornar, revela como o processo migratório é experimentado pela mulher, refletindo seu lugar histórico e social. Sobre esse aspecto, outras mulheres também elaboram suas narrativas sobre as condições inerentes à vida e à migração, identificando os lugares que seu corpo ocupa. Neste caso, o corpo-território não se desvincula da mulher que migrou, pois ele influencia tanto em como ela pensa, quanto em como ela se constitui a partir de seu país, de modo que, “não é fácil estar aqui, uma parte do pensamento está aqui, a outra parte está lá na Venezuela, e seu coração está lá, eu queria ajudar mais a família que está lá” (BENITES, 2021).

A condição de migrante continua muito forte para as mulheres depois que migram, elas tem suas vidas marcadas por ambiguidades, e ao mesmo tempo, pelo sentimento de ausência e presença. Há diferentes momentos no processo de quem migra e as resistências são sempre reiventadas. Essas considerações desvelam que:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais (KRISTEVA, 1994, p. 15).

3.3 “EU VENHO COM ESSA PROFISSÃO LÁ DE MEU PAÍS”

Até este ponto da análise, observamos que, dependendo dos complexos motivos que levaram as mulheres à migração, foram desenvolvidas estratégias de diversas maneiras assim que chegaram a Dourados-MS. À luz de Bhabha (1998), no entre lugar como o interstício, elas exerceram diversas atividades, de trabalho braçal até outras profissões, tornaram-se autônomas, exerceram trabalhos domésticos em geral para outras mulheres, desenvolveram funções em lojas comerciais, indústrias, empresas de pequeno e grande porte, atuaram em salão de beleza, restaurantes, lojas de delivery, gêneros alimentícios e outros.

Conforme dito anteriormente, várias estudiosas já abordaram a migração como um processo altamente heterogêneo para mulheres e homens. Até aqui evidenciamos pesquisas científicas de Glaucia de Oliveira Assis (2004, 2007, 2022), Teresa Kleba Lisboa (2007) que versaram, em sua maioria, no alto grau de exploração e opressão que se submetem as mulheres ao migrar e experimentar inserção e a nova vida em outro país.

Em sentido semelhante, Lisboa (2007) analisou questões de gênero, a participação das mulheres nas estruturas de poder, e questionou os principais obstáculos enfrentados pelas mulheres migrantes, ao demonstrar que, são as mulheres migrantes as pessoas mais afetadas por todos os tipos de desigualdades.

As experiências de migração de mulheres e homens são processos particularmente diferenciados, se relacionamos os fluxos migratórios e a realidade do processo de interiorização de mulheres e homens também possuem diferenças. Conforme afirmou Claudia Fonseca (1999), “é, pelo contrário, atentando para as diferenças - atrás das aparentes semelhanças - que se cria um espaço para o diálogo acontecer”. (FONSECA, 1999, p. 65).

Observa-se que há segregação de gênero na divisão sexual do trabalho dentro dos fluxos migratórios contemporâneos, como no caso do fluxo migratório para Dourados, estado de Mato Grosso do Sul, que é bastante heterogêneo e carrega características inéditas e muito particulares, não sendo os processos iguais experimentados por homens e mulheres que migraram dentro desse fluxo.

Essa lógica institui a vulnerabilidade antes mesmo da própria migração, excluindo e marginalizando as mulheres, e mascara a violência em diferentes dimensões, lugares e

instituições, envolvendo corpo-território estereotipados e sujeitos aos efeitos de poder determinados por princípios hierárquicos e dicotômicos entre os sexos. O sujeito masculino é concebido e postulado antes da migração, enquanto a existência feminina é tomada no enquadramento heterossexual, e essa relação direta com esse processo de identificação com o objeto (BUTLER, 2011).

Em relação ao outro masculino, apenas a migração de homens venezuelanos foi direcionada pelas etapas de interiorização do Operação Acolhida, demandou a eles assumirem o mundo de trabalho, remeteu a ocupação de profissões diversas e/ou trabalhos informais, construções civis, empresas e setores terciários. A estrutura da interiorização é importante para compreender como as mulheres venezuelanas estavam em uma condição diferenciada. No âmbito do setor produtivo e público, o outro masculino se integrava mais rapidamente à sociedade de destino, ou seja, tais diferenciações eram excludentes e denunciam dicotomias hierárquicas e colonialidades.

Nesse sentido, é fundamental, dentro dos estudos migratórios, analisar as implicações do trabalho e os mecanismos de exploração, as cargas de atividades laborais e de reprodução, os comprometimentos e as responsabilidades que recaem sobre mulheres. O trabalho com fontes orais trouxeram elementos pertinentes que “ abre espacio a la diversidad de experiencias y a posicionamientos individuales y colectivos, permeados por las relaciones de género” (TEDESCHI, 2020, p. 54).

Em relação ao trabalho, as narrativas revelaram conflitos de gênero, e foi constatado que entre as mulheres migrantes a desvantagem é ainda mais alarmante. O sistema de gênero colonial moderno estrutura sistematicamente a diferença sexual na migração venezuelana. A ausência de mulheres venezuelanas nas primeiras etapas de interiorização pela Operação Acolhida demonstra como esse processo carrega relações de poder e violência sobre corpo-território. Isso situa uma característica marcante de universalidade, dominação masculina e etnocentrismo, vigente em nossa sociedade, que modela estruturas sociais, econômicas, legais, familiares e religiosas, influenciadas por padronizações coloniais e pré-definidas.

Essa problemática está impetrada histórica-socialmente dentro do núcleo familiar e estruturada na base do sistema capitalista de produção, que empurra o outro masculino para o mercado de trabalho, aprofundando o processo de espoliação do trabalho humano. Conforme Teresa Kleba Lisboa (2007):

Enquanto migrantes, as mulheres deixaram seus países de origem para disponibilizar sua força de trabalho em uma nova nação, e nesse processo surgem várias questões: como ficam seus direitos e a sua cidadania? Ocorre uma desnacionalização da

cidadania ou uma ressignificação em relação aos direitos? É possível tornar-se uma cidadã global? (LISBOA, 2007, p. 809).

A migração pode interiorizar como excluir, e no caso da migração de mulheres venezuelanas para Dourados-MS, há marcadores e imposições que produzem exclusão sexista, racista e patriarcal. Ao analisar os condicionantes que demarcam exclusões, observam-se relações hierarquizadas e dicotômicas entre atividades desenvolvidas por mulheres e homens.

A esse respeito, a pesquisadora Teresa Kleba Lisboa (2007, p. 808) afirmou que, de fato, as funções designadas como “atividades de subsistência são atribuídas em geral às mulheres”. Vejamos, em uma análise crítica algumas questões muito presentes entre narrativas das venezuelanas que migraram e que elucidam essa questão.

Tendo como premissa compreender as implicações do trabalho, perguntamos as mulheres questões voltadas à inserção profissional em Dourados-MS, e uma delas apresentou uma concepção bastante consciente ao estabelecer comparação entre o trabalho na Venezuela e o trabalho no Brasil:

Lá na Venezuela era muito intenso com que se desenvolvia todo o trabalho nos últimos anos então tinha que trabalhar bem mais para conseguir recursos para prover a vida, isso levava as pessoas a trabalhar muito para conseguir comprar o mínimo do que era possível para comer. Eu sentia como no teto, trancada, não conseguia avançar em nada (PEREZ, 2021).

A narrativas desta mulher tratam com consciência a carga de trabalho que ela desempenhava. Ela relacionou a intensidade com que destina horas as atividades laborais às condições de vida no país e instrumentaliza a vida diária com memórias de que precisava trabalhar muito porque “os preços eram muito altos, inflação muito alta e minha família não estava podendo comer” (PEREZ, 2021).

A tentativa de garantir melhores oportunidades de sustento, que pudessem assegurar uma qualidade de vida digna para a família, incluía por exemplo, o acesso aos direitos básicos com remuneração adequada as condições de trabalho. Aliado a isso, ela afirmava não se sentir valorizada no trabalho, mencionando que “faltava valorização profissional e oportunidades de futuro digno para minha filha lá não ia dar mais para continuar”.

Ela avaliou que as expectativas de trabalho no país venezuelano, perpassaram questões que envolvem bem-estar, cuidado com o corpo, saúde, elementos valorizados em dimensão pessoal e subjetiva, e que servem para refletir sobre a realidade social anterior à migração.

À medida que procuramos conhecer Perez (2021), ela mesma foi apresentando diferenciações. Segundo ela, a qualidade de vida e a autonomia que conseguia dispor no trabalho aqui no Brasil eram distintas. Ela traz para a entrevista a seguinte afirmativa: “ mesmo

que o salário não seja o mesmo e seguro, mas aqui eu tenho liberdade de almoçar com meu esposo, de ter tempo para sair, exercitarmos coisa que eu não fazia mais na Venezuela porque não dava tempo. Era só trabalhar!” (PEREZ, 2021).

Ou seja, para Salvadora Perez (2021) a migração em si construiu novos processos, e pode-se dizer, a participação no processo econômico no lugar chegado permitiu a ela uma ressignificação das condições de existência e de qualidade de vida, proporcionou satisfação, especialmente quando a mulher passou a produzir geração de renda dentro de Dourados-MS, por meio do seu trabalho a produção de comida venezuelana. A autoidentificação que Salvadora (2021) atribui a si mesma é “ chefe de gastronomia venezolana”.

Alguns encontros em que entrevistamos Salvadora Perez (2021) foram produzidos da seguinte maneira: “eu vou assim falando com você e já demonstrando um pouco da comida venezolana” (PEREZ, 2021). Ela narrava sua história de migração, e, ao mesmo tempo, preparava os pratos culinários de seu país, ou seja, envolvida pelo trabalho e marcada pelas práticas culturais. Esses momentos de produções de histórias e de receitas geralmente ocorriam nos encontros semanais realizados nos espaços destinados à feira livre de Dourados-MS. Neste encontro ela narra:

Vamos conversando enquanto eu vou fazendo uma receita muito típica da culinária venezolana que em Dourados-MS eu chamo de prato patacon. Esse é um lanche com carne e banana amassada, ele é muito utilizado em momentos festivos no país, há outros pratos que sempre estão presentes nos cardápios e que não podem faltar tipo não existe festa sem tekanos esse é um enroladinho com queijo e mussarela, para as crianças antes era o lanche nas escolas (PEREZ, 2021).

Na perspectiva de Alistair Thomson (2002, p. 358), diversas situações que resgataram a vida cotidiana “atestam a importância das lembranças na construção do migrante individual e das identidades das comunidades migrantes e étnicas”. A mulher, que se integra à na nova vida no lugar chegado, em um universo dinâmico corpo-território se torna instrumento poderoso e transformador para a vida depois da migração:

E assim vou aproximando a cultura venezolana de moradores douradenses. É como fosse uma viagem por meio da gastronomia eles podem conhecer a Venezuela. Tem várias comidas típicas de lá muito práticas e saborosas, comidas rápidas, tipo lanches, uma rodelinha com farinha de milho assado, a tradicional com recheio de frango e abacate (PEREZ, 2021).

Notadamente uma viagem entre os aromas, os métodos de preparo, a experiência do degustar a comida venezolana e socialização com a sociedade de destino são todos traços culturais distintivos. E assim, desenvolver este trabalho de produzir culinária venezolana

desempenha para a mulher migrante uma natureza múltipla, configurando-se como mecanismo que engendra a sobrevivência, construção de redes sociais e de migração e representa formas de resistência às colonialidades.

A sua participação no mercado de trabalho é de extrema importância pois promove uma geração de renda e é atravessada pelo protagonismo no entre lugar. Onde chega, a força e atuação das mulheres migrantes é observada, pois elas desenvolvem diversos trabalhos e participam da economia atuando de diferentes maneiras. Quando fogem da fome no país venezuelano elas abraçam as ofertas de trabalho que aparecem. Por exemplo, em Dourados quando conseguem se inserem e desempenham funções em diversos ramos alimentícios, frigoríficos, fábricas de rações. Outro exemplo, em Boa Vista, há mulheres migrantes que se inserem na economia lavoreira, de modo muito visível desenvolvendo suas atividades junto aos homens.

Toda essa questão reflete também nas relações construídas sobre as atividades laborais, como pensam suas funções, se constroem ou rompem alianças entre o lugar deixado e o lugar chegado. Além disso, o envio de remessas, geralmente realizado por venezuelanas aos familiares que permaneceram no país, também serve como "importantes veículos para a transmissão de 'remessas sociais', incluindo novas ideias, produtos, informações e tecnologia" (ROIG, 2018, p. 29).

Ao abordar as relações sociais, buscamos informações com Perez (2021), sobre em que medida a comunidade local participa da “viagem por meio da gastronomia venezolana”. Atendendo à minha intenção de buscar novas compreensões, prestemos atenção à narrativa dela:

Douradenses ficam com um pouco de medo, os brasileiros comem de outra maneira o fubá, parece tapioca brasileira, mas nunca teve pessoas que falavam que não. Nós damos a amostra para experimentar primeiro, pra ver se ele gosta, né? Há muitos comentários no *ifood*, na verdade eu acho que o douradense é aberto a comer uma comida diferente, muitas vezes não compra mas fica perto para ver o que que é, muitas pessoas ficam na barraca para conversar suas experiências com o Espanhol, o Paraguai, muitas pessoas, muitas experiências diferentes (PEREZ, 2021).

A partir da narrativa de Salvadora, é possível pensar a partir das relações sociais a relação entre resistências, resistir nas intersecções, com subjetividades e intersubjetividades (LUGONES, 2014). As narrativas de Perez (2021) são constituídas de memória individual e revelam aspectos de uma memória cultural e coletiva. Em relação aos hábitos, ela menciona que, por exemplo, “o abacate é utilizado entre brasileiros como uma vitamina, e para nós lá para venezuelanas (os) esse alimento é muito mais apreciado e utilizado do ponto de vista salgado”.

Perez (2021) traz consigo para o lugar chegado diversas características importantes do seu país, cultura, língua e culinária venezuelana, ao mesmo tempo que reconhece da cultura brasileira, e sente influenciada pela cultura no entre lugar que ocupa.

O trabalho com fontes orais traz elementos pertinentes e “ abre espacio a la diversidad de experiencias y a posicionamientos individuales y colectivos, permeados por las relaciones de género” (TEDESCHI, 2020, p. 54). Em todas as entrevistas, as mulheres de alguma forma caracterizaram a importância do trabalho, tanto antes quanto depois da migração, acompanhando vivências re(construídas).

As narrativas de Ingrid são marcadas também pelo significado atribuído ao trabalho. Desde que chegou ao Brasil, ela entende o trabalho como fundamental e que estrutura sua vida com esse objetivo: “trabalhar para ajudar meu filho pra pagar a passagem pra ele vir para cá da Venezuela” (GARCIA, 2021).

Para contextualizar, minha primeira conversa com Garcia (2021) ocorreu em seu local de trabalho, um supermercado da rede ABV em Dourados, MS. Nessa ocasião, observei sua participação e atuação, e foi nesse local que estabeleci os primeiros contatos necessários para a pesquisa. As primeiras informações foram fornecidas por ela da seguinte maneira:

Deixa eu contar... Lá na Venezuela eu fui, não fui uma mulher muito feliz também não... Aí sofri muito! (respiro fundo). Eu tive que sustentar meus três filhos sozinha com a ajuda de Deus e de meus pais, eu separei do pai de meus filhos estando grávida de meu filho mais novo, né? Eu tenho três filhos, uma mulher e dois homens. Minha filha está lá na Venezuela, minha filha mais velha, ela tem 30 anos, ela está na Venezuela, ela está casada tem três filhos, ela mora com seu esposo. Meu filho mais novo tem 22 anos ele está lá na Venezuela, ele também ta casado, ele mora com seus dois filhos e sua esposa. Meu filho mais velho ele tem seis anos aqui no Brasil, ele também está casado, ele mora em Manaus com sua esposa e seus filhos (GARCIA, 2021).

Na primeira entrevista que realizamos com Garcia (2021), suas narrativas trouxeram à tona temas relacionados à família e aspectos sociais. Ela é uma mulher que, ao falar sobre si mesma, destaca também outras pessoas, demonstrando preocupação com seus filhos e o cuidado com os netos. A decisão de migrar esteve relacionada às redes sociais e de migração conforme sua narrativa:

Quando eu tomei a decisão de vir para cá para o Brasil é porque o meu filho mais velho ele, ele já tinha vindo, né? Eu procurei passagem pra ele consegui passagem para ele paguei passagem dele pra ele vir aqui no Brasil trabalhar, né? Quer dizer ele saiu para frente, veio primeiro, só que assim, tipo assim a mulher dele que ele tinha ele deixou. Aí ela, ele veio e a mulher dele estava grávida, né? Aí depois que ela ganhou o bebe, ela foi embora para Colômbia e ela deixou seus dois filhos com comigo lá na Venezuela. Aí eu tive que cuidar dos meus netinhos, morei com eles três

anos lá na Venezuela, foram três anos. Eu trabalhava muito. Aí meu filho mandava dinheiro daqui do Brasil para mim lá na Venezuela, isso me ajudava com seus filhos, né? Mais depois de três anos, quando a menina tinha três anos, eu já não conseguia sustentar os filhos de meu filho porque, ou seja, meus netos porque era muito forte já o país tava quebrado, né? Aí já, eu tinha trabalho mas não... o dinheiro não, não alcançava para comprar as coisas nada, nada. Aí eu passei muita fome só por não deixar meus netinhos passar fome, entendeu? Aí meu filho falava “mãe vem aqui, vem com meus filhos aqui”. Aí eu falava “não eu não quero deixar minha casa não quero deixar minha mãe”. Aí ele falava: “Mãe você ta passando muita fome com meus filhos, vem aqui com meus filhos” (GARCIA 2021).

Garcia (2021) atribuiu grande importância aos vínculos e redes sociais, esses foram fundamentais para ela migrar, destacou redes sociais e de migração, que inicialmente foram estabelecidas a partir de Manaus-AM, ressaltando concretudes vividas neste lugar, e depois em Dourados-MS. Antes de migrar ela trabalhava na Venezuela em uma indústria de corte de tecidos, afirma que “eu trabalhei lá por muito tempo até que eu fiquei desempregada quando a indústria fechou por motivo da crise da Venezuela”. Suas narrativas remetem migração, trabalho e redes sociais:

Aí meu filho falou: “ta bom eu vou mandar as passagens pra senhora vir aqui”. Aí ele mandou as passagens pra eu vir aqui com meus dois netinhos, né? Aí viajei... Três dias de viagem. Primeiro eu sai da (...) da lá da minha cidade para uma cidade que chamada... O nome daquela cidade quando eu fui o nome da cidade é Ciudad Bolívar. Aí cheguei lá na casa de uma amiga dormi lá uma noite com os meninos, quando foi no outro dia eu comprei a passagem para ir no...em Roraima. Eu cheguei na fronteira daqui do Brasil, né? Deram documentação para nós, colocaram vacina, dormi a noite, e cheguei na fronteira dormi aí num, num abrigo da fronteira, né? Quando foi no outro dia sai para Roraima, aí passei o dia todo em Roraima. Ah! (voz de desânimo). Passei muita, muita fome porque já tinha acabado o dinheiro que meu filho mandou para mim, era só o dinheiro de passagem, né? Do, do ônibus, da Venezuela para Roraima eu vim de ônibus, ta? Três dias de ônibus. Aí uma senhora deu, comprou pão comprou leite para os meninos, né? Que tinham fome, aí eles comeram, né? Quando deu oito horas subi no ônibus e cheguei em Manaus, quando foi o outro dia cheguei em Manaus, passei a noite toda no ônibus. Muito muito frio (voz forte). Porque eu não trouxe blusa de frio eu não trouxe...Só trouxe um cobertor... Nossa foi muito, muito frio que eu passei, mas não deixei os meninos passar frio não. Eu abrigava muito eles. Eu amo, amo esses dois meninos. Amo meus filhos, amo meus netos, mas esses dois netinhos... (Sorriso). Nossa! São minha vida... Eles dois são minha vida, sabe? Aí assim minha voz quebra por que to, por causa que eu toda vez que eu conto essa história da muita vontade de chorar, sabe? Muita, muita vontade de chorar. (Respiro profundo). Porque tive que deixar meu país agora to aqui sozinha. (Barulho latino de cachorro ao fundo). Aí cheguei em casa de meu filho, né? Foi em setembro que eu cheguei lá. Aí passei setembro, outubro só fazendo diária. Quando foi em novembro aí acho, consegui um emprego lá em Manaus. Aí comecei a trabalhar cortando roupa que é isso minha profissão, né? Cortando roupa. Aí trabalhei dez meses só que quando eu comecei a trabalhar eu falei com meu filho “eu vou morar sozinha porque você tem sua família”, né? Sua esposa seus filhos... Meu filho casou de novo aqui. “E você precisa de sua privacidade, sua intimidade, né?” Aí fui morar sozinha, com Deus! (GARCIA, 2021).

As vivências de Gracia (2021) durante o processo migratório indicam que, como outras mulheres, ela efetuou a migração a partir de redes sociais e de migração. Aspectos extremamente significativos desse processo migratório que influenciaram sua vida incluem a busca por alianças no lugar chegado e a questão do trabalho. Ricardo Antunes (2013) analisou, dentro da complexa teia econômica que envolve a migração:

A utilização da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho a consome ao fazer trabalhar o vendedor dela. O último torna-se, desse modo, 'actu' [de fato], força de trabalho realmente ativa, o que antes era apenas potencia [em potencial]. Para representar seu trabalho em mercadorias, ele tem de representá-lo, sobretudo, em valores de uso, em coisas que sirvam para satisfazer as necessidades de alguma espécie. É, portanto, um valor de uso particular, um artigo determinado, que o capitalista faz o trabalhador produzir (ANTUNES, 2013 p. 29).

A mulher explicou que, antes de morar em Dourados-MS, viveu alguns meses em Manaus. Com satisfação, ela carrega recordações das primeiras conquistas no lugar chegado, “comecei a comprar minhas coisas, minha geladeira, meu fogão, todas as minhas coisas, graças a Deus eu comprava e ainda mandava dinheiro para Venezuela” (GARCIA, 2021).

O primeiro emprego que conseguiu no estado foi em uma fábrica de roupas, esta atividade de cortar roupas que ela trouxe consigo em sua bagagem. No entanto, foi nesse emprego que ela também se sentiu obrigada a romper relações, não eram equivalentes as funções desempenhadas e os direitos da mulher, evidenciando um conjunto de marcadores dominantes e universais que a excluía, assim como excluem outras mulheres migrantes. Narrou Garcia (2021):

Aí comecei a morar sozinha, comecei a comprar minhas coisas como eu te contei, trabalhei muito, mandava dinheiro para Venezuela, comprava minhas coisas que faziam falta, pagava aluguel, energia, água. Mas um dia perguntei para o meu chefe, né? Se ele ia assinar minha carteira de trabalho, né? Porque já tinha muitos meses eu trabalhando com eles e ele não assinava minha carteira. Aí o senhor falou assim: “não, vocês não podem trabalhar de carteira assinada”. Aí eu falei: “Então está bom, então eu vou pedir as contas porque eu não posso trabalhar muito tempo aqui sem carteira assinada e não, não ter algum benefício”, né? Aí pedi as contas. Tinha dez meses trabalhando aí nessa fábrica, pedi as contas, aí só ganhei meu salário, nenhum real a mais... Nenhum real a mais. Só que as mulheres que eu conhecia aí nessa fábrica, trabalhava só mulher, era muito legal, muito legal comigo, e elas ficaram com muita raiva porque ele nunca quis assinar minha carteira de trabalho, ele nunca... Sabe, ele... Nos primeiros meses foi uma pessoa legal, sabe? Eu achava uma pessoa legal, porque ele falava para mim que eu aprendia rápido, que eu trabalhava rápido não sei o que... Aí quando eu pedi as contas aquele homem falou assim para mim... Eu não vou falar o nome dele, né? Mas falou assim para mim: “você é uma mal agradecida porque eu ensinei você o que você sabe como você vai me deixar assim na mão”. Eu senti muita raiva sabe? Senti que ele tava me humilhando, eu falei bem assim: “você não me ensinou, você não me ensinou cortar roupa, isso é minha profissão, eu venho com essa profissão de lá do meu país, no meu país eu trabalhava isso, no meu país eu cortava roupa, cortava tecido para sofá, fazia muitas coisas com tecido, como que

você vai me falar que você ta me ensinando essas coisas, mentira. Você não está ensinando nada para mim”. Aí ta... Ele me humilhou, não deu dinheiro para mim só meu salário, está bom. Aí vendi todas as minhas coisas, minha geladeira, meu fogão, minha tv, tudo, tudo que eu tinha. Aí ganhei dois mil e seiscentos reais, aí fiz a interiorização com o governo aqui do Brasil que ajuda os venezuelanos, né? Aí eu não vou falar mal do governo porque aqui até agora eu vi que ajuda o venezuelano, aí deu a interiorização eu vim de avião para cá para Dourados, cheguei aqui em Dourados de avião, mas foi o governo que pagou minha passagem, a comida foi, fui eu que comprei na viagem, mas o avião quem pagou foi o governo. Aí eu cheguei aqui aluguei uma quitinete, aí morei na quitinete uns três meses, quando tinha um mês aqui comecei a trabalhar nesse mercado aí onde eu conheci você tinha um mês aqui comecei a trabalhar aí nesse mercado. Aí rapidão assinaram minha carteira de trabalho, muito diferente, sabe? Muito diferente do que lá em Manaus (GARCIA, 2021).

Na narrativa de Garcia (2021), é possível observar a intersecção entre gênero, subjetividade e migração, evidenciando que as mulheres migrantes foram vítimas de múltiplas desigualdades, discriminações e violências. Essas situações frequentemente podem acarretar altos graus de exploração à vida de quem migram. Ao relembrar suas experiências laborais no Brasil, a mulher destaca aspectos de autonomia, acesso ao conhecimento e responsabilidade na tomada de decisões. Como mulher migrante em um novo país, Ingrid Garcia parece sentir a necessidade de se afirmar diante da comunidade local, como se sua identidade estivesse intrinsecamente ligada a esse processo e ela precisasse concordar com a posição que lhe foi atribuída.

Nesse ponto, as mulheres que migraram foram excluídas de direitos de diversas formas, sofreram a dominação e extensas relações de poder que as oprimem e as violentam. Foi por meio do trabalho com fontes orais que se tornou possível analisar os papéis diferenciadores dentro das migrações:

Por eso es que trabajar con las fuentes orales implica la comprensión de los silencios, de las pausas, de las risas, y también de la mezcla de razón y emoción, lo que contribuye a delinear la memoria y la historia de esas agricultoras en medio de un proceso de luchas y movilización social (TEDESCHI, 2020, p. 57).

Pelas narrativas, percebemos dimensões fundamentais relacionadas ao acesso a diferentes tipos de capitais materiais e culturais, bem como aos materiais simbólicos. Diversas questões envolvendo gênero emergem das narrativas de Garcia (2021), junto com outros marcadores categorizantes como gênero, classe, sexo, raça, cor, nacionalidade, que se entreluzam e ampliam as desigualdades.

Ao abordar os empregos não regulamentados e as situações de abuso que mulheres migrantes enfrentaram, a pesquisa com Garcia (2021) elucida o lugar ocupado por essas mulheres e evidencia outro marcador: a condição de provisoriidade, que as coloca em uma

posição excludente para aqueles que não entendem a complexidade do processo de quem migra. E Gracia (2021) traz a tona sua segunda atividade laboral, quando ainda morava em Manaus teve que buscar sobrevivência em outro emprego fora da fábrica.

Gracia (2021) nos revela problemas de gênero associado às condições laborais que vivenciou em sua tripla condição de mulher, migrante e trabalhadora no cuidado de outras pessoas. Essas experiências laborais parte do período em que ainda permanecia em Manaus estabelece uma análise necessária em relação a resistência à colonialidade dos gêneros, conforme proposto por Lugones (2014).

Assim, ela relata: “Em Manaus quando eu trabalhava cuidando de uma criança como babá aconteceu algo comigo. Eu vou te contar” (GARCIA, 2021). E com essas palavras, a venezuelana inicia a narrativa que evidencia múltiplas explorações. Trata-se do acontecimento seguinte que ela expõe.

Ela explica, que conseguiu um emprego, trabalhava em uma casa como babá de uma criança pequena e assim começa a relatar um incidente perturbador. Conta ela que em uma noite, sentiu “grande ameaça”, quando o pai da criança pequena, proprietário da casa na qual ela trabalhava, após chegar de madrugada de uma festa com sua esposa, em condição de embriaguez tentou manifestar pela corporeidade abuso sexual à venezuelana.

Entre lugares de memória, Garcia (2021) relembra que, assim que a esposa mulher do homem brasileiro dormiu, ele fingiu também dormir, e em contraversão tentou se aproveitar fisicamente dela dirigindo-se até seu quarto e acariciou suas pernas. Ela deitada na cama, conta que acordou e expressou que naquele momento os sentimentos identificados foi de medo e desprezo e teve como reação imediata correr e se esconder dentro do banheiro.

As narrativas de Garcia (2021) transcendem violências de gênero, abuso sexual e domínio masculino. Ela relembra que permaneceu trancada no banheiro nesta noite. Ainda de madrugada, por volta das cinco horas da manhã, Ingrid juntou suas coisas e saiu imediatamente da casa, narrou que não esperou o dia de vencimento do pagamento referente ao mês trabalhado. “Eu resolvi sair sem nenhum real, não quis continuar mais ali não” (GARCIA, 2021).

Mais uma vez, o corpo aqui é visto em sua dimensão simbólica, como um corpo-território que amplia a compreensão, a construção, a produção, a memória e a história das mulheres. Essa abordagem, conforme Beatriz Nascimento (2018), reconhece o corpo como o próprio local de memória, conectado à migração.

Corpo-território oferece interpretações reflexivas sobre a migração, com Garcia (2021) como em outras mulheres, como Velasquez (2021) por exemplo, há o reconhecimento de corpo-território que transcende a condição de objeto e engendram uma nova linguagem.

No entre lugar Garcia (2021) enfrentava a condição de provisoriedade, e os processos de resistência são importantes, pois trata-se de compreender violências engendradas por detrás do gênero e das relações de subalternização feminina. Existem complexas desigualdades que envolvem a tríada migração, gênero e trabalho. Podem existir múltiplas vulnerabilidades para mulheres e um conjunto de subordinações.

Ao se referir a Dourados, a mulher explica que após ser interiorizada começou a procurar emprego. Depois de algumas semanas buscando trabalho, foi contratada como repositora de alimentos em um supermercado da rede ABV. Esta rede é considerada a maior supermercadista em Mato Grosso do Sul, segundo a Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS, 2021)⁸⁴, e somente em Dourados existem oito unidades deste supermercado.

O fato primordial aqui são as circunstâncias da saída de Garcia (2021) da empresa brasileira ABV de supermercado depois de alguns meses de trabalho. Sua decisão foi singular, pois ela não teve escolhas e não ofereceram condições e oportunidades diante às dificuldades que a mulher venezuelana passou gradativamente a ter que enfrentar. A primeira questão foi a mudança sem justificativa de turno de trabalho, sendo realocada para outra função dentro desse comércio de gênero alimentícios. E essa mudança de turno impediu que ela conseguisse se locomover do trabalho para sua casa.

A mudança imposta impactou profundamente a rotina de Ingrid Garcia. Ela explicou que, quando foi informada sobre a mudança de turno, tentou explicar as dificuldades a supervisão do setor, mencionando que não tinha acesso a transporte público que a permitisse chegar ao trabalho. No entanto, encontrou resistência e não foi ouvida em suas necessidades.

Além disso, as atividades laborais que Ingrid exercia não ofereciam esperanças de um futuro melhor no local onde estava estabelecida. Esses elementos estavam relacionados aos problemas de segurança que poderiam colocá-la em risco, caso aceitasse o novo turno de trabalho, representando imposições à mulher que migrou:

Eu pedi as contas lembra que eu falei ontem para você que eu ia pedir as contas por conta de que eles mudaram meu horário, entendeu? Aí eu não posso sair 10:40 da noite (22:40) como que eu vou voltar na minha casa? Eu dependo de ônibus eu não posso ficar até essa hora na rua entendeu? Aí mas... Agora eu to desempregada se você souber de algum trabalho eu agradeço você falar ta. Eu preciso trabalhar! Preciso muito. Porque eu moro sozinha, eu pago aluguel, água, luz, aí mando dinheiro na Venezuela para minha mãe e filhos. Nossa senhora eu não posso ficar sem emprego entendeu? Se você puder ajudar eu agradeço (GARCIA, 2021).

⁸⁴ Esta informação tem como referência os indicadores apresentados no ranking Abras (2020). Disponível em: <https://www.abras.com.br/>. Acesso em 03 fev. 2023.

Compreendemos as conjunturas laborais desfavoráveis, onde problemas de gênero e formas de organização social e econômica modernas muitas vezes não consideram os desafios enfrentados pelas mulheres migrantes. Nesse caso, não há uma preocupação com as condições em que a mulher migrante chega ao trabalho, suas dificuldades de locomoção, entre outros aspectos.

Portanto, Ingrid resistiu à mudança abrupta do turno de trabalho, não aceitou a imposição de seu superior mesmo que tal atitude tenha resultado na demissão do emprego. Nesse contexto, ela resistiu aos processos hegemônicos, aliás, como vimos, ela resistiu em diversas ocasiões à exploração e posição de subordinação no contexto de relações sexistas. Buscar a história de Ingrid para compreender os processos de rompimento e a opressão sexista, ela esclarece que não é o tipo de trabalho que desempenha, mas sim as condições em que é submetida. Entende que, independentemente da função laboral, todo trabalho é digno, e afirma “Já trabalhei como faxineira e estou disposta a qualquer profissão” (Garcia, 2021).

Eu não to exigindo o que é que eu vou fazer essas coisas não. Eu na Venezuela eu também trabalhei como faxineira, isso não...Nao tira a honra da pessoa, né? É um trabalho honrado, você está fazendo um trabalho direito, não desonra niguém, se você puder falar com ela eu agradeço. Acho que é melhor, né? Porque você faz uma recomendación. Eu recebia um salário mínimo (um mil seiscientos e pouco), mas eu preciso é ter um salário sabe para eu sustentar eu aqui e eu mandar para meus filhos só isso que eu preciso. É isso que eu preciso, eu não to exigindo muitas coisas não. A gente tem que saber agradecer a Deus primeiramente, né? Por ter as coisas que Deus coloca na vida de cada um e depois a gente se vira aí com a vida que Deus deu para cada um, né? Eu sempre fui uma mulher esforçada, sustentei meus filhos sozinha, com a ajuda de Deus só, aí tem que sair para frente. A minha profissão é essa, cortar roupa, mas se souber alguma faxina alguma coisa, eu estou disposta a trabalhar em qualquer coisa (GARCIA, 2021).

Na narrativa é evidente a carga de responsabilidade que recai sobre as mulheres migrantes que buscam trabalho como meio de prover sustento para suas famílias e atender às demandas doméstica, incluindo o cuidado com os filhos. Essa responsabilidade muitas vezes resulta em jornadas duplas ou até triplas, com a necessidade de assumir empregos secundários. Além disso, são ressaltados os limites das políticas públicas de inclusão, bem como o patriarcado dominante e as questões étnico-raciais e de gênero que permeiam a sociedade. O racismo enfrentado pelas mulheres migrantes também é destacado, refletindo o estereótipo da mulher "estrangeira".

No pêndulo entre as condições de ser e não ser pessoa no sentido do acesso aos direitos sociais brasileiros, os venezuelanos e as venezuelanas oferecem sua força de trabalho a qualquer preço para garantir a própria sobrevivência e a de seus familiares que ficaram na Venezuela (VASCONCELOS e SANTOS, 2020, p. 73).

Continuamos assinalando a importância de entender as interações de mulheres migrantes no âmbito das relações de trabalho, corpo-território entre a ordem de gênero, explorado, dominado pelo capitalismo patriarcal e racista.

Aí falaram de um trabalho para mim num hotel, mas a noite, e o salário é mil reais aí eu acho que ta muito pouco, né? Muito pouco para trabalhar a noite, aí eu ainda não aceitei porque acho muito pouco dinheiro. Eu faço qualquer coisa sabe só que também a gente tem que saber que não é para... Para... Como é que fala assim, vou te explicar... Não é para aproveitar da necessidade dos outros, entendeu? Eu acho que é isso aí. No mercado também foi aconteceu a mesma coisa, eles pensaram que como eu preciso, né? Tenho necessidade de mandar dinheiro, isso aquilo eles pensaram que eu ia ficar nesse horário, eu não posso menina, eu não posso ta no perigo a noite, mulher sozinha para ir, eu não posso, não posso mesmo (GARCIA, 2021).

A narrativa acima reforça as análises realizadas até aqui e explicita as hierarquias de poder e intersecções que excluem venezuelanas que migram. São apontadas problemáticas associadas às condições laborais enfrentadas por essas venezuelanas, bem como as desigualdades de gênero que surgem, junto com marcadores seletivos e androcêntricos.

Crítérios na atribuição de oferta de trabalho são instituídos e hierarquias de gênero sugerem naturalizações e limitação de oportunidades para as mulheres. No mercado de trabalho a força de trabalho de pessoas migrantes ainda é estereotipada, porque o processo de recrutação de mão de obra é marcado por hierarquizações estruturais (SAYAD, 1998).

Assim, o trabalho é percebido pelas mulheres como um processo intrínseco à construção de agências no lugar chegado e atrelado à necessidade delas de estruturar uma nova vida e enviar remessas para familiares na Venezuela. Nesse sentido, a força de trabalho torna-se meio de obter dinheiro para enviar em remessas, e portanto, é um agente principal no desenvolvimento capitalista (HARVEY, 2005).

Portanto, tanto em seu país quanto no lugar chegado, as mulheres são exploradas em detrimento de dinâmicas da economia capitalista. Elas convivem em zonas bifurcadas, com jornadas combinadas, carregando responsabilidades muito maiores em meio as relações desiguais no público, no privado, e ainda, abarcando aspectos da vida cotidiana, do trabalho e da própria migração. A migração é interseccional, envolve questões de gênero, raça, classe, nacionalidade, cor, e as situações extremamente difíceis vividas por venezuelanas na migração para o estado de Mato Grosso Sul, especificamente em Dourados, busca denunciar as oposições entre pessoas que tem acesso e aquelas mulheres que são excluídas dos complexos processos de migração.

CONCLUSÕES

A tese teve objetivo registrar as memórias de mulheres venezuelanas que migraram para Dourados, Mato Grosso do Sul, período de 2015 a 2019. Investiga quem são as mulheres que migraram, papéis que desempenharam no processo migratório, dinâmicas da migração, condições de trabalho, redes sociais e de migração. Para tanto, a condição de migrante e de gênero foram norteadoras da pesquisa e um mosaico de questões se interconectaram numa perspectiva analítica da interseccionalidade envolvendo gênero, raça, religião, nacionalidade, cor da pele, classe social, identidade.

A tese revela uma questão crucial, a crise multidimensional na Venezuela e sua vinculação à migração venezuelana. A crise venezuelana se fecha muito a sua veiculação com as disputas de narrativas em torno da crise econômica e a própria criminalização da Venezuela. Assim, envolve avaliar o conteúdo ideológico de crise, o que eu quero frisar é que a saída da Venezuela não é consequência única da crise econômica, mas diferentes fatores constituem a migração como fruto de construções históricas e situadas.

No sentido de avaliar a migração venezuelana como fato social e fenômeno transnacional, a tese analisa as dinâmicas dos novos fluxos migratórios contemporâneos. No escopo as características e controle do fluxo migratório venezuelano para o estado de Mato Grosso do Sul, e para Dourados, engendrados sob corpo-território como parte do processo de interiorização, o que gerou consequências na migração de mulheres.

A partir desta análise, pretendeu-se a relação entre a crise imigratória venezuelana e o processo de interiorização da Operação Acolhida, com intento de apresentar, pontos de tensão e de conflito, no lugar deixado e lugar chegado. Como contribuições do estudo com mulheres venezuelanas essa pesquisa apresenta sentido para mulheres migrantes, não migrantes, assim como para a sociedade de destino, Dourados, e não deixa de expressar importância para todas as pessoas que também estão na Venezuela e que (sobre)vivem violentos processos.

Houve a confirmação que, ultrapassam as limitações e lugar deixado e lugar chegado apresentam conexão transnacional, porque permanecem elementos, dificuldades, se assemelham desafios, solidariedades, processos. Como corpo-território dá vida e sentido a tese, empreende-se o percurso migratório e como esse percurso migratório interseccionado por gênero, raça, classe, impacta na vida das mulheres.

As mulheres venezuelanas em Dourados, Mato Grosso do Sul, enfrentam a migração frentes às disputas por lugares, disputas por trabalho, disputas por inserções. Nas migrações, as cidades demandam governança, e as mulheres que migraram e que migram são inseridas em

contextos desiguais, por exemplo, a Operação Acolhida ela reproduz imposições de gêneros, desconsidera especificidades dos processos, não oferta mercado de trabalho e as mulheres migram como acompanhantes dos homens pela reunificação familiar. Essas são realidades predominantes na chegada e permanência em Dourados-MS.

A partir das análises realizadas nesta pesquisa, é constatada a exclusão que essas mulheres vivem, que vidas subalternas, elas enfrentam a migração, enfrentam desigualdades e múltiplas opressões que são resultados da ausência de políticas públicas no âmbito municipal, estadual, federal, ausência de agendas interligadas por diálogos internacionais voltados às demandas atuais de populações migrantes entre os novos fluxos migratórios.

Evidencia-se a falta de políticas públicas para as mulheres migrantes, são segmentados marcadores sociais e de gênero presentes nos fluxos migratórios contemporâneos. Então, as mulheres estão em semáforos, realizando faxinas, há uma sobreposição de violências que as mulheres vivem, as mulheres estão nas ruas buscando ajuda financeira, pedindo fraldas e alimento para suas crianças.

E o que consideram violência nesse processo? A chave analítica, não é que as mulheres não percebem os riscos de violências, opressões, elas naturalizam todo esse processo e constroem estratégias de resistência. Cabe ressaltar, que entre as ações empreendidas as mulheres negociam, enfrentam, se confrontam, depois que chegam em Dourados, Mato Grosso do Sul.

Elas sentem falta das políticas públicas, a fim de garantir que tenham condições a perspectiva de direitos iguais com atenção às especificidades, acesso e direitos iguais. As mulheres precisam se sentir contempladas, e para isso deve-se considerar as especificidades e necessidades que são diferentes para as mulheres e os homens, por exemplo, diferenças que envolvem a saúde da mulher, aspectos culturais das mulheres migrantes, saúde da mulher negra, educação para a mulher migrante, para filhas/os de populações migrantes, dentre outros...

A sociedade não está para mulheres migrantes, não chegam as políticas públicas para migrantes venezuelanas residentes no município de Dourados, emerge a problemática da sociedade racistas, classistas. Dentro de Dourados, Mato Grosso do Sul, por mais que tenha ações de acolhimento, mas as mulheres migrantes não são visualizadas, assim como não nos permitem ver a alteridade, mulheres indígenas, mulheres deficientes...

Mas, e as mulheres venezuelanas em situações de vulnerabilidade, constroem espaços de agências, buscam construir agências no sentido coletivo de alianças, sentem-se como sujeitas de direitos, formam agências como processos de resistências.

Portanto, as mulheres que migraram e que são protagonistas desta pesquisa, identificam-se como mulheres entre os fluxos migratórios, elas são protagonistas ativas que escrevem a história da Venezuela e de mulheres venezuelanas em Dourados, Mato Grosso do Sul. As dinâmicas da migração relaciona-se a outras dinâmicas que inspiram, organizam e remetem histórias.

As narrativas das mulheres revelaram situações extremamente delicadas, detalhes, sutilezas, miudezas, manifestadas por sentimentos, dificuldades, desafios, medos e incertezas. Histórias que evidenciam rupturas, permanências, que formam e deformam novas redes e alianças.

Álias, a partir das mulheres foi enfatizado o importante papel das redes sociais e de migração, elas desempenharam significativos vínculos entre mulheres, expressaram o processo de compreensão da migração, evidenciando a formação de novas alianças dentro dos processos migratórios. Como observado durante esta pesquisa, as mulheres enfrentaram diversas situações, sofreram diferentes opressões e foi fundamental as redes sociais e de migração como maneiras que elas buscaram para resistir.

Ao escutar as mulheres foi possível construir fontes orais e caminhar pela história oral, portanto a metodologia proposta trouxe o próprio contexto diferenciado para esta tese. Essas nuances da vida de mulheres venezuelanas, e às situações de vulnerabilidades enfrentadas por elas, não estão registradas em relatórios de organizações governamentais.

As mulheres descreveram aspectos da travessia/trajeto migratório e buscamos analisar o lugar que corpo-território ocupou dentro dos novos fluxos migratórios. O olhar atento com ênfase no cotidiano permitiu sublinhar as concretudes e especificidades entre mulheres migrantes, e por exemplo, o racismo e a exploração com mulher estrangeira e de cor.

A partir das narrativas de venezuelanas, refletimos sobre o cuidado feminino com a família, a violência sobre os corpos, e a maternidade. A maternidade mostrou grande sensibilidade entre as mulheres. Sob essa perspectiva viver problemas de violência e pensar que condição de vulnerabilidade que vivem a maternidade transnacional.

Reconhecendo as implicações da escrita na história das mulheres, torna-se fundamental a leitura interseccional a partir de corpo-território de mulheres, desvelando o processo migratório, como a migração se instituiu e o lugar socialmente ocupado por elas.

Ao mesmo tempo, refletir sobre a trajetória histórica das mulheres e como as relações se estruturam posterior à migração, permitiu entender as mudanças na vida delas, bem como os processos de resistências no lugar chegado, levando em consideração a cultura do patriarcado, a questão colonial, características e os efeitos do colonialismo e suas formas de dominação.

O ponto de partida, a partir da perspectiva decolonial, foi estabelecido para criticar desigualdades de gênero e hierarquias dicotômicas, permitindo problematizar pontos de tensão e de conflito ao desnaturalizar concepções construídas dentro das migrações de mulheres. Por esse viés, buscou-se demonstrar por que o poder exercido sobre mulheres que migraram é epistêmico, questionando assim as opressões, as colonialidades do poder e o patriarcado contemplados no esboço de intersecções de gênero, raça, cor, classe e nacionalidade.

Os limites da pesquisa de doutoramento foram marcados pelos obstáculos enfrentados no contexto de pandemia do COVID-19, isolamento social, próprias consequências fatais da pandemia. A complexa decisão de solicitar uma mudança de orientação foi adotada para permitir a continuidade da pesquisa. Embora nem todos os desafios foram superados, no espaço privado testemunhei o sofrimento feminino causado pelo avanço contínuo da máquina do patriarcado e da dominação masculina. Neste contexto, também busquei formas de resistir ao escutar e aprender com mulheres que evidenciaram suas histórias. Agora, ofereço esta tese em forma de diálogo, a fim de incentivar possibilidades de pesquisa a partir do constructo histórico, as narrativas de mulheres.

Em relação à constituição enquanto pesquisadora, houve um amadurecimento teórico e trânsito por um novo campo de estudo das migrações, destacando um elemento essencial a nós mulheres: as possíveis formas de resistir.

Assim sendo, é possível afirmar que as mulheres migrantes venezuelanas carregam experiências histórico-sociais diferenciadas no processo migratório venezuelano. As vivências da mulher migrante são claramente diferentes, especialmente considerando os processos tensos, violentos, arriscados e ameaçadores por abusos físicos e sexuais aos quais elas estão submetidas.

Embora em sua migração mulheres venezuelanas construíram diversos mecanismos de resistências, a partir dos diálogos construídos para esta tese, obtivemos construir um diálogo contínuo com elas, criar outras redes, com outras mulheres, mobilizar reuniões com as mulheres, falar de gênero nos espaços de trabalho, nos bairros, nas escolas...

O diálogo permanece sendo fortalecido e consiste em pensar mudanças constitutivas no espaço público, privado e vivido pelo corpo feminino. Podemos terminar, afirmando que obviamente a migração carrega implicações à mulher, desvantagens em relação as imposições sexistas, adaptações sobre a maneira de locomover, vivenciar a nova vida no outro país. De fato, quando pensamos nas implicações elas desempenham novas formas de resistir, busca por alianças que constroem o próprio significado de migração para as mulheres, desvelam novas marcas, línguas e processos identitários.

REFERÊNCIAS

ACNUR. O ACNUR, *antes e depois da Operação Acolhida: uma análise à luz da resposta humanitária brasileira*. 2022. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/06/ACNUR-Brasil-Antes_e_depois_da_Operacao_Acolhida-1.pdf. Acesso em: 20 jan.2024.

ACNUR. *Guia para contratação de refugiados e solicitantes de refúgio. Garantindo uma inclusão de sucesso*. 2020. Disponível em: <https://www.tent.org/>. Acesso em: 27 jan. 2023.

ACNUR. *Base de Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) para Populações*, 2019.

ACNUR. *Resumo Executivo - Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil. Subsídios para elaboração de políticas*. 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Resumo-Executivo-Versão-Online.pdf>. Acesso: 29 jan. 2023.

ACOSTA, D., BLOUIN, C.; FREIER, L. F. *La emigración venezolana: respuestas latinoamericanas, Documento de Trabajo*, nº 3 (2ª época), Madrid, Fundación Carolina. 2019. Disponível em: <https://www.fundacioncarolina.es>. Acesso em: 19 fev. 2023.

ALMEIDA, Tainá Aragão de; MORAES; Vângela Maria Isidoro de; RODRIGUES, Francilene dos Santos. Apropriação comunicacional e feminização da migração: Construção de narrativas para as novas migrações na fronteira entre Brasil-Venezuela. In: OLIVEIRA, Márcia Maria de; DIAS, Maria das Graças Santos. (org). *Interfaces da mobilidade humana na fronteira Amazônica*. 2 vol. Boa Vista: UFRR, 2020. p. 164 – 184. Disponível em: <http://ufrr.br/editora/index.php/editais?download=455>. Acesso em: 17 Jun. 2022.

ALONSO, Seawright, Leandro. *Memórias e Narrativas: História Oral Aplicada*. São Paulo: Contexto, 2020.

AMARAL, F. A. da C. S. 2020. *Falência humanitária na Venezuela e as repercussões regionais e internacionais de uma crise multidimensional*. Dissertação (Mestrado em Estudos Internacionais), Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2020.

ANTUNES, Ricardo (org.). *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

ASSIS, Gláucia de O. *De Criciúma para o mundo – rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis: editora mulheres, 2011.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, jun. 2002.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; PADILHA, Beatriz; FRANÇA, Thais (org). *Gênero e mobilidades no tempo presente*. 1. ed. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2021. v. 1, p. 331.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SANTOS, Joelma. Ferreira dos. (org). *Cinema e migrações em perspectiva de gênero: representações de masculinidades nos filmes Bolívia (2001) e Estômago (2007)*. Aletria: Revista de estudos de literatura, v. 30, 2020, p. 153-178.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/25638/20074> Acesso em: 12 abr. 2023.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. Enciclopédia Einaudi 5: Anthropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 296-332, 1985.

BAENINGER, Rosa. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In: BAENINGER, Rosa (org). *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepe/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012, p. 07-18.

BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (org) Migrações Venezuelanas. Campinas: Nepe/UNICAMP, 2018. p. 242-249. Migration Data Portal. Disponível em: <https://migrationdataportal.org/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BAENINGER, Rosana. Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos JAROSHINSKI. (org). *Migrações venezuelanas*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepe/Unicamp, 2018. p. 135-138.

BARRAL Mallimaci Ana Inés, BORGEAUD-GARCIANDÍA Natacha, ROSAS, Carolina, Magliano, María José. (2022). *Migraciones y cuidados en y desde América Latina*. PERIPLoS. Revista de Investigación sobre Migraciones, 6(2), 06-15.

BARROS, José D' Assunção. *As crises recentes da historiografia*. Diálogos, 14(1), 2017, p. 133-158. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/36272> Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/36272>. Acesso em: 30.01.2023.

BENITES, Meire. Entrevista I. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. 1 arquivo.AUD (41min).

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: 1. Ed. da Editora UFMG, 1998.

BHABHA, Homi. *Narrating the nation. Com, em Nation and narration*. Londres: Routledge, 1990, p. 01-07.

BHABHA, Homi. *O local da cultura. tradução de Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glauce Gonçalves*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BORDIEU, Pierre. *Homo academicus*. 2 ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. *Decreto no 9.285*, de 15 de fevereiro de 2018. Reconhece a situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária na República Bolivariana da Venezuela. Brasil: Presidência da República, 2018a.

BRASIL. *Operação Acolhida. Governo do Brasil, 2021*. Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/base-legal/>. Acesso em: 19 jan 2023.

BUTLER, Judith. *Vida precária. Contemporânea* - Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, n.1, 2011. p. 13-33.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2002. (Original publicado em 1993)

BUTLER, Judith. *Repensar la vulnerabilidad y la resistencia*. In: Simposio de la Asociación Internacional de Filósofas - IAPH, 15., Madrid. Anais. Madrid: IAPH, jun. 2014. p. 24-27.

CAMPOS, Luciana de Rezende et al. A interiorização e a integração de migrantes e refugiados venezuelanos em Dourados-MS: promovendo, monitorando e avaliando o processo de interiorização. In: JESUS, Alex Dias de et al. (orgs). *Panorama das migrações internacionais no Mato Grosso do Sul*. Curitiba: Íthala, 2021. p. 138-170.

CÁRITAS DE VENEZUELA (2018): *La situación humanitaria en Venezuela vista desde Cáritas de Venezuela*. Disponível em: <http://scm.oas.org/pdfs/2018/CP39069TCARITASVENEZUELA.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2023.

CAROSIO, Alba (org). *Feminismo para um cambio civilizatório*. Caracas: Fundación Centro de Estudos Latinoamericanos Rómulo Gallegos, 2014, p. 301.

CAROSIO, ALBA. *Pobreza y cuidado: la corresponsabilidad imprescindible*. In: *Tiempos para pensar: calidad de vida y salud integral*, p. 175- 182.

CAROSIO, Alba. *Somos las mismas*. Academia y militancia feminista en Nuestro Sur. Ponencia presentada en el Congreso 2017 de la Asociación de Estudios Latinoamericanos, Lima, Perú del 29 de abril al 01 de mayo de 2017.

CARVAJAL, Cerda Julia. (2014). *Las familias transnacionales*. In: *Revista Espacios Transnacionales [En línea] No. 2. Enero-Junio 2014*. Disponível em: http://132.247.70.74:1023/REDIFAM/docs/publicaciones/articulos/Julia_Cerda_Carbajal-Familias_Transnacionales.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILLO, Mileidy. Entrevista II. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. 2 arquivos.AUD (24min).

CASTRO, Julio Méndez; TRUJILLO, Victoria E. Castro. Pandemia de Covid-19 na Venezuela e o sistema de saúde venezuelano. In: VIRTUOSO, Francisco José. (coord.).

Venezuela en pandemia. Estado de alarme e seus efeitos. T.2. Caracas: abcede-KAS, 2020, p. 11-33.

CASTRO, Mary. *Alquimia de categorias sociais na produção de sujeitos*. In: *Revista de Estudos Feministas*. N. 00 1992. pp. 57-73 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15801> Acesso em: 19 fev. 2023.

CAVALCANTI, L et al. *Imigração e Refúgio no Brasil*. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados: Editora da UFGD, 2014.

DECRETO Nº 22.199-E, de 6 de dezembro de 2016. Roraima. Dispõe sobre a declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional - ESPIN nos municípios de Pacaraima e Boa Vista em decorrência dos impactos ocasionados pelo intenso e constante fluxo migratório no Sistema Único de Saúde, e dá outras providências. Boa Vista: Diário Oficial do Estado de Roraima, 2016.

DELGADO, L. de A. N. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. *História Oral*, 6, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>. Acesso em: 19 jan. 2023.

DELGADO, Lucila. De Almeida Neves; Ferreira. Maria Marieta. *História do tempo presente e ensino de História*. *Revista História Hoje*, v. 2, nº 4, p. 19-34 – 2013. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/90> Acesso em: 03 mar. 2023.

DORNELAS, Paula Dias. *Tanto por ser mulher, quanto por ser estrangeira: lutas por reconhecimento e formas e formas de resistência de mulheres migrantes no Brasil*. 208 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - UFMG/MG, Belo Horizonte.

ENCOVI. *Encuesta Nacional de Condiciones de Vida (ENCOVI) 2019-2020*. Disponível em: <https://www.proyectoencovi.com/informe-interactivo-2019>. Acesso em: 28 jan. 2022.

ENCOVI, 2021. *Condiciones de vida de los venezolanos: entre emergencia humanitaria y pandemia*. Disponível em: <https://www.proyectoencovi.com/encovi-2021>. 14 jun. 2022.

ESTÉS, P. C. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e arquétipos da mulher selvagem*. Coleção Arco do Tempo. 12ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

FAO, OPS, WFP y UNICEF. 2018. *Panorama de la seguridad alimentaria y nutricional en América Latina y el Caribe, 2018*. Santiago. p. 133. Disponível em: <https://www.fao.org/americas/publicaciones-audio-video/panorama/2018/es/> Acesso em: 20 jan.2023.

FONSECA, Claudia. *Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. *Rev. Bras. Educ.* [online], n.10, p. 58-78, 1999. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde10/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf Acesso em: 26 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARCEZ, Vera. Entrevista III. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. 1 arquivo .AUD (27min).

GARCIA, Ingrid. Entrevista IV. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. 3 arquivos .AUD (25min).

GANDINI, Luciana; ASCENCIO, Lozano; Prieto, Victoria. *Crisis y migración de población venezolana. Entre la desprotección y la seguridad jurídica en Latinoamérica*. Descripción: Primera edición. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2019.

G1 Jornal Nacional, edição do dia 19 de fevereiro de 2018. Jornal Nacional G1. Disponível para consulta em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/02/por-dia-800-venezuelanos-entram-no-brasil-pela-cidade-de-pacaraima-rr.html> Acesso em: 25 jan. 2022.

GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Rondonópolis de quem partiu e de quem ficou*. Dourados: Editora da UFGD, 2008.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: SILVA, Luis Augusto. ANPOCS, 1983. (ciências sociais hoje, nº 2)

GONZALEZ, Betel. Entrevista V. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. 4 arquivos .AUD (148min).

GUIMARÃES, Thayse Figueira et al. *Práticas Translingues como recurso no acolhimento de migrantes venezuelanos em sala de aula de Língua Portuguesa*. Revista X - Univesidade Federal do Paraná, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Paraná, v.15, n.7, p. 83-102, 2020.

GUTERRES, Antonio. *Refugiados e migrantes enfrentam 'três crises de uma só vez', alerta secretário-geral da ONU*. ACNUR, Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EJ2ZQfr0i_4 Acesso em: 09 jun. 2020.

GUTIÉRREZ, Aimée Gross. *Migración, género y cuidados: Emigrantes cubanas em el trabajo de cuidado de personas mayores dependientes en dos destinos migratórios*. In: PEDONE, Claudia; HINOJOSA, Afonso. (org). *Vidas en movimiento: migración en América Latina*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022. p. 293-353.

HAESBAERT, Rogério. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, Niterói. 1ª ed. 2021. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20210219014514/Territorio-decolonialidade.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

HAESBAERT, Rogério. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, Niterói. 1ª ed. 2021. Disponível em:

<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20210219014514/Territorio-decolonialidade.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005, p. 252.

HERNANDEZ, Pietra. Entrevista VI. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. 1 arquivo.AUD (49min).

HIRATA, Helena. (2014). *Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. Tempo Social, 26(1), p. 61-73.

HUMAN RIGHTS WATCH. *Relatório Mundial 2019: Venezuela*. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2019/country-chapters/326452#2baede> Acesso em: 18 nov. 2023.

JESUS, Alex Dias de; BORGES, Carolina de Campos; JUNIOR, Hermes Moreira. (org). *Panorama das migrações internacionais no Mato Grosso do Sul*. Curitiba: Íthala, 2021.

JESUS, Alex Dias. *Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul*. 2020. 313f. Tese (Doutorado em Geografia) – UFGD/MS, Dourados.

JORNAL A CRÍTICA. *Campo Grande abriga mais de 2mil famílias venezuelanas, aponta embaixadora da Venezuela*. Consultar fonte para pelo link disponível em: <https://www.acritica.net/editorias/geral/campo-grande-abriga-mais-de-2-mil-familias-venezuelanas-aponta/526312/> Acesso em: 21 mai. 2021.

JOVILET, Régis. *Traité de Philosophie*. 2ª ed. Lyon-Paris, Emmanuel Vitte, 1945. 1º vol., p.158 -159.

JUNG, Phillipp Roman; ASSIS, Glaucia de Oliveira; CECHINEL, Michelle Maria Stakonski. (2019). *Aqui para ficar ou só de passagem? Experiências migratórias de senegaleses e ganeses no Brasil*. Cadernos De Estudos Sociais, 33(2). Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/view/1771> Acesso em: 12 abr. 2023.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiro para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEVEL, Beatriz Patrícia de Lima; SILVA, João Carlos Jarochinski da Silva; MAGALHÃES, Luís Felipe Aire. Migração, trabalho e Estado: três aspectos da contemporaneidade do pensamento de Sayad. In: DIAS, Gustavo; BÓGUS, Lucia; PEREIRA, José Carlos Alves; BAPTISTA, Dulce (org). *A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad*. São Paulo: EDUC, 2020, p. 115- 132.

LIMA, Lana Lage da Gama; SOUZA, Suellen André. Patriarco. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. (org). *Dicionário crítico de gênero*. 2ª ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019, p. 578-582.

LISBOA, Teresa Kleba. *Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência*. Revista Estudos Feministas, 2007. 15(3), p. 805-821.

LISBOA, Teresa Kleba. *Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 805-821, Dez. 2007. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300017&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 10 mai. 2021.

LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero e Migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas*. In: REHMU- Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Ano XIV, n. 26 e 27 – 2006. Disponível em:

remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/39 Acesso em 17 mai. 2021.

LISBOA, Teresa Kleba. *Gênero e migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas*. REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, 2006, p. 151-166.

LUGONES, Maria. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): p. 320, setembro-dezembro/2014.

MARANDOLA JUNIOR, E.; HOGAN, D. J. *Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão*. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Rio de Janeiro, 2009, v. 26, n. 2, p. 161-181.

_____. *As dimensões da vulnerabilidade*. São Paulo em Perspectiva, v.20, nº 1, p. 33- 43, 2006.

MAYA, Margarita López. (2021). Venezuela: pandemia no autoritarismo. In: Trópico Absoluto. *Revista de crítica, pensamento e ideias*. Disponível em: <https://tropicoabsoluto.com/2021/10/25/venezuela-pandemia-en-autoritarismo/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: Nº 1 edições, 2018. 80p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1991/2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. – São Paulo: Contexto, 2015.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. *Eu só posso me responsabilizar pelas minhas leituras, não pelas teorias que eu cito*. Entrevista. Dossiê Especial Ficlla. Revista X, Curitiba, vol. 14, nº 05, p. 05-21, 2019.

MENEZES, Marilda A; CLEMENTINO, Jurani O. Ausência, família e sentimento de pertencimento. In: DIAS, Gustavo; BÓGUS, Lucia; PEREIRA, José Carlos Alves; BAPTISTA, Dulce (org). *A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad*. São Paulo: EDUC, 2020, p. 247-268.

MEYER, Dagmar Estermann. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. *Movimento*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 33–58, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2817. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2817>. Acesso em: 18 fev. 2023.

MEYER, Dagmar Estermann; SCHWENGBER, Maria Simone. Maternidade. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. (org). *Dicionário crítico de gênero*. 2.ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019, p. 495-499.

MONTICELLI, Caio. Patá Matá. *O que dizem os Taurepáng sobre o fim do mundo*. – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2020. 148 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

MOREIRA, Paula. *Imigração Venezuela-Roraima: evolução, impactos e perspectivas*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: IPEA, 2021. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10418/1/Imigracao_Venezuela_Roraima.pdf. Acesso em: 26.01. 2024.

MOREIRA, Julia Bertino. 2012. *Política em relação aos refugiados no Brasil (1947 a 2010)*. 1984, 886 – 907 f. Tese de Doutorado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

MOROKVASIC, Mirjana. Birds of passage are also women. *International Migration Review*, v. 18, n. 4, 1984.

MOURA, Dilsy Santander y Julimar. Etnometodología: propuesta para la elaboración de proyectos de investigación de la fundación centro de estudios sobre el crecimiento y desarrollo de la población venezolana, fundacredesa. In: CAROSIO, ALBA. *Tiempos para pensar: Investigación social y humanística hoy em Venezuela*. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales: CLACSO, Caracas, 2015, p. 343- 349.

MOURA, Gheysa Daniele Pereira. Infancia migrante en Brasil: uma colores y clases. In: PEDONE, Claudia [et al.]; coordinación general de Ana Inés Mallimaci... [et al.]. *Movimientos migratorios Sur-Sur Fronteras, trayectorias, y desigualdades: niñeces y adolescencias migrantes en América Latina : entre desigualdades y derechos*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022, p. 24-29.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento. *Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NEVES, Lucilia de Almeida. *Memória, história e sujeito: substratos da identidade*. In: *História Oral*. Nº 03, junho 2000, p. 109-116.

NIÑO, Edgar Andrés Londoño. *Migração, cidades e fronteiras: a migração venezuelana nas cidades fronteiriças do Brasil e da Colômbia*. Espaço Aberto, PPGG-UFRJ, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 51-67, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/29956>. Acesso em: 20 fev. 2023.

NORA, P., & AUN KHOURY, T. Y. (2012). *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, (10) de. 1993. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 11 fev. 2023.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, 1993.

OBSERVATÓRIO DA CORANACRISE. Coutinho, Elen; CHAGAS, Martvs das; PEREIRA, Dulce Maria; JORGE, Flávio (org). *O racismo em meio à corona crise*. Fundação Perseu Abramo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TJBXAG7iex0&t=11s>. Acesso em: 12 jun.2020.

OIM, ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2009. *Glossário sobre migração*. n° 22. 2009. Disponível em: <https://publications.iom.int/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

OLIVEIRA, Eliene Dias de Oliveira. Mulheres migrantes. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 545-549.

OLIVEIRA, Eliene Dias de. *À procura de um norte: migração e memória de nordestinos em Coxim MT/MS (1958-1996)*. 2015, 224f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, Dourados.

OLIVEIRA, Eliene Dias de; ZANCHETT, Silvana Aparecida da Silva. Memória. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. (org). *Dicionário crítico de gênero*. 2.ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019, p. 504-508.

OLIVEIRA, Karla Tamarozzi. *O fluxo migratório dos venezuelanos retratado pelo Nexo Jornal à luz do Jornalismo para Paz*. 2020, 207f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru.

OLIVEIRA, Willam Albuquerque de. *Operação Acolhida: um recorte sobre a maior crise migratória brasileira*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

ONU News. *Indígenas da Venezuela cruzam a fronteira com o Brasil em busca de segurança*. 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/08/09/indigenas-da-venezuela-cruzam-a-fronteira-com-o-brasil-em-busca-de-seguranca/#:~:text=UNHCR%20ACNUR%20Brasil-,Ind%C3%ADgenas%20da%20Venezuela%20cruzam%20a%20fronteira%20com%20o%20Brasil%20em,lado%20da%20fronteira%2C%20no%20Brasil>. Acesso em: 30 set. 2021.

OYÉWÚMI, Oyérónké. *A Invenção das mulheres. Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do tempo, 2021.

PÁEZ BRAVO, Tomás. *La voz de la diáspora venezolana*. Madrid: La Catarata, 2015.

PAEZ, Tomas; y VIVAS, Leonardo. *The Venezuelan Diaspora: Another Impending Crisis?* Freedom House Report, 2017. Available at: https://www.researchgate.net/publication/317099053_The_Venezuelan_Diaspora_Another_Impending_Crisis. Acesso em: 24 jan. 2022.

PEREZ, Maria Alexandra. Entrevista VIII. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. arquivos.AUD (236min).

PEREZ, Salvadora. Entrevista VII. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. 2 arquivos .AUD (83min).

PERROT, M. *Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência*. Cadernos Pagu. [S. l.], n. 4, p. 9–28, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733/1734>. Acesso em: 03 abri. 2023.

ROIG, Jaime Nadal. Migrações internacionais e a garantia de Direitos - um desafio no século XXI. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos J. Migrações Venezuelanas. Campinas: Núcleo de Estudos de População 'Elza Berquó' - NEPO/Unicamp, 2018.

SALAZAR, Roberta. Entrevista X. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. 1 arquivo .AUD (54min).

SANTOS, Marcelo Ferme dos. *O papel das forças armadas brasileiras durante a fase de interiorização da operação acolhida*. 2020. 52-55 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro.

SARMENTO, Gilmará Gomes da Silva; RODRIGUES, Franciele dos Santos. *Entre a emergência e os limites do acolhimento: atores, protagonismos e contradições*. In: OLIVEIRA, Márcia; DIAS, Maria das Graças (orgs.). Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica, v.2, Boa Vista: Editora da UFRR, p. 17-35, 2020.

STRAKA, Tomás. ¿Hasta siempre, Comandante? Nueva Sociedad. Marzo 2018. Disponível em: <http://nuso.org/articulo/hasta-siempre-comandante-straka/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

VASCONCELOS, Iana; SANTOS, Sandro Martins de Almeida. A migração da fome: comida e deslocamento venezuelano na fronteira Brasil/Venezuela. In: OLIVEIRA, Márcia; DIAS, Maria das Graças (orgs.). Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica, v.2, Boa Vista: Editora da UFRR, 2020, p. 53-78.

VEGA, Iván de la. Estudio longitudinal de la inmigración en Venezuela durante el siglo XXI. IV Jornadas de la Sección de Estudios Venezolanos de Latin American Studies Association. Caracas: UCAB, 2016, p. 1-15.

VELASQUEZ, Teresa. Entrevista IX. [mar. 2021]. Entrevista concedida a Kátia Aline da Costa, Dourados, 2021. 1 arquivo.AUD (26min).

VIGOYA, Mara Viveros. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. Debate feminista. v. 52, p. 1-17, 2016.

VILLARREAL, María; RIBEIRO, Gisele. Abdelmalek Sayad e o pioneirismo do pensamento pós-colonial nos estudos migratórios. In: DIAS, Gustavo; BÓGUS, Lúcia; PEREIRA, José Carlos Alves; BAPTISTA, Dulce (orgs.). A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad. São Paulo: Educ, 2020. p. 37-62.